



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Ciências Sociais

Instituto de Ciências Sociais

Alexandre Gaspari Ribeiro

**“Não sou velho, só tenho mais idade”: envelhecimento,
homoerotismo e masculinidades entre homens de meia idade no
Rio de Janeiro e Extremo Sul da Bahia**

Rio de Janeiro

2023

Alexandre Gaspari Ribeiro

“Não sou velho, só tenho mais idade”: envelhecimento, homoerotismo e masculinidades entre homens de meia idade no Rio de Janeiro e Extremo Sul da Bahia



Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientadora: Prof^a Dra. Waleska de Araujo Aureliano

Rio de Janeiro

2023

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CCS/A

R484 Ribeiro, Alexandre Gaspari.
“Não sou velho, só tenho mais idade”: envelhecimento, homoerotismo e masculinidades entre homens de meia idade no Rio de Janeiro e Extremo Sul da Bahia / Alexandre Gaspari Ribeiro. – 2023.
248 f.

Orientadora: Waleska de Araujo Aureliano.
Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro,
Instituto de Ciências Sociais.

1. Homossexualidade masculina – Bahia – Teses. 2. Envelhecimento – Aspectos sociais – Bahia – Teses. 3. Masculinidade – Bahia – Teses. I. Aureliano, Waleska de Araujo. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Ciências Sociais. III. Título.

CDU 613.885

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Alexandre Gaspari Ribeiro

“Não sou velho, só tenho mais idade”: envelhecimento, homoerotismo e masculinidades entre homens de meia idade no Rio de Janeiro e Extremo Sul da Bahia

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovada em 5 de setembro de 2023.

Banca examinadora:

Prof^a Dra. Waleska de Araujo Aureliano (Orientadora)
Instituto de Ciências Sociais – UERJ

Prof^a Dra. Aline Gama de Almeida
Instituto de Ciências Sociais – UERJ

Prof^a Dra. Andrea Moraes Alves
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Carlos Eduardo Henning
Universidade Federal de Goiás

Prof. Dr. Horacio Federico Sívori
Instituto de Medicina Social – UERJ

Rio de Janeiro

2023

DEDICATÓRIA

Para meus netos Gael e Raí, e para quem mais vier.

AGRADECIMENTOS

Ao conhecimento científico, que desenvolveu uma vacina de prevenção à Covid-19 em tempo recorde e que, ao continuar fazendo perguntas e buscando respostas para elas, me fez chegar até aqui.

Ao meu companheiro Ivan Amaro, por me estimular em minhas loucuras e não desistir de estar comigo nesse caminho tão árduo, mas também tão prazeroso.

À minha filha mais nova, Alícia, por ter me aturado nessa aventura em tempos de pandemia, certamente mais difíceis para ela do que para mim. E à minha filha mais velha, Aléxia, por me ensinar que até o amor que eu pensava ser eterno pode ter fim.

À minha mãe, dona Madalena, e ao meu pai, seu Roberto (em memória), por me guiarem nesta coisa maluca chamada “vida” – ainda que sem me entender direito o que eu queria, embora até hoje nem eu saiba isso.

Aos meus irmãos Beto e Wagner, às minhas cunhadas Kátia e Patrícia, às minhas sobrinhas Guine, Maria e Flora (em memória) e ao meu sobrinho Waguinho, por serem partes de quem sou.

À minha sogra, dona Fátima, ao meu cunhado Eric e à minha cunhada Kassia, presentes que recebi do meu parceiro e que também me ajudam a me construir.

A amigas, amigos e amigues, do Rio de Janeiro, do Prado e de qualquer outro lugar do mundo, que, seja do lado, seja à distância, foram fundamentais neste trabalho. E em toda a minha vida.

A professoras e professores com quem troquei ideias nas disciplinas que cursei e que me ajudaram bastante a “costurar” as ideias para esta tese. Representando todes, agradeço em particular a minha orientadora, Waleska Aureliano, por ter topado esse desafio.

Aos orixás, em especial à minha mãe Oxum e ao meu pai Oxalá, por representarem tão bem aquilo no que acredito e que está além de nossas compreensões, mas que, para mim, é factível e real.

A todos os deuses e todas as deusas que pregam proteção, cuidado e compreensão. E que nos amam independentemente do que nós sejamos. Ou justamente por sermos quem somos.

E aos 13 homens que, gentilmente, participam desta pesquisa. Vocês podem não acreditar, mas são tão pesquisadores quanto eu. Obrigado pela confiança!

RESUMO

GASPARI, Alexandre. **“Não sou velho, só tenho mais idade”**: envelhecimento, homoerotismo e masculinidades entre homens de meia idade no Rio de Janeiro e Extremo Sul da Bahia. 2023. 248 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

“Meia idade” é o nome comumente dado a uma fase do curso da vida na qual se está num “entre lugares”, utilizando a noção de liminaridade de Turner (2005): não se está mais nos primeiros anos da fase adulta, ainda bastante relacionados à juventude, mas também ainda não se chegou à velhice e suas marcas, sobretudo físicas. De definição imprecisa quando se trata de marcos cronológicos, tem como principal característica sua proximidade com a última etapa da vida. Embora qualquer pessoa – na verdade, qualquer ser vivo – comece a envelhecer a partir do momento em que nasce, é a meia idade que costuma nos “lembrar” da passagem do tempo. Entretanto, essa atenção ao envelhecer não é uma regra inflexível: a percepção do envelhecimento se dá de variadas maneiras, e parece mais ser “apontada” pelo outro do que por nós mesmos. Assim, esta pesquisa pretende analisar como homens com práticas homoeróticas que estão situados na meia idade entendem o envelhecimento e como se “preparam” – se é que se preparam – para essa “nova fase” da vida. Morando na Região Metropolitana do Rio de Janeiro (RMRJ) e no Extremo Sul da Bahia (ESB) – regiões completamente díspares se considerarmos dados demográficos e socioeconômicos –, esses homens são perpassados não apenas pelo curso da vida, mas também por outras categorias sociais de diferenciação, como gênero, sexualidade, corporalidade, território, classe social, raça/cor da pele. Assim, mostram similaridades e diferenças que indicam as inúmeras nuances que o envelhecer traz às suas vidas. A partir de referenciais teóricos sobre homossexualidade, envelhecimento e outros marcadores sociais da diferença, o estudo foi desenvolvido por meio de entrevistas semi-estruturadas, em profundidade, que buscaram saber desses sujeitos o seu presente – quem são e o que fazem atualmente; o seu passado – a descoberta do desejo homossexual e como tal fato se desdobrou nas relações familiares e de amizade; e o que imaginam para o seu futuro – quando (e se) perceberam que o tempo está passando e se fazem algo para “frear” as “máscaras do envelhecimento”, como aponta Simões (2004). Necessário ressaltar que o desenvolvimento da pesquisa foi profundamente afetado pela pandemia de Covid-19, que não apenas ampliou o território a ser estudado – do Rio para o Sul da Bahia –, como também impediu a proposta inicial de uma frequência efetiva em locais de sociabilização desses homens, de modo a captar suas relações. De modo geral, o que se percebe é que a proximidade da velhice, embora não apontada como um fator que cause medo, é agenciada de variadas formas. E também modificada de acordo com a situação e as relações vividas por esses homens – seja no Rio, seja no sul baiano.

Palavras-chave: Envelhecimento. Homossexualidade. Gênero. Masculinidade.

ABSTRACT

GASPARI, Alexandre. **“I’m not old, I’m just older”**: aging, homoeroticism and masculinities among middle-aged men in Rio de Janeiro and the Far South of Bahia. 2023. 248 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

“Middle age” is the name commonly given to a stage of the course of life in which one is “between places”, using Turner’s (2005) notion of liminality: no longer in the early years of adulthood, but still haven’t reached old age and its marks, especially physical ones. Of imprecise definition when it comes to chronological milestones, its main characteristic is its proximity to the last stage of life. Although anyone – indeed, any living being – begins to age from the moment they are born, it is middle age that tends to “remind” us of the passage of time. However, this attention to aging is not an inflexible rule: the perception of aging occurs in different ways, and it seems to be “pointed out” more by the other than by ourselves. Thus, this research intends to analyze how men with homoerotic practices who are in middle age understand aging and how they “prepare” – if they prepare at all – for this “new phase” of life. Living in the Metropolitan Region of Rio de Janeiro (RMRJ) and the Extreme South of Bahia (ESB) – completely disparate regions, if we consider demographic and socioeconomic data – these men are permeated not only by the course of life, but also by other social categories of differentiation, such as gender, sexuality, corporality, territory, social class, race/skin color. Thus, they show similarities and differences that indicate the countless nuances that aging brings to their lives. From theoretical references on homosexuality, aging and others social markers of difference, this study was developed through semi-structured, in-depth interviews, which sought to find out about their present – who they are and what they currently do; his past – the discovery of homosexual desire and how this fact unfolded in family and friendship relationships; and what they imagine for their future – when (and if) they realized that time is passing and if they do something to “stop” the “masks of aging”, as Simões (2004) points out. It is necessary to emphasize that the development of this research was deeply affected by the Covid-19 pandemic, which not only expanded the territory to be studied – from Rio to the south of Bahia –, but also prevented the initial proposal of an effective frequency in socialization places of these men. In general, what is perceived is that the proximity of old age, although not identified as a factor that causes fear, is managed in various ways. It is also modified according to the situation and relationships experienced by these men – whether in Rio or in the south of Bahia.

Keywords: Aging. Homosexuality. Gender. Masculinity.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Mapa 1	- Municípios integrantes da Região Metropolitana do Rio de Janeiro (RMRJ).....	79
Mapa 2	- Estado do Rio de Janeiro, com destaque na RMRJ.....	79
Tabela 1	- Região Metropolitana do RJ – dados demográficos e socioeconômicos.....	80
Mapa 3	- Municípios integrantes do Extremo Sul da Bahia	83
Mapa 4	- Zonas turísticas da Bahia, com destaque na Costa das Baleias	84
Mapa 5	- Fronteiras do Extremo Sul da Bahia (região em destaque).....	85
Tabela 2	- Extremo Sul da Bahia – dados geográficos e socioeconômicos.	87
Quadro 1	- “Situando” os sujeitos.....	97

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ESB	Extremo Sul da Bahia
RMRJ	Região Metropolitana do Rio de Janeiro

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	11
1	FALAR DE SEXO, FAZER SEXO: O SEXO E A (NA) PESQUISA	33
1.1	“Você fala de sexo, mas pratica sexo também?”	35
1.2	Tensões eróticas: sensações similares, respostas diferenciadas	39
1.3	“Posso ver uma foto do seu pau?”: (con)cessões	42
1.4	Abuso e culpa: quando o pesquisador se torna “objeto”	45
2	REFLEXÕES ANALÍTICAS	51
2.1	Do Lego à agência: noções sobre interseccionalidade	51
2.2	Entre Cronos e Kairós: a velhice erotizada	58
2.3	Meia idade: uma única geração?	62
2.4	Notas sobre homens e sua(s) masculinidade(s)	64
2.5	Estar e não-estar: concepções liminares	72
2.6	Envelhecimento como “poluição”	74
3	OS LUGARES DOS SUJEITOS E OS SUJEITOS DOS LUGARES: SITUANDO TERRITÓRIOS E OS HOMENS	78
3.1	A cidade do Rio de Janeiro e sua região metropolitana	78
3.2	O extremo sul baiano: entre mineiros e capixabas	82
3.3	Os sujeitos dos lugares	88
3.4	Territórios e trânsitos em contextos entre capital e interior	102
4	O ENVELHECER	107
4.1	“Senhor”, “velho gostoso”, “avô”, “coroa”: a idade que (alguém) ousa dizer o nome	108
4.2	As subjetividades do tempo passado	112
4.3	Entre “ter idade” e “ficar velho”	117
4.4	Sem medo de envelhecer. Mas...	119
4.5	A “pipa do vovô” preocupa. Mas nem tanto	135
4.6	Empurrando o envelhecimento, inclusive com a barriga	141

5	INTERAÇÕES E “PEGAÇÕES”: SOCIABILIDADES COM E SEM PANDEMIA	150
5.1	Os “sem compromisso”	152
5.2	Os “compromissados”	162
6	TESÃO, COISA DE E PARA HOMEM	173
6.1	Ser masculino	177
6.2	Desejar o masculino	183
7	O QUE PASSOU, FICOU: DESEJOS, FAMÍLIA, RELIGIÃO E VIOLÊNCIAS	192
7.1	“Eu sempre soube que era diferente”: desejos – e medos – de menino	193
7.2	Famílias em trânsito: agenciamentos diante da repressão	203
7.3	Entre o prazer, o abuso, a violência, o desrespeito: (im)percepções	214
7.4	“Afasta de mim esse cálice”, mas “Deus me fez assim”: modulações religiosas	220
	CONCLUSÕES INQUIETANTES	228
	REFERÊNCIAS	238
	ANEXO – Roteiro de entrevista para a pesquisa	246

INTRODUÇÃO

Esta tese traz inquietações, perspectivas teóricas, dados de campo e análises de minha pesquisa de doutorado, iniciada em março de 2018, cujos sujeitos são homens com condutas homossexuais¹, moradores da cidade do Rio de Janeiro e municípios de seu entorno – oficialmente Região Metropolitana do Rio de Janeiro (RMRJ), comumente chamada de Grande Rio – e também de cidades da região conhecida como Extremo Sul da Bahia (ESB). Os participantes se enquadram no que é comumente chamado de “meia idade” – faixa etária que, embora elástica e imprecisa, estaria localizada entre os 40 e os 60 anos².

Tendo como embasamento a noção de interseccionalidade, este estudo inicialmente é motivado por questões relativas a geração/idade, mas engloba outros marcadores sociais da diferença/categorias sociais de diferenciação: gênero, sexualidade, corporeidade, classe social, raça/cor da pele, local de moradia/de origem.

Esta apresentação traz algumas reflexões teóricas sobre esses marcadores da diferença e suas articulações, que, como se verá, foram pontos de partida para o desenvolvimento desta pesquisa. Cita outras pesquisas sobre homossexualidade/homoerotismo e envelhecimento com as quais este estudo dialoga e, sobretudo, pontua a “expectativa” e a “realidade” – em resumo, o que se pretendia

¹ Passamani (2018) propõe tal expressão a partir da noção de “condutas sexuais”, da teoria dos roteiros sexuais do sociólogo John H. Gagnon: “a utilização que ele faz da expressão ‘condutas sexuais’ se dá no sentido de pensar os comportamentos sociais constituídos socialmente” (*op.cit.*). Assim, as “condutas homossexuais”, completa Passamani, “aludem à estreita relação entre prática e sentido”. O termo, assim, mostra-se mais apropriado do que “homossexualidade”, porque há situações em que homens que fazem sexo com outros homens não se autodenominam homossexuais ou gays, classificações que vêm sendo utilizadas como categorias político-identitárias, conforme aponta Aguião (2016) em sua análise sobre os debates políticos da “população LGBT” no Brasil. Um exemplo disso é o aplicativo *Grindr*, um dos campos/ferramentas desta pesquisa, no qual alguns homens que não exibem seus rostos se autodefinem como “discretos” e “fora do meio”. Isso pode significar tanto a necessidade de sigilo por estarem envolvidos em relacionamentos afetivo-sexuais, como por quererem se situar fora daquilo que Gontijo (2009) nomeia como “subcultura gay” – manifestações culturais associadas a imagens identitárias homossexuais (*ver nota 6*) – ou da categoria “homossexual”.

² A imprecisão pode ser observada por uma breve consulta ao *site* de buscas *Google* pela expressão “meia idade o que é”. A primeira definição exibida, de um dicionário do próprio *site*, aponta que se trata da “época da vida entre a maturidade e a velhice, aproximadamente entre os 40 e os 55 anos”. Logo depois, matéria publicada pela revista *Veja* em 16 de março de 2010 <<https://veja.abril.com.br/tecnologia/meia-idade-comeca-aos-35-e-termina-aos-58-diz-estudo/>> trata de um estudo da Universidade de Kent, na Grã-Bretanha, que indica que “a juventude termina aos 35 anos e a terceira idade começa aos 58”, e que o período de 23 anos entre uma e outra seria a “meia idade”.

e o que foi feito – a partir do atravessamento da pandemia de Covid-19, um inimaginável – e cruel – “imponderável da vida real”, parafraseando Bronislaw Malinowski.

Além disso, esta introdução lista as bases do caminho metodológico percorrido neste trabalho. Também me posiciona neste “lugar de fala” de um pesquisador que também é um homem de meia idade e homossexual e os desafios entre o “familiar” e o “exótico/estranho/externo”.

Um “passeio” por categorias sociais e suas articulações

Envelhecer é uma grande aflição da sociedade ocidental. “Lidar com as limitações biológicas da existência e aceitar o corpo em degeneração continuam sendo desafios centrais na experiência contemporânea” (SIMÕES, 2004, p. 417). Sobretudo se considerarmos que o corpo se tornou uma espécie de “alter-ego” do sujeito, muitas vezes dissociado deste, conforme aponta Le Breton (2011).

As estruturas actuais de produção/consumo induzem no sujeito uma dupla prática, conexas com a representação desunida (mas profundamente solidária) do seu próprio corpo: o corpo como CAPITAL e como FEITIÇO (ou objeto de consumo). Em ambos os casos, é necessário que o corpo, longe de ser negado ou omitido, se *invista* (tanto no sentido económico como na acepção psíquica do termo) com toda a determinação (BAUDRILLARD, 2011, p. 169, grifos no original).

A ideia da velhice, aponta Simões (2004), tem menos relação com a proximidade da morte, da finitude da existência, e mais com a decadência física. Um dos temores é a dependência de outros/outras para a manutenção da vida e de atividades cotidianas.

Por isso, para minimizar (ou afastar ao máximo) esse risco, a medicina – em especial, o ramo da gerontologia – e a biotecnologia vêm criando artifícios para tentar frear os efeitos do tempo sobre o corpo. Em sua apresentação exterior, o investimento nessas “fontes da juventude” inclui desde a construção de corpos “em boa forma”, conforme definem Ramos e Goldenberg (2001), trabalhados em academias de ginástica, até intervenções cirúrgicas.

Mas, o que é “ser velho”? É preciso pontuar que a percepção do envelhecimento se modificou na sociedade ocidental no curso histórico. Debert (1997) lista três etapas da mudança do paradigma da “maturidade”.

A pré-modernidade, em que a idade cronológica, menos relevante do que o status da família na determinação do grau de maturidade e do controle de recursos de poder; a modernidade, que teria correspondido a uma cronologização da vida; e a pós-modernidade, que operaria uma desconstrução do curso da vida em nome de um estilo unietário (DEBERT, 1997, p. 121).

O que Debert aponta como paradigma pós-moderno da “velhice” vem sendo construído a partir dos anos 1970. Expressões como “terceira idade” e “melhor idade” são prova dessa mudança, a princípio, positivadora. A velhice vem passando por uma “atribuição de novos significados aos estágios mais avançados da vida, que passam a ser tratados como momentos privilegiados para novas conquistas guiadas pela busca do prazer” (DEBERT, 1997, p. 126).

Essa “nova velhice” pós-moderna – que talvez devesse ser considerada um “não lugar”, na perspectiva de Augé (2018)³ – é fruto também de elaborações sociais e, sobretudo, mercadológicas. Se, de um lado, a medicina (sempre ela) continua sua busca por tudo o que pode nos levar à “eterna juventude”, por outro, uma indústria de produtos, serviços e, porque não, prazeres, foi criada para nos oferecer – e vender – esses “elixires” contra os efeitos da passagem do tempo. Tudo muito bem embrulhado nos discursos da publicidade e da mídia.

A idade não é mais um indicador de normas de comportamento e de estilo de vida – os novos mercados de consumo se abrem a todas as idades e a publicidade estimula o rejuvenescimento; o modelo dominante na sociedade ocidental moderna é aquele da juventude e da beleza. A imagem de uma velhice monótona, solitária, estereotipada perde, aos poucos, sua força e se desfaz (PEIXOTO, 2000, p. 195).

Estamos falando do envelhecer, ou melhor, da perspectiva de se postergar o envelhecimento, ao menos corporalmente, de um modo geral⁴. Mas, se começarmos a complexificar nossas inquietações, é preciso considerar outros elementos – leia-se marcadores sociais da diferença – que poderiam afetar esse processo de

³ Segundo Augé (2018), “se um lugar pode se definir como identitário, relacional e histórico, um espaço que não pode se definir nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico definirá um não lugar”. O autor diz que é o que chama de “supermodernidade” quem produz esses não lugares. Por analogia, esse “estilo unietário” da pós-modernidade (similar à supermodernidade) que descronologizou o curso da vida parece ter transformado a velhice num não lugar, não como um “espaço”, mas como um tempo com o qual os sujeitos não se identificam, não se relacionam e não estabelecem lanços históricos. Voltarei à noção de não lugar ao analisar a categoria “meia idade”.

⁴ Vale ressaltar que, como Debert e Brigeiro (2012) apontam, a gerontologia e a sexologia costumam propor soluções para proporcionar o bem-estar na velhice, sobretudo aquelas que envolvem relações sexuais, que são notadamente voltadas a homens e mulheres heterossexuais, como se fosse algo dado. Ainda são poucos os estudos focados em especificidades do envelhecimento de homens e mulheres homossexuais, bissexuais e transgêneros, como mostra artigo de Crenitte, Miguel e Jacob Filho (2019).

“descronologização” do curso da vida, modificando-o conforme as articulações com outras categorias sociais de diferenciação, bem como os agenciamentos possíveis por parte dos sujeitos nessas intersecções.

Considerando sexualidade e geração⁵, pesquisas focadas no envelhecimento de homens homossexuais a partir dos anos 1970 apontavam que envelhecer seria mais “cruel” para estes. Simões (2004) cita John Gagnon e William Simon como pioneiros no tema. Ambos acreditavam que gays “contavam com menos recursos do que os seus correspondentes heterossexuais para enfrentar a crise do envelhecimento” (SIMÕES, 2004, p. 418).

Essa visão é reforçada por Weeks (1983), que via o envelhecimento como “uma nova modulação da força do estigma” (WEEKS, 1983, p. 241) que a homossexualidade já carregava.

De modo geral, a velhice tende a ser considerada hétero-cis-normativa, ou seja, supostamente composta por pessoas que atendem a normas sociais estabelecidas por ideais heterossexuais e cisgêneros, o que dificulta ainda mais a visibilidade da diversidade e a complexidade existente nas diferentes realidades da população idosa, com uma forte tendência à generalização e com discursos rasos acerca desse tema (CRENITTE, MIGUEL E JACOB FILHO, 2019, p. 52).

Para Crenitte, Miguel e Jacob Filho (2019),

Essa situação é reforçada também pela geração de pessoas idosas que tiveram sua orientação ou identidade de gênero reprimidas por preconceitos, medos ou culpa. Esse processo é conhecido também como homofobia internalizada, uma forma de preconceito que a pessoa LGBT tem por si mesma, motivada por diferentes fatores, tais como crenças religiosas, normatizações de corpo e gênero, saúde mental, entre outros. (*Op. cit.*, p. 52)

Entretanto, pesquisas feitas no Brasil com homens homossexuais de camadas médias, como as de Simões (2011), com homens em torno de 60 anos; Mota (2014), com sujeitos com mais de 60 anos; e Henning (2014), com homens entre 50 e 70 anos, majoritariamente, ressignificam essa “premissa do sofrimento”. Para isso, consideraram não somente a evolução da medicina e da biotecnologia no tratamento

⁵ Uma reflexão sobre a categoria “geração” será apresentada no capítulo 2.

de velhos/velhas⁶, mas também mudanças na própria “subcultura gay⁷”, que vem ganhando mais visibilidade desde os anos 1980, no período pós-AIDS, a partir de uma maior mobilização social e política de lésbicas, gays, bissexuais e transexuais/transgêneros/travestis – representados na sigla LGBTI+⁸.

As redes de sociabilidade de homens homossexuais em processo de envelhecimento, antes restritas pelo próprio aspecto “marginal” da homossexualidade e o encapsulamento no “armário”⁹¹⁰¹¹ de muitos deles, têm se ampliado e tornado o envelhecer um ato aparentemente similar entre “homos” e “héteros”. Considerando o surgimento das novas tecnologias de informação e comunicação (TIC), que vêm permitindo o estabelecimento de relações em ambientes “virtuais”, e também no

⁶ O uso de “velho/velha”, em lugar de “idoso/idoso”, é uma tentativa de desestigmatizar tais termos e, numa perspectiva maior, tirar da noção de velhice o negativo, o “não lugar”. O uso de termos como “idoso”, “terceira idade” ou “melhor idade” são eufemismos que não “atacam” o problema principal: a desvalorização e a estigmatização do envelhecimento e da passagem do tempo.

⁷ Utilizo o termo conforme Gontijo (2009, p.27, nota 23): “O termo ‘subcultura’ será usado para designar essas manifestações culturais urbanas inseridas numa ‘cultura nacional’ ou numa ‘identidade nacional’ bastante mais ampla e hegemônica (e também politicamente imprecisa e fluida), da qual essa ‘subcultura’ tira seus principais elementos característicos.”

⁸ Atualmente, a mobilização política das “minorias” sexuais e de gênero vem englobando outros atores/atrizes. Neste sentido, a “sopa de letrinhas”, como apontou Facchini (2005) ao tratar da organização política de gays, lésbicas, bissexuais e transexuais/travestis/transgêneros, vem crescendo. Por isso, alguns movimentos sociais destinados a esse público vêm adotando a sigla LGBTIQA+: lésbicas, gays, bissexuais, população T (transexuais/travestis/transgêneros), intersexos, *queer* (simplicemente, não-binários, pessoas que não se identificam nem com o gênero masculino, nem com o feminino) e assexuados. Neste texto, a título de simplificação, adotaremos a sigla LGBTI+.

⁹ Para Sedgwick (2007), o “armário” é um dispositivo de regulação da vida de gays e lésbicas relacionado aos heterossexuais e seus privilégios de visibilidade e hegemonia de valores. Ela afirma que “o armário”, ou o “segredo aberto”, marcou a vida gay/lésbica no último século e não deixou de fazê-lo mesmo após a revolta do bar Stonewall, em Nova York, em 1969, considerada um marco temporal na luta pelos direitos LGBTIQA+.

¹⁰ O “armário” também está no título do livro de Mota (2014): “Ao sair do armário, entrei na velhice”. É a fala de um de seus sujeitos de pesquisa. O autor explica que “apesar de a ideia de ‘sair do armário’ permanecer como um desafio para a construção da identidade gay, para alguns dos entrevistados trata-se de uma questão irrelevante, para outros, um grande desafio, pois foram longas as trajetórias para se aceitarem como homossexual, tão longas que se coadunam com a velhice, pois como afirma José (63 anos), ‘ao sair do armário entrei na velhice’”.

¹¹ Na aula inaugural do Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS) da Universidade Federal de Goiás (UFG), realizada em 21 de junho de 2022, Ernesto Meccia apresentou uma interessante análise sobre a noção de “armário” em perspectiva intergeracional. Em estudo feito com homens homossexuais com mais de 60 anos e com menos de 30 de Buenos Aires, capital da Argentina, o antropólogo observou que, para os primeiros, a “saída do armário” era um processo solitário e unidirecional, uma narrativa antitética permeada por uma angústia pessoal que considerava a conveniência ou não de “sair do armário”, analisada sob várias esferas (família, trabalho, etc.) – como apontou Mota (2014). Já entre os mais jovens, Meccia observou que “sair do armário” era um movimento que envolvia a família – ao contar sua sexualidade a familiares, toda a família “saía do armário”. Por ser uma geração digital, que nasceu e cresceu com a internet e das redes sociais, a própria ideia de “armário” é questionada, assim como a existência de uma “identidade gay” e qualquer tipo de categorização, no que o autor chama de “narrativa substancialista”. A aula está disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=EXBHdYaJ9Jw>>.

“mundo real”, a partir de um primeiro contato nesses ambientes, a “imagem do idoso GLBT¹² carente simplesmente desaparece” (SIMÕES, 2004, p. 441).

Como atesta Mota (2014)

Para a geração dos entrevistados [*em sua pesquisa*], foi longa a trajetória de suas vidas para assumir a homossexualidade, como se buscassem nessa trajetória o fortalecimento que faltava para o enfrentamento da homofobia. [...] De certo modo, na medida em que envelheceram, tornou-se possível adotarem relações conjugais mais abertas, públicas, assertivas, protegidas pelas mudanças e pelos avanços políticos na luta pelo direito à diferença, que obriga o entorno social a ter tolerância (MOTA, 2014, p. 215).

Simultaneamente, a atuação da gerontologia e da sexologia criou o que Debert e Brigeiro (2012) classificam como “processo de erotização da velhice¹³”. Que, ainda que proposto, inicialmente, numa perspectiva heterossexista, também afetou as relações sexuais entre homens mais velhos.

O avanço da gerontologia e da sexologia que transforma e/ou adia a velhice, seja ela heterossexual ou homossexual, baseia-se na noção do “cuidado de si”. Esse auto-investimento se mostraria, assim, capaz de romper a dimensão cronológica do curso da vida. O cuidado de si é, portanto, a chave do “bom envelhecimento”. E uma de suas possíveis consequências é a “velhice erotizada”.

Ocorre, porém, que o “cuidado de si” tem limites. Assim, Debert (1997) analisa que a valorização da juventude, independentemente da sexualidade, como um “estado de espírito” dissociado da idade cronológica – e que, por isso, poderia ser buscado permanentemente – causa efeitos perversos. “No caso da velhice, [...], dificilmente poderíamos supor que há uma democratização das relações e uma tolerância maior com o corpo envelhecido” (DEBERT, 1997, p. 127).

Com o autocuidado limitado pela passagem do tempo e pelos recursos biotecnológicos disponíveis, envelhecer deixaria, assim, de ser um processo biológico, “natural”, para se tornar um desleixo individual. “O declínio inevitável do corpo, do corpo que não responde às demandas da vontade individual, é antes percebido como fruto de transgressões e por isso não merece piedade” (*Ibid*).

Dessa forma, as relações afetivas e/ou sexuais entre homens permanecem sendo permeadas pelo binarismo juventude (positivo)/velhice (negativo). Valoriza-se

¹² A sigla “GLBT” foi uma das primeiras a serem utilizadas pelos movimentos sociais. Posteriormente, colocou-se o “L” à frente das demais letras, como forma de dar mais visibilidade às mulheres – posição que ocupa até hoje, mesmo com a ampliação da sigla.

¹³ O processo de erotização da velhice será desdobrado no capítulo 2.

não somente o homem jovem, mas quem faz o correto “investimento” na construção de um corpo hiperbólico, como mostra França (2012). E é para este corpo que o mercado de consumo LGBTI+ se volta, restando aos outros corpos – como os mais velhos ou os “que se deixam envelhecer” – um lugar periférico¹⁴.

Além disso, não se pode ignorar que, antes mesmo do “declínio inevitável do corpo”, apontado por Debert (1997), o “cuidado de si” – ainda que pensado apenas no sentido de manutenção da própria saúde, sem pretensões de “rejuvenescimento” ou de uma exibição de um corpo “em boa forma” – requer “investimentos” que independem apenas da vontade. Muitas ações exigem recursos financeiros. Logo, a classe social é um fator importante no processo do “bom envelhecimento”.

Por outro lado, a classe social, além de estabelecer diferenças no acesso a biotecnologias para o autocuidado, pode funcionar como um fator que categoriza positivamente a velhice.

Em algumas situações, como aponta Parker (1995), jovens homossexuais podem estabelecer com homens mais velhos, independente da corporeidade, o que o autor chama de “relações verticais”, um “processo de iniciação” na homossexualidade no qual a “maturidade” ganha aspecto positivo para o homem mais velho e utilitário para o mais jovem.

Ao mesmo tempo em que formam essas relações horizontais com seus pares, jovens entendidas/os também tendem a formar relacionamentos verticais baseados em idade e classe diferentes: relações com indivíduos mais velhos, mais afortunados, ou (tipicamente) ambos. [...] Essas relações verticais começam com relações sexuais, e depois, gradualmente, transformam-se em contínuas e muitas vezes profundas amizades¹⁵. (PARKER, 1995, pp. 253-254)

Quando articulamos envelhecimento e gênero, podem ser produzidas variadas nomenclaturas para homens com práticas homossexuais¹⁶, entre positavações e

¹⁴ Isso não significa que homens velhos com práticas homossexuais que tenham corpos “fora do padrão” estão fadados à solidão ou a não conseguir relacionamentos ou “transas”. Afinal, não podemos nos esquecer dos agenciamentos e das resistências de grupos e populações estigmatizados. Entretanto, considerando o que se convencionou chamar de “padrão” nesse “mercado homoerótico”, esses homens estariam à margem de características físicas bastante valorizadas nesse “espaço”.

¹⁵ Livre tradução do texto original: “*At the same time as they are forming these horizontal relationships with their peers, young entendidas/os also tend to form vertical relationships based on age and class differences: relationships with individuals who are either older, more well-to-do, or (typically) both. [...] these vertical relationships begin as sexual relationships, then gradually transform themselves into ongoing and often extremely deep friendships.*”

¹⁶ Algumas dessas denominações, como “maduro”, “coroa” e “tiozão”, também são usadas para homens heterossexuais.

acusações. Partindo da noção de masculinidade hegemônica¹⁷ em Almeida (1995) e Connell (2005) e sua relação com a performatividade e a heteronormatividade compulsória em Butler (2013), novos estigmas, além do corpo e da classe social, podem transformar o “maduro” em uma “bicha velha”.

A estigmatização é resultado, em parte, do mesmo movimento político que buscou tirar a homossexualidade de sua condição marginal e transformou o “homem superviril” em “tipo ideal” no meio homossexual, aponta Pollak (1985).

Compreende-se que, no momento em que a opressão cedia, os militantes homossexuais tenham tentado antes de mais nada redefinir a identidade homossexual, liberando-a da imagem que faz do homossexual, na melhor das hipóteses, um homem efeminado, e, na pior, uma mulher que não deu certo. Em reação contra essa caricatura, o homem “superviril”, o “machão”, tornou-se o tipo ideal no meio homossexual. (POLLAK, 1985, p. 68)

A “bicha velha” parece, portanto, uma “casta sexual”, utilizando a noção de Rubin (2003)¹⁸, das mais desprezadas. Na subcultura gay, costuma ser nominada como “cacura¹⁹”, categoria nativa comumente utilizada em tom acusatório para homens homossexuais mais “velhos”. Embora não se possa ignorar a capacidade de agência desses sujeitos em resistir a tal estigma, como já apontado na nota 13.

Como Simões (2004) pontua, muitos trabalhos e pesquisas já desenvolvidos sobre homossexualidade e envelhecimento focaram num padrão das camadas médias da sociedade, considerando, principalmente, homens brancos dessas camadas, de países desenvolvidos.

¹⁷ A noção de masculinidade hegemônica é mencionada aqui apenas como uma referência simples para se pensar num “tipo ideal” de homem com base no gênero e na heteronormatividade. Entretanto, trata-se de um conceito bastante questionado, inclusive por sua autora, Raewyn Connell. A problematização sobre o conceito será apresentada no capítulo 6, que trata de desejos e posturas dos sujeitos participantes desta pesquisa.

¹⁸ “As sociedades ocidentais modernas avaliam os atos sexuais de acordo com um sistema hierárquico de valor sexual. Os casais heterossexuais, ligados pelo casamento, estão sozinhos no topo da pirâmide erótica. Muito mais embaixo, nessa escala, estão os casais heterossexuais monogâmicos não casados, seguidos pela maioria dos outros heterossexuais. O sexo solitário oscila ambigualmente. O terrível estigma do século XIX sobre a masturbação continua em formas mais brandas e alteradas, como a ideia de que a masturbação é um substituto inferior para o encontro de parceiros. Casais estáveis, de lésbicas e de gays estão próximos da respeitabilidade, mas lésbicas de bares e homossexuais promíscuos estão pouco acima dos grupos que ficam na parte mais baixa da pirâmide. As castas sexuais mais desprezadas atualmente são os transexuais, os travestis, os fetichistas, os sadomasoquistas, os trabalhadores do sexo como prostitutas e modelos pornô e, abaixo de todas os outros, aqueles cujo erotismo ultrapassa as fronteiras das gerações” (RUBIN, 2003, p. 22).

¹⁹ O termo é uma variação de “Cacarucai”, que, nas religiões afro-brasileiras, determina um “indivíduo (encarnada ou desencarnada) muito idosa. É usada a forma CACARUCAIA, quando se trata de feminino. Usam-se também as formas CACURUCAI e CACURUCAIA”, conforme definição do “Pequeno dicionário de umbanda” (<<http://aumopa.org/pequeno-dicionario-da-umbanda/>>).

Mesmo trabalhos recentes sobre o tema feitos no Brasil, como os de Motta (2011) e de Henning (2014), estão mais focados em homens homossexuais e/ou com práticas homoeróticas de camadas médias e brancos. E têm como campo as duas maiores cidades do país, Rio de Janeiro e São Paulo, respectivamente.

Por isso, é importante ressaltar que “marcadores de cor/raça combinam-se a outros marcadores, incidindo fortemente nos relacionamentos e nas possibilidades de parceria” (SIMÕES, FRANÇA E MACEDO, 2010, p. 53). A hipersexualização e a hipervirilização do negro no mercado homoerótico fazem com que homens negros cisgêneros – não “afeminados” – tendam a “ser alvo de grande interesse erótico” (*Ibid*). Mas, se a raça/cor da pele é atravessada por uma performance de gênero feminina, a estigmatização transforma este homem numa “‘bicha-preta’ ou ‘bicha-close’” (*Ibid*), com “valor menor” no “mercado de trocas sexuais”.

Mas, além do gênero, há o aspecto geracional. Trabalhos como os de Perlongher (2008) sobre a prostituição viril no Centro de São Paulo nos anos 1980 e de Braz (2009) sobre clubes de sexo entre homens na mesma cidade nos anos 2000 apontam que a categoria raça/cor da pele é acionada negativamente quando associada à idade do cliente (para os michês estudados por Perlongher) ou para quem busca um parceiro nos clubes de sexo (como constatado por Braz).

Ou seja, se por um lado há uma associação fetichista entre virilidade e masculinidade quando se trata de jovens negros/pardos²⁰, homens negros/pardos mais “velhos” parecem não ser tão desejados como seus congêneres brancos.

Assim, parece evidente que o envelhecimento, seu entendimento pelos sujeitos e as estigmatizações rotineiramente associadas à passagem do tempo não se dão de maneira idêntica entre homens homossexuais de classes, corpos, raças/cor da pele, lugares de origem e de moradia diferentes.

Estímulos teóricos e práticos e a “contaminação” da Covid-19

²⁰ Utilizo o termo “pardo” tendo convicção de que se trata de uma nomenclatura problemática e criticada por variadas correntes do movimento negro. Contudo, a fim de facilitar o entendimento, uso a expressão conforme sua aplicação pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em suas pesquisas sobre a população brasileira que dá ao usuário a possibilidade autodeclaração de acordo com cinco opções de “cor” fornecidas pela instituição: branco, pardo, preto, amarelo ou indígena. Também se trata de uma forma de diferenciar a cor da pele como possível categoria de opressão, conforme aponta Piscitelli (2013) em sua pesquisa sobre mulheres brasileiras nos mercados transnacionais do sexo, que mostra que mulheres com a pele mais escura sofrem mais discriminações – o que também é apontado por Perlongher (2008) em relação aos clientes dos michês e mesmo entre os michês.

Em relação a condutas homossexuais e envelhecimento, esta pesquisa dialoga com os trabalhos de Simões (2011) e Henning (2014), sobre experiências de envelhecimento de homens gays na cidade de São Paulo; Mota (2014), que, no Rio de Janeiro, questionou “os lugares ocupados por homens, homossexuais com mais de 60 anos, no âmbito de seu espaço social” (MOTA, 2014, p. 13); e Passamani (2018), que abordou a experiência de envelhecimento de gays, lésbicas e travestis nas cidades de Corumbá e Ladário, municípios interioranos, no Pantanal do Mato Grosso do Sul, que fazem fronteira com a Bolívia.

Para analisar as relações afetivo-sexuais de homens que, por sua idade, seriam considerados “maduros”, “da terceira idade”, “velhos” ou com outras denominações equivalentes, é preciso ressaltar que a “idade” que qualifica positiva ou negativamente esses homens não designa apenas uma visão cronológica. Debert (1994) lembra que a velhice não é uma categoria natural, e sim socialmente produzida.

Logo, a construção da “maturidade” vai além da contagem do tempo. Ela também se dá de forma relacional e situacional. Assim, é necessário considerar, nesse processo, as relações em ambientes de sociabilidade homossexual e/ou homoerótica (sejam eles “formais/oficiais” ou não²¹) físicos ou “virtuais”.

Entretanto, é fundamental frisar que este trabalho está profundamente atravessado pela pandemia de Covid-19, decretada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) em 11 de março de 2020 – assim como a vida de todes aqueles que não são negacionistas, acreditam na ciência e, por isso, procuraram cumprir todas as recomendações das autoridades sanitárias sérias para evitar a disseminação da doença. Como já dito, um imponderável da vida real para lá de inesperado. E bastante complexo.

As recomendações sanitárias alteraram as formas presenciais das relações interpessoais em todos as esferas, pessoais, profissionais, acadêmicas e no cotidiano.

²¹ Os ambientes “formais/oficiais” são aqueles destinados ao público LGBTI+, como bares, boates e festas que se apresentam como tais ou “amigáveis” a essa comunidade. Contudo, as práticas de sociabilidade homossexual e/ou homoerótica podem se dar em qualquer espaço. E, com o tempo, alguns deles podem se transformar em referência para essas práticas, mesmo que “formalmente/oficialmente” não sejam considerados LGBTI+ – ao menos não em seu início. Exemplos disso são as praias da Bolsa, em Copacabana, e Farne, em Ipanema, Zona Sul do Rio de Janeiro. Esses pontos de encontro de homens com práticas homoeróticas surgem a partir da frequência desses sujeitos nesses locais. E a partir desse movimento, terminam por serem “formalizados” como espaços reconhecidamente acolhedores a esse público. Mas nem sempre é preciso haver uma “oficialização” para que um espaço/local se torne referência para essas sociabilidades. Como se verá no capítulo 5, em Prado, no Extremo Sul da Bahia, um sujeito aponta a praia como o local de “paqueras” e interações entre homens, mesmo sem nenhuma sinalização nesse sentido.

Portanto, em uma pesquisa antropológica, na qual o campo “físico” era parte importante na obtenção de sujeitos participantes e na observação de comportamentos e (rel)ações, houve uma mudança drástica nos rumos, com adaptações temporais, metodológicas e de abrangência.

Até a decretação da pandemia, em março de 2020, realizara duas entrevistas presencialmente, ambas com sujeitos do Rio de Janeiro, como inicialmente previsto – uma na casa do entrevistado, outra em um bar. Naquele momento, a pesquisa pretendia não apenas dialogar com homens de meia idade, mas também com homens mais “jovens” (com menos de 40 anos) que se relacionavam afetiva e/ou sexualmente com os sujeitos mais velhos. Ou seja, a categoria “geração” – mais especificamente, as relações intergeracionais – seriam parte constitutiva importante da pesquisa.

Além das conversas roteirizadas, as atividades de campo e de levantamento de dados consideravam a frequência de dois espaços de socialização no campo “físico” – um público e um privado – de homossexuais mais velhos no Rio de Janeiro: a praia da Bolsa de Valores e a boate La Cueva, em Copacabana, na Zona Sul da cidade.

A Bolsa, localizada em frente ao hotel Copacabana Palace, atrai e reúne “maduros”, conforme Nogueira (2013). Historicamente, a Bolsa é talvez a primeira praia gay do Rio de Janeiro que acabou “oficializada” como tal por seus frequentadores – ou ao menos a única de sua época que permanece como point homossexual até hoje. Seu surgimento, segundo Green (2000), data dos anos 1950. Figari (2007) lembra que:

A partir da década de 1950, podemos visualizar uma série de grupos atuantes em vários bairros do Rio de Janeiro. Havia grupos de praia que se reuniam geralmente na ‘Bolsa de Valores’ (Praia de Copacabana, em frente ao Copacabana Palace) ou na praia do Flamengo” (CARLOS FIGARI, 2007, p. 378).

Uma das explicações para o nome da praia é que:

Em meados da década de 1950, os homossexuais haviam ocupado uma área em frente ao hotel Copacabana Palace por eles denominada “Bolsa de Valores”, referindo-se à qualidade dos encontros e flertes que ocorriam lá. Carlos Miranda, que começou a ir à Bolsa em 1954, não sabia quando exatamente surgiu esse nome. “Quando eu perguntei, me disseram que lá é onde você pode mostrar-se para se valorizar. Lugar de valorização, de mostrar seu corpo” (JAMES N. GREEN, 2000, p. 263)

Figari (2007) reforça esse significado. “Era denominada ‘Bolsa de Valores’ pois constituía o ponto privilegiado para ver e ser visto, de algum modo ‘cotar-se’ no ‘mercado’ dos corpos varonis que se exibiam nessa parte da praia de Copacabana” (FIGARI, 2007, p. 550, nota 17). E Gontijo (1998, p. 67) narra um episódio que pode ser uma espécie de “mito de origem” do nome.

Seu significado teria surgido em uma briga entre dois homossexuais masculinos, um brasileiro e um americano, por um jovem michê desejado por ambos. Cada um de um lado, eles ofereciam um preço ao jovem. Outros homossexuais presentes teriam dito que parecia uma bolsa de valores onde todos, considerando como mercado real ou virtual, tinham um preço maior ou menor²² (GONTIJO, 1998, p. 67)

Com o passar do tempo, porém, a Bolsa perdeu espaço – e frequentadores – para a Farme, trecho da praia de Ipanema em frente à rua Farme de Amoedo que ganhou projeção como sendo o locus de homens gays “bonitos” e “sarados”. À praia LGBTI+ de Copacabana, restou sua história e também um público de homens mais velhos, além de travestis e mulheres transexuais.

Já a La Cueva²³, fundada em 1964, é apontada na “subcultura” gay carioca como um local de encontro e reunião de homens dessa faixa etária. Uma das festas nessa boate é a “Noite dos Maduros”, destinada a homens mais velhos, mas que atraem jovens. Além disso, há um bar em frente à boate que costuma reunir seus frequentadores antes destes ingressarem na “caverna” – a boate fica em um subsolo da rua Miguel Lemos, em Copacabana, e tem arquitetura e decoração que lembram rochas.

As restrições impostas pela pandemia, contudo, impediram a frequência desses ambientes. A Bolsa, embora seja um espaço público e aberto, também passou por impedimentos de acesso, assim como todas as praias da cidade do Rio. Entre liberações e recuos das autoridades sanitárias cariocas em permitir o acesso às praias, a Bolsa voltou a ser frequentada com maior perenidade somente em meados de 2021, conforme avançava a vacinação da população, em particular no Rio de Janeiro, contra a Covid.

²² Livre tradução do texto original: “*Ce dernier sens aurait surgi d’une querelle entre deux homosexuels masculins, un Brésilien et un Américain, à propôs d’un jeune michê désiré par les deux homosexuels. Chacun de son côté, ils proposaient un prix au jeune garçon. Les autres homosexuels présents auraient trouvé que cela ressemblait à une bourse de valeurs où chacun, considéré comme marchandise réelle ou virtuelle, avait un prix plus ou mois affiché.*”

²³ “La Cueva” significa “A caverna” em espanhol.

A La Cueva voltou a abrir somente em dezembro de 2021. Talvez por se tratar de um espaço que concentra homens mais velhos, a reabertura se deu pelo fato de essa faixa etária da população já ter disponível o esquema vacinal completo, com duas doses das vacinas Coronavac, AstraZeneca/Oxford e Pfizer e a dose extra de reforço, ou com a dose única da vacina Janssen e uma dose de reforço de AstraZeneca/Oxford ou Pfizer, hibridização autorizada pelos órgãos de saúde. Assim, a boate começou a anunciar a promoção das festas “Sirikutico”, às sextas, e a “Noite dos Maduros”, aos sábados.

Se a perspectiva de frequentar locais em área “nobre” da Zona Sul carioca que rotineiramente concentram homens brancos e de classe média foi impactada – ou melhor, anulada – pela Covid-19, a situação foi ainda mais grave em relação à busca de espaços “físicos” de sociabilização de homens “maduros” de classes mais baixas, como também proposto inicialmente.

Uma das possibilidades era a ida a casas destinadas ao culto de matrizes africanas, em sua maioria localizadas nas periferias da Região Metropolitana do Rio de Janeiro. Por sua localização periférica e pelas características mais “inclusivas” dessas religiões quanto à homossexualidade, tais espaços podem ser considerados territórios de sociabilização homossexual.

Mas, claro, a pandemia não mudou apenas as sociabilidades no Rio de Janeiro. Mudou também a vida do pesquisador – mais especificamente, seu local de moradia.

Os temores provocados pela particular situação do Rio de Janeiro com a Covid-19 – o estado apresentava, desde o início da pandemia, a maior taxa de letalidade (número de mortes entre doente ativos) do país, e uma das maiores taxas de mortalidade (mortes sobre infectados) – e a mudança na forma de trabalho de meu parceiro, professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), para o ensino remoto facilitaram uma tomada de decisão de mudar de endereço, ainda que temporariamente.

Assim, por duas vezes, em 2020, nós nos deslocamos para Prado, cidade litorânea no Extremo Sul da Bahia onde costumávamos passar férias. E no início de 2021, decidimos residir na cidade, até que a pandemia acabasse ou a situação melhorasse com o avanço da vacinação. E lá ficamos até março de 2022, tendo vindo ao Rio por duas vezes, apenas por alguns dias, nesse período de cerca de um ano.

Essa nova territorialização estimulou a inclusão do Extremo Sul da Bahia como campo de pesquisa. Além de a vivência local trazer elementos até então

desconhecidos sobre homosociabilidade em Prado e cidades do entorno, tornou-se provocador “comparar”, de alguma forma, as experiências e cursos da vida de homens de meia idade de uma metrópole nacional como o Rio de Janeiro e cidades de interior, como as do extremo sul baiano.

Também ficou evidente que o campo “físico” não seria mais uma possibilidade viável, tanto no Rio quanto no Extremo Sul da Bahia. Mesmo que nessa região baiana a população seja bem menor e o espaço territorial bem maior (tais dados serão apresentados no capítulo 3), a pandemia não escolhe endereço, afetando todos os cantos. Além disso, não há em Prado um espaço, público ou privado, que reconhecidamente é considerado um espaço de sociabilização de homens com práticas homossexuais.

Assim, o campo “virtual” (netnografia²⁴) se tornou a única alternativa para o desenvolvimento deste estudo. Isso porque, a princípio, pretendia-se acompanhar algumas comunidades criadas na rede social *Facebook* destinadas a homens “maduros”. As tentativas, porém, foram infrutíferas.

O fracasso se deu, primeiramente, pela dispersão espacial dessas comunidades – para tentar encontrar alguém do Rio ou do Extremo Sul da Bahia, foi preciso lançar mão de posts recorrentes. Ainda assim, houve baixíssimo retorno de seus integrantes – o que é explicável pelo fato de que um post “se perde” entre tantos outros. Houve um ou outro contato, mas de homens que não eram nem do Rio, nem do Extremo Sul da Bahia.

A saída, então, foi “migrar” para o *Instagram*, rede social voltada para a publicação de fotos e vídeos. Nela, por meio de cards, que foram impulsionados (isto é, “publicados” pela rede social especificamente para públicos e regiões previamente escolhidas, durante períodos de tempo determinados, mediante pagamento), “convidei” homens de meia idade da RMRJ e do ESB a participar.

Antes disso, no fim de agosto de 2021, co-ministrei um minicurso, em formato virtual, intitulado “Masculinidades e bichas velhas”, no 2º Seminário Internacional Gênero, Sexualidades e Educação na Ordem do Dia, promovido pela Faculdade de Formação de Professores (FFP) da UERJ. Ao falar de minha temática de pesquisa,

²⁴ De acordo com Silva (2015), netnografia é “uma forma especializada de etnografia e utiliza comunicações mediadas por computador como fonte de dados para chegar à compreensão e à representação etnográfica de um fenômeno cultural na Internet. Sua abordagem é adaptada para estudar fóruns, grupos de notícias, blogs, redes sociais etc.”. O termo foi originalmente desenvolvido por Robert V. Kozinets, professor de marketing da Universidade Iorque de Toronto.

chamei a atenção de alguns ouvintes, e um deles, do Rio de Janeiro, dispôs-se a ser entrevistado. Como já dito, nessa época eu estava morando no Prado, a quase 1.000 quilômetros de distância.

É importante destacar esse sujeito da pesquisa porque foi um caso bem-sucedido da aplicação da chamada “metodologia bola de neve” (*snowball*) entre os entrevistados para obtenção de dados. Isso porque, além de narrar sua trajetória para esta análise, indicou outros nomes para possível participação.

De acordo com Vinuto (2014), na metodologia bola de neve, inicialmente,

Lança-se mão de documentos e/ou informantes-chaves, nomeados como *sementes* (grifo da autora), a fim de localizar algumas pessoas com o perfil necessário para a pesquisa, dentro da população geral. [...] assim as sementes ajudam o pesquisador a iniciar seus contatos e a tatear o grupo a ser pesquisado. Em seguida, solicita-se que as pessoas indicadas pelas sementes indiquem novos contatos com as características desejadas, a partir de sua própria rede pessoal, e assim sucessivamente (VINUTO, 2014. p. 203)

A autora ressalta, porém, que “eventualmente o quadro de amostragem torna-se saturado, ou seja, não há novos nomes oferecidos ou os nomes encontrados não trazem informações novas ao quadro de análise” (VINUTO, 2014, p. 203).

As dificuldades em encontrar sujeitos dispostos a participar desta pesquisa poderiam me fazer lançar mão continuamente da “bola de neve” para encontrar novos informantes. Entretanto, apesar de sempre pedir indicações de outros nomes aos participantes – em geral, sem muito sucesso –, também optei por limitar a quantidade de indicados por pessoa.

Adotei tal postura como uma tentativa de evitar a concentração de depoimentos em poucas redes de relacionamento, o que poderia reduzir a diversidade de experiências vivenciadas e, talvez, “homogeneizar” os perfis dos entrevistados, o que não era desejado.

Notas sobre a metodologia

Os depoimentos que subsidiam esta pesquisa foram obtidos por meio de entrevistas semi-estruturadas em profundidade.

O roteiro das conversas (ver Anexo) foi elaborado a partir de uma “divisão temporal”: começava com perguntas gerais, com dados e informações mais “objetivas”, do presente dos sujeitos pesquisados; logo depois, as perguntas se voltavam ao passado desses sujeitos, tanto em relação à descoberta e à efetivação de seus desejos homoeróticos como nos possíveis efeitos desse processo nas

relações com a família e amigas na época; por fim, questionava o sentimento sobre o passar do tempo, as possíveis preocupações com o processo de envelhecimento e tentativas de “retardá-lo”, bem como a percepção dos sujeitos sobre mudanças em suas relações homoafetivas e/ou homoeróticas com o avanço de suas idades. A indagação final buscava captar a percepção de cada sujeito sobre se o processo de envelhecimento ocorre da mesma forma para todas as pessoas.

Além do reforço à garantia absoluta de anonimato, com o uso de pseudônimos para identificá-los, o anúncio que precedia as entrevistas reforçou a total autonomia de cada um dos entrevistados no momento da conversa. Cada participante tomou ciência de que poderia não responder a questões que achasse inapropriadas ou que causassem desconforto; de que poderia parar a entrevista a qualquer momento, retomando-a posteriormente ou não; ou mesmo que poderia desistir a qualquer momento de participar. “Quem manda aqui é você” foi a frase repetida para todos os sujeitos, no início, no meio e no fim das conversas. Nenhum deles, contudo, interrompeu as conversas ou desistiu de participar.

Ressalta-se que, com a pandemia e o isolamento social, boa parte das entrevistas foi feita à distância, quase todas elas por meio do *Google Meet*. Com o arrefecimento da Covid e a expansão da cobertura vacinal, outras foram realizadas presencialmente. Uma foi feita pelo chat do aplicativo *Grindr*²⁵.

As entrevistas semi-estruturadas partiram das seguintes questões:

- 1) Localizar os entrevistados nas faixas etárias abordadas pela pesquisa, a saber, homens de meia idade (entre 40 e 60 anos, podendo variar para mais ou para menos, de acordo com a autoclassificação);
- 2) Determinar os perfis socioeconômicos dos entrevistados: onde moram, sua ocupação, sua formação educacional, sua classe social/renda;
- 3) Determinar suas raças/cor da pele, a partir de autodefinição;
- 4) A partir de suas histórias orais – e considerando que apenas vão narrar o que for de seu interesse –, captar em que momento a homossexualidade e/ou as práticas homossexuais se inseriram em suas vidas; como foi lidar com esse momento; e como é hoje ser homossexual e/ou ter práticas

²⁵ Mais explicações sobre este aplicativo e esta entrevista serão dadas no desenvolvimento desta tese.

homossexuais, considerando que nem todos os homens que fazem sexo com outros homens se consideram homossexuais/gays²⁶;

- 5) Verificar se identificam conflitos e/ou discriminações envolvendo os marcadores sociais da diferença abordados na pesquisa. Captar como o fato de serem mais velhos interfere nas relações de sociabilidade e/ou sexuais, e se outras categorias de diferenciação, como raça/cor da pele e classe social, operam neste sentido.
- 6) Verificar preocupações desses homens com o curso da vida e o envelhecimento. Capturar que temores estão envolvidos nesse processo, além de mudanças na aparência física e possível impacto (ou não) em suas relações afetivas e/ou sexuais, por causa da passagem do tempo.

As conversas roteirizadas procuraram estimular os sujeitos participantes a expressarem uma narrativa baseada em marcos temporais e cronológicos, mas também em marcos sociopsicológicos. Entretanto, considerando que relatam o que é de seu interesse, ou aquilo que ficou marcado em suas memórias, os relatos trariam o que Bourdieu (2006) chama de trajetória.

A análise crítica dos processos sociais mal analisados e mal dominados que atuam, sem o conhecimento do pesquisador e com sua cumplicidade, na construção dessa espécie de artefato socialmente irrepreensível que é a “história de vida” e, em particular, no privilégio concedido à sucessão longitudinal dos acontecimentos constitutivos da vida considerada como história em relação ao espaço social no qual eles se realizam não é em si mesma um fim. Ela conduz à noção de trajetória como série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou um mesmo grupo) num espaço que é ele próprio um devir, estando sujeito a incessantes transformações. Tentar compreender uma vida como uma série única e por si suficiente de acontecimentos sucessivos, sem outro vínculo que não a associação a um “sujeito” cuja constância certamente não é senão aquela de um nome próprio, é quase tão absurdo quanto tentar explicar a razão de um trajeto no metrô sem levar em conta a estrutura da rede, isto é, a matriz das relações objetivas entre as diferentes estações (BOURDIEU, 2006, pp. 189-190)

Dessa forma, ao se captar em relatos²⁷ as biografias e trajetórias individuais desses sujeitos, parece importante considerar também as noções de projeto e de campo de possibilidades em Velho (2003).

²⁶ Além da possibilidade de se definirem como bissexuais, como ocorreu com um dos sujeitos desta pesquisa.

²⁷ Utilizando a teoria dos roteiros sexuais de Gagnon (citada na Nota 1), Alves (2009) aponta o relato como a operacionalização/estruturação dos scripts, que são ordenações sequenciais das preferências sexuais e atos organizados pelos atores sociais. E faz uma observação bastante

Beneficiei-me das obras de diversos autores mas principalmente de A. Schutz a influência principal nessa direção. *Projeto*, nos termos deste autor, é a *conduta organizada para atingir finalidades específicas*. Para lidar com o possível viés racionalista, com ênfase na consciência individual, auxilia-nos a noção de *campo de possibilidades* como dimensão sociocultural, espaço para formulação e implementação de *projetos*. Assim, evitando-se um voluntarismo individualista agonístico ou um determinismo sociocultural rígido, as noções de *projeto* e *campo de possibilidades* podem ajudar a análise de trajetórias e biografias enquanto expressão de um quadro sócio-histórico, sem esvaziá-las arbitrariamente de suas peculiaridades e singularidades (VELHO, 2003, p. 40)

A pesquisa etnográfica, seja ela campo físico ou virtual, exige uma observação participante. Afinal,

Há uma série de fenômenos de suma importância que de forma alguma podem ser registrados apenas com o auxílio de questionários ou documentos estatísticos, mas devem ser observados em sua plena realidade. A esses fenômenos podemos dar o nome de *os imponderáveis da vida real*. [...] Entretanto, é preciso que isso não se transforme numa simples anotação superficial de detalhes, como usualmente é feito por observadores comuns, mas seja acompanhado de um esforço para atingir a atitude mental que neles se expressa. (MALINOWSKI, 1978, pp. 29-30).

Pode parecer que, em se tratando de conversas à distância, em ambientes digitais, a observação participante não se efetiva, ou perde força. Entretanto, embora desafiador, é perfeitamente possível estabelecer essa interação, mesmo com a mediação de uma tela de laptop ou celular.

Para isso, é preciso estar bastante atento a expressões faciais, falas, pausas no falar, mudanças no tom de voz. A partir desses e de outros “acontecimentos” que se dão durante a conversa, cabe ao pesquisador a sensibilidade de captar que temas ou situações precisam ser mais ou menos desdobrados – daí a importância de considerar o roteiro de entrevistas uma referência, e não apenas um questionário a ser respondido.

Essa sensibilidade opera também no sentido de saber em que momento é preciso “participar” mais. Se o pesquisar também é relacional, e se estamos estabelecendo diálogos, expor-se como alguém igual, falando também de sua vida, aumenta essa interação com o interlocutor, em tese prejudicada pela distância física.

pertinente ao destacar que “como todo relato, eles são manipuláveis, mas não são ficções” (ALVES, 2009, p. 13). Assim, ainda que no relato o sujeito possa “manipular os eventos (que são elementos do script), reordená-los no tempo, reinterpretando-os, colocando maior ou menor ênfase em alguns e estabelecendo conexões de causa e efeito entre eles” (*Ibid*, p. 13), tal organização se dá para “conferir coerência à trajetória individual” (*Ibid*, p. 13).

Além de um “lugar de fala”: motivações socioantropológicas

Um homem, gay, de meia idade, tratando de homens, gays, de meia idade.

Há quem vá dizer que se trata de algo “natural”, um exercício apropriado, inclusive politicamente, de quem apenas está exercendo seu “lugar de fala”, sua “propriedade”, em abordar um tema no qual está posicionado e que é experienciado por quem está falando.

Há quem vá dizer que nada mais é do que uma “etnografia do umbigo”, um exercício ególatra de “falar de si”, dando a esse falar de si um ar “científico” sem sê-lo, apenas encaixando teorias em suas vivências para justificá-las como “tema de pesquisa”.

É inegável que o fato de ser um homem, gay, de meia idade, coloca-me numa posição aparentemente privilegiada para analisar essa temática. As relações subjetivas que estabeleço no dia a dia com outros homens faz com que eu me aproxime e me afaste do que é ser “maduro”, ser “coroa”, ser “*daddy*”, ser “velho”, ser “conservado”, ser “cacura” – algumas das categorias que modulam meus sujeitos de pesquisa.

Entretanto, também é inegável que as experiências subjetivas de outros homens gays de meia idade são completamente distintas do que é para mim ser (e ser visto) como homem gay de meia idade. Como apropriadamente pontua Henning (2014), é preciso cuidado para “evitar que as noções de envelhecimento, meia idade e velhice sejam lidas, a priori, como universais, e portanto ocorrendo sem variáveis em todos os cantos do globo” (HENNING, 2014, p. 89). Especialmente a partir da “outra realidade” que vivi durante a pandemia, em uma cidade do Extremo Sul da Bahia, longe da capital do estado, uma cidade turística, mas com movimento ínfimo de visitantes quando comparada a Salvador – e ao Rio de Janeiro.

Se o sexo genital, a sexualidade e a meia idade me aproximam de outros sujeitos, variadas categorias sociais de diferenciação nos afastam. Como sujeitos formados na experiência, como aponta Brah (2006), somos diferentes e distintos em diversos aspectos. E são justamente essa diferença e essa distinção que me interessam tratar nesta pesquisa.

São, portanto, a diferença e a distinção estabelecidas na categoria “homem gay de meia idade” que trazem a este trabalho importância socioantropológica. As modulações possíveis (e impossíveis) nessas relações, os deslocamentos de um

mesmo sujeito por várias posições diferentes, os exercícios de poder sendo realizados “conforme cada jogo” pretendem dar a devida relevância científica a esta pesquisa.

Diversos trabalhos etnográficos notadamente reconhecidos partem de um “lugar de fala” de seus pesquisadores, mas se destacam justamente por expandir esse possível “falar de si” por meio de metodologias ricas, farta pesquisa teórica e de dados e a preocupação de estabelecer um certo distanciamento entre sujeito pesquisador e sujeitos pesquisados. Gilberto Velho e Roberto da Mata são exemplos “clássicos” da antropologia urbana brasileira que propuseram observar o “familiar” com certo grau de “exotização” – com todas as possíveis implicações e os devidos cuidados nesse processo. O mesmo se pode falar de etnografias feitas por homossexuais com homens homossexuais, como o já citado trabalho de Néstor Perlongher.

Mesmo reconhecendo que parto de um lugar que me é “familiar”, a proposta desta pesquisa não se resume a esta familiaridade. Utilizei-a apenas como ponto de partida para analisar as complexidades envolvidas nas relações desses homens, seja com outros homens, seja com familiares, seja em suas amizades, seja consigo mesmos. Afinal, este é o grande desafio do fazer etnográfico, e é este desafio que guia meu trabalho.

Para isso, esta tese está dividida em sete capítulos.

O capítulo 1 trata dos desafios de se fazer pesquisas que abordam o sexo. Se o sexo não é tabu na antropologia, torna-se um tema delicado e de intensos debates éticos – contra e a favor – quando o sexo do pesquisador, de alguma forma, atravessa o fazer antropológico. Como tal fazer se desenrola de modo relacional, mesmo quando impõe limites claros entre o “falar de sexo” e o “fazer sexo”, o pesquisador pode se ver em situações complexas – e que podem, inclusive, desdobrar-se em violência.

As principais reflexões teóricas que guiam esta pesquisa são apresentadas no capítulo 2. Detalho a noção de interseccionalidade e as articulações entre marcadores sociais da diferença. Apresento diferenciações entre os tempos cronológico, de passagem do tempo, e kairológico, do cuidado, para tratar da “erotização da velhice”. Embora as relações entre homens mais velhos e mais jovens, inicialmente previstas para esta pesquisa, tenham deixado de fazer parte do escopo deste trabalho, discorro brevemente sobre a noção de geração e suas implicações. Proponho um debate sobre masculinidades, pontuando como a representação de gênero se articula com a homossexualidade. Também aprofundo a noção de liminaridade, de Turner, para analisar o que seria a meia idade, um “entre lugar” onde não se é nem novo, nem

velho. Quanto ao envelhecimento, analiso-o sob a perspectiva de “poluição” em Mary Douglas.

O capítulo 3 inaugura, de fato, os dados desta pesquisa. Nele, são detalhados dados sociodemográficos e econômicos da Região Metropolitana do Rio de Janeiro (RMRJ) e do Extremo Sul da Bahia (ESB), de forma a localizar essas áreas tanto regional quanto nacionalmente – e sobretudo expor suas diferenças e similaridades. Também aqui apresento os sujeitos participantes desta pesquisa, mostrando informações gerais, pontuadas por categorias sociais de diferenciação, e alguns detalhes sobre seus perfis, a partir dos contatos feitos para nossas conversas.

A partir deste ponto, os capítulos “subvertem” a ordem cronológica que orientou o roteiro das entrevistas. Vale lembrar que esse roteiro foi configurado para inicialmente tratar do presente (quem são esses sujeitos “hoje”, ou melhor, no momento de nossas conversas), passado (a descoberta de sua sexualidade e as implicações dessa descoberta em suas relações) e futuro (a percepção da passagem do tempo e sentimentos e ações em relação ao envelhecimento). A inversão se dá numa tentativa de retorno aos ciclos de vida comuns na produção de memória da pessoa que está envelhecendo, que se remete a juventude e infância.

Assim, o capítulo 4 trata do “amanhã” – ou melhor, do envelhecer – embora, como se verá, este já esteja presente no “hoje” de boa parte desses sujeitos. Nele detalho seus sentimentos em relação à passagem do tempo, suas ações (ou não) no cuidado de si e se tentam, de alguma forma, “empurrar” o envelhecimento. Também mostro como – e se – perceberam que envelheceram. E se têm medo de envelhecer. A partir de suas percepções, mostro também similaridades e diferenças, e como alguns marcadores sociais da diferença parecem influenciar esses sentimentos.

O capítulo 5 traz o presente. Mais especificamente, as sociabilidades desses sujeitos, sobretudo nas interações afetivas e/ou sexuais. Tal capítulo traz uma visão particular, sobretudo porque tais relações foram profundamente impactadas pela Covid-19. Assim, tenta-se mostrar como essas relações aconteciam antes da pandemia, e se mudaram depois dela. Considera também peculiaridades dessas interações de acordo com o status de relacionamento dos sujeitos – solteiros, casados, namorando, etc..

O capítulo 6 desdobra “presente” e “passado” sob a noção de masculinidade(s). Parte de uma abordagem do desejo físico/sexual e do auto-reconhecimento sobre ser ou não ser masculino. A partir dessas visões e sensações, discorro sobre a construção

de uma masculinidade baseada em uma perspectiva heterossexista, que, em muitas situações, se dá pela homoafetividade, mas também pela violência.

O capítulo 7 busca o “passado” desses sujeitos, e como o que passou ficou no seu “presente”. Começa-se com o momento da vida em que ocorreu a percepção dos desejos homossexuais/homoeróticos e como isso foi encarado/vivenciado por eles. Continua em como essa descoberta afetou suas relações com a família ou foi afetada por pressões familiares – e também como a família pode ser o “local” do exercício dessa homossexualidade. Pontua o papel da religião como tentativa de sublimar seus desejos homoeróticos ou mesmo se “livrar” do “pecado” da homossexualidade. E lista experiências sexuais ocorridas na infância e/ou adolescência que hoje são vistas como violentas ou desrespeitosas, mas que, à época, podem ter sido consideradas “brincadeiras” ou mesmo a realização de seus desejos.

Por fim, vem as “Conclusões inquietantes”. Elas marcam o epílogo desta pesquisa, que, embora busque respostas, tem também como propósito propor ainda mais perguntas. Afinal, este trabalho se trata de uma visão particular e contextual, um “retrato” relacional e situacional, que pode ser “retocado” sob outras perspectivas.

1 FALAR DE SEXO, FAZER SEXO: O SEXO E A (NA) PESQUISA

“Sexo é sempre sobre ‘sexo’?”. A pergunta de Goldstein (1991) está na epígrafe da introdução de *“Taboo: sex, identity and erotic subjectivity in anthropological fieldwork”*, editado por Don Kulick e Margaret Willson e publicado pela primeira vez em 1995. O livro reúne artigos de antropólogos/os que narram – e refletem sobre – experiências envolvendo desejo, relações eróticas e sexuais com membros das comunidades onde fizeram seus trabalhos de campo.

Segundo Kulick (1995), a publicação foi motivada por dois eventos: a publicação, em 1967, do diário de campo de Bronislaw Malinowski – que trouxe passagens, digamos, “sórdidas” do “pai da antropologia” –; e a virada reflexiva na disciplina, a partir da década de 1980, que, resumidamente, traz para o centro do debate o/a pesquisador/a – o que ele/a faz em campo e, sobretudo, onde ele/a está posicionado/a em sua pesquisa.

O sexo sempre foi um tema para a antropologia. Não é algo novo, nem um tabu, menciona Kulick (1995). Contudo, ele lembra que o olhar etnográfico se dava sempre sobre o sexo “dos outros” – sobretudo de culturas não-ocidentais. O próprio Malinowski tem, como um de seus maiores trabalhos etnográficos, a obra “A vida sexual dos selvagens”. O “olhar para o próprio sexo” – ou situar o próprio sexo nas pesquisas –, contudo, era evitado.

Assim,

Ao longo de todas as décadas de preocupação com a vida sexual dos outros, os antropólogos permaneceram muito calados sobre sua própria sexualidade. Um dos principais motivos dessa reticência, é claro, tem a ver com a forma como a antropologia se constituiu como uma ciência dedicada ao registro e à análise objetiva dos hábitos e costumes de outras pessoas. [...] Outras razões para a ausência de relatos da subjetividade erótica e das experiências dos antropólogos são o desdém disciplinar concomitante por narrativas pessoais (que, como Pratt (1986: 31) observou, 'são muitas vezes consideradas autoindulgentes, triviais ou heréticas'), e tabus culturais mais gerais sobre discutir sexo – nosso próprio sexo, de qualquer maneira. Mas há mais do que isso: se a ausência de relatos sobre a sexualidade dos antropólogos no campo fosse simplesmente um corolário de mitos de objetividade, práticas textuais modernistas e puritanismo protestante, então, seria de se esperar que a onda revisionista da reflexividade “lavasse” pelo menos alguns tratamentos sérios do tópico até agora, heréticos ou não. Isso, infelizmente, não aconteceu²⁸. (KULICK, 1995, pp. 3-4)

²⁸ Livre tradução de: “Throughout all the decades of concern with the sex lives of others, anthropologists have remained very tight-lipped about their own sexuality. A main reason for this

Há décadas a antropologia entrou no campo do “familiar” – ou seja, estudando grupos e comunidades inseridos nas sociedades ocidentais. Em vez do “exotismo” de civilizações longínquas, o/a antropólogo/a passou a buscar entender nuances de sua própria sociedade. E, nesse encontro com o que está próximo, passou a encontrar também a si mesmo – incluindo nos estudos sobre sexo.

Entretanto, pesquisas que, em maior ou menor grau, envolvem sexualidades e/ou práticas sexuais continuam despertando dúvidas e questionamentos. Por mais que os antes “objetos” de estudo tenham se transformado em “sujeitos”, participando do fazer antropológico, as relações entre pesquisador/a e pesquisados/as permanecem sob um aparente estado de vigilância quando o sexo pode estar presente.

Não se trata apenas de um possível olhar crítico de outros/as pesquisadores/as que leiam tais trabalhos e coloquem questões éticas na mesa. Envolve ainda decisões pessoais, de quem está pesquisando, de estabelecer (ou não) limites do que considera ético e/ou razoável para que suas relações em campo não enviem os resultados que busca em suas interações.

Esta pesquisa “pergunta” sobre sexo. E sexo entre homens. Segundo Braz (2010), esta última característica é ainda mais relevante, quando se trata da reflexividade sobre o sexo no fazer antropológico. Ele cita Leap e Lewin, que organizaram uma coletânea de artigos sobre experiências de campo de gays e lésbicas.

Segundo Leap e Lewin, [...] o estudo da homossexualidade aciona uma série de suspeitas (Leap e Lewin, 1996). A primeira delas diz respeito à sexualidade do/a pesquisador/a. A segunda, quanto à possibilidade de objetividade e distanciamento etnográficos nos chamados estudos gays e lésbicos, o mesmo tipo de críticas dirigidas às acadêmicas feministas, ainda nos anos 1970. (BRAZ, 2010, pp. 40-41)

reticence, of course, has to do with the way that anthropology was constituted as a science dedicated to the objective recording and analysis of the habits and customs of other people. [...] Other reasons for the absence of accounts of the erotic subjectivity and experiences of anthropologists are the concomitant disciplinary disdain for personal narratives (which, as Pratt (1986: 31) has noted, 'are often deemed self-indulgent, trivial, or heretical'), and more general cultural taboos about discussing sex - our own sex, anyway. But there is more to it even than this, for if the absence of accounts of the sexuality of anthropologists in the field was simply a corollary of myths of objectivity, modernist textual practices, and Protestant prudery, then one would have expected the revisionist wave of reflexivity to have washed up at least a couple of serious treatments of the topic by now, heretical or no. This, unfortunately, and very pointedly, has not happened."

Entretanto, este estudo não fala apenas de sexo. É apenas um dos temas que permearam a busca do entendimento desses homens de meia idade sobre o processo de envelhecimento. Contudo, conhecer um pouco da sexualidade desses sujeitos era um elemento importante para tentar compreender a percepção desses sujeitos.

Entre as variadas questões que buscávamos conhecer dos sujeitos participantes, como apresentado no roteiro que embasou as conversas (Anexo), estavam: a história da descoberta de seus desejos por outros homens; suas preferências nas práticas sexuais (ativo, passivo, versátil); e como agiam para ter relações afetivas e/ou eróticas com homens.

A princípio, são perguntas objetivas. Não dariam margem para qualquer possibilidade de “cantadas”, assédio ou mesmo encontros sexuais entre pesquisador e pesquisado. Sobretudo em se considerando que, com a covid-19, as interações corporais/físicas se tornaram bastante limitadas – diferente da proposta inicial de pesquisa, de frequentar espaços de sociabilização de homens de meia idade na Região Metropolitana do Rio de Janeiro (RMRJ).

Contudo, até chegar às conversas com os sujeitos deste estudo, desenvolvemos algumas estratégias para convidá-los para a participação. E é justamente algumas delas – e seus efeitos “sexuais” além da aceitação de uma conversa com o pesquisador – que vamos tratar a seguir.

1.1 “Você fala de sexo, mas pratica sexo também?”

As redes sociais, que já seriam utilizadas mesmo antes da pandemia, foram muito mais importantes para obter participantes para esta pesquisa. Contudo, por suas características próprias, cada rede foi acionada de forma diferente – embora o texto de convite fosse basicamente o mesmo.

No *Instagram*, que substituiu o *Facebook* na busca por sujeitos, criamos *cards* com o formato ideal para postagem nessa rede. Neles, convidava homens que fazem sexo com outros homens, do Rio de Janeiro e região metropolitana e do Extremo Sul da Bahia, a conversarem comigo.

Lancei mão de fotos minhas nesses *cards*. Em um deles, estava de sunga de praia – inegável que se tratou de uma estratégia de usar o meu corpo para chamar atenção, sobretudo em uma rede social em que o foco é a imagem –; em outro, exibia

meu rosto, praticamente como um retrato 3x4. Inicialmente, o *Instagram* não permitiu que publicasse tais cards – talvez porque o “inteligentíssimo” algoritmo avaliasse como propaganda. Assim, o primeiro post foi apenas com uma foto minha, de sunga de praia (e não um *card*, com destaques textuais e uma foto), e texto explicativo, fazendo o convite.

Para que não ocorresse a mesma frustração do *Facebook* (onde meus posts não atraíram interesse, mesmo em comunidades específicas de homens de meia idade), usei uma ferramenta comercial do *Instagram*: o impulsionamento pago de posts. O objetivo era aumentar a visibilidade entre usuários específicos da rede social – homens das duas regiões pesquisadas, interessados em temáticas LGBTQIA+, com idades entre 35 e 65 anos. Os valores de cada impulsionamento variaram entre R\$ 42 e R\$ 90, por períodos de 15 a 30 dias.

O impulsionamento gerou retornos, tanto no Rio e região metropolitana como no extremo sul baiano. Alguns sujeitos responderam nas próprias postagens, mostrando interesse pela pesquisa e em participar. Outros entraram em contato por mensagem direta (*direct*) com o mesmo objetivo.

Mas, houve também situações de elogios ao meu aspecto físico; cantadas sutis; e mesmo propostas explícitas para sexo – efeito provável, já que a imagem expunha meu corpo em traje de banho. Essas foram feitas em geral por mensagem direta – ou seja, não eram vistas pelas demais pessoas.

Outra estratégia definida desde o início da pesquisa – portanto, antes da pandemia – foi o acionamento de aplicativos para celular que têm como finalidade promover encontros entre homens com práticas homossexuais – *Grindr* e *Scruff*²⁹. Com o forçado isolamento social, essas ferramentas pareciam ainda mais relevantes na busca por sujeitos. Das duas, o *Grindr* foi o único a render retorno nessa busca.

Embora, em suas definições, tais *apps* não utilizem os termos “sexo” ou “sexual/sexuais” para se definirem como redes de encontros, seus usos se dão majoritariamente para facilitar o contato sexual entre homens que neles se cadastram. Além disso, os perfis se apresentam a partir de georreferenciamento, mostrando usuários mais próximos do local onde se acessa. Assim, pude utilizá-los tanto no Rio quanto no Extremo Sul da Bahia, ou em outros lugares por onde passasse, e assim contactar (e ser contactado) por quem estivesse no entorno no momento do acesso.

²⁹ Mais detalhes sobre esses aplicativos serão expostos no capítulo 5.

O fato de serem apps de “pegação”, voltados para encontros que, quando se efetivam, na maior parte das vezes são para sexo rápido e sem compromisso, poderia gerar um dilema ético. Em suma: seria justificável usar um ambiente majoritariamente procurado por quem busca sexo para buscar sujeitos dispostos a falar sobre suas vidas e experiências, inclusive sexuais?

Outra dúvida dizia respeito à exposição do meu corpo, inclusive no Instagram. Afinal, utilizei, tanto em alguns cards como na imagem de capa de meu perfil no Grindr, foto de corpo inteiro, na qual estava apenas de sunga de praia. Mas, em se tratando de redes sociais que valorizam o hedonismo imagético, minha exposição corporal rendeu bons retornos.

O problema, porém, é que houve outro efeito: muito mais cantadas e propostas sexuais do que interesse em conversar. Mesmo com o texto de apresentação sendo objetivo, com meu nome, o fato de eu ser doutorando e estar em busca de homens para conversar sobre sexualidade e envelhecimento. O clichê de que “uma imagem vale mais que mil palavras” prevaleceu.

Ao reclamar dessa frustração com amigos – uma mulher jovem, engenheira, de 27 anos, e um homem jovem, em torno de 35 anos, professor universitário, ambos morando no Prado –, ela e ele deram como diagnóstico a imagem que eu reproduzia nessas redes. Para ambos, a minha exposição corporal “excessiva” provocava muito mais um desejo por mim do que de participar da pesquisa. Mesmo com toda a explicação textual que acompanhava as fotos.

Assim, decidi “deserotizar” minha exibição. Passei a exibir fotos apenas de rosto, ou em plano médio, mas sempre com camisa/camiseta.

No *Grindr*, mesmo com imagem “deserotizada” e o texto de apresentação bastante direto, foi frequente o assédio para fins sexuais. Ou seja, estando seminu ou vestido, quem acessa esse app não costuma ler a mensagem do perfil. Não importa o que está escrito: gostou da imagem, é mensagem ou tap – espécie de “cutucada” virtual, algo como “gostei”, recurso usado em outras redes sociais.

Resolvi esboçar uma “estatística” sobre essa característica “não leio, só olho”. Entre 29 de janeiro e 6 de fevereiro de 2022, estive em Salvador, capital da Bahia, a passeio. Lá, acionei o *Grindr*, o que me fez ser localizado na cidade pelo georreferenciamento.

Com foto “deserotizada” e texto objetivo, convidando para a participação na pesquisa, recebi um total de 34 mensagens e 38 taps – alguns deles se converteram em mensagens, ou seja, quem “gostou” decidiu puxar conversa.

Das mensagens recebidas, apenas três mencionaram a pesquisa. Um sujeito de 42 anos (segundo seu perfil no *Grindr*) se ofereceu para participar. Outro, de 37, também se interessou pelo tema, mas se autoexcluiu por “não estar na faixa etária pretendida”. E um terceiro, paulista de 27 anos, que, assim como eu, também estava a passeio em Salvador, elogiou o tema e quis saber mais, mesmo sabendo que não seria um informante.

As demais 31 mensagens tinham outros objetivos que não os buscados em minha apresentação. Desde interesse em minha relação particular – sou casado, e isso está descrito no meu perfil no *Grindr* –, passando pela oferta de serviços por um garoto de programa, até as clássicas cantadas elogiosas ou convites bem explícitos para transas – incluindo o envio de fotos eróticas, os populares nudes.

Tal situação, porém, não era problema para desenvolver a pesquisa. O filtro era simples: bastava eu não responder as mensagens que não abordavam a minha procura por sujeitos para entrevistas. Em última instância, se houvesse insistência, seria possível bloquear esses contatos – o que não fiz, por não ter sido necessário.

Uma característica aparente dos usuários do *Grindr* é que, na busca por encontros, manda-se mensagens para homens diferentes. O foco, portanto, é em quem dá retorno. Quem não dá – era o meu caso – é rapidamente esquecido.

Contudo, o que eu não imaginara – talvez de forma inocente – era a possibilidade de alguém utilizar o interesse pela pesquisa e a disponibilidade em colaborar, narrando sua trajetória, como uma “moeda de troca”. Não se trata propriamente de uma troca, mas sim de um “complemento” à participação: “posso colaborar com sua pesquisa, mas você transa também?”.

Estive no Rio de Janeiro em dezembro de 2021, para as festas de fim de ano, e acionei o *Grindr*. Um usuário do aplicativo entrou em contato, dizendo ter lido meu perfil e gostado. Mandou duas fotos, em plano médio, de camisa. Agradei seu interesse e perguntei se ele topava conversar, e respondeu positivamente. Para agilizar o contato e a entrevista, passei meu *WhatsApp*.

Ele me contactou prontamente. Como sempre fazia, passei o link do meu currículo Lattes, para mostrar minha trajetória acadêmica. Ele disse que “estava

curioso”, e me coloquei à disposição para esclarecer todas as suas dúvidas antes de nossa conversa.

Então, ele me perguntou se era um estudo que eu estava fazendo. “Eu fiquei curioso... fala sobre sexo e, ao mesmo tempo, pratica, não é isso? Fala, debate sobre experiências, sobre sexo, e ao mesmo tempo pratica também, não é isso?”

Expliquei a ele detalhadamente o que estava pesquisando. Ressaltei que estava no aplicativo para encontrar homens que pudessem conversar comigo sobre homoerotismo e envelhecimento. Reforcei que a minha pesquisa não envolvia fazer sexo, mas sim conversar. E que não estava “trocando” entrevistas por sexo.

Simultaneamente, expliquei que nada me impedia de me tornar amigo dos sujeitos com quem conversei, ou até mesmo fazer sexo com eles. Mas que, se isso ocorresse, seria algo totalmente desvinculado do meu estudo.

Após essas explicações, ele não me deu mais retorno.

1.2 Tensões eróticas: sensações similares, respostas diferenciadas

Embora tenha sido “apenas” uma pergunta, a situação se assemelha à experiência vivida por Henning (2014) em sua pesquisa com homens de meia idade com práticas homoeróticas na cidade de São Paulo. Ele conta que, por mais que se apresentasse como pesquisador e deixasse claro quais eram seus objetivos, parecia haver, em algumas situações, uma expectativa de que “algo mais” pudesse ocorrer.

Uma das ferramentas utilizadas por Henning para encontrar sujeitos foi o *Manhunt*, que ele define como um “site de interações sociais na internet voltado, entre outras questões, à possibilidade de encontros erótico-sexuais entre homens, tendo abrangência internacional” (HENNING, 2014, p. 27). Assim, ele conta que:

Um elemento que parece também ter propiciado um relativo sucesso no número e na qualidade dos contatos através do Manhunt e posteriormente nos comunicadores instantâneos, era o fato de que, mesmo me apresentando como pesquisador e explicando minha pesquisa, prosseguia a dúvida nos contatos de que de fato se tratava “apenas” de uma pesquisa. Portanto, o prosseguimento e sucessão de conversas por vezes era alimentado, mesmo sem o meu incentivo, pela possibilidade de que talvez tais conversas também viessem a se converter em encontros sexuais. (HENNING, 2014, p. 65)

Henning (2014) nomeia tais momentos como “tensões eróticas” na relação entre pesquisador e informante. E conta que tais situações foram relativamente comuns, mas que soube compreendê-las e manejá-las, mesmo quando havia interesse mútuo:

Nos poucos momentos em que fui diretamente interpelado, reafirmei a inviabilidade de relações erótico-afetivas em campo devido, entre outras questões, às implicações éticas que seriam acarretadas à pesquisa, considerando, sobretudo, minha posição de pesquisador. (*Ibid.*, pp. 65-66)

Henning reforça, contudo, que não se envolver afetiva e/ou sexualmente no campo não se trata de um ponto pacífico, ou mesmo de uma “interdição ética universal” no campo antropológico. Como exemplo, ele cita a antropóloga Gloria Wecker, que “desenvolve em sua etnografia sobre a relação afetiva e erótico-sexual que ela estabeleceu, durante sua pesquisa de campo, com uma de suas ‘informantes privilegiadas’, uma senhora de 84 anos de idade” (*op. cit.*, p. 65).

Outro exemplo de tensão erótica foi vivido por Braz (2010), em sua etnografia em clubes de sexo masculinos também na cidade de São Paulo. Antes de ir a campo – um dos ambientes escolhidos para o trabalho eram saunas –, Braz utilizou redes sociais para “se situar” nos espaços, e também em busca de frequentadores. E já nessa etapa de sua pesquisa,

Muitas das conversas estabelecidas pela internet estiveram o tempo inteiro permeadas pelo flerte, pelas cantadas, pelas avaliações do meu avatar [...]. Certas expectativas e percepções que associam o uso da rede à busca de parceiros sexuais, ou ao chamado sexo virtual, eram colocadas já no início de muitas das conversas. [...] Muitos entrevistados questionavam durante a conversa desde minhas preferências erótico-sexuais até meu estado civil. (BRAZ, 2010, pp. 35-36)

Diante da curiosidade não apenas de seus sujeitos de pesquisa, mas mesmo de amigos/as e colegas de disciplina, sobre seu “real interesse” em pesquisar clubes de sexo para homens, Braz (2010) avalia que:

A busca por colaboradores para conversas e entrevistas demandou minha inserção em situações permeadas pelo desejo. Foi uma pesquisa realizada em meio a cantadas e flertes, tanto nas conversas por internet quanto nos clubes. Além disso, os questionamentos acerca de meu real interesse por esse campo apontavam para algumas discussões acerca das implicações da realização de etnografias em contextos eróticos. (*Ibid.*, p. 39)

Nesse sentido, Braz menciona *Taboo*, de Kulick e Willson, como uma referência no debate. E um dos autores da coletânea é o antropólogo Ralph Bolton, que, entre diversas pesquisas, estudou as respostas sociais e culturas à epidemia de AIDS na Bélgica, em meados dos anos 1980.

Bolton (1995) traz uma outra perspectiva sobre o sexo e/na pesquisa. Ele explica parte de sua rotina etnográfica em Bruxelas, a capital belga:

Na maioria das vezes, eu frequentava locais gays, observando e envolvendo os homens que frequentavam esses lugares em conversas sobre suas vidas. [...] Meu modus operandi era passar a noite (muitas vezes até o amanhecer) nos bares e discotecas conversando com as pessoas. Às vezes, quando "tinha sorte", passava o resto da noite na cama com alguém. No dia seguinte, eu dormia até tarde da manhã, então levantava para escrever notas de campo por várias horas sobre a noite anterior³⁰. (BOLTON, 1995, p. 147)

Para o antropólogo, “o sexo é o domínio mais proeminente e simbolicamente significativo na cultura gay. O desejo erótico entre pessoas do mesmo sexo é o que sustenta a identidade e a comunidade gay^{31,32}” (*Ibid.*, p. 142).

E por definir o exercício da antropologia como uma atividade *full-time*, e não um trabalho com horário definido, Bolton diz que “não consegue imaginar fazer trabalho de campo sem sexo, talvez por um sentimento de que a vida é muito curta e é preciso aproveitá-la enquanto se pode” (*Ibid.*, p. 149).

Nessa mesma sentença, Bolton completa: “Não ficamos mais jovens³³”.

³⁰ Livre tradução de: “*Mostly, however, I hung out in gay venues, observing and engaging the men who frequented these places in conversations about their lives. [...] My modus operandi was to spend the evening (many times until dawn) in the bars and discos talking to people. Sometimes, when I ‘got lucky’, I would spend the remainder of the night in bed with someone. The next day I would sleep until late morning, then get up to write fieldnotes for several hours about the previous evening*”.

³¹ Não é a discussão central desta pesquisa, mas, é preciso mencionar que imaginar uma “identidade gay” é algo bastante problemático, ou falho. Friso isso não apenas pela análise de Bolton, mas até pelas falas de alguns sujeitos deste estudo, que, durante nossas conversas, mencionavam situações particulares e diziam que eram vivências comuns a todos os gays. O que, sabe-se, não é procedente. Assim, a ideia de “identidade gay” sugere um grupo universal e monolítico que, na vida real, não existe.

Propor que o desejo erótico/sexual sustenta a “identidade” e a “comunidade” gay cai no mesmo erro de universalização. Além disso, naturaliza esse desejo “exacerbado”, tratando-o como algo típico da homossexualidade masculina. Ignora, assim, que o estímulo a “realizar desejos eróticos” parece se dar na construção da masculinidade, do “macho” – seja ele hetero ou homossexual. Portanto, não é uma “característica” ligada à sexualidade, mas à construção social dos gêneros.

³² Livre tradução de: “*Sex is the most prominent and symbolically significant domain in gay culture. Same-sex erotic desire is what undergirds gay identity and community*”.

³³ Livre tradução para: “*I cannot imagine doing fieldwork without sex, perhaps from a feeling that life is too short and one can must enjoy it while one can. We don’t get younger*”.

1.3 “Posso ver uma foto do seu pau?”: (con)cessões

O que fazer com o (próprio) sexo no campo parece, portanto, estar numa espécie de balança cujos pesos são colocados por quem está fazendo a pesquisa. Ou seja, o impasse é entender em que medida a efetivação de desejo erótico-sexual pode comprometer o que se busca estudar – ou se está sendo usado para obter o que se busca estudar.

No desenvolvimento desta pesquisa, houve um único momento no qual houve o que chamaria de “concessões eróticas”. O fato ocorreu durante a conversa com Alexandre, um dos participantes deste estudo. A entrevista foi feita no próprio *Grindr*, por razões que serão explicadas no capítulo 3, no qual apresento os sujeitos participantes.

Embora, como se verá, Alexandre tenha demonstrado bastante interesse na temática – inclusive como uma possibilidade de “desabafar” sobre sua história e experiências homoeróticas –, eventualmente, durante nossa conversa, ele fazia insinuações sexuais. Parecia evidente sua vontade de “juntar a fome com a vontade de comer”: colaborar com o pesquisador era uma forma de falar de temas sobre os quais não tinha com quem falar; e, além disso, “cantar” o pesquisador poderia render um encontro sexual. Afinal, “ceder” tanto tempo a mim para a pesquisa, justamente num momento em que ele estava à procura de um possível parceiro sexual – algo difícil de ocorrer, devido à sua vida pessoal –, poderia me “cativar” a ceder a seus apelos.

Assim, em determinado momento da conversa, travamos o seguinte diálogo:

- *Posso perguntar? – ele disse.*
- *Claro! O q você quer saber?*
- *Se você teria coragem de ficar comigo. Um prazer extra.*
- Respirei. E respondi:*
- *Não vi você, seu rosto, seu corpo. Não é questão de “coragem”, pra isso eu também precisaria te ver, hehehehehehe!*
- *Eu converso com vários mas não saio com nenhum*
- À minha questão, ele respondeu “eu sei”. E mandou uma foto temporária³⁴ de rosto.*
- Respirei. Respondi:*

³⁴ O chat do *Grindr* e também as mensagens diretas (*direct*) do *Instagram* disponibilizam um recurso de exibição temporária de uma imagem. Assim, quando o usuário envia a foto com esse recurso ativado, a imagem é exibida apenas uma única vez, durante um curtíssimo período de tempo. Portanto, a foto não fica disponível para novas visualizações – ou mesmo para serem copiadas e salvas no dispositivo eletrônico onde esses aplicativos foram acessados.

- *Posso deixar pra ter ver daqui a pouco? Pode ser? É porque nosso papo tá tão legal que não queria desviar dele agora. Você ficaria chateado?*
- Mas acabei abrindo a foto de imediato:*
- *Não aguentei minha curiosidade, hehehehehehe! Você é bem bonitão!*
- *Obrigado.*
- *Sim, acho que ficaria com você. Faz meu tipo.*
- Ele pediu uma foto minha. Mandeí. De sunga de praia. Ele, então, respondeu:*
- *Pelo menos um sexo oral. Gostei. Mas você é profissional. Você é ativo ou passivo?*
- *Isso tá no meu perfil... achei que você tinha lido – respondi.*
- *Está versátil. Mas tudo bem. Isso não vem ao caso.*
- *Sim, sou profissional. Mas não profissional do sexo, hehehehehehe!*

Após isso, enviei áudios esclarecendo o que sempre esclarecia: que estava no *Grindr* para a pesquisa; que não estava impedido de me tornar amigo das pessoas que entrevisto, tenha conhecido elas via *Grindr*, ou *Instagram*, ou por indicação; e que nada me impedia de transar com essas pessoas. Mas que eu não misturava as coisas. “Eu posso conhecer alguém, entrevistar essa pessoa, desenvolver um desejo e eventualmente transar com ela. Mas uma coisa não está relacionada à outra”, reforcei.

Contei a ele sobre o assédio pelo qual passei (que será tratado a seguir), como forma de explicar o que estava dizendo. E reforcei que precisava esclarecer pelas situações constrangedoras, e que não queria causar constrangimento nem a ele e muito menos a mim. E o deixei à vontade, se queria continuar conversando sobre a pesquisa para depois, eventualmente, voltar a falar sobre sexo.

“Fica tranquilo, eu só perguntei por perguntar. Eu sou um cara tranquilo, sou de boa, um cara super, super tranquilo. Eu não tenho pressa, eu não tô afoito pra esse tipo de coisa. Se rolar, rolou, se não rolar tá tudo certo”, disse ele, em áudio. E depois completou, por escrito: “e vc pode continuar perguntando”.

Nossa conversa continuou como planejado, tratando das questões da pesquisa. Contudo, algum tempo depois, ao ser perguntado sobre impotência – e sobre o fato de que, ao se dizer versátil, isso “facilitava” manter relações sexuais, já que podia atuar como passivo, em caso de falha na ereção –, Alexandre disse: “pois é. Eu gosto de dar. Aliás, eu posso ver uma foto do seu pau? Se não for pedir muito”.

Não questionei o pedido. Enviei a foto, também em modo temporário. E imediatamente perguntei para ele como via o processo de envelhecer, retomando, assim, a temática. A partir desse momento, Alexandre não fez mais pedidos do tipo, nem perguntas ou propostas com “segundas intenções”.

Poderia-se questionar se foi suficientemente ético informar que não trocava pesquisa por sexo, mas que nada me impedia de “fazer sexo” com a pessoa após a

pesquisa, como se fosse uma “promessa futura”. Poderia-se arguir se o fato de ter enviado uma foto íntima a Alexandre não foi eticamente errado, comprometendo nossa conversa.

Vale ressaltar, porém, que o ambiente no qual tais situações ocorreram eram controlados, e, portanto, nada aconteceria fora do *script* determinado para a pesquisa. Fazer sexo não era condição *sine qua non* para falar sobre (algum) sexo – afinal, o estudo é sobre envelhecimento, o sexo tangencia esse processo. E, como explicado, tais interações ocorreram à distância, virtualmente, impedindo, assim, qualquer tentativa do entrevistado de ir além de palavras – faladas ou escritas.

Situação diferente viveu Mugabe (2015) em sua pesquisa com sujeitos LGBT na cidade de Maputo, capital de Moçambique. Na ocasião, ele desenvolveu seu estudo com interações em campos físicos, mantendo contato direto com seus sujeitos de pesquisa.

Além de facilitar o assédio, o contato físico com esses sujeitos aumentou o constrangimento de Mugabe pelo fato de ele ser heterossexual. Mesmo explicitando tal fato, ele passou por questionamentos quanto à sua orientação sexual, tanto de homens gays como de mulheres lésbicas e também de mulheres trans.

Ele menciona um episódio num local de lazer LGBT na cidade de Matola, vizinha a Maputo. Em um noite, uma amiga disse que havia um homem interessado nele e que ela o ajudaria a “ficar” com tal homem. Mugabe conheceu o rapaz e explicou que seu interesse era em encontrar colaboradores para sua pesquisa. O homem, porém, não apenas perguntou se ele não teria um desejo “oculto” em fazer sexo com outros homens, como, ao se despedir, pediu um “beijo de despedida”.

Mesmo frisando novamente que era heterossexual, o homem insistiu, e foi apoiado tanto pela amiga de Mugabe quanto por duas outras mulheres, que estavam no carro do “flertador”. A pressão se manteve. Ele, então, encontra uma solução:

Voltei para o carro, inspirei profundamente e disse que era discreto e tímido, por isso, me sentia desconfortável em beijar na presença de outras pessoas, porque beijo é algo de fórum privado. Mendes [o “flertador”] e as duas jovens [que estavam com ele] reclamam, mas acabaram entendendo-me (MUGABE, 2015, p. 91)

Com o arrefecimento da pandemia, pude viver, ainda que poucas vezes, interações pessoais com pretendentes à participação e colaboradores desta pesquisa.

Em uma ocasião, vivenciei algo similar à experiência de Mugabe. Entretanto, mais do que uma “pressão”, o que ocorreu foi bem mais contundente.

1.4 Abuso e culpa: quando o pesquisador se torna “objeto”

O episódio ocorreu em meados de outubro de 2021, no Extremo Sul da Bahia. Mas somente em fevereiro de 2022 consegui transpô-lo para o papel. Acredito que a nota de campo é suficientemente detalhada para mostrar como pesquisas sobre sexo – mesmo quando este não é o tema principal – podem envolver riscos não mensurados inicialmente e que fogem ao controle:

Foi a segunda vez, desde o início da pandemia, em que me encontrei pessoalmente com alguém para conversar para a pesquisa. A primeira foi em setembro de 2021, na qual fiz uma entrevista em Prado, com um conhecido de um amigo que concordou em participar.

Um cara puxou papo via *Grindr* em 15 de outubro (uma sexta-feira). Pela foto que exibia no aplicativo, tinha aparência física entre 50 e 60 anos. Ele disse que gostou da proposta e que se encaixava no perfil de sujeitos que eu buscava para a pesquisa. E morava em uma cidade vizinha, Alcobaça, a cerca de 20 quilômetros do centro do Prado. É também uma cidade litorânea, que atrai turistas para suas praias.

Como fazia com todos que demonstravam interesse pela pesquisa, agradei. Expliquei rapidamente que se tratava de uma entrevista, uma conversa, e que poderia fazer online, via *Meet*, ou presencialmente, pois já tinha tomado duas doses da vacina contra a Covid-19, e as medidas restritivas de circulação e contato já estavam bastante flexibilizadas. E como ele gerenciava um serviço em Alcobaça, poderia ir encontrá-lo, para não atrapalhar sua rotina.

Passei meu contato de *WhatsApp*, e ele prontamente respondeu. Novamente me prontifiquei a ir a Alcobaça, até mesmo sem o objetivo de fazer a entrevista no dia em que fosse, mas apenas para que nos conhecêssemos e ele visse que eu “existia” e era “de verdade”. Afinal, poderíamos nos conhecer pessoalmente e conversar depois, virtualmente ou por telefone.

Ele disse que sua atividade era flexível e que teria tempo para me encontrar. Bastava, portanto, que marcássemos dia e horário. E se colocou à disposição.

Como de praxe, enviei o link do meu currículo Lattes, para mostrar minha trajetória acadêmica. E disse que iria contactá-lo, para marcarmos nosso encontro.

No dia seguinte (16 de outubro, sábado), ele me mandou mensagem, pedindo para que ligasse quando pudesse. Como não retornei, uma hora depois de enviar a mensagem ele me ligou, mas não atendi, por não ter ouvido. Ele, então, me perguntou, por escrito, se a minha pesquisa estava “baseada na opção sexual homossexual ou heterossexual também”. E completou: “tenho material pras duas...”.

Somente respondi horas depois, pois estava mesmo fora do ar. Disse que estava procurando “caras que transem com outros caras”. “Se eles são abertamente homossexuais, ou bissexuais, ou heterossexuais que de vez em quando transem com outros caras, pra mim não há diferença. Não estou buscando pessoas abertamente ou assumidamente homossexuais. O que busco são homens entre 40 e 60 anos que transam com outros caras. Seja

um desejo único ou não, que eventualmente transem ou curtam transar com outros caras”, respondi.

Terminei o áudio dizendo que estava pensando em ir em Alcobaça no dia seguinte (domingo, 17). Acabamos combinando por telefone, no domingo de manhã.

Não fui ao encontro sozinho. Fui com meu marido e um amigo do Rio, que estava passando uma temporada em nossa casa no Prado. Como iria para uma outra cidade, levei-os para que esse amigo conhecesse Alcobaça, já que ainda não tinha ido até lá. E como não havia fechado de fazer a entrevista naquele dia – embora eu tenha levado o gravador e o roteiro, caso tivéssemos oportunidade para conversar –, não vi problemas na ida deles comigo. Até porque, como o lugar onde iríamos era à beira-mar, caso a entrevista acontecesse, bastava a eles irem para a praia ou algum outro lugar próximo. Ao chegarmos, fomos muito bem recebidos. Mas havia com ele um casal heterossexual, que estava a passeio na cidade. Mais uma vez, achei tudo “normal”.

Socialização combina com cerveja. Fui com meu “futuro informante” comprar algumas para nós. Nesse momento, quando estávamos sozinhos indo comprar as bebidas, ele disse que eu era “muito mais lindo e gostoso pessoalmente”. Ri, meio constrangido, mas também já estava razoavelmente acostumado com assédios do tipo, ainda que nos ambientes virtuais do *Grindr* e do *Instagram*.

Fui mudando de assunto, falando de algumas coincidências relacionadas ao Rio de Janeiro, já que ele era nascido e havia morado na cidade. E assim, voltamos ao grupo com as cervejas.

Tempo passando, papo rolando, e o assédio foi aumentando. Os elogios iniciais se transformaram em propostas sexuais explícitas, tanto para mim, quanto para mim e meu marido, como casal, como somente para o meu marido e o nosso amigo.

Como, para ir ao banheiro, era preciso passar por um pequeno quarto, nosso anfitrião se postou nesse lugar em ocasiões nas quais meu marido e nosso amigo foi ao banheiro. Em uma delas, meu marido esperou ele sair do quarto para poder sair do banheiro, diante do assédio na entrada. Em outra, ele arriou a bermuda pro nosso amigo assim que ele saiu do banheiro.

Ambos me contaram esses episódios, e eu me segurava o quanto podia para ir ao banheiro somente quando nosso anfitrião estivesse fora do quarto e distraído com outras conversas, com meu marido e nosso amigo e com o casal.

Em alguns dos momentos em que somente eu e ele estávamos conversando, ele falou sobre seu passado em um cargo relativamente importante no setor público; sobre não ser homossexual assumido; sobre o casamento que teve com uma mulher.

Mas, ainda assim, mantinha o ataque. Fazia propostas sexuais, reforçando que era ativo, que comia, etc.. Contava com orgulho ter seduzido homens simples da cidade e de ter comido eles. E falava sempre muito perto de mim, quase se esfregando – e quando me afastava, ele voltava a se aproximar.

Em um dado momento, ele começou a falar com nós três (eu, meu marido e nosso amigo) sobre “pegada”, sobre como isso era determinante para seduzir um cara e comer ele. E aí, ele resolve me “pegar”, apertando a lateral da minha barriga e meu puxando pela cintura. Sai rapidamente da situação.

Eu já estava bastante incomodado com toda a situação – a gente já estava ali há cerca de três horas. Mas, ainda assim, resolvi “relativizar” o que estava acontecendo. Achava que era efeito da bebida, que aquilo estava acontecendo porque eu tinha dado abertura, que a poeira iria abaixar. E, afinal, ele se dispôs a conversar para a pesquisa... manteve a paciência.

A tarde estava chegando ao fim, e ele propôs que fôssemos num bar para ver o por do sol. Topamos. Lá, tomamos umas cervejas, e o assédio continuou, ainda que eu tenha conseguido manter distância física.

O sol se pôs, hora de ir embora. Saímos do bar, meu marido alguns metros à frente, nosso amigo no meio e eu e nosso anfitrião caminhávamos um

pouco mais atrás. Eu tentava conversar sobre amenidades e não pensar muito no que havia acontecido até ali. Afinal, podia ser um “informante”...

Até que eu e ele ficamos fora do raio de visão de meu marido e nosso amigo. Foi quando novamente me agarrou, com mais força, pela cintura, aproximou seu rosto do meu e disse “me dá um beijo agora!”, com tom bastante mandatário. Respondi “não!” incisivamente e me afastei. Meu limite chegou. Dirigi o carro calado até sua casa, onde o deixamos. Ele estava radiante e dizia que queria nos ver novamente, que o dia tinha sido ótimo.

Quando o deixamos, senti alívio. Mas também um misto de revolta e culpa. Por que ele tinha feito aquilo, por que foi tão escroto? Será que, em algum momento, dei a entender que minha pesquisa envolvia eu fazer sexo? Será que fui eu o responsável por aquilo?

Cheguei em casa me sentindo violentado. Senti, enfim, na carne, o que as mulheres passam diariamente. E também a ambiguidade que muitas vezes elas sentem nessas situações de assédio: Será que a culpa foi minha? Afinal, “homens são homens”...

Mas, no meu caso, havia uma “pequena” diferença: sou “homem” também, tão “homem” como o “homem” que me tocou e me apertou sem meu consentimento e que tentou me beijar à força, que arriou a bermuda mostrando o pau para o nosso amigo – também “homem” – que cantou e alisou meu marido – também “homem”. E, no meu caso, eu ainda era mais alto e mais forte fisicamente que o “homem” que nitidamente abusou de mim. Estaríamos, então, diante de uma violência de poder? Uma disputa de masculinidades? Afinal, era o lugar do anfitrião, seu ambiente de domínio. E ele podia se tornar um informante da minha pesquisa se quisesse – e ele sabia, assim, que eu precisava dele de alguma forma.

Em casa, tomei um banho demorado. Me sentia muito sujo. Como se eu quisesse mesmo apagar todos os toques que recebi. Me senti mesmo violentado. E pior: ainda buscava na memória em que momento eu poderia ter indicado que ele estava autorizado a fazer o que fez. Eu sentia que tinha alguma responsabilidade pelas ações daquele homem.

Ainda no domingo, ele me enviou uma mensagem dizendo “Obrigado!!!!!!” – assim, mesmo com vários pontos de exclamação. No dia seguinte, logo de manhã cedo, ele mandou um áudio. Agradecia o “dia maravilhoso” com as “pessoas lindas” e que esperava a oportunidade de um “repeteco”. Disse ainda que estávamos juntos e repetiu que estava à disposição – como disse quando trocamos as primeiras mensagens eletrônicas.

Demorei sete horas para responder o áudio. Minha resposta foi seca. Agradei a recepção e disse “a gente marca alguma coisa, sim” – típica fala de carioca que não está disposto a marcar nada. E mandei um abraço.

Ainda pensei bastante se deveria tentar conversar com ele para a pesquisa. Mas não consegui superar o que tinha acontecido.

Fico pensando o que teria acontecido se eu tivesse ido sozinho ao encontro. Como já disse, fisicamente eu era mais alto e mais forte que o nosso anfitrião. Mas, será que não haveria tentativas mais violentas contra mim? Será que eu, acreditando que poderia ter induzido algum pensamento errado, ou que teria “dado a entender” que estava disponível, não seria condescendente e toleraria mais assédios e violência, para garantir a entrevista e obter as informações para a pesquisa – ainda mais com a dificuldade de encontrar sujeitos que estava encontrando no Extremo Sul da Bahia?

Também penso com uma outra culpa: será que eu teria me irritado e me sentido violentado e sujo, diante do assédio e dos toques não autorizados, se ele fosse um homem que eu achasse atraente? Ou administraria a situação, como um certo jogo de sedução, para conseguir conversar com ele e, assim, conseguir o depoimento de mais um sujeito?

Essa violência sexual – e os questionamentos derivados da sensação de culpa e responsabilidade sobre ela – são lugar comum para mulheres em seu cotidiano. E

também na prática de mulheres antropólogas, como mostra o doloroso relato de Eva Moreno³⁵ (1995) de um estupro que sofreu em trabalho de campo na Etiópia, nos anos 1970. Ela destaca que “as mulheres devem sempre, em todos os lugares, lidar com o espectro da violência sexual de uma forma que difere fundamentalmente de qualquer coisa com a qual nossos colegas do sexo masculino tenham de lidar³⁶” (MORENO, 1995, p. 248).

Assim, por ser homem – uma “garantia” de gênero –, em nenhum momento imaginei que poderia ser vítima de uma violência similar –, embora, ressalto, muito menos dramática e agressiva que a sofrida por Moreno. Mesmo falando de sexo, mesmo me expondo fisicamente para chamar atenção de homens que, a partir desse interesse inicialmente físico, tivessem interesse em participar deste estudo sem condicionar essa contribuição a uma troca por sexo, minha condição de “homem” me dava segurança. Inclusive fisicamente, já que sou alto e com um corpo que, embora não musculoso, aparenta uma relativa força e capacidade de autodefesa³⁷.

Com tanta certeza, o mais próximo de uma situação de assédio que me vi ao procurar por informantes seria lidar, no máximo, com “cantadas” ou investidas sem maiores desdobramentos. Ainda mais considerando que boa parte do tempo de desenvolvimento desta pesquisa foi permeado pela necessidade de distanciamento físico, por causa da covid-19. Se a proximidade física já não era uma preocupação, a distância “obrigatória” extinguiu qualquer risco de abuso.

Entretanto, aconteceu. E, diante dos toques e apertos no meu corpo não autorizados e da força usada na tentativa de me beijar, vivi um sentimento similar de sujeira que mulheres narram após sofrerem violência.

Ao mesmo tempo, surgiram as perguntas sobre a minha culpa e a minha responsabilidade sobre o abuso que sofri, também de forma semelhante à narrada por muitas mulheres. “Onde eu errei para que ele fizesse isso?” era a indagação que não saía da minha mente e me angustiou durante muito tempo.

Assim, me culpei pela foto de sunga – a mesma que foi criticada por amigos, inclusive por um professor universitário, por passar uma imagem “erotizada”. Um

³⁵ Nome fictício.

³⁶ Livre tradução de: “*women must always, everywhere, deal with the spectre of sexual violence in a way that fundamentally differs from anything that our male colleagues have to contend with*”.

³⁷ Em seu relato, Moreno (1995) conta que Yonas (nome também fictício), o homem que a estuprou, aparentava ter o mesmo peso e altura que ela, e não era mais forte. Porém, ele estava armado. Embora eu não tenha imaginado viver tal situação, seria uma condição que certamente me faria ceder, assim como ocorreu com ela, mesmo se meu porte físico me colocasse em vantagem.

discurso que reforça que, no caso das mulheres, as roupas que vestem podem “justificar” a violência que sofrem.

Também me responsabilizei pelas brincadeiras e certa jocosidade em algumas conversas com este interlocutor violento. Como alguns/algumas dizem para mulheres, há falas que “dão confiança”. Por isso não se pode reclamar. Afinal, é um homem – e homens são assim.

Levei um tempo para entender que não, eu não era culpado de nada. E que por mais “tensões eróticas” que esta pesquisa pudesse envolver, nenhuma roupa, atitude ou fala minha justificaria ser tocado ou forçado a algo quando não permiti em nenhum momento. Poderia estar de terno e gravata em todas as imagens postadas que tal situação de violência aconteceria, porque assim pretendia o agressor.

Nesse sentido, o “predador de Alcobaça”, vamos chamá-lo assim – afinal, seu assédio não se restringiu a mim e se estendeu a meu parceiro e nosso amigo –, demonstrou ter sido forjado numa noção de masculinidade em que o desejo do “macho” supera qualquer negativa. Não é possível afirmar se agiu ou agiria da mesma forma com mulheres – lembrando que ele disse ter sido casado com uma mulher e talvez tenha se relacionado com outras. Mas há um forte indício dessa possibilidade.

Pode-se inferir também que, como um homem com práticas homoeróticas, esse predador tenha visão similar à de Bolton (1995) sobre a “proeminência do sexo” no que ele chama de “identidade” e/ou “cultura gay”, noções bastante problemáticas, como exposto na nota 28. Isso cria uma dedução lógica, relacionada inclusive à masculinidade: todo homem está sempre disponível para sexo/todo gay é homem/logo, todo gay está sempre disponível para sexo.

Não se está insinuando que Bolton, a partir desse pensamento, está justificando qualquer ato de violência. Mas, ao colocar o sexo como marca inclusive simbólica da “cultura” gay que defende, reitera um discurso que, como se verá nos próximos capítulos, é presente entre alguns sujeitos desta pesquisa: “todo gay faz isso”, “todo gay faz aquilo”, “todo gay já fugiu da cama de um homem casado”, etc..

Parece evidente, portanto, que, por mais que se saiba da existência de tensões eróticas; por mais que se façam concessões eróticas ou mesmo se faça sexo em campo; por mais que se estabeleçam limites até onde ir para “conquistar” sujeitos para o diálogo e a interação; há a possibilidade de perda de controle por quem está fazendo

a pesquisa³⁸. Afinal, o fazer etnográfico envolve interações e relações. Portanto, o “sexo” do pesquisador, mesmo quando ele não quer, pode ser acionado pelo outro e gerar desconforto e culpa, a partir de situações de violência, psicológica e/ou física.

Sendo assim, em qualquer debate sobre o fazer etnográfico e o trabalho de campo – quer envolva sexo ou não – que resulte em violência contra pesquisadoras ou pesquisadores, é preciso considerar o que Moreno (1995) propõe:

Não significa que a violência sexual seja, por definição, um “problema da mulher”. Pelo contrário, o estupro certamente faz parte de uma problemática profundamente masculina. E o ponto é que, qualquer que seja a violência sexual contra antropólogos, é, *por definição*, um problema antropológico. Ela diz respeito a todos nós, mulheres e homens, e merece um lugar forte na agenda antropológica dominante³⁹ (MORENO, 1995, p. 248. Grifo original).

³⁸ Ao narrar suas reações à violência que sofreu, Moreno (1995) diz que “o estupro havia invertido uma hierarquia onde até então eu ocupava a posição dominante como pesquisador, profissional e estrangeiro. Agora eu era apenas uma mulher, olhando para outras mulheres ao meu redor em busca de orientação, segurança e conselhos (MORENO, 1995. P. 244). Essa “hierarquia de poder” era prática comum na época em que a pesquisadora desenvolvia seu trabalho. Contudo, o que está em evidência nessa fala é que a relação pesquisador/a-pesquisado, mesmo quando construída com base em respeito mútuo ou mesmo um distanciamento a partir de uma “hierarquia de poder”, pode ser bruscamente modificada por práticas baseadas em categorias sociais de diferenciação – nesse caso, o gênero. Livre tradução de: “*The rape had reversed a hierarchy where until then I had held the dominant position as researcher, professional, and foreigner. Now I was just a woman, looking to other women around me for guidance, safety and advice*”.

³⁹ Livre tradução de: “*This does not mean that sexual violence is, by definition, a 'woman's problem'. On the contrary, rape is most certainly part of a profoundly male problematic. And the point of this chapter is that, whatever sexual violence against anthropologists may be, it is by definition an anthropological problem. It concerns all of us, women and men, and it warrants a strong place on the mainstream anthropological agenda*”.

2 REFLEXÕES ANALÍTICAS

Este capítulo aprofunda algumas bases teóricas que guiam esta pesquisa. Neste sentido, discorro sobre algumas noções já mencionadas anteriormente, mas que não tinham sido bem explicadas.

Apresento discussões sobre o conceito de interseccionalidade, desde sua história até questionamentos sobre suas distintas concepções. Também desdobro a proposta de erotização da velhice, contrapondo os tempos cronológico e “kairológico” a partir do “cuidado de si”, e a(s) noção(ões) de masculinidade(s). E situo os sujeitos desta pesquisa a partir das noções de liminaridade, de Vitor Turner, quanto às suas idades, e de poluição, de Mary Douglas, em relação às práticas homossexuais e também ao envelhecimento.

2.1 Do Lego à agência: noções sobre interseccionalidade⁴⁰

Tentar entender as experiências dos homens de meia idade passa pelas posições que eles assumem ou nas quais são colocados diante de variadas categorias sociais de diferenciação além de suas idades. Assim, a perspectiva interseccional assume papel de destaque na construção analítica dessas relações.

Mas, de que “interseccionalidade” estamos tratando? Como tal noção foi construída desde o surgimento do termo, cunhado no final dos anos 1980/início dos anos 1990, e por quais transformações passou desde então? E como suas conceituações teóricas podem ser aplicadas na análise das relações envolvendo os sujeitos deste estudo?

Cho *et al.* (2013) apontam que

A interseccionalidade surge no final dos anos 1980 como um termo heurístico para tratar das dinâmicas contraditórias da diferença e das solidariedades entre iguais no contexto dos movimentos políticos e sociais antidiscriminação. Ela mostra como uma única linha de pensamento enfraquece o pensamento legal, a produção de conhecimento disciplinar e as lutas por justiça social. Ao longo desse período desde seu surgimento, a interseccionalidade vem

⁴⁰ É importante mencionar nosso conhecimento sobre a disputa analítico-teórica envolvendo as noções de interseccionalidade e de consubstancialidade, esta última desenvolvida pela socióloga francesa Danièle Kergoat no final dos anos 1970 a partir de análises das relações de trabalho, principalmente. Nossa opção analítica pela interseccionalidade se dá pelo maior conhecimento sobre tal conceito.

provando ser um conceito produtivo que se estende a variadas disciplinas, como história, sociologia, literatura, filosofia e antropologia, bem como em estudos feministas, étnicos, *queer* e jurídicos⁴¹. (CHO *et al.*, 2013, p. 787)

Assim, a expressão “interseccionalidade” surge nos Estados Unidos como resultado de análises sobre dinâmicas de diferença presentes na sociedade daquele país. A partir de movimentos políticos antidiscriminação e antidesigualdade, o termo, que tem em Kimberlé Crenshaw uma de suas precursoras, extrapola os grupos de luta por justiça social – em particular, os feminismos – e é incorporado por diversas áreas do meio acadêmico, que passam a desenvolver um cabedal teórico sobre o tema.

De acordo com Moutinho (2014),

A expressão ou campo “interseccionalidade” tem uma marca: traz um aporte feminista e antirracista. Mas esses marcadores ou clivagens estão presentes em outras análises. Não se trata, portanto de se entender esse como um campo homogêneo. Corrêa (2000) argumenta que as análises sobre raça e gênero no Brasil datam da própria constituição da antropologia como campo disciplinar (MOUTINHO, 2014, p. 211).

Piscitelli (2008) lembra que o pensamento feminista, notadamente o “berço” da noção conceitual de interseccionalidade a partir dos debates sobre gênero, não pode ser considerado como um todo monolítico e unificado. “Na história desse pensamento, algumas categorias ou conceitos foram particularmente relevantes em momentos específicos” (PISCITELLI, 2008, p. 263).

Historicamente, alguns conceitos teóricos e práticas políticas vêm se mantendo com o passar do tempo. Contudo, não sem passar por avaliações, críticas e adaptações. E isso vem ocorrendo com o campo da interseccionalidade.

Ressaltando a possibilidade de marcação de momentos históricos em que algumas conceitualizações ganharam maior relevância, a autora lembra que:

No debate internacional, o final da década de 1990 está marcado pela emergência de categorias que aludem à multiplicidade de diferenciações que, articulando-se a gênero, permeiam o social. São as categorias de articulação e as interseccionalidades (*intersectionalities*). Algumas autoras optam por um

⁴¹ Livre tradução do texto original: “*Intersectionality was introduced in the late 1980s as a heuristic term to focus attention on the vexed dynamics of difference and the solidarities of sameness in the context of antidiscrimination and social movement politics. It exposed how single-axis thinking undermines legal thinking, disciplinary knowledge production, and struggles for social justice. Over the intervening decades, intersectionality has proved to be a productive concept that has been deployed in disciplines such as history, sociology, literature, philosophy, and anthropology as well as in feminist studies, ethnic studies, queer studies, and legal studies*”.

desses conceitos (McClintock, 1995; Crenshaw, 2002). Outras utilizam alternativamente ambos (Brah, 2006). Na década de 2000, a utilização dessas categorias está amplamente difundida. Contudo, assim como aconteceu com o conceito de gênero, essas categorias adquirem conteúdos diferentes segundo as abordagens teóricas das autoras que com elas trabalham (PISCITELLI, 2008.p. 263).

Discorrendo sobre a diversidade de conteúdos teóricos presente no conceito de interseccionalidade, Piscitelli (2008) propõe a separação das autoras que menciona em duas visões: a sistêmica, representada por Crenshaw; e a construcionista, da qual McClintock e Brah fariam parte.

Na abordagem sistêmica de Crenshaw, a interseccionalidade é uma forma de “capturar as consequências da interação entre duas ou mais formas de subordinação: sexismo, racismo, patriarcalismo” (PISCITELLI, 2008, p. 267). Para exemplificar como ocorreria essa interação, Crenshaw utiliza a metáfora dos “cruzamentos de avenidas”, sendo cada avenida uma forma de subordinação distinta.

É nos “cruzamentos” desses fluxos de subordinação que a opressão se configuraria. Assim, uma mulher negra seria oprimida por ser mulher e por ser negra, absorvendo as opressões de gênero e de raça simultaneamente.

Neste sentido, Crenshaw (2002) aponta que:

Assim como é verdadeiro o fato de que todas as mulheres estão, de algum modo, sujeitas ao peso da discriminação de gênero, também é verdade que outros fatores relacionados a suas identidades sociais, tais como classe, casta, raça, cor, etnia, religião, origem nacional e orientação sexual, são ‘diferenças que fazem diferença’ na forma como vários grupos de mulheres vivenciam a discriminação (CRENSHAW, 2002, p. 173).

Considerando os sujeitos desta pesquisa, poderíamos pensar sobre a perspectiva sistêmica ao analisar a “cacura”. Como já mencionado na apresentação, o termo é comumente utilizado na “subcultura gay” como categoria acusatória e negativa que, grosso modo, define um homem homossexual velho. Entretanto, essa definição não se dá apenas pela idade: envolve outros marcadores, como corporeidade e gênero⁴².

⁴² Definir o marco cronológico da “cacura” é impreciso, sobretudo porque o conceito de “velhice” – ou melhor, a marca etária que estabeleceria o “início” da velhice – pode variar conforme a fonte consultada (ver nota 1). Um exemplo disso pode ser dado pela busca do significado do termo no “Dicionário Informal”, um *site* que apresenta definições voluntárias, dadas por seus próprios usuários. Segundo a usuária “Fadinha”, idade não revelada, “cacura” é um “homossexual (masculino) de idade avançada, com mais de 40 anos, enrugado. Geralmente a expressão é usada para definir homens

No mercado erótico gay, a “cacura” seria o “polo negativo” do homem homossexual “típico-ideal” na “subcultura gay”.

Uma representação frequente na mídia do homem homossexual exemplar é um reflexo do pensamento que guiou sua construção: ele é intelectualizado, branco, de classe média ou alta, geralmente sensível à arte, um grande consumidor, de gostos refinados, jovem e de boa aparência. O contrário desta imagem-modelo é personificado por um homem efeminado, não necessariamente jovem, com trejeitos que se aproximam do ridículo, cujas roupas ou delatam seu pouco capital econômico, ou são de mau gosto e com preocupações banais (DÍAZ-BENÍTEZ, 2013, pp. 134-135, edição digital).

Portanto, sob a perspectiva sistêmica, a “identidade social” da “cacura” reuniria variados fatores de subordinação, gerando opressões superpostas.

Na visão de Crenshaw, o sistema (ou estrutura) teria impacto na formação de identidades. Como aponta Prins *apud* Piscitelli (2008), sob essa ótica, “gênero, raça e classe são pensados como sistemas de dominação, opressão e marginalização que determinam identidades” (PISCITELLI, 2008, p. 267). Isso criaria, portanto, uma fixidez identitária da “cacura”.

Como, nessa perspectiva, “o poder é tratado como uma propriedade que uns têm e outros não têm, e não como uma relação” (*Ibid*, p. 267), a “cacura” como o oposto da imagem-modelo do homossexual “típico-ideal” seria “sem-poder”. Uma rigidez que não leva em conta qualquer possibilidade de agenciamento por parte dos sujeitos.

Em sua análise sobre o processo colonial, McClintock, apontada por Piscitelli (2008) como uma teórica da abordagem construcionista de interseccionalidade, reforça o questionamento sobre a superposição de opressões e sobre a estanqueidade das categorias sociais de diferenciação sugeridas por Crenshaw.

Raça, gênero e classe não são distintos reinos da experiência, que existem em esplêndido isolamento entre si; nem podem ser simplesmente encaixados retrospectivamente como peças de um *Lego*. Não, eles existem *em* relação entre si e *através* dessa relação – ainda que de modos contraditórios e em conflito (MCCLINTOCK, 2010, p. 19).

enrustidos e de mais idade”. Como exemplo de uso corrente na língua portuguesa, “Fadinha” lista: “Aquela Cacura está se achando, pensando que tem chances comigo, sendo que eu tenho idade pra ser neto dele!” Assim, para “Fadinha”, a “idade avançada” – portanto, a “velhice” – configuraria-se a partir dos 40 anos, e seu exemplo de uso na língua portuguesa insinua uma grande diferença de idade, estabelecendo uma relação entre “avô” e “neto”.

Ou, como analisa Brah (2006), outra teórica da linha construcionista, em sua revisão sobre os feminismos:

Opressões múltiplas passaram a ser vistas não em termos de seus padrões de articulação, mas como elementos separados que podiam ser adicionados de maneira linear, de tal modo que, quanto mais opressões uma mulher pudesse listar, maior sua reivindicação a ocupar uma posição moral mais elevada. Afirmar sobre a autenticidade da experiência pessoal podiam ser apresentadas como se fossem uma diretiva não problemática para o entendimento de processos de subordinação e dominação. Declarações farisaicas de correção política passaram a substituir a análise política (BRAH, 2006, pp. 348-349).

Sob essa visão, a fixidez dos marcadores dá lugar à articulação entre elementos e “se traçam distinções entre categorias de diferenciação e sistemas de discriminação, entre diferença e desigualdade (PISCITELLI, 2008, p. 268). Dessa forma,

Os processos mediante os quais os indivíduos se tornam sujeitos não significam apenas que alguém será sujeito a um poder soberano, mas há algo mais, que oferece possibilidades para o sujeito. E os marcadores de identidade, como gênero, classe ou etnicidade não aparecem apenas como formas de categorização exclusivamente limitantes. Eles oferecem, simultaneamente, recursos que possibilitam a ação (PISCITELLI, 2008, p. 268).

Voltemos aos exemplos da “cacura” e do “tipo ideal” gay. Pela abordagem construcionista, as operações de geração, gênero, raça/etnia ou classe não se dariam apenas como formas de opressão em mão única, delimitantes e determinantes, fixando tais sujeitos em posições subalternas de poder.

Como se verá nos próximos capítulos, os participantes desta pesquisa, em variadas situações, desenvolveram estratégias para resistir a determinadas opressões. Se em alguns momentos ocuparam posições de subalternidade e subjugação, em outros reverteram essa situação.

Estamos, afinal, tratando de diferenças, que, como aponta Brah (2006), não podem ser tomadas de forma essencializada. A diferença se dá em processos culturais dinâmicos, delineando variados significados políticos e culturais em diferentes contextos. E o que deve ser verificado é se a diferença de fato promove desigualdade ou se pode ser negociada e até mesmo valorizada, de acordo com os contextos nos quais são produzidas.

Algumas construções da diferença, como o racismo, postulam fronteiras fixas e imutáveis entre grupos tidos como inerentemente diferentes. Outras construções podem apresentar a diferença como relacional, contingente e variável. Em outras palavras, a diferença não é sempre um marcador de hierarquia e opressão. Portanto, é uma questão contextualmente contingente saber se a diferença resulta em desigualdade, exploração e opressão ou em igualitarismo, diversidade e formas democráticas de agência política (BRAH, 2006, p. 374).

Para desenvolver esses aspectos, voltemos à definição de “cacura” dada por “Fadinha” (ver nota 39): “homossexual (masculino) de idade avançada, com mais de 40 anos, enrugado. Geralmente a expressão é usada para definir homens enrustidos e de mais idade”. Seguida à risca, a diferença expressa na definição sugere de imediato uma relação de desigualdade entre estes homens e outros, mais jovens. Afinal, são “enrugados” e “de mais idade” – sinais de velhice e, portanto, de estigmatização – e “enrustidos” – ocultando sua real sexualidade. Embora não explicito isso textualmente, a definição também insinua certa “feminilização” da cacura, acionando, portanto, a categoria gênero.

Contudo, precisamos lembrar das “relações verticais” sugeridas por Parker (1995). Pode-se perceber nessas relações um duplo utilitarismo⁴³ dos sujeitos. Por parte dos mais jovens, há a aquisição de experiência e aprendizado, seja sexual, seja “de vida”, e a possibilidade de bem estar material. Pelo lado dos homens mais velhos, o duplo utilitarismo operaria pela dimensão corporal – usufruir de um corpo mais jovem – e pela social – não apenas o exercício do poder material sobre o homem mais novo, como a possibilidade de exibição social deste homem “jovem”.

Assim, tais relações mostram que as diferenças de geração e classe social não produzem desigualdades *per se*. São agenciadas de forma a produzir os efeitos desejados pelos sujeitos. “Essas negociações só podem ter lugar se considerarmos, à maneira de Brah, que as formas de categorização podem limitar, mas também abrem possibilidades para a agência” (PISCITELLI, 2008, p. 272)

Antes de focar esta pesquisa exclusivamente em homens de meia idade, mantive contatos em campo com homens jovens que mantinham relações afetivas e/ou sexuais com mais velhos. E todos reforçaram essas possibilidades de novas

⁴³ Quando mencionamos “duplo utilitarismo” não ignoramos que tais relações também possam ser permeadas por emoções. Trata-se apenas de uma análise a partir da avaliação de Parker. Contudo, experiências como as do site “Meu patrocínio” (<<http://www.meupatrocínio.com>>), que se destina a reunir homens e mulheres heterossexuais, mas também *sugar babies* (jovens gays) a *sugar daddies* (homens gays mais velhos e financeiramente abastados), mostra que o utilitarismo é algo a ser considerado nessas relações e pode mesmo ser o fio condutor delas.

categorias de diferenciação que não aproximariam um homem de 40 anos ou mais da definição “dura” de “cacura”.

De modo geral, em termos cronológicos houve modulações entre “maduros” e “coroas”. Ainda que estas diferenciações sejam apontadas pela aparência (o cuidado de si) e a “experiência” – a “maturidade ganha com a vida”.

Para um informante, de 20 anos, “maduro” é *“aquele que chegou nos 40 anos e tem uma mente mais formada e não de moleque; coroa é aquele homem que por mais que seja velho (passados dos 40) ainda se cuida e se mantém sempre jovem”*. Outro informante, também de 20 anos, diz não ver diferença entre “maduro” e “coroa”, mas afirma que *“adoro falar ‘coroa’, mais uma forma carinhosa de chamar”*. Houve ainda um, de 24 anos, que opinou que um homem seria “maduro” a partir dos 30 anos, e “coroa” a partir dos 40.

Em outra ocasião, perguntando a um interlocutor de 27 anos à época qual seria a diferença entre “maduro” e “coroa”, ele indicou a idade com elemento diferenciador – maduro a partir dos 40 anos, “coroa” a partir dos 50. Sem revelar minha idade (na ocasião, 45 anos), perguntei a ele se eu era maduro ou “coroa”, ao que respondeu com a segunda opção. Como conhecia meu parceiro, então com 51 anos, por meio de fotos, repeti a pergunta, obtendo como resposta “maduro”. Após eu revelar nossas idades – o que contradizia a sua definição dos termos –, meu interlocutor não demorou a dizer que eu era “coroa” porque tenho “cabelos brancos”.

“Maduro” e “coroa”, portanto, aparecem como modulações para o processo de envelhecimento que combinam idade e corporeidade, em princípio de modo positivador e não estigmatizante. O passar do tempo e as marcas físicas do curso da vida podem ser de algum modo relativizados ou contemporizados nas relações homoeróticas e/ou homoafetivas entre homens. Conforme Brah (2006), a experiência, aqui, forma o sujeito.

Contra a ideia de um “sujeito da experiência” já plenamente constituído a quem as “experiências acontecem”, a experiência é o lugar da formação do sujeito. Essa noção muitas vezes falta nas discussões sobre diferenças entre pessoas onde a diferença e a experiência são usadas principalmente como “termos de senso comum”⁴⁴. Não é de surpreender que tais discussões fracassem ou resultem em “diálogos de surdos” quando lidam com as contradições da subjetividade e da identidade. Por exemplo, como lidar com o racismo de uma feminista, a homofobia de alguém sujeito ao racismo, ou até o racismo de um grupo racializado em relação a outro grupo racializado, cada um supostamente falando a partir do ponto de vista de sua experiência,

⁴⁴ BARRET, M. *The concept of difference. Feminist Review* 26, 1987.

se toda experiência refletisse de maneira transparente uma dada “verdade”? (BRAH, 2006, pp. 360-361).

A partir das experiências, em situações plurais, os sujeitos formados nas relações podem agenciar suas posições. Ainda que haja margens de manobra por vezes limitadas pela noção de “bom envelhecimento”.

2.2 Entre *Cronos* e *Kairós*: a velhice erotizada

A atuação da gerontologia e da sexologia para agregar “qualidade de vida” ao envelhecimento, seja ele de homens ou de mulheres, criou o que Debert e Brigeiro (2012) classificam como “processo de erotização da velhice”.

A inclusão da velhice no curso da vida sexual é o imperativo que marca a reflexão dos especialistas sobre o tema, o que acontece em consonância com as tendências teóricas vigentes no campo gerontológico nas últimas décadas. Uma velhice sexualmente ativa vem se estabelecendo como um ideal defendido por gerontólogos e outros especialistas afins ao tema, e é intensamente propagado pelos meios de comunicação de massa (DEBERT E BRIGEIRO, 2012, p. 38).

A erotização da velhice é parte do paradigma pós-moderno que propõe a descronologização da vida e a formação de um estilo unietário, como aponta Debert (1997). Mas, como se daria a construção desse estilo?

Em sua análise sobre gênero e trabalho, Bessin (2016) aponta duas dimensões do tempo: a “dominante”, cronológica, racional, linear e quantitativa, que remeteria a um “tempo masculino”; e a do “momento oportuno para agir” (*kairós*), que seria um “tempo feminino”.

O momento oportuno (*kairós*) para agir não é programado com antecedência (autossuficiente como *cronos*), mas fruto de um julgamento em situação que leva em conta os protagonistas, as normas e os valores nela envolvidos, além das consequências que a ação implica. Tal momento está ligado à relação com o outro, à antecipação da responsabilidade, sempre condicionado pela disponibilidade. Nesse sentido, além da proximidade fonética fortuita⁴⁵, o cuidado relaciona-se ao *kairós*, que se abre às dimensões morais do tempo (BESSIN, 2016, p. 237).

⁴⁵ Nota do tradutor: “A proximidade fonética a que o autor se refere perde-se em português – trata-se da proximidade entre *kairós* e *care*, termo do inglês utilizado na língua francesa para denominar a atividade do cuidado.”

Assim, o envelhecimento na pós-modernidade parece assumir uma dimensão kairológica. Seu aspecto relacional leva em conta os valores envolvidos na noção de “bom envelhecimento”, determinado pelas práticas gerontológicas e vivenciado pelos atores – usando a noção de Goffman (2011) sobre as representações na vida cotidiana. Neste sentido, a correlação linguística (em língua inglesa) entre *kairós* e *care* apontada por Bessin (2016) extrapolaria o cuidado do outro, como o autor trata, para incluir também o cuidado de si.

O cuidado de si se mostraria, portanto, capaz de romper a dimensão cronológica do curso da vida. E como visto nas falas de informantes mencionadas anteriormente, está envolvido nas modulações “maduro” e “coroa” e no seu distanciamento da definição “dura” de “cacura”. O cuidado de si é, assim, a chave do “bom envelhecimento” – como se verá nas falas dos sujeitos desta pesquisa. E uma de suas consequências pode ser a “velhice erotizada”.

Uma parafernália de receitas envolvendo técnicas de manutenção corporal, comidas saudáveis, medicamentos, bailes e outras formas de lazer é proposta, desestabilizando expectativas e imagens tradicionais associadas a homens e mulheres em estágios mais avançados da vida. É no marco dessas transformações que podemos localizar o processo vigente de erotização da velhice (DEBERT E BRIGEIRO, 2012, p. 39)

O cuidado de si como agenciamento para a unietariedade e o freio do tempo cronológico pode ser verificado não apenas nas opiniões dos homens “jovens” que se interessam por homens mais velhos, mas também em alguns perfis de homens de meia idade observados no aplicativo *Grindr* durante a realização da pesquisa.

Como se trata de uma rede social comumente usada para encontros sexuais, alguns homens exibem fotos de seus corpos visivelmente modificados por atividades esportivas e, portanto, em “boa forma”. Há imagens claramente produzidas em academias de musculação.

Alguns perfis mostram apenas partes do corpo, como peito e braços torneados, com camisetas de manga curta ou mesmo sem camisa. Em outras, o usuário se mostra de corpo inteiro, a fim de mostrar que é “musculoso”, “torneado” ou “parrudo” – algumas das possibilidades de classificação do “porte físico” que o *Grindr* proporciona.

No entanto, se o corpo em boa forma é um capital a ser explorado em uma rede social destinada a parcerias sexuais, ao mesmo tempo ele precisa, em alguma

medida, ser “esclarecido” pelo usuário. Isso porque no *Grindr* há perfis de homens que exercem a prostituição – muitos são diretos quanto a este fim usando as nomenclaturas “GP” (garoto de programa) e “boy”, enquanto outros procuram dissimular tal situação, autodenominando-se “massoterapeutas” ou mesmo apenas insinuando com cifrões (\$\$\$) em suas descrições que fazem sexo por dinheiro⁴⁶. E como, de modo geral, esses homens apresentam imagens de corpos esculpido em atividades esportivas, um corpo “em boa forma” pode ser confundido com um corpo “profissionalizado”. Por isso, é preciso reforçar a distinção.

Por outro lado, alguns homens mais velhos observados no *Grindr* também precisam “esclarecer-se”. Nesse sentido, há perfis que deixam claro que não pagam por sexo. Aparentemente trata-se de uma reação ao assédio dos profissionais do sexo que também circulam nessa rede – e que devem ver os velhos como clientes em potencial, seja pela idade, seja pela probabilidade de terem mais renda.

Os perfis observados também expõem certa contradição quanto ao gênero. Se o cuidado de si está de alguma forma ligado ao tempo kairológico, de ordem relacional e apontado por Bessin (2016) como “feminino”, as imagens desses usuários procuram evidenciar não apenas a construção de seus corpos “em boa forma”, mas também exibem posturas corporais consideradas “masculinas”. Há também certas imagens que buscam marcar uma masculinidade viril, bem como símbolos associados a uma cultura de virilidade, como cordões grossos e camisas de time de futebol.

Como há no aplicativo a possibilidade de mencionar sua posição sexual, há entre esses homens quem se situe como “passivo”, “versátil passivo” ou “versátil” – ou seja, que gostam de ser penetrados. Logo, essa “supervirilidade”, uma masculinidade “de verdade”, hegemônica, está dissociada da posição assumida nas relações sexuais. O “clone” ou *macho man*, como aponta Tamagne (2013) em sua análise sobre a homossexualidade a partir dos anos 1970, desloca a masculinidade viril⁴⁷ do ânus para as representações sociais, a performance. A passividade sexual pode, inclusive, torna-se um marcador de virilidade, de força, potência.

⁴⁶ No Rio, já vi homens que pedem “uma moral”, que seria uma ajuda financeira, mas sem valor definido. Com isso, não assumem diretamente que fazem sexo por dinheiro, embora se trate disso.

⁴⁷ É preciso fazer ressalvas à noção de “masculinidade viril”. Superficialmente, podemos entendê-la como típica-ideal no sentido weberiano. Embora sem mencionar o modelo típico-ideal, a noção de masculinidade hegemônica estabelecida por Connell (2005) também estabelece um “modelo de homem” sobre o qual circulam outras masculinidades – que a autora classifica em três tipos, subordinada, cúmplice e marginalizada. Contudo, a noção recebeu críticas, pois, além de se basear em padrões ocidentais de masculinidade, não considerava aspectos relacionais e agenciamentos:

O clone [...] apresentava um repertório sexual frequentemente mais variado do que a maioria dos gays, incluindo principalmente o uso de drogas recreativas (*poppers*), uma sexualidade de grupo, ou seja, práticas sexuais atípicas (*fist fucking*, urofilia, BDSM). Nesse contexto, o parceiro “passivo” (*bottom*) não é percebido como menos “masculino” do que o parceiro “ativo” (*top*): pelo contrário, suportando penetrações repetidas e/ou extremas, ele dá prova da sua virilidade (*to take it like a man*) (TAMAGNE, 2013, p. 437-438).

No que diz respeito à prática de relações sexuais, alguns usuários observados confirmam os questionamentos feitos por Debert e Brigeiro (2012) quanto à desgenitalização da sexualidade masculina que vem sendo proposta pela gerontologia e pela sexologia. Raramente os usuários deixam o campo da posição sexual (ativo, passivo, etc.) sem resposta. Ou seja, as relações – ou melhor, a busca por elas – continuam sendo genitalizadas.

E ao se descreverem (a rede social permite uma pequena autodescrição pelo usuário), poucos homens demonstram querer algo como namoro ou experiências mais “sensoriais” e menos “genitais”. Ou seja, a “feminilização da sexualidade” para homens em estágios mais avançados do curso da vida proposta pelos especialistas da gerontologia e da sexologia, conforme apontam Debert e Brigeiro (2012), também parece não se confirmar quando se trata de relações homossexuais.

Há homens observados que não detêm, aparentemente, o “capital corporal da juventude como valor”. Por isso, procuram, tanto nas imagens com em suas autodescrições, evidenciar sua “maturidade” como característica diferenciadora e positiva. Em geral, são perfis que mostram apenas o rosto – ainda que muitas vezes “disfarçados” por óculos escuros – ou pequenas partes do corpo.

Assim, podemos apontar alguns indícios que permeiam o processo de envelhecimento de homens com práticas homossexuais e os agenciamentos das diferenças. O cuidado de si, refletido na corporeidade, aparece premente como ferramenta de conversão do tempo cronológico para o tempo kairológico, trazendo consigo o “bom envelhecimento” e a (possível) erotização da velhice. As “avenidas” de geração e sexualidade não gerariam, portanto, uma interação de opressões, como sugeriu Crenshaw.

Por outro lado, a classe social e os bens materiais podem transformar o aparente “corpo que pesa” envelhecido em “corpo que pode”. Como indica Brah, a

afinal, um homem pode assumir uma masculinidade vista como “hegemônica” em um grupo e ter essa mesma masculinidade marginalizada em outro.

diferença pode ser negociada de forma a gerar um valor, e os sujeitos têm possibilidades de realizar tais acionamentos. A “cacura” como casta sexual desprezada e o contrário do “tipo ideal” gay pode dar lugar a homens que utilizam suas experiências para formar sujeitos em relações com homens mais jovens.

2.3 Meia idade: uma única geração?

Com a exclusão das relações entre homens mais velhos e mais jovens do escopo desta pesquisa, parece evidente que discutir as diferenças geracionais não se constitui como um elemento importante para esta análise, já que seu foco está nos homens de meia idade. Contudo, é preciso fazer alguns apontamentos sobre a noção de geração e como possíveis diferenças geracionais podem permear o grupo dos sujeitos participantes deste estudo.

Alves (2009) pontua que, nos estudos geracionais, principalmente na antropologia brasileira, pode-se perceber dois empregos distintos de “geração” como categoria analítica. Um deles coloca a geração “como posição no interior da estrutura de parentesco, alinhada à organização social do ciclo de vida” (ALVES, 2009, p. 14). O outro, mais inspirado no conceito elaborado por Karl Mannheim, “designa um coletivo de indivíduos que vivem em determinada época ou tempo social, têm aproximadamente a mesma idade e compartilham alguma forma de experiência ou vivência” (MOTTA *apud* ALVES, 2009, p. 15). É esta segunda acepção que interessa nesta pesquisa.

Motta (2004) explica que

Mannheim (1928, p. 134) define geração em vários momentos e etapas do seu trabalho, sempre acentuando seu sentido histórico: “... *indivíduos que pertencem à mesma geração [...] estão ligados [...] a uma posição comum na dimensão histórica do processo social*”, o que significaria uma predisposição para “... *um certo modo característico de pensamento e experiência e um tipo característico de ação historicamente relevante*” (Mannheim, 1928, p. 135-136). Embora esse seja o sentido básico de sua concepção, Mannheim (1928, p. 137) não desvincula, evidentemente, geração e grupo de idade [...]. Situa, enfim, a base biológica da vida humana, para reforçar o sentido histórico dos fenômenos sociais (MOTTA, 2004, pp. 350-351. Grifo original).

Nesse sentido, pode-se considerar que os homens de meia idade participantes desta pesquisa fazem parte de uma mesma geração. Afinal, por pertencerem a um

grupo de idade relativamente homogêneo, ocupariam uma “posição comum” na dimensão histórica do processo social e dividiriam um modo similar de pensar e experienciar essa etapa histórica justamente por essa aproximação etária.

No entanto, a autora chama atenção para duas questões a partir dessas conceituações. Uma é que em cada momento histórico coexistem variadas gerações, “que, mesmo contemporâneas, não têm as mesmas experiências e trajetórias de vida (*Ibid*, p. 351). A outra, mais importante nessa discussão, é que, no interior de uma mesma geração,

Observando-se que o mesmo contexto social não afeta igualmente todos os indivíduos de um grupo de idade e vivência – classificado ou autoidentificado como geração –, verifica-se que segmentos dessa geração podem assumir posturas e caminhos sociais diferentes, ou até opostos (*Ibid*, p. 351).

Assim, Alves (2009) reforça que

A geração, embora tenha um componente obrigatório, isto é, ela pressupõe o compartilhamento de um momento histórico, tem, por outro lado, um caráter de escolha nela embutido: para ser de uma mesma geração não basta uma idade aproximada, mas é necessária a reunião de condições subjetivas que permitam a participação do indivíduo na produção dos mesmos códigos de entendimento (ALVES, 2009, p. 16).

Logo,

Um *ethos* comum permeia os membros de uma mesma geração, e este *ethos* pode ser cultivado pelos indivíduos através das interações que eles estabelecem uns com os outros. Não quero dizer com isto que o pertencimento a uma geração seja um ato racional, no sentido de estrategicamente calculado pelo indivíduo, mas ele é um ato consciente, ou seja, a identificação do indivíduo como parte de uma geração é um processo que se dá *a posteriori* e depende do aval dos outros, identificados como membros daquela geração, e do próprio indivíduo que constrói um discurso de pertencimento e de identificação baseado em eventos que ele testemunhou ou de que participou diretamente (*Ibid.*, p. 16).

Diante dessas reflexões, é possível questionar se os homens de meia idade desta pesquisa, que se localizam numa faixa etária entre 40 e 60 anos, podem ser automaticamente considerados como pertencentes a uma mesma geração. Afinal, “o pertencimento geracional é um ato de memória, por isso, só sabemos mais claramente das gerações depois que elas passam. Elas só se materializam como grupo com símbolos definidos depois que são processados pela memória coletiva” (*Ibid*, p. 16).

Como a identificação com uma geração se dá por uma “decisão” individualizada, embora permeada por relações e situações coletivas, ela também pode ser modulada por outras categorias sociais de diferenciação. Assim, talvez marcadores como classe social, raça/cor da pele e local de origem/moradia podem ser elementos importantes para que esses homens se sintam parte constitutiva ou não de uma geração, da qual, a princípio, fariam parte por aproximação etária.

Mas vale ressaltar também a observação de Motta (2004) sobre mudanças na própria cronologização das gerações: “com limites de 30 anos, que se reduzem a 25, 20, talvez a 10, e acompanhando o modelo da aceleração tecnológica sobre os modos sociais de existência e experiência, as gerações se delimitam em períodos cada vez mais curtos” (MOTTA, 2004, p. 350).

Portanto, os homens de meia idade desta pesquisa, que têm idades entre 40 e 60 anos, podem se sentir parte de diferentes gerações. O que parece indicar que pertencer a uma geração também é algo relacional e situacional.

2.4 Notas sobre homens e sua(s) masculinidade(s)

“Não se nasce viril, torna-se viril”. O título do artigo de Baubérot (2013) que apresenta uma análise histórica sobre a “virilidade” na Europa do século 20 e suas transformações nas recentes décadas do século 21 é inspirado na clássica frase de Simone de Beauvoir inscrita em “O segundo sexo”, de 1949: “não se nasce mulher, torna-se mulher”. Segundo o autor, a própria Beauvoir escrevera em 1972 que “não se nasce homem, torna-se homem” e que “a virilidade tampouco é dada logo de início”.

Noções como “homem”, “masculinidade” e “virilidade” não são, portanto, partes constitutivas de uma “natureza humana” – o mesmo vale para “mulher” e “feminilidade”. Meninos não usam azul e meninas não usam rosa por um essencialismo biológico determinativo, apesar de crenças sombrias nesse sentido que tomaram o poder político no Brasil e em outros países. Ainda que a biologia explique algumas diferenças entre os “sexos”, não são essas diferenças que estabelecem identidades, identificações, gostos, posturas e atitudes tidas como “masculinas” ou “femininas”.

Símbolo corporal, o pênis é apontado, em termos médicos e biológicos, como o primeiro elemento de diferenciação (e de construção) do masculino. Contudo, a

evolução da medicina pôs por terra sua própria teoria. Afinal, como usar órgãos genitais e gônadas sexuais para situar como “homem” ou “mulher” as pessoas intersexo? Apesar do esforço biotécnico em designar um ou outro “sexo” logo após o nascimento de crianças com características sexuais duplas, já foram relatados diversos casos em que o sexo “escolhido” por pais e especialistas não correspondia ao sexo projetado pela pessoa que passou por procedimento cirúrgico. Como aponta Machado (2005): gostos, posturas e atitudes tidas como “masculinas” ou “femininas”.

Esse processo de “fazer” homens e mulheres, entretanto, coloca os profissionais frente a um impasse, que corresponde, justamente, a essa sobreposição do artificial sobre o que é considerado o natural e vice-versa. Desse impasse, deduz-se o limite da técnica: é possível fazer *verdadeiros* homens e *verdadeiras* mulheres? E o que constitui a verdade de um sexo que não seja perpassada por condicionantes sociais? (MACHADO, 2005, pp. 75-76, grifo original)

Outro exemplo de desgenitalização é a população transgênero, embora em graus diferentes para mulheres e homens. Se as cirurgias de redesignação sexual em mulheres transgênero são procedimentos médicos amplamente conhecidos e realizados, as técnicas de construção peniana em homens trans são mais complexas. Em ambos, porém, o discurso de que a identidade de gênero não está na genitália é recorrente.

Tais situações reforçam que

Os órgãos sexuais não existem em si. Os órgãos que reconhecemos como naturalmente sexuais já são o produto de uma tecnologia sofisticada que prescreve o contexto em que os órgãos adquirem sua significação (relações sexuais) e de que se utilizam com propriedade, de acordo com sua “natureza” (relações heterossexuais). Os contextos sexuais se estabelecem por meio de delimitações espaço-temporais oblíquas (PRECIADO, 2014, p. 31)

Ou, nas palavras de Butler (2013):

Podemos referir-nos a um “dado” sexo ou um “dado” gênero, sem primeiro investigar como são dados o sexo e/ou o gênero e por que meios? E o que é, afinal, o “sexo”? É ele natural, anatômico, cromossômico ou hormonal, e como deve a crítica feminista avaliar os discursos científicos que alegam estabelecer tais “fatos” para nós? Teria o sexo uma história? Possuiria cada sexo uma história ou histórias diferentes? [...] Se o caráter imutável do sexo é contestável, talvez o próprio construto chamado “sexo” seja tão culturalmente construído quanto o gênero; a rigor, talvez o sexo sempre tenha sido o gênero, de tal forma que a distinção entre sexo e gênero revela-se absolutamente nenhuma (BUTLER, 2013, p. 25)

Se sexo e gênero são culturalmente construídos e mesmo sinônimos, entender o que podemos chamar de “devir homem” parece exigir outras interpelações. Baubérot (2013) sugere que:

Deveríamos considerar que o processo de maturação que naturalmente leva o menino ao estado de homem adulto desempenha um papel ínfimo diante do lento e profundo trabalho de inculcação pelo qual a sociedade o conduz a se conformar às características físicas e morais específicas do estado viril (BAUBÉROT, p. 189, 2013).

Chamo a atenção para o que o autor nomina como “estado viril”. Ainda que se questione o uso de “virilidade” e “masculinidade” como sinônimos⁴⁸, o apontamento de Baubérot é comparável à noção de masculinidade hegemônica de Connell (2005), definida como “a configuração de práticas de gênero que incorporam a legitimação do patriarcado, que garantem (ou são usadas para garantir) a posição dominante dos homens e a subordinação das mulheres⁴⁹” (CONNELL, 2005, p. 77).

Tal masculinidade “hegemônica”, que pode ser pensada como um tipo ideal weberiano, não é fixa e nem permanente. Varia, portanto, no tempo e no espaço. É contestada, questionada, desafiada diuturnamente. E se estabelece a partir de processos relacionais, delineando outros “tipos” de masculinidade, de acordo com Connell (2005): subordinada, cúmplice ou marginalizada.

Cecchetto (2004) lembra que desde a chamada “segunda geração” do feminismo dos anos 1970 tornou-se um “lugar comum” que a construção do masculino e do feminino e das relações de gênero varia de cultura para cultura, e nos períodos históricos. Foi quando “a masculinidade deixou de ser algo ‘evidente’ e, portanto, ‘inquestionado’, passando a ser discutida cada vez mais” (CECCHETTO, 2004, s.p.).

Por isso, imaginar uma masculinidade “hegemônica” monolítica e singular, ainda que esta se altere no tempo e no espaço, torna-se um problema. Mais do que construções, as masculinidades – assim mesmo, no plural – são estabelecidas em

⁴⁸ Há uma certa dificuldade em saber quais seriam as diferenças entre as noções de “masculinidade” e “virilidade” – ou mesmo se há diferenças. Em uma breve consulta a dois dicionários da língua portuguesa – Priberam <<https://dicionario.priberam.org/>> e Mini Aurélio (2000) –, a única grande diferença é que ambos descrevem a virilidade como “idade do homem entre a adolescência e a velhice”, o que não aparece em “masculinidade”. As demais definições são similares para os dois termos, como “ másculo”. O Priberam define “masculinidade” como “virilidade”, o que não ocorre no Aurélio.

⁴⁹ Livre tradução do texto original: “*Hegemonic masculinity can be defined as the configuration of gender practice which embodies the currently accepted answer to the problem of the legitimacy of patriarchy, which guarantees (or is taken to guarantee) the dominant position of men and the subordination of women.*”

relações, tanto entre homens e mulheres com entre os próprios homens. São situacionais e variam tanto entre culturas como dentro de uma própria cultura. É possível, portanto, imaginar a transitoriedade de um homem em torno de variadas masculinidades em diferentes ambientes relacionais, como família, trabalho, amizades, etc..

Se há diversas masculinidades, e mesmo diversas masculinidades hegemônicas, há de se supor que a “hegemonia” está sempre em disputa. Portanto, o sujeito “macho”, o sujeito “homem”, torna-se fluido e agenciável. Os trânsitos podem deslocar esses papéis e transformar submissão em hegemonia, hegemonia em cumplicidade, cumplicidade em submissão.

Tal deslocamento se torna ainda mais complexo levando-se em consideração que a(s) masculinidade(s), como roteiro(s) simbólico(s) do gênero, não se define(m) em si mesma(s). Ela(s) se cruza(m) com outras categorias sociais de diferenciação – raça/cor da pele, classe social, corporeidade, territorialidade, etc. –, em modulações interseccionais.

Exemplo disso é a “confraria da esquina” pesquisada por Souza (2011) no início dos anos 2000. Trata-se de um grupo de cerca de 15 homens, com idades entre 30 e 45 anos à época e médio poder aquisitivo, que se reuniam todos os fins de semana em um espaço público – uma esquina – entre os bairros da Vila da Penha e do Quitungo, no subúrbio do Rio de Janeiro, para a realização de um churrasco, em geral após jogarem futebol.

As conversas entre os “confrades” relatadas por Souza (2011) reiteram certa valorização do passado como uma época em que “homem era homem”, e “não tinha frescura”; marcam uma permanente vigilância sobre a coerência entre atitudes e falas de seus integrantes; reforçam a necessidade de ser ter uma boa “companheira” ou “esposa”, que cuide bem da casa e da família e, sobretudo, saiba que aquele espaço, embora público, é “lugar de homem, e apenas de homem” – o velho paradigma patriarcal da rua como espaço masculino e a casa como lugar feminino, relatado também por Almeida (1995) em sua etnografia sobre o povoado de Pardais, no sul de Portugal.

Chamamos atenção para algumas falas e ações desse grupo que remetem a um aspecto da construção da masculinidade: a sexualidade, mais precisamente, a heterossexualidade. Esta é constantemente questionada pelos “confrades”, geralmente em tom jocoso, e precisa ser permanentemente reiterada por eles como

condição para se manterem como “homens de verdade”. Seja por falas, por respostas provocativas ou por pequenas atitudes que simbolicamente reforçam sua virilidade.

A reiteração dessa masculinidade supostamente “hegemônica” se dá muitas vezes na exposição de conquistas sexuais. Ainda que tenha de haver certos limites – a linha que separa um “homem de verdade” por suas relações sexuais de um falastrão que não inspira credibilidade pode ser tênue –, verbalizá-las é um exercício que dirime dúvidas quanto à heterossexualidade, mas posiciona os confrades em graus de masculinidade variados.

Souza (2011) ainda relata que “o álcool é um dos componentes de um homem de verdade. Através da compra, partilha e consumo da bebida alcoólica que um homem se faz mais homem perante outros homens” (SOUZA, 2011, p. 44). Esse consumo, porém, mesmo sendo exagerado verbalmente pelos confrades – um “homem de verdade” sabe beber, e beber bem –, deve ser feito com cuidado. Um ditado bastante popular é mencionado rotineiramente pelo grupo: “cu de bêbado não tem dono”. Assim, surge aqui uma outra vertente do cuidado de si: a necessidade de saber seus limites para não por sua masculinidade em risco.

Este ditado demonstra que um bêbado pode chegar a tal nível de perda de autocontrole que pode ser emasculado: ter sua parte traseira do corpo – parte que deve ser resguardada com maior zelo, parte que não deve ser tocada por homem ou mulher – *possuída* por outro homem significa ter sua honra *tomada de si* (SOUZA, 2011, p. 45).

Assim, como apontam Sáez e Carrascosa (2016), a masculinidade dos “homens de verdade” está no ânus – ou ao menos sua parte “fisiológica”. Por isso os questionamentos da “macheza” costumam envolver a penetração do que deve ser impenetrável para eles. É a honra colocada em jogo, considerando-a sob a noção de Pitt-Rivers (1971), em etnografia realizada na Andaluzia, na Espanha.

Honra é o valor que uma pessoa tem aos seus próprios olhos mas também aos olhos da sociedade. É a sua apreciação de quanto vale, da sua pretensão a orgulho, mas é também o reconhecimento dessa pretensão, a admissão pela sociedade de sua excelência, do seu direito a orgulho. [...] A honra fornece, portanto, um nexos entre os ideais da sociedade e a reprodução destes no indivíduo através de sua aspiração de os personificar (PITT-RIVERS, 1971, pp. 13-14).

Se por um lado a impenetrabilidade anal é a garantia da masculinidade, ter relações sexuais com outros homens como ativo – penetrando ou recebendo sexo

oral – não parece ameaçar esses “homens de verdade”. Souza (2011) descreve relatos de dois taxistas integrantes da confraria que narraram sem pudores episódios em que foram “chupados” por outros homens.

O fato de estes homens terem tido contato sexual com outros homens não afeta em nada sua imagem pública de homem, estas histórias eram contadas e ouvidas com naturalidade. Este tipo de contato sexual não contamina a imagem pública masculina no meio do grupo da esquina por não ter havido durante o ato uma inversão de papéis sexuais. Afinal, Sérgio e Mauro⁵⁰ não assumiram um papel que os emasculassem, uma vez que foram eles que tiveram os pênis tocados, o que garantiria a manutenção de sua virilidade. Para eles também não haveria homossexualidade neste ato sexual: este é sexo feito por iguais, o que para estes homens isto não aconteceu, já que um homem que se *feminiliza* não é um igual (SOUZA, 2011, p. 95).

O verso, portanto, tem de ser intocável para se ser um “homem de verdade”. Simultaneamente, a frente deve ser constantemente reificada. Isso se dá no hábito entre os confrades de “coçar o saco” e “mexer no pênis” uns perante outros. Também uma espécie de lembrança de que todos detêm o capital simbólico que um “macho” precisa ter para estar ali, entre cervejas em profusão e uma “carne queimando”.

A masculinidade do “homem de verdade” teria seu oposto – a não-masculinidade – no homem que se deixa penetrar ou que “chupa” outro homem – que se *feminiliza*. Ao abdicar do poder da penetração, o homem deixa de ser “homem”, na visão dos “confrades da esquina”. Essa visão nos traz um outro ator nesse “jogo de masculinidades”, sujeito desta pesquisa: o homem homossexual.

Foucault (1994) relata que “o homossexual como espécie” é resultado dos avanços da medicina e da psiquiatria na segunda metade do século 19. Sua “criação” seria anterior ao próprio conceito de heterossexualidade, de acordo com o filósofo.

Essa delimitação psico-médica foi suficiente para estigmatizar as práticas sexuais entre homens, até então condenáveis apenas pelo direito canônico, não por se tratar de relações entre pessoas do mesmo “sexo”, mas por envolver a sodomia, a penetração anal, um “pecado” pelas leis bíblicas, explica Foucault (1994). Foi quando “o amor que não ousa dizer seu nome”, nas palavras do escritor inglês Oscar Wilde, transformou-se em perversão e crime. Wilde, inclusive, foi preso e condenado por manter relações homoeróticas com outro homem.

O termo “homossexual”, aponta Tamagne (2013), foi empregado pela primeira vez na história em 1869 pelo escritor húngaro Karoly Maria Kertbeny e “veio

⁵⁰ Nomes fictícios dos informantes de Souza (2011).

progressivamente a ser categorizado como um ser à parte, definido pela sua orientação e por suas práticas sexuais, que se opunha assim ao ‘heterossexual’” (KATZ *apud* TAMAGNE, 2013, p. 424).

O homossexual tinha sido definido, no final do século XIX, como um contratipo viril. Alguns militantes homossexuais, como Karl Heinrich Ulrichs e Magnus Hirschfeld tinham afirmado a existência de um “terceiro sexo”: o “invertido” tinha “uma alma de mulher num corpo de homem”. Se alguns homens se identificavam plenamente com esta imagem, outros escolhiam uma apresentação de si mesmos como afeminados, a fim de melhor se integrar no seio da subcultura homossexual, ou como estratégia destinada a capturar a atenção de parceiros “heterossexuais” (TAMAGNE, 2013, p. 426).

“Contratipo viril”, “alma de mulher num corpo de homem”, “afeminados”. Tais expressões podem ser traduzidas como passividade sexual – afinal, a mulher “recebe” o pênis do homem. Contudo, o que parece mais evidente nessas delimitações do “terceiro sexo” é uma marca identitária socialmente reconhecível: a feminilização do homem, ou seja, sua não-masculinidade.

As “práticas de alcova” parecem não importar para definir a “inversão”. “Supõem-se” que se um homem é afeminado, logo ele “só dá”, é passivo sexualmente. Mas é possível ter certeza disso? Se “afeminar-se” socialmente era uma estratégia para atrair parceiros “heterossexuais” (os “homens de verdade”), não se pode se afirmar que, nas relações sexuais, o homem “afeminado” não fosse capaz de ser o ativo.

A representação social do homossexual como um homem exclusivamente “afeminado” e “frágil” como uma mulher sofre modificações a partir dos anos 1970, sobretudo a partir de movimentos sociopolíticos que surgiram em países ocidentais em prol da desestigmatização da homossexualidade e da descriminalização de práticas homossexuais. O “afeminado”, então o grande representante simbólico da subcultura gay, passa a dividir espaço – e disputa por poder – com o que Tamagne (2013) chama de “clone”, ou *macho man*.

Ainda que, no início do movimento, muitos gays se fundassem na contracultura hippie e usassem cabelos grandes e jeans com pata de elefante, eles rompiam logo com uma imagem que não lhes permitia ser visíveis como homossexuais e que conservava, além disso, a suspeita de androginia, e escolheram propor um olhar decididamente viril. Em consequência, ainda que, no início do século XX, “se fazer de louca” podia ser um meio de atrair parceiros machos, alguns homossexuais afeminados se sentiram obrigados agora “a se apresentar como homem viril para alcançar o mercado de encontros” (TAMAGNE, 2013, p. 428).

Compreende-se, assim, que essa “supervirilidade”, uma masculinidade “de verdade”, hegemônica, passa a ser dissociada da posição assumida nas relações sexuais. O clone, ou *macho man*, desloca definitivamente a masculinidade do ânus para as representações sociais. Em seu grau máximo, a passividade sexual se torna um marcador de “macheza” não atingível por qualquer pênis penetrador. Como ressaltam Sáez e Carrascosa (2016):

Se a masculinidade não está nos genitais (existem biomulheres masculinas e existem trans F2M que são homens sem genitais masculinos), nem nos hormônios... onde está? Ora, no cu, ou, mais precisamente, em sua impenetrabilidade. Claro que isso é assim dentro do regime heterocentrado e machista. [...] Certas comunidades de couro e sadomasoquistas gays e lésbicas têm subvertido esse regime, e têm desenvolvido uma apropriação da masculinidade precisamente pelo lugar mais inesperado, por uma valorização do papel passivo na penetração (SÁEZ E CARRASCOSA, 2016, p. 86).

É preciso frisar que os exemplos dados por Tamagne (2013) e Sáez e Carrascosa (2016) relacionados a práticas homossexuais sadomasoquistas são o paroxismo de uma passividade “masculinizada”. Tais menções apenas reforçam que, ao contrário do que os “homens de verdade” de Souza (2011) insinuam em suas construções de masculinidade(s), as práticas sexuais entre homens, sejam elas como ativo ou passivo, não se mostram determinativas para delimitar o que é e o que não é “ser homem”.

Torna-se evidente, portanto, que a(s) masculinidade(s) nas práticas homossexuais é(são) definida(s) a partir das representações dos atores do arcabouço socialmente construído do que é “ser homem”. Afinal, mesmo homens assumidamente homossexuais nascem e crescem sob padrões heteronormativos não apenas de exercício de suas sexualidades, mas de comportamentos de gênero relacionados ao sexo biológico. Logo, não se pode ignorar as nuances da “velha” coerção social durkheimiana, que também pode se refletir nos desejos – como se verá no capítulo 6, quando os sujeitos desta pesquisa falam sobre “ser” e “desejar” o masculino.

2.5 Estar e não-estar: concepções liminares

Seria a meia idade um período liminar, na concepção de Turner (2005)? Na noção de liminaridade desenvolvida pelo antropólogo, o estágio liminar seria um “período intermediário de incerteza e crise”.

É esse estado de crise – o estágio liminar – que constitui o foco do ritual, que procura controlar e impor os valores da sociedade sobre o indivíduo vacilante que, por um período breve mas crítico, não está aqui nem ali. Nesse “interstício” entre *status* sociais não se aplicam regras antigas nem novas, e o indivíduo é compelido a refletir sobre sua situação, sobre seu lugar na sociedade e na verdade sobre a existência da sociedade em si. Assim, liminaridade é tanto um “estado de ser” crítico como criativo, e a mudança parece um potencial de qualquer ritual. E todavia, no fim, o iniciado é quase sempre reintegrado na sociedade (ERIKSEN E NIELSEN, 2012, p. 121)

Baseando-se na categoria de rituais que Van Gennep caracterizou como “ritos de passagem”, Turner propõe a reflexão sobre propriedades socioculturais do período liminar. Seu interesse por situações que se localizam nos intervalos da estrutura social é evidente. “Se o nosso modelo básico de sociedade é o de uma ‘estrutura de posições’, devemos encarar o período de margem ou ‘liminaridade’ como uma situação interestrutural” (TURNER, 2005, p. 137).

Por esse motivo, Turner diferencia o que considera “estado”, uma posição mais fixa e localizada, e “transição”, que aponta como um processo, um devir, ou até mesmo uma transformação. Neste sentido, ainda mencionando Van Gennep, ele lista as três fases dos “ritos de transição”: separação, margem (ou *limen*) e agregação.

Lloyd Warner (1959), *apud* Turner, explica o que o antropólogo classificou de “o tipo mais notável de ritos de passagem” como

A trajetória de um homem através de sua vida, de uma localização placentária, fixa dentro do útero de sua mãe, até a morte, e ao ponto fixo derradeiro de sua lápide, contido finalmente no seu túmulo como um organismo morto – trajetória pontuada por uma série de momentos críticos de transição que todas as sociedades ritualizam e marcam publicamente através de observâncias apropriadas para imprimir, nos membros vivos da comunidade, a significação do indivíduo e do grupo. Tais são as importantes épocas do nascimento, da puberdade, do casamento e da morte (LLOYD WARNER *apud* TURNER, 2005, p. 138).

Contudo, Turner questiona essa classificação, tendo como referências os apontamentos de Van Gennep e Henri Junod de que “os ritos de passagem não se

limitam às crises de vida culturalmente definidas, mas podem acompanhar qualquer mudança de um estado para outro” (TURNER, 2005, p. 139). Além disso,

Os ritos de passagem [...] não se restringem, sociologicamente falando, a movimentos entre posições adscriptícias de *status*. Dizem respeito, também, ao ingresso num *status* recém-alcançado, seja ele um cargo político ou a afiliação a um clube exclusivo ou sociedade secreta. Podem admitir pessoas nos quadros de um grupo religioso onde tal grupo não inclui a sociedade inteira, ou qualificá-las para as funções oficiais do culto, às vezes por uma série graduada de ritos (TURNER, 2005, p. 139)

É preciso delimitar a pertinência do conceito de liminaridade para o desenvolvimento desta pesquisa. Em sua análise, Turner (2012) menciona que:

O mesmo nome é frequentemente usado para designar aqueles que estão sendo iniciados nos diversos estágios da vida. Por exemplo, entre os Ndembu de Zâmbia, o termo *mwadî* pode significar várias coisas: pode significar “um menino neófito nos ritos de circuncisão”, ou “um chefe designado passando seus ritos de posse”, ou ainda “a primeira esposa ou esposa ritual”, que tem importantes incumbências rituais no grupo doméstico. Os nossos próprios termos “iniciado” e “neófito” têm uma amplitude de referência similar. De tudo isso deduz-se que a ênfase tende a recair na própria transição, mais do que nos estados particulares entre os quais ela se verifica (TURNER, 2012, p. 140)

Assim, os períodos liminares não se localizam em um único interstício entre estados. A liminaridade pode ser observada entre variados estados, já que o que ela determina é o estágio de transição, de mudança, de passagem de um estado a outro.

Cronologicamente, poderíamos considerar a meia idade como um estágio de transição entre a “fase adulta” e a “terceira idade”. Trata-se do que “não é isso, nem aquilo, e, no entanto, é ambos” (TURNER, 2005, p. 144). No entanto, a dissociação do “cuidado de si” do tempo cronológico fluidifica esse período além dos ritos de passagem. A liminaridade da meia idade, como uma noção que provocaria a invisibilidade social e, por vezes, física dos sujeitos que nela se situam, confirma, nesse sentido, sua característica processual, como sugerido por Turner.

Lembremos das categorias classificatórias distintas para homens de meia idade citadas anteriormente. Há modulações entre “maduros” e “coroas”, diferenciações que são referenciadas pelo tempo cronológico para alguns, mas também pela aparência (o cuidado de si) e a “formação” – a “maturidade” ganha com o curso da vida. De certa forma, pode-se supor que aqueles que não se encaixam

nessas categorias estariam num período liminar. Ou talvez que a própria liminaridade permita “trânsitos” tanto entre os estados que a delimitam como nela mesma.

Assim, “maduro” e “coroa” aparecem como modulações para o processo de envelhecimento que marcariam “estados”, como explica Turner (2005), dentro de uma liminaridade “cronológica”. O passar do tempo e as marcas físicas do curso da vida podem ser de algum modo relativizados ou contemporizados no mercado homoerótico masculino, num período que, cronologicamente, poderia ser considerado liminar. Contudo, a liminaridade aqui pode ser determinada por outras características, como a falta do cuidado de si e a falta de “maturidade”.

2.6 Envelhecimento como “poluição”

No desenvolvimento do conceito de liminaridade, Turner (2005) cita “Pureza e Perigo”, de Mary Douglas, como uma de suas referências. Ele narra “o interessante e elucidativo ponto de vista segundo o qual a poluição deve ser conceituada como ‘uma reação visando proteger da contradição princípios e categorias estimadas’” (TURNER, 2005, p. 141).

Se Turner desenvolve a liminaridade como uma categoria que poderíamos chamar de “entre-estados” – ainda que fluidos e relacionais –, Douglas faz uso da poluição como aquilo que não se encaixa, que ameaça, que desestabiliza e que pode “contaminar” o todo social, mas que, ao mesmo tempo, está dentro e faz parte dele – algo como o “está e não está” que Turner aponta.

Há sinais “identificáveis” daquilo que, para a sociedade ocidental, pode ser considerado “sujeira”, como as secreções corporais, que teriam solução nos hábitos de higiene – e que precisa ser reforçada em situações envolvendo relações sexuais. Contudo, a ideia de sujeira da qual trata Douglas extrapola essa abordagem.

Como se sabe, a sujeira é, essencialmente, desordem. Não há sujeira absoluta: ela existe aos olhos de quem a vê. Se evitamos a sujeira não é por covardia, medo, nem receio ou terror divino. Tampouco nossas ideias sobre doença explicam a gama de nosso comportamento no limpar ou evitar a sujeira. A sujeira ofende a ordem. (DOUGLAS, 2012, p. 12)

Quando se trata do processo de envelhecimento e, em particular, das posições ocupadas pelos homens de meia idade com práticas homoeróticas nesse processo,

parece interessante destacar como podem operar as nuances da poluição apontadas pela autora.

Não é difícil de ver como as crenças em poluição podem ser usadas num diálogo reivindicatório e contra-reivindicatório de *status*. Mas ao examinarmos crenças de poluição descobrimos que os tipos de contacto tidos como perigosos também carregam uma carga simbólica. Este é o nível mais interessante no qual as ideias de poluição se relacionam com a vida social (DOUGLAS, 2012, p. 14).

Douglas (2012) sugere a existência de quatro “tipos” de ameaças que podem provocar a poluição social: o perigo que pressiona os limites externos do grupo; o perigo que surge da transgressão dos limites internos por integrantes do grupo; o perigo nas margens das linhas; e, por fim, o perigo da contradição interna, quando “o sistema parece estar em guerra consigo mesmo”⁵¹ (2012, p. 151).

Para melhor entender como a carga simbólica nos contatos tidos como “perigosos” e os perigos que podem ameaçar a “estabilidade” de um grupo agiriam nas relações entre homens homossexuais em geral, faz-se necessário delimitar um pouco mais o que chamamos de “subcultura gay”. Esta abarcaria todas as manifestações afetivo-sexuais-comportamentais observáveis entre homens que fazem sexo com outros homens⁵² – embora seja importante ressaltar que há homens que não se assumem publicamente como gays ou não se consideram gays por praticarem atos sexuais com outros homens.

É possível considerar algumas possibilidades de “desordem” na subcultura gay. Considerando, por exemplo, alguma unidade nesta subcultura, o perigo estaria

⁵¹ Douglas justifica a rigidez da sistematização que propõe em seu trabalho: “a sociedade não existe num vácuo neutro, sem comando. Está sujeita a pressões externas; o que não está com ela, não é parte dela e não está sujeito a suas leis, é potencialmente contra ela. Descrevendo estas pressões em limites e margens, admito ter feito a sociedade parecer mais sistemática do que ela realmente é. Mas é justamente uma expressiva supersistematização que é necessária para se interpretar as crenças em questão. Pois, acredito que ideias sobre separar, purificar, demarcar e punir transgressões, têm como sua função principal impor sistematização numa experiência inerentemente desordenada. É somente exagerando a diferença entre dentro e fora, acima e abaixo, fêmea e macho, com e contra, que um semblante de ordem é criado. Neste sentido não tenho medo da acusação de ter feito a estrutura social parecer demasiado rígida”. Por isso, acredito ser importante ressaltar que, ao propor o uso da noção de poluição nesta pesquisa, levo em consideração que tal conceito não pode ser encarado como determinativo, mas um referencial teórico observável nas relações envolvendo homens de meia idade.

⁵² A expressão “homens que fazem sexo com homens” foi incorporada em campanhas de saúde pública para promoção do “cuidado de si” na evitação da contaminação pelo vírus HIV. Contudo, debates antropológicos contemporâneos vêm questionando esse termo, visto que essencializa e naturaliza a categoria “homem”. Tal crítica surgiu a partir da emergência dos homens transexuais e transgêneros.

envolvido nas relações entre esses sujeitos e homens heterossexuais que os combatem, uma ameaça externa de poluição.

A própria oposição entre não-assumidos e assumidos pode ser considerada como o perigo que vem dos limites externos. Se o primeiro grupo se situaria “fora” da subcultura gay, o contato com os assumidos pode ser uma ameaça à identidade e à ordem deste segundo grupo. A transgressão se deslocaria para os não-assumidos, que também se tornam perigosos por se posicionarem nos limites, nas margens.

Internamente, a carga simbólica do perigo pode ser representada pelos conflitos entre homens publicamente homossexuais considerados “afeminados” e aqueles que são “masculinos”. Enquanto os primeiros podem ser vistos como uma “transgressão”, portanto, do gênero associado ao sexo biológico, os segundos ameaçam a posição dos afeminados ao tentarem estabelecer uma hierarquia que torna a masculinidade como única representação.

O deslocamento possível dos exemplos anteriores comprova que os grupos são fluidos, permeáveis, imprecisos. E como mostra Douglas (2012),

Onde as linhas são precárias, achamos ideias de poluição que vêm para sustentá-las. O cruzamento físico da barreira social é considerado uma poluição perigosa [...]. O poluidor torna-se um objeto de desaprovação duplamente nocivo, primeiramente porque cruzou a linha e, em segundo lugar, porque colocou outras pessoas em perigo (DOUGLAS, 2012, p. 170)

Se todos esses perigos rondam homens que mantêm relações afetivo-sexuais com outros homens, ao voltarmos a considerar os homens de meia idade tais perigos parecem ganhar novas significações, se observarmos as exigências do “cuidado de si” envolvidas no processo do “bom envelhecimento” e da “maturidade” associada com o curso da vida. Além disso, em intersecções com outros marcadores sociais da diferença, como o gênero, a geração, a corporeidade e a classe social, podem representar poluições ameaçadoras.

Para tornar mais claro esse viés do “perigo”, vale mencionar novamente a *persona* quase típico “não-ideal” integrada a essa subcultura: a “cacura”. Se “maduro” e “coroa” são modulações positivadoras (e nada ameaçadoras) para o processo de envelhecimento que combinam idade e corporeidade, torna-se possível situar a “cacura” como uma categoria acusatória que interseccionaliza gênero e idade. Mesmo o cuidado de si e a maturidade não tirariam sua capacidade “poluidora”, capaz de

contaminar o padrão masculino e, portanto, heteronormativo, que norteia a subcultura gay, sobretudo com o permanente reforço do homem homossexual “típico-ideal”.

Dessa forma, a “cacura”, como um homem de meia idade, “descuidado” e “afeminado”, é uma transgressão que ameaçaria a estabilidade. Como tal, é uma poluição que deve ser combatida.

Contudo, é preciso ressaltar que a acusação de quem é ou não “cacura” depende dos sujeitos em relação. Assim, a poluição também se fluidifica e se desestabiliza de acordo com as situações. Afinal, não existe sujeira absoluta, como bem disse Douglas (2012): o que é ou não sujeira – ou “cacura” – depende dos olhos de quem vê.

Após esse “passeio” teórico, o próximo capítulo vai literalmente “viajar” para as duas regiões onde vivem os homens de meia idade que participam desta pesquisa, situando-as demográfica e economicamente. E também vai começar a apresentar os sujeitos, com seus dados gerais, e como se deu meu contato com eles.

3 OS LUGARES DOS SUJEITOS E OS SUJEITOS DOS LUGARES: SITUANDO OS TERRITÓRIOS E OS HOMENS

Neste capítulo são apresentados dados territoriais e sociodemográficos da Região Metropolitana do Rio de Janeiro (RMRJ) e do Extremo Sul da Bahia (ESB). Com isso, pretende-se mostrar possíveis similaridades, mas sobretudo as diferenças entre essas áreas, em especial sob uma perspectiva comparativa entre capital/metrópole e interior/cidade pequena.

Também aqui começo a apresentar os sujeitos participantes desta pesquisa. Além de seus dados gerais, como idade, lugar de moradia, raça/cor da pele e classe social – estes dois últimos a partir de suas autodefinições –, mostro também como se deu nosso contato até o momento de nossa conversa. E algumas particularidades que julgo importante destacar nesse processo.

3.1 A cidade do Rio de Janeiro e sua região metropolitana

A Região Metropolitana do Rio de Janeiro (RMRJ) é formada por 22 municípios, de acordo com o Instituto Rio Metrópole, órgão de execução das decisões do Conselho Deliberativo da Região Metropolitana. O conselho deliberativo, por sua vez, é formado pelo governador do estado do Rio de Janeiro, que o preside, pelos prefeitos das 22 cidades que integram a RMRJ e por três segmentos da sociedade civil.

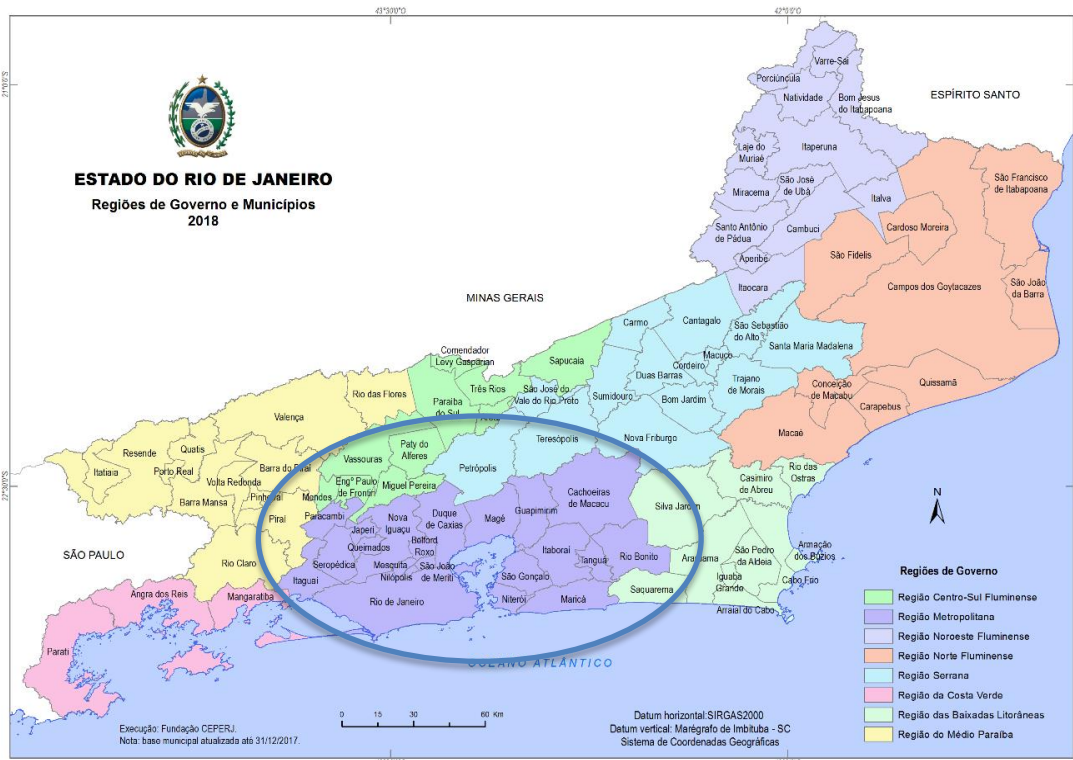
Uma região metropolitana é “caracterizada por um recorte político-espacial complexo que envolve uma cidade central (metrópole) que polariza e dinamiza as demais cidades ao redor, influenciando-as econômica, social e politicamente”, explica o instituto. A cidade do Rio de Janeiro – capital do estado – é, portanto, a metrópole, e juntamente com 21 municípios de seu entorno, não necessariamente fronteiriços, forma a área também conhecida como “Grande Rio”.

Mapa 1 – Municípios integrantes da Região Metropolitana do Rio de Janeiro (RMRJ)



Fonte: FUNDAÇÃO CEPERJ

Mapa 2 – Estado do Rio de Janeiro, com destaque na RMRJ⁵³



Fonte: FUNDAÇÃO CEPERJ. Destaque feito pelo autor.

⁵³ Este mapa tem como data-base o dia 31 de dezembro de 2017, como explicado na legenda. Por isso, não considera o município de Petrópolis como integrante da RMRJ, que somente passou a fazer parte da região com a Lei complementar nº 184, de 27 de dezembro de 2018, do governo do estado do Rio de Janeiro. Já o mapa 1 foi elaborado após essa legislação e, por isso, engloba a referida cidade.

Embora represente menos de 10% de todo o território fluminense, com cerca de 4 mil quilômetros quadrados, o Grande Rio responde por mais de 60% da população do estado. São 10,7 milhões de pessoas, segundo estimativas populacionais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) relativas a 2021.

Em relação ao Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM), uma cidade da RMRJ tem um IDHM muito alto (acima de 0,800), segundo dados do IBGE de 2010, último ano de cálculo do índice. Outras 15 têm IDHM alto (de 0,700 a 0,799). E seis apresentam índice médio (de 0,555 a 0,699).

Esses dados são apresentados mais detalhadamente na Tabela 1.

Tabela 1 - Região Metropolitana do RJ - dados geográficos e socioeconômicos

Municípios (1)	Área	População estimada (2021)	Densidade (hab/km ² - 2010)	Litorânea?	PIB per capita (2019)	IDHM (2010)
Belford Roxo	79,0	515.239	6.031,4	Não	15.785,96	0,684
Cachoeiras de Macacu	954,7	59.652	56,9	Não	19.321,87	0,7
Duque de Caxias*	467,3	929.449	1.828,5	Sim	49.295,96	0,711
Guapimirim	358,4	62.225	142,7	Sim	17.538,51	0,698
Itaboraí*	430,0	244.416	506,6	Sim	20.484,24	0,693
Itaguaí	282,6	136.547	395,5	Sim	59.757,50	0,715
Japeri	81,7	106.296	1.166,4	Não	13.711,90	0,659
Magé	390,8	247.741	585,1	Sim	17.355,94	0,709
Maricá	361,6	167.668	351,6	Sim	232.761,15	0,765
Mesquita	41,2	177.016	4.310,5	Não	13.166,48	0,737
Nilópolis	19,4	162.893	8.117,6	Não	17.875,04	0,753
Niterói	133,8	516.981	3.640,8	Sim	90.643,80	0,837
Nova Iguaçu	520,6	825.388	1.527,6	Não	21.220,42	0,713
Paracambi	190,9	53.093	262,3	Não	18.798,44	0,720
Petrópolis	791,1	307.144	371,9	Não	44.559,04	0,745
Queimados	75,9	152.311	1.822,6	Não	25.782,11	0,680
Rio Bonito	459,5	60.930	121,7	Não	25.822,81	0,71
Rio de Janeiro	1.200,3	6.775.561	5.265,8	Sim	52.833,25	0,799

São Gonçalo*	248,2	1.098.357	4.035,9	Sim	16.916,33	0,739
São João de Meriti	35,2	473.385	13.024,6	Não	20.736,22	0,719
Seropédica	265,2	83.841	275,5	Não	50.521,23	0,713
Tanguá	143,0	34.898	211,2	Não	16.878,10	0,654
	4.077,7	10.770.727	-	-	39.171,20	-
Rio de Janeiro (estado)	43.750,43	17.463.349	365,23	-	45.177 (2)	0,761
Densidade populacional da RMRJ (2021)	-	-	2.641,4	-	-	-
Peso da RMRJ no território e na população do estado	9,32%	61,68%	-	-	-	-

* Duque de Caxias, Itaboraí e São Gonçalo são banhados pela Baía de Guanabara. Entretanto, não atraem turistas de outras cidades, regiões ou estados por essa característica, como ocorre com Rio de Janeiro, Itaguaí, Niterói e Maricá, na RMRJ, e com as cidades litorâneas do Extremo Sul da Bahia

Nota: Em amarelo, as cidades dos sujeitos participantes da pesquisa

Em azul, o PIB per capita médio da região (ano referência 2019)

Fontes: Instituto Rio Metrópole (1), DataRio (2) e Portal Cidades@ - IBGE (Demais informações)

Em termos econômicos, a RMRJ respondia por 75,7% do Produto Interno Bruto (PIB) de todo o estado do Rio de Janeiro, segundo o documento “Produto Interno Bruto dos Municípios” (2020), elaborado pelo Centro Estadual de Estatísticas, Pesquisas e Formação de Servidores Públicos do Rio de Janeiro (Ceperj), com base em dados de 2018.

A região metropolitana do Rio é caracterizada pelo domínio do setor terciário, que engloba comércio, serviços e administração pública. Cálculos com base nos dados do PIB dos municípios, disponíveis para consulta no portal Cidades@ do IBGE, relativos ao ano de 2019 mostram que esse setor representa cerca de 65% do PIB do Grande Rio. Considerando apenas o segmento de serviços, a participação é de quase 50%.

3.2 O extremo sul baiano: entre mineiros e capixabas

O Extremo Sul da Bahia (ESB) é composto por 13 municípios, considerando o que a Secretaria de Planejamento (Seplan) do estado, ao tratar de política territorial, chama de “território de identidade”. São 27 sub-regiões⁵⁴.

O “território de identidade” é, segundo a Seplan (s.d.),

A unidade de planejamento de políticas públicas, constituído por agrupamentos identitários municipais, geralmente contíguos, formado de acordo com critérios sociais, culturais, econômicos e geográficos, reconhecido pela sua população como o espaço historicamente construído ao qual pertencem, com identidade que amplia as possibilidades de coesão social e territorial, conforme disposto no Plano Plurianual.

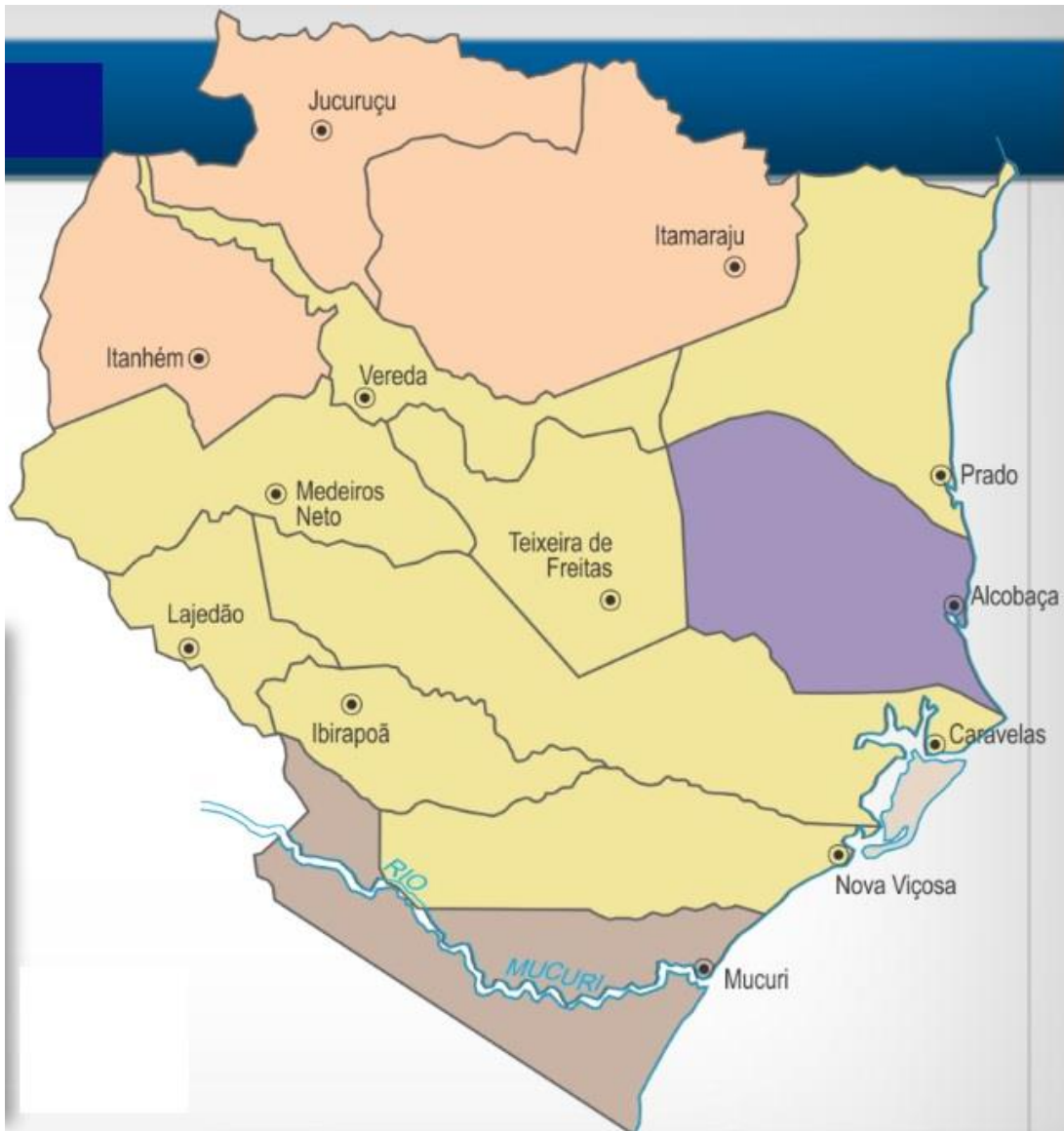
Difere, assim, da ideia de “região metropolitana”, como apresentada anteriormente, que se caracteriza por uma cidade central – a metrópole – que polariza e dinamiza as cidades ao seu redor, com influências socioeconômicas e políticas.

Contudo, é possível identificar, também no “território de identidade” do Extremo Sul da Bahia, uma cidade central – Teixeira de Freitas –, que influencia as demais, embora não da mesma forma e com a mesma intensidade que o Rio de Janeiro⁵⁵.

⁵⁴ Outra divisão feita pela Seplan é por região econômica. Por essa classificação, a Bahia é dividida em 15 áreas, e o Extremo Sul é formado por 21 municípios. Aos 13 mencionados, somam os oito que integram o “território de identidade” Costa do Descobrimento – entre eles, Porto Seguro e Santa Cruz de Cabrália. Assim, é possível encontrar publicações que chamam “Extremo Sul” a região ocupada por essas 21 cidades.

⁵⁵ Como se verá na Tabela 2, com dados socioeconômicos dos municípios que integram o ESB, Teixeira de Freitas concentra cerca de 35% da população de toda a região, e seus habitantes somam quase o triplo dos moradores de Itamaraju, o segundo município mais populoso do extremo sul baiano. No período em que morei em Prado, observei que moradores da cidade costumam ir a Teixeira, como é comumente conhecida, em busca de produtos e serviços indisponíveis em sua cidade – experiência que também vivi, em busca de um remédio. Um exemplo da centralidade de Teixeira é que, até meados de 2022, era a única cidade da região a receber um voo comercial diário, feito pela companhia aérea Azul, a partir de Belo Horizonte (MG). Outro é na área de saúde: a cidade foi a única do ESB a dispor de leitos de UTI em unidades públicas de saúde para atender a pacientes mais graves de Covid-19. E, em Prado – e nas demais cidades do entorno, talvez com exceção de Itamaraju –, casos de doenças mais graves são transferidos para Teixeira de Freitas, pela ausência de infraestrutura hospitalar – tanto pública quanto privada – nessas cidades.

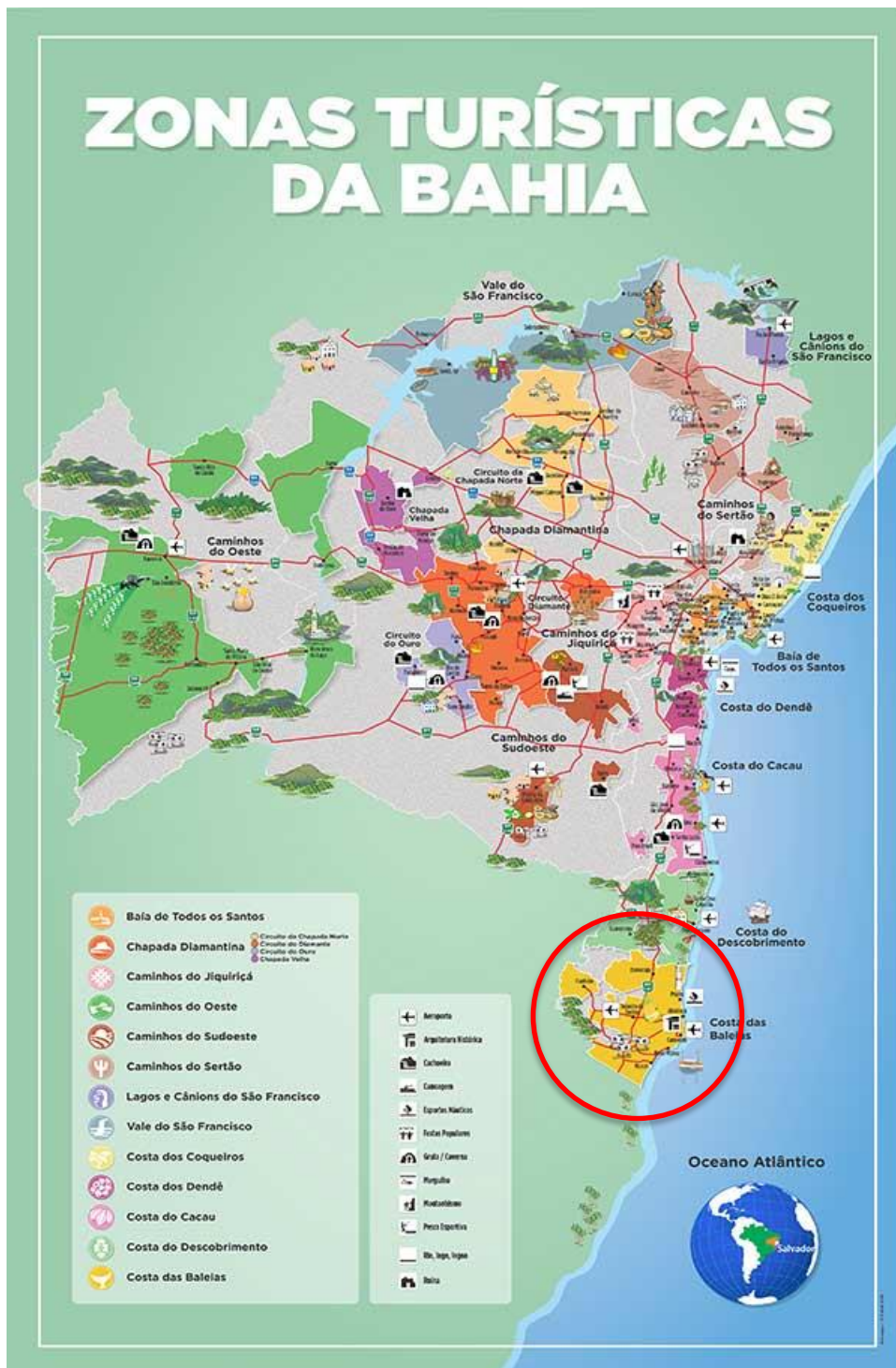
Mapa 3 – Municípios integrantes do Extremo Sul da Bahia



Fonte: SECRETARIA DE PLANEJAMENTO DO ESTADO DA BAHIA

O Extremo Sul ainda é chamado “Costa das Baleias”. O nome, derivado do zoneamento turístico feito pelo governo estadual, deve-se ao turismo de observação de baleias Jubarte, que se deslocam para a região em determinados períodos do ano, principalmente no inverno e na primavera. Além disso, há a proximidade do arquipélago de Abrolhos, outro lugar icônico para o turismo de natureza.

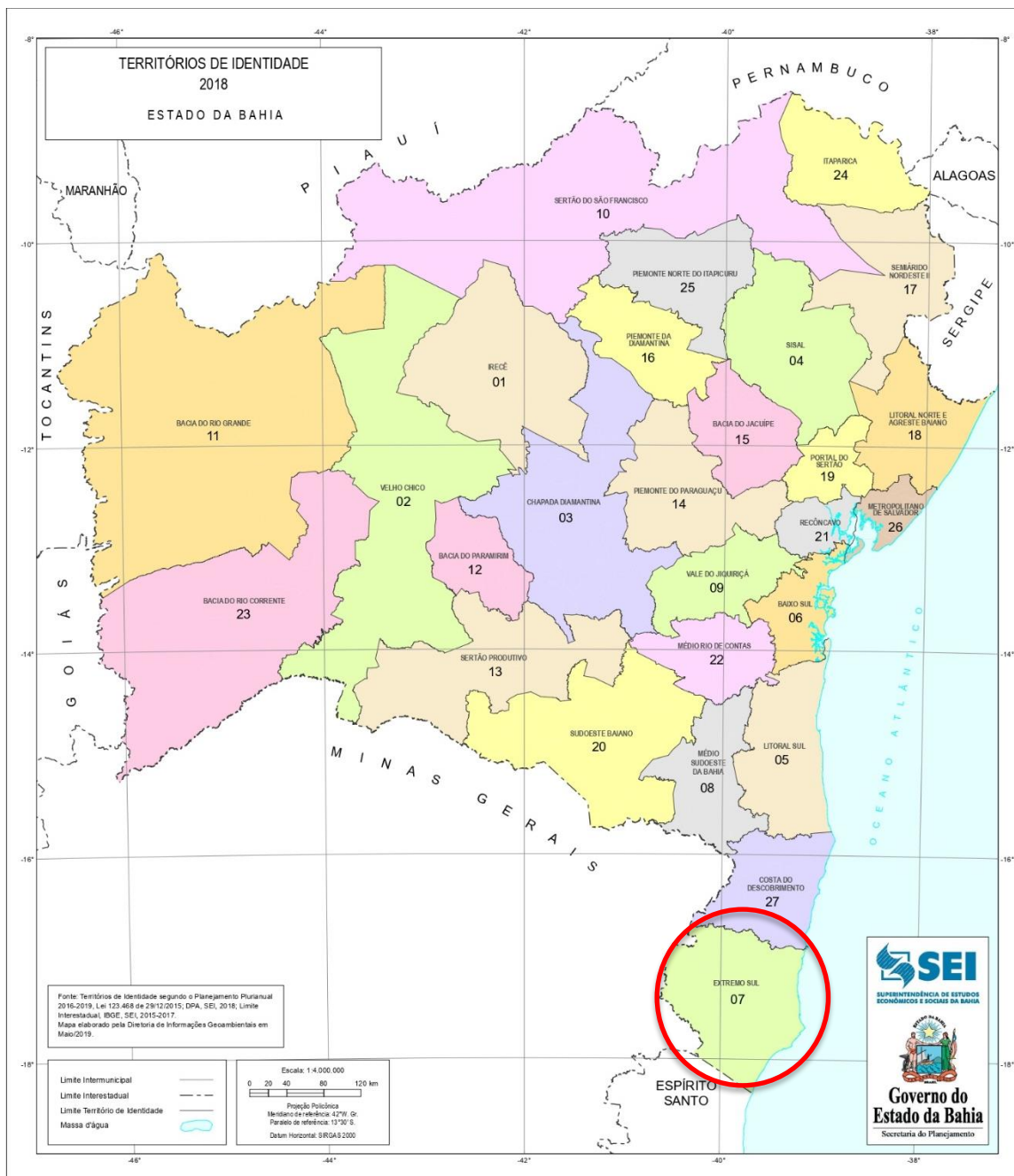
Mapa 4 – Zonas turísticas da Bahia, com destaque na Costa das Baleias



Fonte: SECRETARIA DE TURISMO DO ESTADO DA BAHIA. Destaque do autor

O mapa a seguir localiza o ESB não apenas no território baiano, como também sua posição geográfica em relação a outros estados. E isso influencia a região, incluindo na atração de visitantes para a sua área litorânea.

Mapa 5 – Fronteiras do Extremo Sul da Bahia (região em destaque)



Fonte: SEI/GOVERNO DA BAHIA. Destaque do autor.

No período em que morei em Prado, pude verificar, tanto em conversas com moradores e comerciantes como observando diretamente, que o público que frequentava a cidade em fins de semana e feriados prolongados – e também no período de verão pós-vacinação – era formado majoritariamente por pessoas das cidades da região que não dispunham de praias e também de cidades de Minas Gerais próximas do extremo sul baiano. Em menor grau, havia também turistas do Espírito Santo, que também faz fronteira com o ESB.

Não à toa, a quase inexistência de turistas ou “moradores pós-pandemia” do Rio de Janeiro fez com que eu, meu marido e nossa filha mais nova fôssemos reconhecidos como os/a “cariocas”. E, em se tratando de uma cidade pequena, nossa origem ficou bastante evidente.

Além da proximidade territorial de Minas e Espírito Santo e os deslocamentos de habitantes desses estados para o extremo sul, vale mencionar a distância das cidades da região para Salvador, capital da Bahia. E comparar essa distância com o trajeto para as capitais mineira e capixaba.

Por sua centralidade geográfica no ESB (ver Mapa 3), toma-se Teixeira de Freitas como ponto de partida. Por via rodoviária, de acordo o *Google Maps*, a cidade está a 690 quilômetros de Salvador – considerando a travessia por ferry boat da ilha de Itaparica até a capital baiana, atravessando a Baía de Todos os Santos. Se o trajeto contornar essa baía, a distância chega a 809 quilômetros.

De Vitória, capital do Espírito Santo, Teixeira de Freitas está a 367 quilômetros por rodovia. E da capital mineira Belo Horizonte, a distância é de 706 quilômetros – tudo segundo o *Google Maps*.

Pode-se alegar que, territorialmente, a Bahia é um dos maiores estados do Brasil – mais precisamente, o quinto maior – com um tamanho equivalente ao da França. Isso justificaria a menor distância entre o ESB e a capital do Espírito Santo, que é a quarta menor unidade da federação. Minas Gerais, porém, é um pouco maior que a Bahia, e sua capital está tão próxima do extremo sul baiano quanto Salvador.

Mas, voltemos aos dados socioeconômicos e territoriais do ESB.

Com cerca de 18,5 mil quilômetros quadrados, o Extremo Sul da Bahia ocupa pouco mais de 3% do território baiano. O percentual é praticamente idêntico quando se verifica a participação da população regional, de pouco mais de 458 mil pessoas (IBGE), sobre o total de habitantes da Bahia.

Quanto ao Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM), doze das 13 cidades do ESB apresentam valor médio de desenvolvimento humano, localizado no intervalo de 0,555 a 0,699. E uma delas tem índice de desenvolvimento humano considerado baixo – menor que 0,555.

Os dados estão detalhados na Tabela 2.

Tabela 2 - Extremo Sul da Bahia - dados geográficos e socioeconômicos

Municípios	Área	População estimada (2021)	Densidade (hab/km ² - 2010)	Litorânea?	PIB per capita (2019)	IDHM (2010)
Alcobaça	1.477,9	22.509	14,36	Sim	12.843,74	0,608
Caravelas	2.377,9	22.166	8,95	Sim	15.702,49	0,616
Ibirapuã	771,1	8.740	10,10	Não	31.908,04	0,614
Itamaraju	2.360,6	64.423	28,47	Não	14.814,35	0,627
Itanhém	1.394,2	19.231	13,81	Não	11.807,03	0,637
Jucuruçu	1.457,7	8.856	7,06	Não	10.236,24	0,541
Lajedão	624,4	3.993	6,07	Não	18.067,02	0,632
Medeiros Neto	1.311,7	22.741	17,40	Não	14.098,96	0,625
Mucuri	1.787,6	42.729	20,23	Sim	42.765,12	0,665
Nova Viçosa	1.316,4	44.170	29,15	Sim	11.507,69	0,654
Prado	1.692,1	28.214	15,87	Sim	15.495,87	0,621
Teixeira de Freitas	1.165,6	164.290	118,87	Não	16.541,88	0,685
Vereda	782,2	6.105	7,78	Não	11.995,54	0,577
Total	18.519,3	458.167	-	-	17.521,84	-
Bahia	564.760,43	14.985.284	24,82	-	19.726,21*	0,660
Densidade populacional do ESB (2021)	-	-	24,74	-	-	-
Peso do ESB no território e na população do estado	3,28%	3,06%	-	-	-	-
Em amarelo, as cidades dos sujeitos participantes da pesquisa						
Em azul, o PIB per capita médio da região (ano referência 2019)						
Fontes: Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia - SEI (*) e Portal Cidades@ - IBGE (demais dados)						

Pelos aspectos econômicos, assim como na RMRJ, o setor terciário (comércio, serviços e administração pública) se destaca no extremo sul baiano, com quase 60%

de participação no Produto Interno Bruto (PIB) da região, conforme dados do IBGE de 2019. Já o setor agropecuário, que é praticamente inexistente no Grande Rio, responde por cerca de 10% da produção de “riquezas” do ESB.

Outra diferença econômica em relação à RMRJ diz respeito ao peso na economia do estado. A participação do Extremo Sul no PIB baiano é pequena, de pouco menos de 3%.

3.3 Os sujeitos dos lugares

Dos 13 homens que aceitaram participar desta pesquisa, oito são do Rio de Janeiro, e cinco, da Bahia⁵⁶. O mais novo deles, Diego⁵⁷, tinha 41 anos quando conversamos, em outubro de 2021, de forma remota (*Meet*). O mais velho, Maurício, tinha 59 – nossa conversa foi a primeira que realizei para este estudo e ocorreu em fevereiro de 2020. Conversamos em sua casa.

Ambos moravam no Rio à época: Diego, em Niterói, e Maurício, em Copacabana, na Zona Sul da capital.

Eis uma breve descrição de cada um dos sujeitos – incluindo as situações que os fizeram participar desta pesquisa⁵⁸:

- Região Metropolitana do Rio de Janeiro (RMRJ)

1) Bernardo

Bernardo, 50 anos⁵⁹, solteiro, formado em Direito, mora em Botafogo, Zona Sul do Rio de Janeiro, e não trabalha, vivendo de aplicações financeiras. Define-se como branco e diz ser de “classe média alta decadente”.

⁵⁶ Dois outros homens gentilmente aceitaram participar desta pesquisa, e conversei com ambos. Contudo, um deles se enquadrava no perfil de “homem jovem que se relaciona com homens mais velhos”, perspectiva que foi deixada de lado por causa das mudanças do percurso deste estudo provocadas pela pandemia, como explicado anteriormente. O outro, embora se enquadrasse na faixa etária definida para meia idade, estava morando há pouco tempo na Bahia, mas não numa cidade do extremo sul baiano. Por isso, sua participação não foi considerada para a análise.

⁵⁷ Reforça-se que os nomes dos sujeitos participantes são fictícios.

⁵⁸ As entrevistas ocorreram em dias, meses e até mesmo anos diferentes, e antes da produção deste texto. Assim, mesmo que as realidades dos participantes tenham se modificado nesse intervalo temporal, opta-se aqui por apresentá-los e descrevê-los em tempo verbal presente, para facilitar o entendimento e situar o contexto.

⁵⁹ As idades dos participantes são aquelas à época de suas respectivas entrevistas.

Ele me contactou pelo aplicativo *Grindr*, em 1º de abril de 2022. Como já dito anteriormente, o app foi utilizado para convidar sujeitos a participar do estudo.

Nosso primeiro contato ocorreu pelo próprio *Grindr*, quando ele disse: “Interessante sua pesquisa... pode me dar mais infos?”. Expliquei a Bernardo meus objetivos, passando imediatamente o link do meu currículo Lattes.

Ele respondeu: “Legal isso... acho super válido... gays idosos eram poucos. Invisíveis em suas necessidades... mas agora somos muitos... questões específicas... Como posso te ajudar?”

Fiz o convite para a conversa, que poderia ser online ou presencial. Reforcei que já havia tomado três doses da vacina contra a covid-19. E passei meu contato de *WhatsApp*.

Bernardo respondeu: “Aahh... sou tranquilo... podemos marcar sim... meus horários é que são ruins... irregulares... além de gay, sou pai solteiro.. kkkk”. Seu filho tem 9 anos.

No *WhatsApp*, antes de nosso encontro presencial, que ocorreu cerca de uma semana depois do primeiro contato, tivemos o seguinte diálogo, por escrito:

- *Sim.. quero ajudar nisso.. sou novo tbm como coroa e tô perdido tbm hahaha isso deve me ajudar – disse Bernardo, colocando um emoji de chorar de rir.*
- *Espero que sim, hehehehehe! Eu tenho 49, e vc? Faço 50 em junho.*
- *Faço 51 esse ano.. julho..*
- *Estamos no mesmo barco...*
- *Pois é... tá osso hahah caí de paraquedas de um dia pro outro*
- *O q vc chama de ‘cair de paraquedas’? Já tô antecipando nosso papo, hehehehehe.*
- *“Hhmm é que aos 40 fui pai.. e solteiro... e assim fiquei é sem tempo pra sair... estava com uma mãe doente em casa tbm... quando ela morreu... acabando a pandemia... me vi solteiro e com tempo novamente... quase 10 anos de pausa...”*
- *E tá difícil sair dessa pausa?*
- *Mais ou menos... haha*

2) Cláudio

Cláudio, 57 anos, é jornalista, doutorando, casado, em um relacionamento aberto⁶⁰, e está sem emprego fixo. Diz-se branco e de classe média alta, “contando com a renda do meu marido”. É um amigo, e embora tenhamos certa proximidade, não somos o que comumente se chama de “amigos íntimos”. Não o convidei a

⁶⁰ De forma bastante simplificada, um relacionamento aberto se caracteriza pela liberdade sexual dos parceiros, combinada entre ambos e consentida. Assim, os parceiros podem ter relações sexuais fora do casamento, apesar de, oficialmente, manterem a monogamia de seu relacionamento.

participar da pesquisa. Ele, após ver um dos meus cards publicados no *Instagram* convidando homens a conversar, colocou-se à disposição.

Apesar de Cláudio estar morando em Lisboa, Portugal, com o marido, achei que seu depoimento valeria a pena. Afinal, Cláudio é carioca, nasceu e morou durante boa parte da sua vida no subúrbio do Rio. Formou-se, ascendeu profissionalmente e financeiramente e passou a morar na Zona Sul da cidade. Mudou-se para Lisboa em março de 2021, por causa da pandemia e também por uma promoção profissional recebida pelo marido.

Por isso, conversamos, remotamente, em 5 de abril de 2022. Ele conversou comigo na presença do marido. Não que ele estivesse do lado, acompanhando a entrevista, mas estava no mesmo ambiente. E Cláudio não usava fone e microfone.

Cláudio me consultou se poderia falar na presença do marido. Esclareci que algumas perguntas eram bastante íntimas e pessoais. Portanto, cabia a ele decidir se se sentiria à vontade ou não para falar na frente do marido. Ele não viu problema, e fomos adiante.

3) John

John, 50, militar, com mestrado, casado, em um relacionamento aberto, define-se como branco, mora no Centro do Rio de Janeiro, diz ser de classe média. Ele entrou em contato comigo pelo *Instagram* no início de dezembro de 2021, após publicação de card convidando homens do Grande Rio para participar. Tentamos conversar no mesmo mês, mas ele iria viajar, e vieram as festas de fim de ano.

Fomos tentando fazer a entrevista remotamente, já que eu ainda estava morando em Prado, na Bahia, mas não conseguimos. No entanto, como eu voltaria para o Rio no início de março de 2022 e já estaríamos com a terceira dose da vacina contra a covid, propus a ele que conversássemos na cidade, mesmo que fosse online.

Ele, no entanto, topou conversar presencialmente. E me recebeu em sua casa em 16 de março de 2022.

Foi uma das conversas mais longas feitas para a pesquisa.

4) Tiago

Tiago, 45, solteiro, tem ensino médio. Iniciou algumas graduações, mas não as concluiu. Considera-se pardo. Morando em Senador Camará, Zona Oeste do Rio, foi indicado por uma amiga, após eu buscar sujeitos que morassem em bairros da

periferia da cidade e que fossem de camadas populares. Ele estava desempregado e vivia de atividades freelancer, como cartomante e trabalhos de costura. Seu principal sustento vinha dos pais, com quem morava e de quem cuidava, juntamente como uma irmã com síndrome de Down. Diz ser de classe média, embora sinta-se confuso em definir sua classe social: “não sei, acho que tô abaixo da classe C”.

Embora eu tenha me prontificado a encontrá-lo pessoalmente, onde ele quisesse, já que meu esquema vacinal contra a covid estava completo, Tiago preferiu conversar online, em 15 de março de 2022.

À exceção da conversa com Alexandre, do Extremo Sul da Bahia, que durou muitas horas pela dinâmica pergunta-escrita-espera-da-resposta do *Grindr* (mais explicações virão a seguir), foi a entrevista mais longa da pesquisa. Tiago foi também quem mais falou de dores de sua vida, como a perda de uma irmã e o fim de relacionamentos afetivos, situações que mexeram bastante com suas emoções.

5) Rodrigo

Conheci Rodrigo na rede social *Facebook*, em julho de 2019. Se não me engano, ele me pediu amizade e eu aceitei. Entretanto, nosso contato era bastante esporádico e se resumia a curtir os posts um do outro, e muito eventualmente.

Só nos conhecemos pessoalmente em julho de 2021, durante uma manifestação “Fora Bolsonaro” no centro do Rio. Foi um período no qual ainda estava morando no Prado, mas tinha vindo à cidade para resolver pendências e voltaria para a Bahia dias depois.

Foi neste dia em que, trocando ideias, percebi que Rodrigo poderia ser um sujeito da minha pesquisa. Fiz o convite, ele topou participar. Voltei para Prado e ficamos de tentar nos falar remotamente, o que acabou não ocorrendo.

Às vésperas de voltar em definitivo para o Rio, em fevereiro de 2022, contactei Rodrigo, dizendo que estava voltando e se poderíamos não apenas nos reencontrar, mas, enfim, conversar. Ele concordou. E nosso encontro ocorreu cerca de uma semana após eu ter retornado em definitivo à cidade, em um bar próximo à minha casa, em Copacabana, em 11 de março de 2022.

Rodrigo tem 50 anos, nível superior incompleto, e se declara negro. Fala inglês e francês fluentemente e estava estudando alemão à época da entrevista. Trabalha na área de turismo. É guia de turismo e comissário de bordo marítimo. Estava se formando como comissário de bordo aéreo à época da entrevista.

Solteiro, mantinha relacionamentos com dois homens bem mais velhos que ele. Ambos alemães. A ajuda financeira desses parceiros é que faz Rodrigo se definir como classe média.

6) Diego

A entrevista de Diego ocorreu em 8 de outubro de 2021, de forma virtual. Com 41 anos, ele é chileno, declara-se pardo e mora no Brasil há seis anos, mais especificamente, no Centro de Niterói, região metropolitana do Rio de Janeiro. Foi indicado por Gérson, outro participante da pesquisa.

Professor de inglês, faz tradução e interpretação simultâneas. Graduou-se em administração de empresas, com ênfase em marketing, em seu país de origem. No Brasil, fez um curso complementar, de Gestão em Negócios Internacionais. À época da nossa conversa, estava se formando como intérprete de conferências e intérprete consecutivo e simultâneo. E fazia Tecnologia da Informação (TI), com foco em programação e desenvolvimento de sistemas.

Diego se define como solteiro, mas mora com o namorado. “Moro com meu namorado... aqui [*no Brasil*] chamam de casal, né? Casal de ser casado... Me complicou essa teoria, de que quando você mora com uma pessoa você já é casado... Eu não sou casado, eu sou solteiro. Na lei do Brasil eu sou solteiro. Mas eu tenho um parceiro que a gente mora junto.”

Diego tem dificuldade em definir sua classe social, por comparar parâmetros socioeconômicos de Brasil e Chile: “não sei qual é a escala. Mas, aqui, no Brasil, eu me considero classe baixa. A escala que eu tenho eu não sei, porque ganho dinheiro chileno e dinheiro brasileiro, 70% do meu salário é chileno, ganho mais lá no Chile, até tenho um apartamento lá, ganho dinheiro com aluguel. E as turmas que tenho lá, na verdade esse dinheiro que mais me sustenta. E outro que ganho, cá no Brasil, tenho duas carteiras assinadas, mas ganho menos que o salário mínimo. Então, eu, como brasileiro, seria pobre. Mas como eu tenho outras entradas, seria talvez classe média baixa, eu acho”.

7) Gérson

A conversa com Gérson aconteceu remotamente, em 20 de setembro de 2021, época em que eu estava morando no Prado. Nosso contato se deu no #2 Seminário Internacional Gêneros, Sexualidades e Educação na Ordem do Dia, realizado em

formato online em agosto, para o qual fui convidado para ministrar um minicurso sobre masculinidades, juntamente com o professor Dr. Leandro Teofilo de Brito, da UFRJ.

Ao apresentar o tema da minha pesquisa e falar das dificuldades em sua realização, a partir da pandemia, de encontrar sujeitos para conversar, Gérson se prontificou a participar. Trocamos contatos e marcamos nossa conversa.

Além de conceder entrevista, Gérson me ajudou, indicando vários amigos que poderiam participar da pesquisa – efeito da metodologia “bola de neve”, pela qual se pede indicações de outros sujeitos a participantes. Conversei com dois deles, mas apenas Diego se encaixava nas premissas do estudo.

Gérson tem 42 anos, é professor e tem mestrado. Mora em Itaguaí, cidade da Baixada Fluminense. Declara-se pardo. Casado, mas ele e o marido moram em casas separadas. Seu relacionamento é aberto. Diz ser de classe média.

8) Maurício

Com 59 anos, Maurício foi o primeiro participante com quem conversei, pouco antes da decretação da pandemia. Ele me recebeu em sua casa em 9 de fevereiro de 2020, em Copacabana, Zona Sul do Rio de Janeiro.

Eu já o tinha visto no aplicativo *Grindr*, onde mostrava seu corpo e seu rosto. Por morar próximo à minha residência, já o conhecia de vista. Nós nos falávamos apenas com cumprimentos curtos e informais. Entretanto, resolvi convidá-lo para participar do estudo, explicando do que se tratava. Ele concordou de imediato.

Maurício é solteiro. Com ensino médio, tem formação de massoterapeuta. Foi cabeleireiro, maquiador e, mais novo, também michê. Diz ser de “classe média sobrevivente, quase para baixo”. E define-se como “mestiço”: “me considero uma mistura de raças. Me considero pardo, talvez”.

- Extremo Sul da Bahia (ESB)

9) Régis

Régis, 51 anos, é produtor de eventos. Não concluiu a graduação em turismo, mas trabalhou na área durante alguns anos. Morando em Prado há quatro anos, define-se como negro, mas sua mãe é indígena da etnia Pataxó. Diz ser de classe média.

Conheci Régis em uma atividade cultural na cidade, no final de 2021. Após trocarmos ideias e mantermos contato, eu o convidei a participar da pesquisa. Ele não teve problemas em aceitar o convite. Apenas ficamos de marcar melhor dia e horário.

Régis me atendeu em seu local de trabalho, presencialmente, em 15 de fevereiro de 2022. Em determinado momento de nossa conversa, um rapaz que trabalha com ele – e que eu também conhecia – chegou. E ele não quis parar a entrevista, nem deixou de falar na frente do seu colega de trabalho.

Ele também me disse que não tinha problema em eu usar seu nome “de verdade” – o que não está sendo feito.

10) Alexandre

Não há como falar de Alexandre sem mostrar, *ipsis litteris*, a nota de campo sobre sua entrevista:

“Na manhã de segunda, 14 de fevereiro de 2022, um outro cara entrou em contato comigo no Grindr. A mensagem dele: ‘curti isso’. Perguntei se ele tinha curtido a pesquisa, ele disse que ‘também’, ‘achei interessante, diferente. Acho que toda experiência é válida’.

Gravei um áudio agradecendo e contei os objetivos da pesquisa, que a conversa era sobre a descoberta da sexualidade, o desejo por outros homens e como eles percebem o passar do tempo, se tem medo de envelhecer, etc. Expliquei que tava conversando com caras do Rio e do Extremo Sul.

E aí, ele gravou áudio dizendo que era interessante, que achou legal, que também tinha 49 anos como eu, e que era casado há 26 anos e pai de três filhos. ‘Mas sempre tive interesse sexual por homem, me senti atraído sim. Sou muito reservado, não saio por aí pegando torto e a direito. Achei legal, li seu perfil e achei bacana. Sei que é um pouco complicado fazer isso, mas eu... achei interessante.’

Perguntei se ele morava no Extremo Sul, ele disse que sim, em Teixeira de Freitas. E aí eu mandei: ‘Cara, eu gostaria muito de conversar com vc. Justamente pelo seu perfil.’

Ele topou, disse que poderia conversar. E me pediu pra perguntar ali mesmo [pelo Grindr, por meio de troca de mensagens, escritas ou de áudio].

Esclareci que era um pouco mais complexo... falei do roteiro de perguntas, de bate papo, que levava mais ou menos uma hora, porque falava sobre presente, passado e futuro. Expliquei que, com a pandemia, fazia as entrevistas pelo Meet, pras pessoas me verem, mas que podia fazer por telefone, pelo zap ou até pessoalmente, porque estava com o esquema vacinal completo. Embora ir a Teixeira – fica a uns 70 quilômetros de Prado – seria mais complicado.

Ele disse que entendia, que trabalhava e também seria complicado.

Mas achei a história tão possível de render que apelei. Disse que me adaptaria ao horário dele, e que, em última instância, iria a Teixeira, pois estava de carro.

Ele perguntou se ‘isso expõe a gente, alguém fica sabendo, como que é?’. Esclareci que não, que não identificava ninguém, que usava pseudônimos, etc..

Ele perguntou se eu era casado com homem. Respondi que sim, há 15 anos.

Então, passei o link do meu [currículo] Lattes, pra me apresentar e dizer quem eu sou.

Aí ele disse, após uma pausa no áudio: “não sei se vc vai gostar da minha história... minha sexualidade começou um pouco cedo, com 14 anos, casei com 20 e assim vai.”

Eu disse que gostava de todas as histórias, falei de ser jornalista, falei que gostava de escutar as pessoas, que gostava das histórias. Disse a ele que ele já tinha me dado informações bem bacanas, e que tinha acabado de me dar mais informações bem bacanas também.

‘Eu acho que a tua história é bem bacana. O que eu queria saber é se você se interessou em contar essa história. Parece que sim, eu tô sentindo que você tá afim de contar. Eu tô aqui a disposição pra isso’, gravei em áudio.

A resposta dele: ‘eu me interessei, sim, em contar, até porque eu não falo disso pra ninguém. E... eu acho que falar pra alguém é um desabafo, sei lá, vai ajudar um pouco também na minha vida’. E aí ele perguntou se a conversa seria só eu e ele e que gostaria que a conversa não fosse gravada, que eu escrevesse.

Reforcei que somos só eu e ele, e repeti como poderia ser. Apenas ressaltai que achava importante que nós nos víssemos, não apenas por fone. Cara a cara, mesmo pelo Meet.

Quanto à gravação, contei que costumava gravar, porque depois tirava o áudio e transformava em texto, para facilitar a análise. “mas, se você não se sente à vontade em gravar a entrevista... eu vou ter que ir anotando os tópicos, alguma coisa. Vai cansar um pouco a minha mão, mas, se você acha que isso é melhor, eu topo.”

Repeti que iria à Teixeira encontrá-lo, se ele achasse melhor.

E passei meu zap [WhatsApp].

Ele respondeu que iria ver um “dia estratégico” e que combinaria comigo. Ressaltou que preferia que fosse presencialmente e que eu não gravasse a conversa, ‘não vou me sentir muito confortável’. E disse que não sabia o que eu queria saber a respeito dele.

Reforcei que o que eu queria saber era a história dele, que não tinha nada conceitual ou teórico: ‘o que você vai me contar é apenas a sua história: presente, passado e futuro’.

Aí ele decidiu ‘adiantar’ algo. E nesse adiantar, a entrevista foi se desenrolando – embora não tenha sido concluída, porque, no final, ele deixou de me dar retorno. Até o momento em que ele não mais respondeu, foram 2 horas e 35 minutos... muito mais do que a uma hora habitual que eu levo conversando via Meet ou ao vivo. Mas, embora incompleta, trouxe informações muito interessantes.”

Alexandre tem 49 anos e foi o único homem com quem conversei que se definiu como bissexual – os demais disseram ser homossexuais. Casado com uma mulher, tem três filhos e mora em Teixeira de Freitas há 44 anos. Define-se como pardo, embora tenha dito que “uns dizem que eu sou branco”. Quanto à classe social, disse ter “uma vida tranquila. Consigo fazer viagens claro dentro do Brasil. Finais de semana em praias. Moro bem. Tenho moto e carro”. Perguntado se isso seria ser de classe média, ele disse: “eu acredito que levo uma vida confortável na medida do possível”.

Importante explicar que toda a entrevista foi feita por meio escrito – a única feita nessa modalidade. Fui escrevendo as perguntas no chat do *Grindr*, e ele respondia também por escrito. E, por não estar se desenrolando em um dia e horário marcados,

a devolução das respostas dependia da disponibilidade – e vontade – de Alexandre responder.

Outra especificidade é que Alexandre não mostrou seu rosto em nenhum momento. Nas duas fotos que exibe no aplicativo – usado prioritariamente como uma ferramenta para encontrar parceiros sexuais, como já explicado –, mostrava apenas partes de seu corpo.

Na foto principal (de apresentação no aplicativo), ele está de calça social e camisa de botão. O recorte da imagem se dá a partir do pênis, mostrando o volume sob a calça. A foto mostra um homem segurando uma taça, com enquadramento pouco acima do umbigo a logo abaixo do cós da calça.

A outra foto foi feita de baixo para cima. Ele está de calça e casaco. Novamente, o foco é o volume do pênis: de baixo para cima, a foto começa logo após o cós da calça e termina um pouco abaixo do pescoço.

Ao contrário de Bernardo, cujo contato também foi feito pelo *Grindr* e se mostrou interessado unicamente em conversar sobre sua vida, Alexandre tentou obter alguma vantagem sexual. Mais precisamente, ele pediu, em determinado momento da entrevista, que eu lhe mandasse uma foto do meu pênis, como detalhado no capítulo 2.

11) Armando

Armando me deu retorno a partir do card impulsionado no *Instagram*. Foi bastante tranquilo durante a entrevista, feita remotamente em 13 de dezembro de 2021. Mostrou-se muito pensativo e reflexivo, mas não fugiu de questões, nem se furtou a falar de passagens delicadas de sua vida pessoal.

Com 46 anos, solteiro, Armando é professor e tem mestrado. Ele contou que foi a sua dificuldade em obter participantes para a sua pesquisa que também o motivou a atender ao meu convite feito pela rede social. A outra foi o tema – homossexualidade e envelhecimento –, que ele achou interessante.

Morando em Teixeira de Freitas há 35 anos, ele diz ser de classe média: “nem baixa e nem alta. Eu tô aqui na intermediária”. Define-se como pardo.

12) Gustavo

Assim como Armando, Gustavo entrou em contato comigo pelo *direct* do *Instagram*, em 30 de novembro de 2021, após eu publicar (e impulsionar, de forma

remunerada) um dos cards que fiz convidando sujeitos do Extremo Sul da Bahia para conversar sobre homossexualidade e envelhecimento.

Com 42 anos, Gustavo é casado. Técnico em enfermagem, estava concluindo a graduação em psicologia. Mora em Mucuri há 11 anos e trabalha em um hospital da cidade, juntamente com o marido.

Gustavo define-se como pardo e de classe média.

13) William

William tem 43 anos, é solteiro e está namorando. Com ensino médio, fez cursos profissionalizantes em várias áreas, mais voltadas para gestão empresarial. Morando em Prado há cerca de seis meses, trabalha em um restaurante da cidade. Também faz massoterapia e reiki, mas não está exercendo essas atividades por achar que não é valorizado como deveria, em termos financeiros. Diz ser de classe baixa.

Quanto à raça, William se define como pardo, mas questiona o que ele acha ser “taxativo com o ser humano”: “isso é complicado, porque eu não tenho essa classificação, não tenho esse apego a cores e raças, coisas parecidas. Mas se for exigir uma, um branco, ou pardo, mesmo sabendo que pardo é algo meio inexistente, mas colocaria nessa base.”

Conversei com William presencialmente em 23 de setembro de 2021, na minha casa, em Prado. Já nos conhecíamos antes da entrevista: um amigo que esteve hospedado comigo e meu marido em março/abril de 2021 o conheceu e nos apresentou. Contudo, não mantivemos amizade ou convivência após a partida desse amigo, em maio. Mesmo assim, aceitou participar quando o convidei.

No Quadro 1, mostramos os sujeitos “lado a lado”, de forma resumida. Nele estão todos os dados gerais de cada um deles, como idade, local de moradia e de nascimento e nível educacional. E também outras categorias que serão importantes no desenvolvimento desta análise, como religião e masculinidade:

Quadro 1 - "Situando" os sujeitos (continua)					
Macrorregião	Nome (1)	Cidade/Bairro/Zona (2)	Dia da conversa	Presencial ou remoto	Idade
Região Metropolitana do	Bernardo	Rio de Janeiro / Botafogo/ Zona Sul	09/04/2022	Presencial (quiosque)	50

Rio de Janeiro (RMRJ)	Cláudio	Rio de Janeiro / Lagoa / Zona Sul (3)	05/04/2022	Remoto (Meet)	57
	John	Rio de Janeiro / Centro	16/03/2022	Presencial (casa)	51
	Tiago	Rio de Janeiro / Senador Camará / Zona Oeste	15/03/2022	Remoto (Meet)	45
	Rodrigo	Rio de Janeiro / Centro	11/03/2022	Presencial (bar)	50
	Diego	Niterói / Centro	08/10/2021	Remoto (Meet)	41
	Gérson	Itaguaí /Coroa Grande	20/09/2021	Remoto (Meet)	42
	Maurício	Rio de Janeiro / Copacabana / Zona Sul	09/02/2020	Presencial (casa)	59
Extremo Sul da Bahia (ESB)	Régis	Prado	15/02/2022	Presencial (trabalho)	51
	Alexandre	Teixeira de Freitas	14/02/2022	Remoto (Grindr)	49
	Armando	Teixeira de Freitas	13/12/2022	Remoto (Meet)	46
	Gustavo	Mucuri	01/12/2022	Remoto (Meet)	42
	William	Prado	23/09/2021	Presencial (minha casa)	43

Quadro 1 - "Situando" os sujeitos (continuação)					
Macrorregião	Nome (1)	Local de nascimento (4)	Formação / Profissão	Situação profissional à época	Classe social
Região Metropolitana do Rio de Janeiro (RMRJ)	Bernardo	Rio de Janeiro	Graduação / Direito	Sem trabalho por opção, para cuidar do filho, vivendo de rendimentos de aplicações financeiras	"Classe média alta decadente"

	Cláudio	Rio de Janeiro	Mestrado / Fazendo doutorado / Comunicação / Gestão	Aposentado por um fundo de pensão, mas não pelo INSS. Sem trabalho fixo, vivendo de rendimento de imóvel e fazendo atividades freelancer	Classe média alta, "contando com a renda do meu marido"
	John	Mato Grosso do Sul	Mestrado / Formação militar	Aposentado (reformado, como se diz na carreira militar)	Média
	Tiago	Rio de Janeiro	Ensino médio / Graduações interrompidas	Desempregado, vivendo da renda dos pais e fazendo atividades freelancer	Baixa. "Não sei, acho que tô abaixo da classe C"
	Rodrigo	Rio de Janeiro	Ensino médio / Graduação interrompida / Cursos profissionalizantes na área de Turismo	Sem trabalho fixo, fazendo atividades freelancer	Média
	Diego	Chile	Graduação / Área de Educação-Ensino / Administração / Gestão / TI	Trabalhando para o setor privado, também tem rendimentos de imóvel no Chile	"Não sei qual é a escala, porque ganho dinheiro chileno e dinheiro brasileiro. Talvez classe média baixa"
	Gérson	Rio de Janeiro	Mestrado / Área de Educação-Ensino	Trabalhando para o setor público	Média

	Maurício	Pernambuco	Ensino médio / Curso profissionalizante em massoterapia	Trabalhando como autônomo	"Classe média sobrevivente, quase para baixo"
Extremo Sul da Bahia (ESB)	Régis	Bahia	Ensino médio / Graduação interrompida / Turismo / Produção de eventos / Produção cultural	Trabalhando, setor público	Média
	Alexandre	Espírito Santo	Graduação / Administração / Cursos técnicos	Trabalhando, setor privado	"Levo uma vida confortável , na medida do possível"
	Armando	Minas Gerais	Mestrado / Área de Educação- Ensino	Trabalhando, setor público	Média
	Gustavo	Mato Grosso	Ensino médio / Enfermagem / Fazendo graduação	Trabalhando, setor privado	Média
	William	Rio de Janeiro	Ensino médio / Cursos profissionalizantes na área empresarial / Massoterapia e Reiki	Trabalhando, setor privado	Baixa

Quadro 1 - "Situando" os sujeitos (conclusão)

Macrorregião	Nome (1)	Raça/Cor da pele	Religião	Sexualidade	Masculino?
Região Metropolitana do Rio de Janeiro (RMRJ)	Bernardo	Branco	Ateu	Homossexual	Sim
	Cláudio	Branco	"Crença afrodescendente"	Homossexual	Sim
	John	Branco	Agnóstico	Homossexual	Sim
	Tiago	Pardo	Umbanda	Homossexual	Sim

	Rodrigo	Negro	"Hoje em dia minha religião é Deus"	Homossexual	Sim
	Diego	Pardo	Nenhuma. Mas acredita em Deus e nas energias	Homossexual	Sim
	Gérson	Pardo	Ex-evangélico, não segue nenhuma	Homossexual	Sim
	Maurício	"Sou mestiço. Me considero pardo, talvez"	Kardecista, "mas não de ir a centros", e Wicca	Homossexual	Sim
Extremo Sul da Bahia (ESB)	Régis	Negro	Matrizes africanas	Homossexual	Sim
	Alexandre	Pardo	Evangélico	Bissexual	Sim
	Armando	Pardo	Católico	Homossexual	Sim
	Gustavo	Pardo	Católico	Homossexual	Sim
	William	Pardo	Matrizes africanas	Homossexual	Sim
(1) Nomes fictícios					
(2) A subdivisão "zona" somente é utilizada para sujeitos da cidade do Rio de Janeiro, e "bairros", para a cidade do Rio e demais cidades da RMRJ					
(3) À época da entrevista, Cláudio estava morando em Lisboa, Portugal. Mais detalhes são explicados ao longo do texto					
(4) Como algumas conversas trouxeram pontos sensíveis, optou-se por situar o local de nascimento pelos estados, ou país, para evitar possíveis identificações					
Em amarelo, homens casados ou com relacionamentos fixo à época da entrevista. Ressalta-se que, excetuando Alexandre, então casado com uma mulher, todos mantinham casamentos ou relacionamentos fixos com homens.					

3.4 Territórios e trânsitos em contextos entre capital e interior

Como já dito, o escopo desta pesquisa foi modificado devido à pandemia. Uma dessas alterações foi a “ampliação” dos territórios de investigação, provocada pela minha mudança de endereço nesse período. Se, inicialmente, pretendia dialogar com homens de meia idade com práticas homoeróticas moradores da cidade do Rio de Janeiro e de municípios de seu entorno, onde nasci, morei e vivi até o surgimento da Covid-19, a proposta foi estendida territorialmente ao extremo sul baiano, pelo fato de eu estar lá residindo, ainda que temporariamente.

Contudo, pelas informações dos “sujeitos dos lugares” descritas anteriormente, vê-se que não fui o único a “transitar” entre territórios. Todos eles, em maior ou menor grau, deslocaram-se ou ainda se deslocam de um lugar a outro – e não por causa da pandemia, como ocorreu comigo, mas pelo curso de suas próprias vidas.

Houve mudanças de país, de regiões e estados dentro do Brasil, e de cidades dentro do mesmo estado. Há também quem transite cotidianamente entre cidades vizinhas – no ESB, talvez o principal exemplo seja o deslocamento eventual a Teixeira de Freitas, a “capital” da região. E, na cidade do Rio, há quem circule entre as zonas que dividem esse município, zonas que, a princípio, marcam questões geográficas, mas que também estabelecem fronteiras socioeconômicas.

Sob essa perspectiva de fluxos e deslocamentos, seria possível imaginar que esses sujeitos também “transitam” suas sexualidades de acordo com o território no qual vivem e moram, ou que frequentam? Assim, adaptariam-se (ou se reprimiriam) a uma possível (ou provável) existência de dicotomias do tipo capital-interior, urbano-rural, ou centro-periferia?

Em sua etnografia com homens com práticas homossexuais moradores da cidade do Rio de Janeiro nos anos 1970, Guimarães (2004) fala em “mudança para um novo meio” ao tratar de sujeitos que tinham origem em cidades de menor porte e que, ao “descobrirem” sua sexualidade, decidiram não mais viver nesses locais. A mudança permitiria o exercício de sua “liberdade sexual”.

Como seus interlocutores já conheciam o Rio, isso facilitou a escolha pela cidade para sua moradia.

Antes da vinda definitiva, o Rio – Zona Sul – foi procurado pela maioria como uma cidade de “lazer e prazer” no período de férias e nos fins de semana. Em contraste com a situação de origem (especialmente Belo Horizonte e

Recife), o Rio era visto como um “mundo civilizado, educado e culto”. Havia um conhecimento prévio de *peessoas* homossexuais e de *lugares* de frequência homossexual, tais como bares, boates, saunas, pontos de encontro na praia, etc.. Estes dois fatores serviam como referência na fase de chegada para a “nova vida” (GUIMARÃES, 2004, pp. 60-61).

Nessa perspectiva, o pleno exercício da (homos)sexualidade, para esses homens, estava de alguma forma condicionado a deixar sua cidade “de interior” para viver a “metrópole”, com seu hedonismo, sua promessa de “liberdade” e de individualidade, sem riscos de vigilância. Ou seja, o “interior”, o “periférico”, era o lugar de opressão de seus desejos, que somente poderiam ser vividos na migração para a “capital”, o “centro”.

Entretanto, a autora aponta que

Os laços firmados na passagem transitória, assim como no contexto de origem, não foram simplesmente integrados a esta opção de vida. A mudança definitiva representa um novo contexto e uma nova situação, levando a uma reavaliação daquelas relações sociossexuais anteriores, segundo critérios de seleção e aprovação próprios à vivência no Rio de Janeiro (Ibid., p. 61)

Assim, embora o conhecimento do Rio fosse uma espécie de “preparação” para o que queriam viver, a mudança para a cidade provoca novas adaptações, nem sempre baseadas nos contatos feitos anteriormente. Não se trataria mais de “rapazes do interior” que se encantam com a cidade grande, mas sim de homens que seguem a linha do velho ditado “em Roma como os romanos”.

Cheguemos ao século 21, mais precisamente nos anos 2000 e 2010, e num movimento contrário – a análise de homens com práticas homossexuais em contextos interioranos. Lopes (2016) trata de dois de seus trabalhos etnográficos sobre homossexualidades em Cuiabá, no Mato Grosso. Pode parecer estranho classificar a capital do estado como “interiorana”, mas o autor destaca que a cidade continuava sendo considerada “de interior” por seus interlocutores. E explica o que, para eles, são sinais desse perfil:

É essencial definir que os sujeitos com os quais estabeleci contato vivem em uma capital do interior do país. “Interior” aqui utilizado simultaneamente com o sentido geográfico, visto que Cuiabá está localizada no centro geodésico da América do Sul; mas, também, com o sentido de “cidade do interior”, uma vez que nas falas de meus interlocutores nas cidades menores há a predominância das relações face-a-face, a existência de ritmo da vida mais lento e de relações pessoais baseadas nas emoções e sentimentos em oposição a racionalidade, a mudança rápida em todos os campos e ênfase em relações baseadas em uma certa reserva e impessoalidade presentes

nas grandes metrópoles, tal como aponta Simmel (2005). Deste modo, quando [...] faço uso do termo “cidade do interior” estou fazendo referência a significados da fala de interlocutores que reiteradamente, de modo irônico e ácido, colocam a cidade de Cuiabá como uma cidade “provinciana e pequena”. (LOPES, 2016, p. 29)

Contudo, ao contrário do que se poderia pensar, os sujeitos das pesquisas de Lopes (2016) apontam uma Cuiabá hoje mais “careta” e conservadora do que há décadas – quando, certamente, a capital matogrossense era muito mais “interiorana” do que é hoje.

Nas falas das pessoas com quem convivi e nas narrativas das pessoas a que tive acesso que viveram em Cuiabá desde 1960 o que há é um destaque e uma constante reiteração para a maneira pela qual esta capital no decorrer dos anos foi se tornando, contrariamente ao que poderia parecer, uma cidade preconceituosa, discriminadora e violenta para os que não vivem uma sexualidade heteronormativa. (LOPES, 2016, p. 33)

E os sujeitos explicam o porquê dessa percepção:

Um lócus que, como me relataram diversos entrevistados, com as grandes ondas migratórias do sul dos últimos 30 anos “aboliu” práticas correntes como os campeonatos de futebol e de vôlei com times exclusivamente homossexuais com torcida organizada pela comunidade; as “quadrilhas gays” das festas juninas que eram ensaiadas por toda a comunidade com a presença de travestis; ou com a realização de “paradas gays da periferia” tal como organizadas pela comunidade onde vive Xica da Silva, uma mulher travesti, negra e prostituta (Ibid., p. 33)

Os trabalhos de Guimarães (2004), na “cidade grande”, e Lopes (2016), em contexto interiorano, trazem situações que confirmam, no primeiro, ou deslocam, no outro, as percepções sobre esses “polos”. Mas ambos partem de um senso comum: a “liberdade” associada à metrópole versus a “repressão”, típica do “interior”.

Entretanto, Lopes (2016), a partir de suas pesquisas, coloca tal senso comum em xeque:

Temos que deixar de repetir um não tão velho mantra que se tornou quase que lugar comum nas discussões sobre gênero e sexualidade hoje em dia e que apontam o “interior do país” como um lócus de expulsão de pessoas com vivências diferentes da heterossexual, como um contexto sociocultural totalmente marcado por tradicionalidade e violência. (LOPES, 2016, p. 33)

Para reforçar sua questão, o autor cita a pesquisa de Ferreira (2008), sobre a (homos)sexualidade em sociedades camponesas:

Com dito por Paulo Rogers Ferreira em seu texto intitulado “Os afectos malditos”, será que ao estudar estes contextos rurais, no caso do estudo dele, ou interioranos, no caso de minhas pesquisas, não estamos reproduzindo o que ele chama de “um discurso homonormativo dos teóricos da homossexualidade urbanocêntricos? (Ibid., p. 33)

A pesquisa de Passamani (2018) também foi feita em contexto interiorano, entre 2012 e 2015. Mais especificamente, nas cidades de Corumbá e Ladário, na região do Pantanal de Mato Grosso do Sul fronteira com a Bolívia. À época, esses municípios contavam com pouco mais de 108 mil habitantes e 20 mil habitantes, respectivamente.

Ao tratar do processo de envelhecimento entre homens e mulheres com condutas homossexuais nesses municípios, o autor confessa que esperava encontrar a “opressão” comumente associada a regiões de interior e o “desejo de liberdade” associado à migração para grandes cidades. Mas também foi surpreendido por seus sujeitos.

Estava formatado por uma visão – inclusive acadêmica – que produziu um imaginário migratório (com aura de inevitável) para as *bichas*. O périplo diaspórico envolveria o êxodo da cidade do interior em direção a um grande centro, ou a uma capital, na tentativa redentora de conseguir, finalmente, ser “plenamente”, *bicha* e “realizada” do ponto de vista da sexualidade. Corumbá e Ladário me fizeram repensar este fluxo, bem como o seu curso. Na contramão desta perspectiva, os sujeitos que emprestam suas vozes a este livro permaneceram nas cidades de origem e lá “fizeram suas vidas”, nas diferentes e complexas dimensões que a expressão permite pensar (PASSAMANI, 2018, p. 214)

Também questionando tais “certezas urbanocêntricas” e, porque não fazer a analogia, o estabelecimento de uma “hipótese repressiva” nos contextos interioranos, parafraseando Foucault, Gontijo e Erick (2015) propõem a noção de “interioridade”: “um espaço-tempo que transita entre ruralidade e urbanidade” (GONTIJO E ERICK, 2015, p. 31).

Lopes, Gontijo e Erick, assim como Paulo Rogers Ferreira, ressaltam que a produção sobre gênero e, sobretudo, (homos)sexualidade em contextos rurais/camponeses/amazônidas/interioranos ainda é pequena. Entretanto, suas análises demonstram que as diferenciações tradicionalmente construídas (mas não tão verificadas) entre capital-interior, rural-urbano e centro-periferia precisam ser relativizadas.

Como se verá nos próximos capítulos desta pesquisa, os sujeitos do “interior”, em algumas situações, acabam repetindo verbalmente a “hipótese repressiva” relacionada a cidades/localidades pequenas. E também que a “capital” permite viver uma liberdade que seus locais de moradia não permitem.

Entretanto, também se verá que esses sujeitos agenciam tal “repressão”, desenvolvendo estratégias que os “libertam” para viver sua homossexualidade sem maiores percalços, mesmo onde vivem. O que confirma a “interioridade” proposta por Gontijo e Erick (2015).

No próximo capítulo, os sujeitos começam a falar de si. Optei por começar pelo “fim”, considerando o roteiro de entrevista montado para esta pesquisa: suas percepções, impressões e medos (ou não) do envelhecimento.

É importante explicar que decidi manter depoimentos e diálogos mais longos por entender que isso traria detalhes importantes para a análise, tanto nas falas dos sujeitos e quanto nas trocas comigo durante nossas conversas.

4 O ENVELHECER

Nota de campo

Uma ida à boate La Cueva, em Copacabana, Rio de Janeiro, no dia 22 de dezembro de 2018. Lembrando que a boate é uma das poucas destinadas ao público gay que permanecem em operação e é conhecida por ter como público homens mais “velhos”.

Entrei na boate por volta de meia noite e meia. O espaço estava relativamente movimentado, mas não cheio ou lotado. Pagava-se 40 reais, o que dava direito a dois drinques. O som era pop retrô, anos 1980/90, mas também rolava rock nacional e pop mais atual. Cada música tinha seu clipe exibido em algumas TVs simultaneamente.

Parei em um ponto na direção do ar condicionado. O espaço é pequeno e baixo, com uma decoração simples e que simula mesmo um ambiente de caverna (cueva em espanhol). Enquanto observava e dançava, vi dois homens próximos a mim me olhando e comentando algo entre eles. Após alguns risos, um deles se dirige a mim e me pergunta, em português, se eu era brasileiro. Era Douglas.

Ele tem 53 anos. Mora em Guaratiba, Zona Oeste do Rio, mas tem um pequeno apartamento em Copacabana, onde fica nos fins de semana. Disse ser professor, formado em Letras, português-inglês. Estava com um amigo, Dino, que mora em Minas, e ao qual não perguntei a idade, mas que, pela aparência física, parecia ter idade similar. Douglas também estava com um tio, irmão de sua mãe. “Meu tio é gay”, me disse ele. O tio mora em Resende, Sul Fluminense, e estava no apartamento de Douglas.

Continuamos conversando e trocando ideias, dentro do que era possível em um ambiente com música alta. Douglas me disse que gostava de ir ali por causa das músicas e “porque era perto de casa”. Ele falou com várias pessoas, demonstrando conhecer muitos frequentadores dali. E também indicando que frequentava muito a La Cueva.

O ambiente encheu mais com o passar das horas. Majoritariamente eram homens mais “velhos”, 40/50 anos e subindo, numa avaliação, claro, baseada em suas aparências. Havia poucos homens que fisicamente eu poderia dizer que tinham menos de 30 anos.

RODAPÉ: Em determinado momento, Dino aponta para um homem o elogiando. Aparentemente mais “velho” do que Dino, ele diz que acha “esse senhor” ótimo, porque é alegre e dança. Questionei o chamado por “senhor”, e ele, em tom de riso, me disse “não começa com isso!”, pra depois dizer que o homem era senhor porque era mais “velho” que nós.

EM TEMPO: Antes de chegar à La Cueva, passei em uma loja de conveniência para comprar cigarros. Eis que um homem, aparentando por volta de 20 anos, esbarra em mim. Imediatamente me diz: “desculpe, senhor!”

Nem Douglas, nem Dino são sujeitos desta pesquisa. Mas a breve convivência que tive com eles, nessa noite, foi significativa para o desenvolvimento desta análise.

Na La Cueva – tanto nessa ocasião como em outras vezes em que estive na boate, antes da pandemia e em uma oportunidade em junho de 2022, quando o avanço da vacinação contra a Covid-19 já havia permitido a abertura de espaços fechados –, as diferenças geracionais acabam, de alguma maneira, “borradas”. E não por causa da escuridão do ambiente, mas porque, ali, “à noite, todos os gatos são senhores”, adaptando o dito popular.

Entretanto, como Dino mostrou, há sempre alguém mais “senhor” do que outro, e do que si mesmo. Claro que a avaliação se dá única e exclusivamente por características corporais. Marcas físicas podem ser suficientes para a classificação. O interessante, contudo, é perceber que essa “distinção” se dá de modo relacional. “Senhor” é o outro. Assim como “velho” é o outro. Independentemente de sua idade cronológica.

4.1 “Senhor”, “velho gostoso”, “avô”, “coroa”: a idade que (alguém) ousa dizer o nome

No 4º Seminário Velhices LGBT⁶¹, realizado em agosto de 2021, em formato virtual, pela Associação Eternamente Sou e o Serviço Social do Comércio (Sesc), o escritor João Silvério Trevisan, autor do livro “Devassos no paraíso” – uma historiografia da homossexualidade masculina no Brasil – foi indagado sobre quando percebeu seu envelhecimento. Ele contou, então, que isso aconteceu quando, após uma relação sexual, seu parceiro exclamou: “eita, velho gostoso!”. “Eu tinha 45 anos!”, exclamou Trevisan. E complementou: “eu me olhei no espelho e pensei: ‘bem, vou considerar essa hipótese, com 45 anos’”.

Para alguns dos sujeitos desta pesquisa, o passar do tempo foi percebido – ou aguçado – quando o/a/e outro/a/e “contou” isso. Ou melhor: quando alguém “acusou” o envelhecimento. Ainda que não necessariamente com intuito negativo ou depreciativo, como no caso do parceiro de Trevisan, cuja intenção, aparentemente, era elogiá-lo.

Gérson, um dos sujeitos desta pesquisa, notou umas pequenas mudanças físicas com o avanço de sua idade. Entretanto, foi justamente nas relações com outras pessoas que o envelhecimento pareceu evidente.

Digo sempre que eu me considero com 16 anos (risos). A minha cabeça é, só que melhor. Porque eu tenho mais experiência e sou mais maduro. Tenho mais sabedoria, né? Fisicamente, o que eu percebi foram umas ruguinhas nos meus olhos quando eu rio. E os mais jovens me chamando de senhor. Quando isso me aconteceu, eu percebi: “Ih. Tá passando. A idade está chegando mesmo, porque, me chamar de “senhor”... E às vezes, é um cara

⁶¹ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=KMZKYzyaFHM&list=PLaRFQ9n7Tk2Oz1DnFLoD_qDqyLraGzHAL&index=1>. Acesso em agosto de 2021.

de 20 e poucos anos. Não é criança que tá me chamando de “senhor”, é um cara de 20 e poucos anos! E olha que eu nem tenho cabelo branco, e o cara tá me chamando de “senhor”!

Então, aí que eu percebi a passagem do tempo, quando me chamaram de “senhor”. E agora está mais frequente. Os lugares que eu vou. As pessoas que eu conheço... “Senhor”... Né?

Agora, fisicamente, só mesmo as preguinhas que tão começando a surgir no canto dos olhos quando eu rio. Sexualmente tá tudo bem. Não tem problema nenhum. No geral, a saúde é muito boa.

Então, realmente, só dessa forma, quando os outros me trataram, né, de senhor... aí eu percebo o tempo, que eu tô envelhecendo (risos). (Gérson, 42 anos⁶², RMRJ⁶³)

Note-se que, para Gérson, um sinal físico poderia justificar o fato de ser chamado de “senhor” – e, logo, ser “reconhecido” como um homem “mais velho”: os cabelos brancos. A mesma tonalidade capilar que, para um interlocutor de 27 anos (à época da conversa, narrada no capítulo 2), transformava-me num “coroa”. Embora, para este mesmo interlocutor, “coroa” era um homem com mais de 50 anos – eu tinha 47 –, enquanto “maduro” era um homem entre 40 e 50 anos.

Contudo, nem sempre a alcunha é tão neutra, como “senhor”, “coroa” ou “maduro”. Se não chega a ser uma palavra ofensiva, como “cacura⁶⁴”, o significado pode ser similar:

Assim que eu cheguei no Prado (há 4 anos), eu fui dar uma volta na praia e tinha um ‘garotinho’ (homem jovem), por sinal lindo. Ele passou. Aí, tava só eu sentado na praia, eu falei: “Nossa senhora...”. Aí ele falou: “Qual é, vô?”. Ali, né, filho, eu falei: “Meu Deus. Tô velha.”

Aí eu cheguei em casa, fui olhar para o espelho, realmente eu tava envelhecido.

Então, é assim, a velhice chegou para mim como uma grande surpresa. Acho que eu não me preparei para envelhecer.

Hoje eu olho para mim e me aceito tranquilamente. (Régis, 51 anos, ESB)

Ser chamado de “vô” parece ter sido a chave para Régis perceber o envelhecimento – e até mesmo reconhecer que não estava preparado para isso. Mas, em outra ocasião, um outro termo, relativamente neutro, mexeu com seus brios e reforçou a noção de passagem do tempo para ele:

⁶² Lembrando que se trata da idade do entrevistado à época da entrevista.

⁶³ Para facilitar a localização, usaremos, nos depoimentos, a sigla “RMRJ”, quando se tratar de um entrevistado da Região Metropolitana do Rio, e “ESB”, quando ele for do extremo sul baiano.

⁶⁴ Relembrando, categoria nativa comumente utilizada em tom acusatório para homens homossexuais mais “velhos”, como mencionado na Apresentação desta pesquisa.

- *Eu estava com a figura (parceiro), e a figura falou assim: “Nossa! Não é que você é um coroa gostoso?”. Aí eu falei: “Coroa? Puta que pariu!”. E a figura tinha o que? Uns 23, 24 anos. Ali eu me senti velho.*
- *E quantos anos você tinha?*
- *Foi ano passado. Ali eu me senti velho. Velho. Morto. Acabado. (Régis, 51, ESB)*

O termo “coroa” também pode ser visto como desrespeitoso:

- *Acontece de as pessoas... Quando o povo começa a te chamar de “tio”, “paizão”...*
- *Coroa? Maduro?*
- *Coroa. Isso aconteceu. Antes não acontecia. Eu acho que essa é a data limite, o ponto. Daí você já tira pelas pessoas que você vai se aproximar. Assim, um senso comum: você já imagina que a pessoa que vai se aproximar vai ter essa impressão. Não que seja grossa, né, porque isso é uma grosseria. Eu acho uma grosseria isso.*
- *Você acha grosseria ser chamado de coroa?*
- *Sim!*
- *Por quê?*
- *Porque, às vezes, quem te chama de coroa está muito mais acabado do que você. A sociedade criou isso, existe o novo útil, o funcional é o novo, tem que cumprir um papel. E tem o velho. Então, quando a pessoa começa a te chamar de coroa, de paizão, de tiozão, mais velho, “e aí, mais velho, chega aí”... “Mais velho”????*
- *Você, definitivamente, não curte.*
- *Eu não curto essa separação, porque eu não chamo as pessoas assim. E olha que eu tenho contato com pessoas muito, muito, muito idosas. E eu nunca... por educação, uma questão de educação, é “senhor” ou “senhora”. Até o momento em que a pessoa tire o tratamento, “não precisa”. Eu não fico com raiva se alguém me chamar de “senhor”. (Tiago, 45, RMRJ)*

Ser chamado de “coroa” – e nomes correlatos, relacionados à visão do outro sobre sua idade aparente – incomoda Tiago por criar o que ele diz ser uma separação entre o “velho”, descartável, e o “novo”, funcional e aproveitável. Entretanto, ele não esconde a contrariedade quando “alguém mais acabado” o classifica com tais expressões. O que também é um julgamento por aparência.

Por outro lado, se “senhor” disparou em Gérson a passagem do tempo, para Tiago trata-se de um termo que não o incomoda. Em sua avaliação, referir-se às pessoas como “senhor” e “senhora” é um sinal de respeito. Claro, essa deferência se dá a pessoas “mais velhas”. Sejam elas mais velhas de fato ou não.

Mas, voltemos ao “coroa”. Ao analisar homossexualidade masculina e curso da vida, Simões (2004) menciona determinados locais na cidade de São Paulo onde não se teria dificuldade de “identificar vários homens que classificaria como de meia-idade ou idosos” (SIMÕES, 2004, p. 420). E esses homens, continua ele, muitas vezes se autodenominavam “coroas”.

Quem é, afinal, o homem que se autoproclama “coroa”? Simões (2004) fornece algumas dicas:

O “coroa” é um personagem de idade indefinida, mas portador dos sinais visíveis da “máscara do envelhecimento”: o cabelo grisalho, as rugas, a cintura grossa, os movimentos um tanto mais lentos. O “coroa”, tipicamente, parece ser o homem maduro de modos viris, que tem saúde, disposição física, apresentação pessoal e dinheiro suficiente para frequentar alguns espaços do chamado “circuito gay”, encontrar amigos, beber, se divertir e também tentar a sorte no mercado da paquera. (SIMÕES, 2004, p. 420)

A “máscara do envelhecimento” mencionada por Simões parece ser o ponto em comum entre o “coroa” positivado, “dono de si” e portador de certo orgulho por sua aparência e seu modo de viver, e o “coroa” “acusado” como tal apenas pelas marcas físicas que carrega. Essa “máscara”, porém, também é acionada no uso de “maduro”, “tio”, “daddy”... e também “senhor”.

Como Régis disse:

Essa história do “coroa”... eu não sei. De repente, pra um menino de 10 anos, o de 25 é coroa. É a visão de cada um, né? A sua juventude julga a velhice do outro.

Eu, por exemplo, eu olho hoje pra... Tenho amigos meus de 70 anos que eu olho pra eles e falo: “Nossa! Como tá velho.”. Então, não é um preconceito, é uma comparação.

Dentro da sua juventude, você é jovem quando você vê alguém mais velho. Então, você vai sempre julgar. Você vai sempre dizer: “Como fulano tá velho. Tá envelhecido.” (Régis, 51, ESB)

Ao dizer que “a sua juventude julga a velhice do outro”, Régis reforça que o envelhecimento, ou a percepção do envelhecimento, seja em si mesmo, seja no outro, se dá em perspectiva relacional. E é nomeado/a por alguém, positiva ou negativamente. Seja como senhor, coroa ou cacura.

Na experiência de William, seu parceiro reforça a teoria de Régis da juventude que julga a velhice. Entretanto, o “julgamento” pode ser também positivo:

- Já viveu alguma situação em que foi chamado de coroa, maduro, tiozão?
- Já, o meu atual de vez em quando fala “você é meu coroa”, “e você é meu neném”.
- Quantos anos ele tem?
- 27.
- Ele te chama de coroa?
- Às vezes, quando ele quer me perturbar. Mas ele não consegue. Então...
- É uma tentativa de ofensa ou de carinho?
- As duas coisas. Às vezes, nós estamos discutindo, quando eu falo “discutir” é dialogar, conversando. E aí eu falo alguma coisa, [ele diz] “você é igual meu

pai, reclama de tudo, me chama atenção, não é à toa que você tem a mesma idade dele!”. “Pois é, somos dois velhos, criando um filho mais novinho”. Aí ele não gosta da resposta e fica quieto. Mas eu também não agrido por isso. Não tenho aquela coisa, “ah, você me chamou de velho, você me chamou de coroa”, até mesmo porque eu sei a idade que eu tenho, e eu me vejo como um coroa [fala com ênfase na voz]. Então, isso para mim não é uma ofensa, é um elogio. É quando você fala e olha que tem pessoas bem mais novas que você que estão mais acabadas que você, você fala “gente, eu tô ótimo!”. Isso já me basta (risos). (William, 43, ESB)

O interessante aqui é que as alcunhas ditas por uma mesma pessoa – o namorado, mais novo – podem carregar tanto carinho/elogio como ofensa/depreciação. Ou seja, a diferença entre o “coroa” positivo e o negativo parece se dar pela entonação da fala – e, sobretudo, pelo contexto.

4.2 As subjetividades do tempo passado

A autopercepção da passagem do tempo, contudo, não se dá apenas por meio de nomações dadas por outros/as/es. Esse acionamento pode ocorrer seja nas relações com o espelho – como Alexandre, 49 anos, do extremo sul baiano, que contou que “às vezes, eu olho no espelho e falo ‘tô velho’ –; com o próprio corpo; no mercado de trabalho; com familiares, etc..

Lembremo-nos de Gérson, cujas “ruguinhas nos olhos” enquanto ria fizeram-no se dar conta do envelhecer. Menos do que ser chamado de “senhor”, como ele mesmo disse; mas, ainda assim, um sinal que chamou sua atenção.

Uma das perguntas feitas aos sujeitos desta pesquisa foi “Como e quando você percebeu que o tempo passou? Ou melhor, você percebeu que o tempo passou?”.

Além das experiências de Gérson, Régis e Alexandre mencionadas anteriormente, tal percepção se deu, de modo geral:

a) Com a idade cronológica – inclusive de forma bem precoce, por causa de uma “necessidade de amadurecimento”

Percebi [que o tempo passou] (risos). Eu acho que quando eu fiz meus 40. Aí aos 40... Depois ... Agora eu já tô com 46, e eu já tô pensando quando eu fizer 50. O que é que vai acontecer. (Armando, 46, ESB)

– *Eu percebo isso desde meus 11 anos de idade. Fui meio que obrigado a amadurecer de uma forma bem precoce. Então, de lá para cá, cada ano para mim é uma vivência diferenciada.*

– *Então, você não se sente envelhecendo, é isso?*

– *Não, eu me sinto envelhecendo. Eu quero dizer é que eu envelheço com alegria a cada dia que passa. Aquela coisa do “ah, cheguei aos 40, e agora, como é que vai ser, como vai ser o amanhã?”, eu não estou preocupado com isso. Minha preocupação é hoje. (William, 43, ESB)*

b) Com mudanças no corpo e na aparência física

– *Quando eu viajei para a Europa, em 2013... Quando sicrano me conheceu, os meus cabelos ainda eram escuros. Eu não tinha barba branca, e tal. E... Mas eu acho que, quando eu me libertei dessa segregação, dessa coisa toda, quando eu comecei a relaxar, a minha barba começou a embranquecer, meu rosto começou a engordar e os meus cabelos começaram a ficar brancos.*

– *E isso aconteceu quando?*

– *Foi em 2013. Aí eu cheguei assim: “Uau. Eu tô ficando velho.” Eu tô envelhecendo. Não sou mais aquele “novinho”. (Rodrigo, 50, RMRJ)*

Rodrigo mantém relacionamentos abertos com dois homens mais velhos que ele. Ambos são alemães, mas apenas um deles – que, quando mencionado, será chamado de “fulano” – mora no Brasil. O outro – nominado “sicrano” – ainda reside na Europa. Esse episódio se trata da primeira ida de Rodrigo à Europa para encontrar sicrano, que ele conheceu numa viagem deste ao Rio de Janeiro.

Acho que foi aos 40. “Tô ficando velho, tinha 20 e poucos anos há um tempinho atrás”. Né? Fiz os 40. Ganhei um pouco de peso. Quando vim para cá também, mas foi nessa época aí. Mas tô desencanado com isso. Para mim eu falo assim: “Se eu tô ficando velho é sinal que eu estou vivo”. (Gustavo, 42, ESB)

Quando menciona o “vir para cá”, Gustavo se refere à sua mudança, com o marido, para uma cidade do extremo sul baiano, motivada por questões profissionais. Ele é nascido em Mato Grosso, mudou-se para o Paraná na infância e para a cidade de São Paulo na adolescência. E residia em São Paulo antes da ida para a Bahia.

c) Nas relações familiares, incluindo o cuidado – e a perda – de parentes

Claro que eu já percebi a passagem do tempo. Depois dos 40... Não é nem 40... Eu diria 41, 42 pra mim. Foi quando começou toda essa tensão do processo e logo depois a doença da minha mãe. Então, eu senti também a coisa da idade maior. (Bernardo, 50, RMRJ)

O “processo” ao qual Bernardo se refere diz respeito ao filho, à época da entrevista com 10 anos. Ele teve a criança com uma amiga, lésbica, por meio de uma inseminação “caseira”.

Segundo Bernardo, o acordo entre ambos previa que seria uma “barriga solidária” – a amiga apenas geraria a criança e ele a criaria. Contudo, segundo ele conta, a amiga estava num relacionamento com outra mulher e mudou de ideia no meio do caminho. Isso gerou uma disputa jurídica – e o fim da amizade.

A vida, ela... Ela vai dando as sulapadas, e a gente passa aquela juventude e ela vai dando as sulapadas. Então, houve casos, por exemplo, o falecimento de uma irmã. Então, eu já tive contato com essa finitude da vida, né? Até antes eu nem pensava nisso, que a vida acabou e ponto, porque a vida está aí pra ser vivida. (Tiago, 45, RMRJ)

A morte da irmã de Tiago ocorreu em 2009, quando ele tinha pouco mais de 30 anos. E sua irmã era mais nova que ele – o que afetou não apenas sua percepção do tempo, como o fez entrar em depressão.

d) Nas relações com amigos/as/es

Olho para trás e eu vejo que o tempo passou quando falo com colegas da faculdade, “nossa, 12 anos já que a gente saiu da faculdade!”. Aí eu vejo, mas... fisicamente eu não sinto... me sinto novo ainda. (Diego, 41, RMRJ)

e) Por problemas de saúde, alguns relacionados ao avanço da idade

Comecei a ter problema de colesterol, que eu nunca tinha tido. Adquiri um problema no pé. Então, assim, eu comecei a me preocupar mais com saúde depois dos 40, 40 e poucos, por ver a velhice da minha mãe. (Bernardo, 50, RMRJ)

Quando eu estava com 43, há quase dez anos, a questão da vista, isso aqui (aponta para os olhos). Porra! Para mim foi um baque... Quando veio essa questão da vista, aí eu comecei: “Porra! Caralho, o que tá acontecendo?” Fui lá e “você está com um (grau) de cada lado. É normal”. Aí eu pesquisei no Google, caralho! Menos de 10% das pessoas depois dos 43, 44 anos, que não vão ter problema de presbiopia⁶⁵. Então é normal... mas aí vem o peso da idade.

⁶⁵ Popularmente conhecida como “vista cansada”. De acordo com o site “Tua Saúde”, da Rede D’Or, “caracteriza-se por uma alteração da visão que está associada ao envelhecimento do olho, resultando na dificuldade progressiva para focar nitidamente os objetos que estão perto”. Disponível em <<https://www.tuasaude.com/sintomas-de-presbiopia/>>. Acesso em 30 de janeiro de 2023.

E hoje eu já uso remédio para... levotiroxina, que é para... hipófise? Não, tireoide, levotiroxina. Aí, eu tive problema de intestino, tenho que usar mesalazina, quatro vezes ao dia.

Aí, os remédios, porra! Levotiroxina... o que mais que eu falei? Mesalazina. A questão dos óculos... Então, eu falei assim, porra, então, é a idade, é a máquina que, assim...

Mas, mentalmente e fisicamente, estou me sentindo super bem. Eu sinto que estou ficando com mais idade, e a idade está causando algumas coisas, impactos físicos. Sei que é questão da idade, não da velhice, não sei se dá pra entender⁶⁶. (John, 51, RMRJ)

Hoje eu tenho alguns problemas de saúde. Então, para mim, muita coisa mudou. Eu acho que os problemas de saúde que eu tive, fez com que eu envelhecesse mais ainda. Assim, com que eu me sentisse mais envelhecido. Eu tive um câncer. Eu tenho diabetes. Então assim, hoje eu vejo que tudo isso me envelheceu mais ainda.

Mas eu não penso como um cara de 50 anos. Eu tento agir como um cara de 40, 30. (Régis, 51, ESB)

f) Pelas relações com grupos etários mais “jovens”

Foi em 2014. Minha irmã faleceu em 2008, 2009, não lembro direito, mas foram cinco anos mais ou menos nesse processo. E aí eu comecei a perceber que eu já não estava fazendo mais parte de uma galera, quando eu tentei voltar à vida. E aí eu percebi que não era... o pessoal estava me tratando de uma forma diferente. Principalmente quando eu falava minha idade.

Percebi que a velhice chegava quando você se destaca. Quando você passa a se destacar de um... de um grupo que a gente pensa fazer parte.

Vamos supor, o grupo dos 20, quando você fala “eu tenho 21”, tá nos 20, “eu tenho 29”, tá nos 20. Fazer 30 pra mim foi ter o peso, “Poxa, agora já sou trintão”. Quando as pessoas perguntarem minha idade, eu não tenho mais 20... Trinta! Mesmo que eu fale 31, 32, 35, 39, eu tô nos 30.

Quando eu fiz 40, aí, foi outro patamar. (Tiago, 45, RMRJ)

g) Por estar desempregado ou fora do mercado de trabalho

Tive crise aos 50, porque quando, eu fiz 50 anos eu estava desempregado. Eu comecei a ter problemas de ereção. O corpo já não estava tão bonito. Aos 40 anos, era um espetáculo de homem. Eu chegava na hora e dizia “eu quero você” e saía com quem eu queria. Aos 50 anos você não faz mais isso. Então, você tem que aceitar que você tem que ser o melhor “50 anos” que você consegue ser, né? É difícil!

A crise veio aos 50. Eu demorei pra entender isso e hoje eu entendo. Como você fala, tem cara que gosta da gente, né? Mas não é todo cara que gosta da gente. Eu era um cara que ganhava quem eu queria. Eu passava o rodo na noite. Então, entender isso aos 50 anos foi difícil.

Foi um ano que eu estava desempregado. Eu não estava sem dinheiro, eu estava desempregado. Eu tinha dinheiro guardado, guardei dinheiro a vida

⁶⁶ A diferenciação, feita por John, entre “ter mais idade” e “velhice” será tratada adiante.

inteira. Então não era dinheiro. Era não estar produzindo. (Cláudio, 57, RMRJ⁶⁷)

Cláudio sentiu a passagem do tempo por não estar trabalhando, mas também por mudanças no seu desempenho sexual, causadas por problemas de ereção, bem como na sua atratividade no “mercado erótico”, pelas mudanças corporais – o que também foi citado por Gustavo. Contudo, durante nossa conversa, ele mencionou diversas vezes a empregabilidade e a participação no mercado de trabalho como uma das preocupações principais com o envelhecimento.

Cláudio, porém, desdobra a combinação desses fatores, e como a passagem do tempo trouxe um desequilíbrio que afetou seu casamento:

Sabe aquele diagrama de três bolinhas, aquele conjunto de interseção? Pra mim, o meu equilíbrio é trabalho, sexo... e casamento. Tem hora que o trabalho está maior. Tem hora que o sexo está maior. Tem hora que o casamento está maior.

Então, naquele momento (ao fazer 50 anos), o sexo estava uma merda, né? Porque eu estava começando a falhar. Aí, eu tive que tomar a reposição hormonal, mas até eu entender que estava acontecendo era complicado. Trabalho, eu estava desempregado. E o casamento estava uma merda, porque eu estava uma merda nos outros dois círculos.

Até eu entender que esses círculos nunca mais voltariam a ser o que era, o sexo nunca mais voltará a ser o que era, o casamento, o trabalho nunca mais voltará a ser o que era... Então, o casamento eu tinha que fazer da melhor maneira possível, entendeu?

Foi uma fase muito difícil. Eu estava intragável aos 50 anos, intragável. Demora a entender. Eu passei o meu ano de 50 anos inteiro, que é 2010, 2010? Não, 2015. Foi um horror, eu tava insuportável, porque eu não conseguia entender meu lugar no mundo ao reorganizar essas caixinhas. (Cláudio, 57, RMRJ)

A sistematização dessas percepções não significa que os sujeitos não tenham mencionado outras razões ou sensações que fizeram com que percebessem o curso de suas vidas. Entretanto, traz, de alguma forma, os principais elementos que costumam ser apontados como marcas da passagem do tempo e do envelhecimento.

Apesar das diferentes nuances e referências, parece haver um ponto em comum em todas elas. Tal similaridade, embora sem essa intenção, foi citada por Régis. E é explicada por Barros (2004):

⁶⁷ À época da entrevista (abril de 2022), Cláudio e seu marido estavam morando em Lisboa, Portugal. Eles se mudaram para a capital portuguesa em março de 2021. Não apenas por causa da pandemia, mas pelo fato de o marido de Cláudio ter recebido uma boa oferta de trabalho, enquanto Cláudio estava sem trabalho fixo.

Contudo, Cláudio é um típico “carioca da gema”, nascido e criado no subúrbio e morador do Rio por quase toda a vida. Na cidade, a mudança de endereço, do subúrbio para a Zona Sul, ocorreu na idade adulta, quando conseguiu se firmar na profissão e obter independência financeira.

É com os olhos da juventude que se percebe a velhice. Ela é vista como um declínio e, sobretudo, como a impossibilidade de ser positivamente valorizada na medida em que já ultrapassou o ponto máximo do ciclo de vida, seja do ponto de vista da capacidade produtiva como trabalhador, seja do ponto de vista da capacidade física e psíquica, com a perda gradual da capacidade de controle do corpo e da mente. (BARROS, 2004, p. 17)

Entretanto, como já dito, “as representações de cada período da vida dizem respeito mais a construções sociais da realidade do que à idade cronológica e física dos indivíduos (Ibid., p.17)

4.3 Entre “ter idade” e “ficar velho”

Uma fala de John, ao narrar sua experiência sobre a passagem do tempo, chama a atenção por uma diferenciação que ele faz entre “ter idade” e “ficar velho”:

– (Pausa) *Eu não acho que eu estou ficando velho. Eu não tive essa percepção. É... mas sim, que eu tenho mais idade. Que a idade começou a pesar. Porque, quando você fala em velho, vem a imagem de uma pessoa que é incapacitada de fazer várias coisas. Fisicamente, às vezes até mentalmente, sexualmente. E essa imagem eu não tenho para mim. Como eu estou ficando mais velho. Até porque todas essas capacidades eu continuo tendo. Agora, eu estou ficando com mais idade e o peso da idade tá causando em mim.*

Hoje, se você me pergunta “você se sente com a idade que você tem?” Não! Sinceramente, quando eu tinha 18 anos, 17 anos, eu olhava, até por ter uma preferência por pessoas da minha idade, mais novas, eu olhava um cara de 40, eu achava que era muito longe e eu falava assim, pra mim era um coroa. – Cacura (risos).

– *É, cacura, achava um coroa já. Foi passando o tempo, eu falei “caralho”... Se eu me transporto praquela época, eu seria um coroa para mim. Mas eu não me sentia nesse lugar de ser coroa, porque o coroa para mim... e também aquela questão... Algumas décadas atrás, uma pessoa de 50, 60 anos era de um jeito. Era assim, era muito mais... Não era só idosa, era realmente velha, incapaz de muita coisa. A pessoa falecia com 60 e poucos, 70. Hoje em dia a pessoa chega a 100. Então, é, pra mim, quando eu comecei, eu estava me sentindo...*

Me sinto ainda super jovem. Quando veio essa questão da vista, aí eu comecei “porra! Caralho, o que tá acontecendo?”

Mas, mentalmente e fisicamente, estou me sentindo super bem. Eu não sinto um peso, que eu estou ficando mais velho. Eu sinto que estou ficando com mais idade, e a idade está causando alguma, algumas coisas, impactos físicos. Sei que é questão da idade, não da velhice, não sei se dá pra entender. A velhice, para mim, está associada muito à incapacidade generalizada.

– *Velhice, para você, é um termo negativo? Você não diria, por exemplo, um dia, “Ah, eu sou velho”? Se alguém falar “você é velho”, isso é uma ofensa?*

– *Isso pra mim é... eu tenho a velhice como um termo negativo. Por eu acho que isso ficou para mim.*

– *Se alguém te chamar de velho, para você, é uma ofensa.*
 – *Eu posso ser menos jovem (risos). Mas velho não! Sou menos jovem. Até porque, a imagem de velho que eu tenho é de um velho que é incapaz, porque não ouve direito, porque não enxerga direito⁶⁸, porque não consegue andar direito e precisa de uma muleta. (John, 51, RMRJ)*

De algum modo, John se aproxima de Régis, quando este disse que “a sua juventude julga a velhice do outro”. Sobretudo, porque, ao classificar o outro de “velho”, não se faz de forma positiva.

E quando se trata de homens com práticas homoeróticas, sobretudo os que são homossexuais assumidos socialmente, o acionamento do “velho” pode reforçar estigmas ligados à sexualidade, ainda mais quando articulado com termos ofensivos. Como explica Mota (2014),

O termo velho muitas vezes representa uma demarcação desse poder [*do ideal da juventude*] para quem carrega o estigma do desvio sexual com a homossexualidade, através de expressões como “velho gagá”, “velho caquético”, “bicha velha”, “velho esclerosado” e “velho assanhado”. (MOTA, 2014, p. 205)

A fala de John é mais uma prova disso. Ele reconhece que o tempo passou, que “tem mais idade”, e que essa passagem do tempo trouxe efeitos físicos. Principalmente em sua saúde – como a “vista cansada” e os problemas de tireoide e intestinais que o fizeram passar a tomar remédios de forma crônica.

Entretanto, “velho é o outro”. É quem tem problemas físicos, mentais e sexuais impossíveis de serem “disfarçados”, debilidades aparentes e visíveis nos corpos. Como alguém que “não ouve direito, não enxerga direito, não consegue andar direito”. Nós, ao envelhecermos, somos “menos jovens”. Porque sempre haverá alguém cujas nossas juventudes julgarão como mais “velhos”.

Como aponta Passamani (2018),

Parece que as limitações funcionais e as doenças seriam os elementos mais acionados para identificar aquele sujeito que está na velhice (Caradec, 2011). Em vista disso é que há uma demanda social para que se “envelheça jovem” e se “lute contra o envelhecimento” (PASSAMANI, 2018, p. 159)

⁶⁸ Vale lembrar que, quando deixou de “enxergar direito”, John viveu uma certa “crise de idade”. Até descobrir que vista cansada era um problema relativamente comum à sua faixa etária. Contudo, aqui, ele traz a característica de “não enxergar direito” como um ponto acusatório de ser velho – o que ele diz não ser e não se sentir como tal.

Logo, esse julgamento não se dá com o avanço cronológico da vida de uma pessoa, mas sim em como ela se apresenta ao mundo e em como ela é vista a partir de parâmetros socialmente associados a determinadas idades. E é aqui que surgem contradições do envelhecimento. Como a do “jovem” de 27 anos que diferenciava “maduros” e “coroas” pela idade, mas que rapidamente usou a característica física dos cabelos brancos para refazer seus conceitos – ou adaptá-los à sua conveniência.

Conforme Mota (2014),

Não apenas as modificações corporais são indícios do envelhecimento. Não se trata de um acontecimento meramente físico. O indivíduo carrega consigo os efeitos de sua ação com o mundo, e as consequências disso têm seus efeitos no corpo, como se cada corpo trouxesse inscrições do modo como o indivíduo age no espaço social. Evidencia-se, assim, que para todo indivíduo, o envelhecimento é um processo em curso. [...] O corpo informa um conjunto de costumes, tradições, crenças, ou seja, a cultura e sua variação histórica. É nele que se imprime a lógica do estigma, o objeto potencial de categorização, classificação e conteúdo, que revela aquilo que valorizamos, o que temos e somos. (MOTA, 2014, p. 162)

As debilidades que, para John, caracterizam um “velho” não têm uma idade específica para ocorrer. Ainda que resultantes do curso da vida, podem acometer pessoas da idade dele, ou até mais jovens. Entretanto, tornam-se marcas que diferenciam o que é “ter idade” – ou ser “menos jovem” – do que é “ser velho”. Marcas que o corpo revela sem disfarce.

4.4 Sem medo de envelhecer. Mas...

– *Você tem medo de envelhecer?*
 – *Não! (fala de forma categórica)*
 – *Por que não?*
 – *A coisa mais natural do mundo é envelhecer, gente. A gente envelhece todo dia. O envelhecimento é uma honra.*
Pra tu ver, eu acho que é por isso que eu não sou desse planeta. Não é possível! Pra mim é um valor, como eu te disse, eu tenho uma preferência por pessoas mais maduras. Não é tesão, aí já é outra coisa, aí é fetiche, e não é isso.
Eu sempre achei a maturidade a coisa mais bonita do mundo. Tanto que, olha só... é porque meu cabelo está grande, como eu vou me batizar mês que vem⁶⁹, e eu estou cheio de coisa pra fazer aqui, eu não tenho saído também,

⁶⁹ Mesmo se declarando de umbanda, Tiago iria se batizar na Igreja Católica. Isso porque ele se disse “devoto do Santo Rosário” e desejava fazer parte da “Irmandade Imperial dos Homens Pretos”, na rua Uruguaiana, no centro do Rio de Janeiro. “Vou me batizar e eu quero entrar para essa irmandade, porque ali eles congregam homens pretos e pardos, porque tem uma construção histórica em cima disso”.

eu não cortei cabelo ainda, eu tô pensando “como vou fazer? Vou fazer um corte de pato? Vou rapar tudo, igual eu sempre rapei, para esconder o cabelo branco?” Só que, quando olho pra mim, que meu cabelo está branco, para mim eu me acho muito mais bonito do que quando eu não tinha cabelo. (Tiago, 45, RMRJ)

Tiago foi o mais incisivo em negar o medo de envelhecer. E também o que mais desenvolveu sua opinião sobre a pergunta, feita da mesma forma, objetiva, para todos. Ao ponto de valorizar seus cabelos brancos, uma das “máscaras do envelhecimento” mencionadas por Simões (2004). Ele, porém, não foi o único. A maior parte dos sujeitos – nove – disse não temer o envelhecimento.

Três declararam ter medo. No entanto, apenas um – Cláudio – desdobrou um pouco mais sua resposta:

Tenho. Se eu dissesse que não, seria mentira. Mas eu convivo bem com isso, porque eu sei que alternativa é pior, entende? (Cláudio, 57, RMRJ)

Gérson foi o único cuja resposta pareceu inconclusiva. Ele procurou “relativizar” a noção de medo, substituindo-a pelo termo “receio”.

Entretanto, tanto a relativização feita por Gérson, como a negativa ao questionamento ocultam um sentimento comum a todos, incluindo os que assumiram, de imediato, temer a passagem do tempo: todos tem, sim, medos relacionados ao envelhecimento. A assunção desse temor teve de ser, de algum modo, “provocada”: a pergunta sobre o medo de envelhecer se desdobrou em medos de possíveis efeitos do curso da vida, sejam eles físicos/fisiológicos/mentais, sejam emocionais.

Começemos por Gérson:

– O que é que acontece? (Pausa) Meu núcleo familiar é muito pequeno. Como eu te falei... Hoje eu conheço os meus primos. Conheci meus avós. Não todos, que alguns já tinham morrido. Conheço meus tios. Mas meu núcleo familiar sempre fomos eu, meu pai, minha mãe e meu irmão. Meu pai morreu. Minha mãe tá com 64. Meu irmão tem 38. Tem uma filha do primeiro casamento dele que tem Síndrome de Down, é minha sobrinha. Eu e meu parceiro não pretendemos ter filhos. Então, o que acontece? É a ordem natural das coisas. Um vai morrendo. E aí, será que eu vou ser que vou ficar sozinho?
Então, eu não digo que é um medo, mas realmente é uma coisa que eu não gostaria. Vou estar sozinho na minha velhice? Se pudesse, todos nós partiríamos juntos. Entendeu (risos)? Viveríamos e depois todo mundo “pá!”. Eu acho que esse é meu receio. Entendeu?
– É o medo da solidão ou é o medo de não ter alguém que cuide de você?
– Acho que é o medo de me sentir abandonado, talvez. É...
– O que seria se sentir abandonado pra você?

– Não é bem abandonado, né, mas completamente só, sem aqueles que eu amo. Que são mais caros para mim. Né? Eu tenho uma visão espiritualista da vida hoje em dia. Eu acredito na vida após a morte, mas eu sei o quanto me dói você perder alguém, né? Já perdi amigos. A gente perdeu nessa pandemia. Meu parceiro perdeu a mãe, perdeu a irmã. Perdi meu pai. Então, sei como é isso.

Não ter a pessoa perto de mim, as pessoas que eu amo, isso é doloroso. Então o que que eu faço? Eu prefiro não pensar nisso. Né? É um pensamento que joga lá pro fundo da minha mente e vou vivendo a vida, mas é algo que eu acho que na velhice... Que me preocupa por quê? A velhice caminha para isso. Todos nós estamos nesse caminho aí. Né? A gente vai envelhecendo e depois morre.

Vai acontecer com a minha mãe. Já está acontecendo. Ela já não é mais uma mocinha. Ela tem 64 anos. O meu irmão. A minha sobrinha, que é uma pessoa do meu sangue, ela tem síndrome de Down. Não sei nem quantos anos ela vai viver, né? Meu irmão hoje tem uma namorada, mas não sei também, se de repente ele casa e vai pra outro estado, sabe? Meu parceiro... Até quando vou estar junto com ele? Até quando ele vai viver? Essas coisas me preocupam.

Uma coisa muito curiosa, é que na minha... Nos meus pensamentos, sempre acho que eu é que vou perdê-los. É como se eu já tivesse, assim, a certeza de que eu vou ficar sozinho. (Gérson, 42, RMRJ)

A passagem do tempo faz da solidão um medo comum à parte desses homens. No caso de Gérson, que tem um companheiro com idade similar à dele, o temor se dá de forma mais ampla, incluindo também a perda de pessoas da família que o cercam. E, independentemente da idade, ele vê a morte de todas essas pessoas chegando antes da sua – mesmo de pessoas mais novas.

Outro casado, Gustavo, também aponta a solidão como uma preocupação. Sua sensação, porém, pode ser considerada bastante objetiva, sob uma perspectiva cronológica: como o marido é mais velho (11 anos a mais), há, para ele, uma tendência de seu parceiro morrer antes, deixando-o sozinho:

Eu e ele conversamos, como vamos estar, né? Que, normalmente, ele fala assim, que ele vai tá mais velho do que eu sempre ou um pouco mais. E nós colocamos assim, que vou estar sempre do lado dele. E se um dia ele for e eu ficar, né? Vou ficar sozinho. Nós não temos filhos. Não queremos. Então, tenho medo assim nessa parte. Tenho medo de ficar só. (Gustavo, 42, ESB)

Tanto Gérson quanto Gustavo mencionam que não têm filhos, por escolha. O interessante, porém, é que ambos acabam insinuando, ainda que não intencionalmente, que a existência de uma prole poderia, de alguma forma, “solucionar” o risco de ficarem sozinhos com o passar do tempo.

A título de comparação, Bernardo e John, que têm filhos, não mencionaram a solidão como um de seus temores relacionados ao envelhecimento. O que, portanto, corrobora essa visão de que a paternidade “resolve” essa ameaça.

Pode-se inferir, dessa forma, que, para casais de homens que não têm filhos, o medo da solidão pode ser o temor de não contarem com quem cuide deles quando precisarem. Em uma pesquisa sobre a população com mais de 60 anos no Brasil e aposentadoria, Peixoto (2004) aponta que

Se o Estado não intervém para minimizar a má distribuição de renda, se o orçamento público para políticas sociais diminui a cada ano, se o seguro-desemprego e o seguro-doença são ínfimos, e se os raros programas sociais existentes são destinados a uma parcela restrita da população brasileira, a família é o único apoio que resta. (PEIXOTO, 2004, p. 74)

A autora narra que, entre as pessoas entrevistadas na análise, a grande maioria ajudava os filhos adultos. Mas também havia situações contrárias, em que os pais eram ajudados pelos filhos.

Os apoios também se fazem no sentido inverso: quando os aposentados têm nível de vida modesto (aposentadoria baixa, não-proprietário do imóvel), são os filhos que ajudam os pais. Solidariedade, sim, mas sobretudo um sentimento de dever para com os pais que, no final das contas, contribuíram para que os filhos tivessem melhores condições de vida através da educação, de ajuda financeira e apoio moral. (Ibid., p. 79)

A princípio, é uma reciprocidade e um “sentimento de dever”, de gratidão, inatingíveis para nossos casais de homens sem uma prole.

Se a solidão preocupa casados, também afeta os homens solteiros, ou que não têm um relacionamento duradouro:

Se você envelhece, e junto com você estão pessoas também que vão estar envelhecendo junto, e tal... Agora, por exemplo, eu, como eu sou uma pessoa muito... Moro sozinho. Aí você vai envelhecendo sem ter... Vamos dizer assim, alguém que esteja junto com você, talvez para dividir esses perrengues da velhice que acontecem. É isso que me incomoda.

Porque eu fico pensando, como é que vai ser quando eu tiver, por exemplo, uns 60, 70 anos de idade? E aí você não tem... Assim... Vou pra um asilo, por exemplo (risos)? Não sei. É porque... Quem é que vai estar para poder te ajudar em alguns momentos, né? Te auxiliar em algumas situações que precisa?

Mas assim... Sabe que uma coisa que não me preocupa, mas ao mesmo tempo... Sabe aquilo que é algo que te preocupa, mas ao mesmo tempo você não para pra pensar naquilo? Nunca cheguei assim: “Como é que vai ser daqui a 10, 20 anos? Se eu estiver vivo, né, daqui a 10, 20 anos de idade? Então como é que eu vou estar?”

Então eu sou muito de viver o hoje. O agora. Sabe? Eu sou muito de presente do que de futuro. É claro que você precisa se preocupar com o futuro, mas eu não consigo ter essa visão de como vai ser lá na frente. (Armando, 46, ESB)

Eu morro de medo da solidão. Eu tenho muito medo. Sei lá. Acho que eu não saberia lidar. Não sei. Acho que eu não saberia lidar com a solidão.

– Quando você fala da solidão, está falando especificamente de ter um companheiro ou não?

– Não, solidão de ficar só mesmo. Não sei se eu fiquei muito assustado com as palavras de um amigo. Ele foi muito taxativo. E ele é um cara muito bem de vida. Ele falava isso para mim sempre: “Ninguém, nunca, ninguém, parente, amigo, vai querer uma bicha velha dentro de casa. Cuidar de uma bicha velha. Então, cuida da sua vida”. Ele falou: “Cuida. Faça um patrimôniozinho, pra que você possa pagar alguém pra estar com você até o dia que você for.” (Régis, 51, ESB)

As falas de Armando e de Régis ilustram algumas modulações sobre a solidão.

Para Armando, a falta de um companheiro aumenta sua preocupação, embora ele generalize e fale de “pessoas envelhecendo junto”, no plural. Entretanto, ele frisa que “mora sozinho”, e, portanto, não tem uma companhia emocional/amorosa.

Régis tem um temor mais amplo, de uma “solidão de ficar só mesmo”, sem parentes, sem amigos, sem ninguém que cuide dele. E, a partir da fala de seu amigo, que o marcou, dá a entender que, se conseguir ter recursos financeiros, pode evitar esse problema. Afinal, como ninguém quer “cuidar de uma bicha velha” gratuitamente, ter dinheiro garante que alguém cuide, ao menos de forma profissional.

As duas falas, mas sobretudo a de Régis, corroboram a preocupação com o apoio (ou a falta dele) da família no envelhecimento. Como se verá no capítulo 7, para alguns desses sujeitos, a descoberta da homossexualidade foi seguida de um afastamento por parte do grupo familiar.

Tal situação também é narrada por Mota (2014), em sua etnografia com homens homossexuais com mais de 60 anos, e também por Henning (2013), com homens de meia idade. A partir da rejeição da família “de origem”, ambos falam da formação de novas configurações familiares, a partir da rede de amigos, em geral homossexuais também excluídos de seus núcleos parentais originais.

Régis, porém, assustou-se com a fala de seu interlocutor. Talvez por este descartar, inclusive, o apoio dos amigos – que formariam a “família do coração”, como menciona Henning (2013), um núcleo escolhido, formado no curso da vida, que se diferencia da “família de sangue”, cujos vínculos são estabelecidos por consaguinidade e que se tornam problemáticos ou mesmo são rompidos com a assunção da homossexualidade. Assim, a única saída para evitar a falta de assistência e de cuidado é ter recursos financeiros para pagar por isso.

Como explica Henning (2013),

Próxima ao debate sobre o “care”, a ideia de “social support” (a qual poderíamos traduzir como “apoio social” ou “suporte social”) tende a ser considerada pela gerontologia como uma noção inextricavelmente associada ao *cuidado*. Isso se daria, entre outras razões, uma vez que afora os contextos institucionalizados (como as instituições de longa permanência para idosos, casas de repouso, asilos, etc.), o cuidado informal e/ou não remunerado, em termos gerais, é comumente realizado por integrantes das redes de suporte social, em especial pelos membros da família de origem. (HENNING, 2013, p. 334)

Contudo, mencionando Barker, De Vries e Herdt (2006), o autor ressalta que:

O caráter do apoio social deve ser visto como dinâmico e sistemático, sendo influenciado por elementos conjunturais relativos a contextos históricos e socioculturais específicos e variando conforme as relações de gênero, estado de saúde, *status* marital, classe social, a existência ou não de filhos, a qualidade das relações com as famílias de origem, ser visto como integrante de uma “minorias sexual”, entre outros fatores. (Ibid., 335)

A ideia de ir para um asilo por não ter quem cuide assusta Armando. Mas há quem tenha isso em seus planos para o futuro, como William:

– *Pelo fato de não ter medo do que vai acontecer, não tenho medo de ficar sozinho, por isso que já tenho uns planos de chegar a certa altura, se eu estiver solteiro, sozinho, sem ninguém na minha vida, eu pretendo ir para um asilo e ficar lá, quietinho no meu canto. E é isso. A preocupação da velhice, ou de ficar sozinho, ou de morrer, ou de não ser amparado por alguém, eu não tenho.*

– *Pelo que você me passa, você é um cara que planeja muito bem cada passo. O que você está me falando é que planeja muito bem cada etapa. Isso, para você, é muito bem resolvido.*

– *Sim! Muito! Aí, volta aquela questão de antes: se eu tivesse apego ao que está ao meu redor, tanto material quanto a pessoas em si, eu poderia até sofrer com isso. Mas eu não tenho. Não é que eu não ame, eu acho e acredito...*

Na verdade, não é que eu acho, eu acredito e pratico da seguinte forma: se você não está bem sozinho, você não pode estar bem com ninguém. E para você estar bem com alguém, você vai ter que estar bem contigo mesmo. Então, você deve ter planos para uma vida só. Tudo aquilo que vier vai ser agregado. Mas também se for, os seus planos vão continuar.

Eu amo meu canto, eu amo meu silêncio, eu amo minha paz. Amo estar com alguém também, mas o estar com alguém na minha vida são consequências. Se hoje eu ficar sozinho novamente, solteiro, minha vida ela vai continuar da mesma forma. Então eu tenho que estar preparado para mais à frente.

– *Mas você tem planos de ter uma companhia?*

– *Sim, como hoje eu tenho. Mas se por acaso chegar amanhã e dizer “olha, não dá mais”, tudo bem então. Vamos tentar pelo menos a amizade. Se não tem amizade, então nem conversa eu quero também, e a vida vai continuar. Aí, se depois aparecer uma outra pessoa será mais um agregado da minha vida. E é assim que a vida segue. (William, 43, ESB)*

Em geral, William mostrou bastante desprendimento durante nossa conversa. Contou que, aos 18 anos, deixou a cidade do extremo sul baiano onde morava com

os pais e os cinco irmãos, o que, segundo ele, rendeu-lhe uma “alma de cigano”. Esse desapego, aparentemente, reflete-se em sua relação com a passagem do tempo e seus efeitos, ao expressar com tranquilidade que iria para um asilo sem problemas.

Para alguns desses homens, porém, o maior temor com o envelhecimento são possíveis efeitos fisiológicos. Alexandre, por exemplo, teme doenças de um modo geral:

- *Como você vê o processo de envelhecer?*
- *No meu caso, natural. Às vezes eu olho no espelho e falo “tô velho”.*
- *Então, em algum momento, preocupa envelhecer...*
- *Não. Com isso eu não tenho problema. Meu único medo é ficar doente. Nosso corpo muda com o passar dos anos. Com 40 anos eu usava 42, dependendo da marca 44. Hoje uso 46, 48.*
- *Seu medo é depender de alguém? Ou de não ter alguém pra cuidar de você? Quando você fala de ficar doente...*
- *Nem é isso. Porque doença não é legal. (Alexandre, 49, ESB)*

Há quem aponte males específicos, como Tiago:

- *Os efeitos do envelhecimento, sobretudo em algumas situações, tipo doença, limitação física, solidão, limitação mental, esses possíveis efeitos te causam medo em relação ao envelhecimento?*
- *Não, porque eu já estou passando por tudo isso, numa escala bem menor.*
- *Pelo que você viveu.*
- *Tudo o que você falou [doença, limitação física, etc.] eu já tive. Não vou me botar numa posição de vítima, mas eu tive, numa escala menor, e você tem que encontrar um sentido. Você tem que encontrar uma saída, porque... eu não digo ladeira abaixo, “porque numa certa idade é ladeira abaixo”, não, eu não vejo assim. Óbvio que eu vou ter que entrar num programa muito mais de manutenção de saúde do que de rejuvenescimento. Alimentação, exercício físico, essa porcaria aqui [o cigarro, Tiago fumava enquanto conversávamos], uma hora isso vai ter que...*
- *Mas, como eu sou descendente de cigano, tenho cigano no sangue, eu vou fumar até morrer, literalmente (risos). Então, assim, um medo que eu tenho... Claro, todo mundo tem medo... não tenho medo, mas, fico assim, meio triste, se eu perdesse minha visão.*
- *E eu tenho caso com meu pai, meu pai operou glaucoma, ele tem glaucoma e teve que fazer alguma operação. Às vezes, quando eu estou deitado no sofá, ele andando pela casa, ele senta no sofá em cima de mim, porque ele não me vê. E eu gosto muito de trabalho manual. (Tiago, 45, RMRJ)*

As crises emocionais – como a morte da irmã – e físicas – um processo depressivo – que Tiago viveu parecem ter funcionado como um “amortecedor” para possíveis problemas físicos e mentais que surjam com a passagem do tempo. Ainda assim, ele teme ter o mesmo problema de visão que seu pai tem. Uma “herança” que o preocupa, sobretudo por gostar de trabalhar com a parte de moda e costura.

A “herança” familiar também é mencionada por Bernardo com o curso da vida. Mas, em seu caso, há duas possibilidades: as experiências de envelhecimento de sua avó materna e de sua mãe, ambas bastante diferentes entre si.

– Quando a minha mãe começou a ficar velha, eu falei: “poxa, minha mãe vai ter uma velhice como a da minha avó”. A mãe dela. A mãe dela morreu com 94. Nova até! As irmãs dela morreram com 104, 105, 106, e sem um problema de saúde. A minha avó tem foto dela uma semana antes de morrer, microfone na mão em cima de palco com casaco de vison. Ela morreu. Eu falo a morte da minha avó...

O baque para mim da diferença da minha avó pra minha mãe foi muito grande. Que a minha avó... É o que eu falei: morreu com 94, lúcida, com a saúde perfeita. Estava dentro do hospital contando uma piada e recebendo massagem. Teve uma parada cardíaca, morreu dentro do hospital. Saindo do check-up, ela estava ótima. Minha mãe, de costas, tava arrumando a mochilinha dela. Então a minha avó teve essa velhice maravilhosa.

A (velhice) da minha mãe foi pavorosa. Isso me meteu muito medo da minha velhice.

– Você viu o envelhecimento como... A sua mãe foi uma espécie de... ela foi definhando, de alguma forma?

– Completamente. Completamente. Dia após dia. Você via a pessoa se desfazer na sua frente. Isso me deixou apavorado. Apavorado.

– Esse é seu maior medo em envelhecer? Você tem medo de envelhecer?

– Eu não tenho medo de envelhecer. Eu tenho medo de ficar um velho dependente dos outros. Eu não tenho medo de envelhecer. Eu não tenho nem medo de morrer, mas eu tenho medo de ficar dependente, como a minha mãe ficou. Ficar uma pessoa incapaz.

– Esse é o teu maior...

– Esse é meu maior medo. Não tenho nenhum medo de morrer. Não tenho nada dessas coisas. Eu tenho medo de ficar doente. Entendeu?

– Doente. Porque assim...

– Acamado. Acamado sem conseguir se cuidar sozinho.

– Algumas pessoas que eu já conversei, assim têm medo da perda da saúde mental. Algumas tem medo da saúde física.

– São as duas, a mental e a física. Vou te falar uma coisa: a minha mãe teve Parkinson, que teoricamente é físico, né, não é mental. Não é Alzheimer. Mas quando você fica tão debilitado fisicamente, que você não consegue mais interagir socialmente, ter uma vida social produtiva, a sua mente vai embora também. A minha mãe não tinha Alzheimer. Não tinha demência senil, mas, pela falta de convivência, pela falta de conversas com pessoas, pela falta de sair, a cabeça também vai definhando. Entendeu? Então, assim, eu tenho medo das duas. De ficar dependente tanto emocional quanto fisicamente. Né? Emocional e mental. (Bernardo, 50, RMRJ)

O “medo da doença” manifestado por Bernardo se desdobra no temor de depender de uma outra pessoa. Foi, por exemplo, o que aconteceu com sua mãe: doente, ela foi morar com ele. E dependeu de seus cuidados para sua sobrevivência, até seu falecimento, ocorrido no meio da pandemia. Ao mesmo tempo, Bernardo criava – e cuidava – do filho.

A mãe de Bernardo morreu com 82 anos. Idade acima das expectativas de vida da população brasileira em geral, de 77,0 anos, e das mulheres brasileiras, de 80,5

anos, verificadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para o ano de 2021⁷⁰. Entretanto, seu “espelho” acaba sendo sua avó e suas tias-avós, que viveram mais de 90, 100 anos. E não considera que a expectativa de vida para os homens é menor: 73,6 anos, de acordo com o IBGE.

Essas referências tão diferenciadas acabam sendo um incômodo para ele: afinal, terá a longevidade – e a doença – de sua mãe? Ou a extensão de vida – e a saúde aparentemente pouco abalada – de sua avó?

Chama atenção a percepção de Bernardo sobre a degradação emocional como consequência da degeneração física, e os temores relacionados a essa relação causa-efeito. Assim, um problema fisiológico – no caso de sua mãe, mal de Parkinson – pode se desdobrar em um mal que afeta a sociabilidade e, como efeito, a saúde mental.

É preciso fazer uma ponderação aqui. Pode-se inferir que o receio da solidão ou da degeneração física e mental tem relação direta com o cuidado. Para os homens, como disse Simões (2004), há uma certa preocupação com depender de alguém a partir de problemas de saúde. Aparentemente, é algo diretamente relacionado à construção de masculinidades, que colocam os homens em uma posição de força, o que é “perdido” com o “ser cuidado”.

Mas, como estamos falando de homens que se relacionam com outros homens, há de considerar não apenas o “ser cuidado”, mas também o “cuidar”. E “cuidar” de pessoas vulneráveis fisicamente não costuma ser uma característica associada ao masculino, frisa Attias-Donfut (2004).

Cuidar dos outros faz parte do papel tradicional das mulheres. O surgimento da sociedade multigeracional ampliou este papel com o aparecimento de uma geração “pivô”, que ajuda, ao mesmo tempo, os pais idosos, os filhos e os netos. Os homens intervêm duas vezes menos do que as mulheres e, geralmente, para realizar tarefas diferentes (menos focalizadas nas atividades domésticas e cuidados pessoais). [...] Segundo uma pesquisa realizada com três gerações, as mulheres idosas dependentes são ajudadas, em primeiro lugar, por outras mulheres – são 54% dos casos –, enquanto os homens, na mesma situação, constituem mais de 80% a serem ajudados por mulheres. (ATTIAS-DONFUT, 2004, p. 101)

⁷⁰ Nota sobre as Tábuas Completas de Mortalidade 2021 e a pandemia de Covid-19. Disponível em <<https://www.ibge.gov.br/novo-portal-destaques.html?destaque=35600>>. Acesso em 5 de fevereiro de 2023.

Há uma certa excepcionalidade a essa “regra” quando se trata de homens gays, que, mesmo em famílias com mulheres, por vezes assumem esse papel – Bernardo é um exemplo disso. Talvez pela associação de homens homossexuais ao “feminino” e, portanto, a uma certa “natureza” de cuidar.

Em sua pesquisa com homens de meia idade com práticas homoeróticas na cidade de São Paulo, Henning (2014) aborda esta “particularidade”:

No decorrer do período em campo a experiência do *cuidado* – tanto em sua faceta “ser objeto de cuidados” quanto na de “ser cuidador de alguém” – foi um elemento que boa parte dos contatos mencionou como algo com o qual possuíam um nível variável, embora significativo de familiaridade. E isso, diga-se de passagem, possuía maior expressão entre aqueles que se consideravam homossexuais, experiência que se contrapunha à descrita pelos interlocutores que eram ou haviam sido casados com mulheres (e/ou que não se concebiam como homossexuais), os quais raramente citavam experiências pessoais significativas, por exemplo, em relação a serem responsáveis pelo cuidado direto de alguém. (HENNING, 2014, pp. 363-364)

Se, porém, prevalece a percepção de que “um homem não sabe cuidar”, esses sujeitos, ao envelhecerem e talvez dependerem de alguém, podem não confiar que outro homem seja capaz de cuidar deles. Ou achar humilhante (ou “desmasculinizante”) que esse cuidado venha de alguém semelhante.

Mas, voltemos a Bernardo, que não para por aí quando se trata de um temor da “herança genética”. Mas, nesse caso, o receio é seguir a tendência da família de seu pai – embora não se trate de uma característica ligada ao envelhecer:

– *Isso é uma coisa que me preocupa muito na velhice. É a questão do suicídio na minha família. Mas é uma coisa mais pessoal minha, porque a família do meu pai é de suicidas. Toda. Meu pai tentou o suicídio. Esse meu tio, irmão dele, tentou o suicídio. Meu pai teve cinco filhos, né? Só eu e uma irmã não tentamos suicídio. Uma irmã teve uma filha só, e essa filha dela tentou o suicídio. Outra teve 3 filhos, os três filhos dela tentaram suicídio. Então, a família do meu pai é uma família completamente suicida.*
 – *Mas tem alguma explicação fisiológica pra isso?*
 – *Não. Já se sabe que o suicídio é genético. Não é totalmente genético, óbvio, mas a predisposição genética é gigantesca.*
 – *É mesmo? Não sabia.*
 – *Você nunca... É um dizer: “Você nunca é o primeiro suicida da família.”. Você pode até ser o primeiro que conseguiu, mas você nunca é o primeiro suicida da família. Tem um “quê” genético aí. O lado da família do meu pai inteiro é suicida. Eu, graças a Deus, nunca tive problema. Nunca tive pensamentos suicidas. Nunca tive. (Bernardo, 50, RMRJ)*

Bernardo admite, contudo, que, se ficar “muito velho, muito doente”, gostaria de fazer uma eutanásia – prática não permitida pela legislação brasileira até o

momento. E explica: “Eu tenho muito bem resolvida a morte pra mim. Eu acho que a vida é ótima”.

A impossibilidade de se cuidar sozinho – mais precisamente, de depender de alguém para ser cuidado – é um problema também para Gustavo, que já havia apontado temer a solidão, após a eventual morte do marido antes da dele:

- Além disso, tem algum outro medo que você tenha do envelhecimento? Tipo? Perder a sanidade? Questão física?
- Questão física. Ficar em cima de uma cama, doente. (Gustavo, 42, ESB)

Esse incômodo da dependência afeta também John. Efeito do medo de limitações físicas, mas sobretudo de problemas mentais, causadas por doenças que afetam a racionalidade:

O meu marido fala assim, “ah, porque se eu chegar aos 80 já tá ótimo”, eu falava: “você tá maluco! Eu não quero chegar aos 80, eu quero chegar aos 120!”, e ele fica olhando assim pra minha cara, “Tá de sacanagem?”

Eu falava assim: “olha só. Vamos lá, você está vendo muita gente chegando aos 100, passando dos 100, geralmente os artistas, mas tem muita gente passando dos 100. Mas é porque eles nasceram há muito tempo. A nossa geração, em princípio, a estimativa agora, a expectativa de vida está em 70, em alguns lugares, 80... Mas isso porque a expectativa de vida é porque tem muita gente que morre nova, muito bandido, principalmente a população masculina que morre, bandidagem, uma série de coisas, de doença... Agora, a pessoa que não tem doença nenhuma, a expectativa de vida, aquela média é maior. e assim, a pessoa que nasceu na nossa época vai chegar mais ainda”.

E eu não quero chegar aos 120 na merda, numa cadeira de rodas, todo fodido, cego... Não é isso que eu tô falando, é chegar a 120 bem! Eu estou falando assim: consciente, entendeu? Claro que não vou ter a vista 100%... talvez não vou estar andando, ou correndo, ou surfando. Mas, porra, eu não estou também na merda.

– *Você falou um ponto aí... a deterioração... Não gosto desse termo, deterioração. A limitação física, pelo que você me falou, não é tão problemática para você quanto pensar em uma limitação mental. De repente, envelhecer e ficar... “gagá” [fiz o gesto de “entre aspas” com os dedos].*

– *Sim, esquecer de tudo... A avó do meu marido tá assim, está cada vez mais... É Alzheimer... Não fala mais coisa com coisa. Chega lá, ela não lembra mais de você, inventa história...*

Assim... é o que te falei. Isso pode acontecer com as pessoas? Pode. Pode acontecer comigo? Pode. Mas eu nunca parei para pensar, até porque eu me sinto bem, e eu, assim... E essa possibilidade de acontecer? Eu não sei. Eu não espero que isso aconteça e também não sei, porque nunca parei para pensar e refletir sobre isso.

Mas, realmente, a incapacidade mental, acho que, pra mim, ela é muito mais pesada do que a incapacidade física, entendeu? A incapacidade mental você deixa... Eu acho que vem mais a questão da velhice, que está mais na capacidade mental do que na capacidade física. (John, 51, RMRJ)

Lembre-mo-nos de que John diferenciou “ter idade” de “ser velho”. E, embora tenha ficado bastante incomodado com a vista cansada (presbiopia) que surgiu em sua vida – um sinal da passagem do tempo –, acabou se convencendo de que o problema, comum em sua idade, não se tratava de envelhecimento.

Agora, John deixa mais evidente o que, para ele, é “ser velho”: perder a capacidade mental. Embora reforce que não quer chegar a uma idade avançada com problemas físicos, mostra-se muito mais preocupado com limitações mentais/emocionais.

É também a aflição de Rodrigo. Ele foi um dos que disse que não tem medo de envelhecer. Ao contrário: pelo que viveu – entre as marcas, o fato de ter adquirido o HIV –, vê com bons olhos a passagem do tempo. Mas se preocupa, sim, com o que pode ocorrer com sua mente:

– *Você tem medo de envelhecer?*
 – *Medo de envelhecer? Nem um pouco.*
 – *Por quê?*
 – *Por quê? Porque pra mim é ótimo envelhecer. Porque...*
 – *Por que é ótimo envelhecer?*
 – *Por que é ótimo envelhecer? Porque eu sei que eu vivi todos os momentos da vida e você tem que aceitar. Pra mim, nem um pouco. É o que eu falei. Eu não tenho medo de envelhecer. Eu não quero envelhecer o meu cérebro e a minha alma. Isso... E eu sei... Eu acho que isso realmente não vai envelhecer, mas o meu corpo? Muito pelo contrário. Eu adoro ter cabelo branco. Eu adoro ter barba branca agora. Eu tô amando envelhecer.*
Deterioração física? Posso até estar numa cadeira de rodas, mas eu quero tá isso aqui ileso [aponta para a cabeça]. Intacto. Mas a deterioração física não.
O meu maior medo é isso daqui, ó [novamente aponta para a cabeça]. Eu não quero ficar esclerosado. Eu não quero ficar... Entendeu?
Mas eu sei que isso não vai acontecer. Eu posso até, por exemplo, de repente sofrer um acidente. Não sei... Ficar paralisado, mas eu vou... Uma coisa é certa. Pode até acontecer de eu não transar, mas tudo bem. Mas só tem um detalhe: eu quero que isso daqui, ó, continue funcionando até chegar a um século. Porque eu não vou deixar de estudar. Eu não vou deixar de aprender. Eu não vou deixar de me atualizar. Tudo pode ter... Pode foder a porra toda, mas isso daqui [repete o gesto], isso daqui, ó, eu quero... vai ficar ileso e intacto. (Rodrigo, 50, RMRJ)

Por estar sistematicamente investindo em sua educação – à época da entrevista, ele estava terminando um curso de comissário de bordo –, Rodrigo acha que será capaz de evitar alguma degeneração mental. Como se observa em sua fala, ele não considera o fato de que tal problema pode ter origem fisiológica, independente da vontade ou do “investimento” no pensamento.

Um ponto que precisa ser mencionado é um dos motivos para Rodrigo valorizar a “máscara do envelhecimento”, conforme Simões (2004) – ou seja, os sinais físicos, como cabelos brancos, que mostram a passagem do tempo:

Você tem a maior pinta de gringo. Se, por exemplo, se a gente desfilar em Ipanema, todo mundo vai achar que você é gringo e eu sou... Entendeu?

– Não entendi.

– O bom dessa história é o seguinte, agora eu não sou mais um jovem, né? Porque, como eu tenho cabelo branco, já tenho barba branca... Ninguém mais vai dizer: “Ah, esse gringo tá pegando esse negão, porque esse negão é michê”. “É. Deve tá pagando esse michê e pra meter a pirocada nele.” Agora não.

Agora já tamos assim... Digamos assim, um casal. Seria um casal, que tem certa idade, porque, como nós temos barba branca, eu não tenho tem idade pra ser... Eu já ultrapassei a idade de michê (risos).

– Deixa eu ver se entendi: essa barba branca sua, hoje, pra você, é um sinal positivo?

– Maravilhosa! Amo! Sim.

– Mas, por que você curte ou por que as pessoas não acham que você é um michê?

– As duas coisas... Eu curto minha barba. Eu amo a minha barba branca, quando ela cresce eu não raspo mais, eu aparo ela. Eu amo a minha barba branca. Eu amo meu cabelo grisalho. Eu amo. Amo. Amo. Amo. (Rodrigo, 50, RMRJ)

Observa-se, portanto, o que parece ser um “envelhecimento racializado”. Se para homens não-negros os sinais físicos da passagem do tempo podem ser um incômodo e mesmo algo a ser disfarçado, para Rodrigo – um homem negro e gay –, características como cabelos e barba brancos o colocam numa situação favorável.

Há uma perspectiva interseccional entre raça, geração e classe social. Rodrigo foi morador de rua por dois anos, mas, no momento da nossa conversa, definiu-se como “de classe média” porque é “ajudado” pelos namorados alemães, que, segundo ele, são “milionários”. Ele é negro, mas está mais velho, “não é mais um jovem”, tem cabelo e barba brancos. Para ele, isso faz com que, socialmente, transmita uma noção de respeito que acha que não teria como um homem negro jovem.

Assim, o envelhecimento se torna positivo para ele. Não no sentido de estar mais “atraente” com a idade, embora ache que está “mais saudável”; mas pelo fato de que “gringos” não gastariam seu dinheiro para contratar michês negros “velhos”. Logo, se mantém essas relações com esses dois homens brancos, não se trataria de uma relação mediada por dinheiro, mas sim por afeto: “eu já ultrapassei a idade de michê”.

Ter recursos financeiros para um “bom envelhecimento” é uma questão para Régis, como já dito, e também para Rodrigo:

A pessoa trabalha a vida toda, e ela quer garantir uma aposentadoria. Quer ter um patrimônio. Quer construir algo seu, entendeu? Pô, eu quero envelhecer bem, mas porque... Eu mesmo vou trabalhar pra caramba, mas quando chegar uma determinada idade... Eu vou me aposentar. Vou usufruir da minha aposentadoria, entendeu, viajando. Abrir um negócio. Não fazer nada... Com o seu dinheiro no bolso. E coçando o saco mesmo. Também tem isso.

Eu quero envelhecer, mas eu quero envelhecer tranquilo. Entendeu? Sem preocupação. Sem ter stress que eu tive durante a minha infância, a minha adolescência, a minha juventude e a minha maturidade. Entendeu? Quando chegar a minha a velhice eu quero tipo assim, relaxar. Passei por perrengues, passei por tretas, mas agora eu tô bem. Entendeu? E isso também... É também esse processo de envelhecimento também dessas pessoas. (Rodrigo, 50, RMRJ)

O temor de envelhecer e não ter dinheiro para se bancar ou se cuidar também aflige outros homens:

– Tem medo de envelhecer?

– Não, mas medo de ser pobre quando for velho. De não ter dinheiro.

– Sua preocupação é mais em ter uma segurança financeira?

– Então, por isso é que eu estou estudando uma carreira relacionada com informática, porque eu acredito que o futuro agora, a partir da pandemia, a pessoa que sabe programação, desenvolvimento de sistemas, tem vantagens. E também pelo fato de falar inglês posso também procurar empregos remotos em outros países, no Chile, nos Estados Unidos.

Justamente eu estava falando com um amigo americano, ele tem 58 anos. Conheci pela internet, somos amigos, bem amigos. Aí ele falou que ele trabalha em Recursos Humanos. E aí ele falou “Cara você está super bem focado. Aqui nos Estados Unidos tem um monte de gente que procura emprego e deixa um emprego, abandona o emprego. A geração de hoje é horrível. Eles não têm maturidade. Então, muitas empresas procuram caras acima de 40 anos, claro, a gente tem que falar a língua, né”.

Então, eu fiquei surpreso, eu falei “Será que eu estou muito velho?”, ele falou “não, o contrário, a sua idade é o máximo aqui, você é daquela geração que... um cara responsável, que tem vivência em outros países, é bom. Você poderia trabalhar remotamente, do Brasil e de lá para cá”. (Diego, 41, RMRJ)

Diego acaba trazendo, com surpresa para si mesmo, um ponto positivo do envelhecimento: a maturidade. Ao menos em sua área de trabalho – ou melhor, no segmento de mercado para o qual vem se preparando. E, se podemos falar de um efeito benéfico da pandemia, a possibilidade de trabalhar à distância acabou ampliando suas possibilidades, com chances de atuar profissionalmente em outros países sem sair do Brasil.

Mas, fora do Brasil, do outro lado do Oceano Atlântico, em Portugal, Cláudio não é tão otimista como Diego sobre os benefícios da passagem do tempo para quem quer trabalhar. Ele aponta o etarismo na oferta de trabalho como o seu principal temor:

– O mercado de trabalho. É a coisa que mais me aterroriza, porque só vai piorar. Eu estou no melhor momento intelectual da minha vida privada. Eu era um cara bom? Era, mas agora eu sou muito melhor... porque eu digo “eu já fiz essa merda. Não vale a pena brigar”, entendeu? A maturidade traz isso. Eu acho que é um erro tremendo, aos 57 anos, a idade me dizer “você está fora do trabalho”, “você não sabe fazer um aplicativo”, “você não sabe fazer uma raspagem de bases de dados”. Isso um macaco faz! Você treina o macaco, ele faz um aplicativo, você treina o macaco e ele raspa uma base de dados, agora, dá ao macaco e diz “analisa o resultado”... Ele não analisa! Eles estão pegando um cara, nós, da nossa geração, que levou anos estudando, pra fazer o quê? A gente não tem que escrever um texto, a gente não tem que fazer uma planilha de Excel, a gente é “me dá essa porra aqui pra eu ver!”. Você consegue entender? É aí que mais me irrita o envelhecimento... porque eu passei a minha vida inteira me preparando para fazer o que eu tenho que fazer e não me deixam fazer.

– Isso pra você é o fim, é uma bosta... É o que mais te incomoda?

– É o que mais me incomoda. O fim não é, porque eu vou me reinventar. É o que mais me incomoda. Então, a questão da idade, não é a aparência, é a condenação a estar fora do mercado do trabalho. A segunda coisa é a aparência. Mas isso eu consigo, eu consigo gerir, né? Eu sei que eu estou aos 57 anos bem para caralho. Quando chegar aos 60, eu vejo que eu vou fazer. Então, isso é gerenciável. Os outros campos hoje eu trabalho melhor. O do mercado de trabalho é o que mais me irrita, porque eu não consigo gerenciar. (Cláudio, 57, RMRJ)

O desabafo de Cláudio não deixa de ser sintomático do que poderíamos chamar vulgarmente de “conflito de gerações” no mercado de trabalho. Há uma conseqüentemente precarização, não apenas em termos de qualidade, mas também de remuneração. E a qualificação educacional e profissional, tão retoricamente valorizada em discursos corporativos e “empreendedores”, acaba por se transformar numa barreira para encontrar trabalhos dignos e bem remunerados para quem atingiu determinada idade.

Como já mencionado, Cláudio admitiu que tinha medo de envelhecer, mas que convivia bem com isso, porque “a alternativa” – a morte – “é pior”. Gustavo, ao contrário, disse não temer o envelhecimento, mas seu pensamento se assemelha ao de Cláudio quanto a morrer, já que, se está envelhecendo, é porque está vivo.

Apenas um dos sujeitos – Maurício – confessou ter a morte como seu maior medo com a passagem do tempo. Coincidentemente ou não, ele foi o homem mais velho com quem conversei:

– Tem medo de envelhecer?

– Por incrível que pareça não, eu tenho medo de morrer. Não é de morrer, é de fazer a passagem e não estar preparado. Agora nem tanto, mas, devido às minhas circunstâncias de vida, financeiras, eu sempre fui muito materialista. Agora eu já consegui me desligar disso tudo.

Mas eu tenho medo de fazer a minha passagem e não estar preparado praquela momento da passagem. De não ter feito aquilo que eu gostaria de ter feito, de não ter ajudado quem realmente precisava de mim, essas coisas todas. Mas da velhice não. Até quero ficar velho. Mais velho ainda, sei lá, viver quanto mais, até 200 anos? Sem problema nenhum. (Maurício, 59, RMRJ)

Não é possível responder por que o fim da vida não surgiu como uma preocupação com a passagem do tempo para esses homens, pelo menos não em nossas conversas. Contudo, podemos buscar algumas pistas na “teoria” de John.

Vamos lembrar que, para ele, se a geração anterior à sua, com menos recursos biotecnológicos e menos conhecimento à disposição, tem vivido até 100 anos, não será surpresa se a sua geração chegar aos 120 anos. Ele cita, inclusive, o aumento da expectativa de vida – que, segundo ele, só não é maior porque “tem muita gente que morre nova, muito bandido, principalmente a população masculina que morre, bandidagem, uma série de coisas, de doença...”.

Nosso interesse nessa “teoria” não é questionar as premissas listadas por John. Nem apontar que ele próprio admite que os homens morrem mais cedo que as mulheres – embora credite isso mais à “bandidagem”, ou seja, à violência.

O que John evidencia, e que serve para quase todos os participantes desta pesquisa, é que a ideia da morte parece estar distante de suas idades cronológicas. Afinal, trata-se de homens de meia-idade, que, se não são mais “jovens”, também não se veem como pessoas próximas do fim da vida.

Mais uma vez, estamos falando de percepções relacionais e processuais. Eles estão vivendo, sentindo, entendendo o processo de envelhecimento, em maior ou menor grau, em comparação com outras pessoas, mais jovens, da mesma idade ou de gerações anteriores. Com já dito no capítulo 2, estão na liminaridade entre o início e o fim da vida. Ambos longe de suas realidades.

De alguma forma, confirmam outro pensamento de John, quando diferencia o “ter idade” e o “ser velho”. Suas idades começam a pesar, mas ainda não ao ponto de colocar a morte como uma realidade próxima.

4.5 A “pipa do vovô⁷¹” preocupa. Mas nem tanto

Em seu livro “Uma mente própria: a história cultural do pênis”, David M. Friedman (2002) dedica um capítulo – o último da publicação – ao que, resumidamente, podemos chamar de “medicalização” do órgão sexual masculino:

A história dos tratamentos da impotência é quase tão antiga quanto a história do mundo. Textos médicos antigos revelam que não muito tempo depois de o homem descobrir que seu pênis podia ficar teso, começou a se queixar de ele fica flácido. Respeito pelo primeiro estado e temor pelo último resultaram em vários tratamentos, muitos aplicados diretamente no órgão. (FRIEDMAN, 2002, p. 226)

O autor narra como tratamentos para a falta (ou falha) de rigidez peniana já eram indicados desde a Antiguidade. Como um cataplasma, em um papiro egípcio de 1.700 A.C., e remédios, a maior parte deles para ser ingerido, no *Samhita of Sushruta*⁷² hindu, em cerca de 1.000 A.C. Contudo,

Os verdadeiros antepassados da indústria moderna da ereção são encontrados no século XIX, quando alguns urologistas ocidentais arquitetaram tratamentos que hoje parecem (na melhor das hipóteses) hilariantes e (na pior) bárbaros. (FRIEDMAN, 2002, p. 227)

O autor chega, enfim, ao advento do “azulzinho” – o Viagra, “o primeiro agente oral aprovado para tratar a disfunção erétil (FRIEDMAN, 2002, pp 227 e 228) –, em

⁷¹ Marchinha de carnaval, composta por Manoel Ferreira e Ruth Amaral, que, de forma jocosa, trata a impotência de um homem “velho”. A letra:

*A pipa do vovô não sobe mais
A pipa do vovô não sobe mais
Apesar de fazer muita força
O vovô foi passado pra trás!*

*Ele tentou mais uma empinadinha
A pipa não deu nenhuma subidinha
Ele tentou mais uma empinadinha
A pipa não deu nenhuma subidinha.*

Disponível em <<https://www.lettras.mus.br/marchinhas-de-carnaval/497935/>>. Acesso em 8 de fevereiro de 2023.

⁷² Outras fontes foram pesquisadas, mas a definição da Wikipedia parece suficientemente apropriada para explicar do que se trata: “Sushruta Samhita (सुश्रुतसंहिता) é um texto em sânscrito atribuído a Sushruta, fundador da medicina Ayurveda, ou medicina tradicional Indiana, que introduziu inovações notáveis nos campos da cirurgia. A obra contém 184 capítulos e a descrição de 1120 patologia, 700 plantas medicinais, uma análise minuciosa da anatomia, 64 preparados minerais e 57 preparados orgânicos. O texto tal como pode ser lido hoje data do século III ou IV.”. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Sushruta_Samhita>. Acesso em 8 de fevereiro de 2023.

1998. É esse momento histórico que, ao que parece, dá o curioso nome ao capítulo: “O balão à prova de furos”.

Nenhum dos sujeitos desta pesquisa mencionou impotência sexual e/ou disfunção erétil (DE) como um temor em relação ao envelhecimento. Apenas Cláudio contou que teve problemas de ereção, a partir dos 50 anos, que abalaram tanto sua autoestima como seu casamento. E que, por isso, buscou ajuda médica.

Outro que falou da situação foi Alexandre. Mas somente após ser “provocado” – a característica “telegráfica” da conversa, via chat do *Grindr*, por escrito, exigia esses “estímulos”:

- *Mudanças no corpo não mexem com você?*
- *Talvez uma flacidez, rugas. Rugas sem charme (sic).*
- *Preocupa brochar?*
- *Acho que isso todo homem tem medo. Independente da idade. Quem nunca brochou?*
- *Mas, em tese, quanto mais velho, maior a dificuldade de ereção, né...*
- *Isso sim. Mas hoje tem método pra isso.*
- *Viagra?*
- *Desde que tenha um bom médico. Se você se relaciona com pessoas mais velhas elas também deve (sic) passar por isso. Então acho compreensivo. (Alexandre, 49, ESB)*

Essa ausência provocou dúvidas. Será que a não-preocupação com DE seria pelo fato de, por serem homens de meia-idade, considerarem que tal problema ainda está distante de suas vidas? Ou é resultado de uma aparente convicção de que o “balão” não mais vai murchar, já que a farmacologia ampliou e continua ampliando a oferta de medicamentos, que criam uma sensação de “só brocha quem quer”? Afinal, “hoje tem método pra isso”, como diz Alexandre...

Tal inquietação fez com que retornássemos aos sujeitos para perguntar sobre o tema. O contato foi feito com todos, exceto Alexandre⁷³, via *WhatsApp*.

A pergunta foi: “Impotência sexual é algo que te preocupa? Se sim ou não, por quê? Seis dos 12 homens consultados responderam. Eis as respostas – a começar por Cláudio:

- *Sim, preocupa. Porque eu vivi isso e tive dificuldades para entender. Até que busquei ajuda médica e passei a tomar reposição hormonal.*
- *Mas você tomaria Viagra ou similares?*

⁷³ Como já explicado, o único contato mantido com Alexandre foi pelo *Grindr*. Ele não passou seu contato de *WhatsApp* quando conversamos. Portanto, não foi possível contactá-lo posteriormente.

– Não! Porque busquei ajuda médica e o tadalafila⁷⁴ resolveu meu problema. Simples assim.

– Mas a tadalafila não é “similar” ao Viagra? Também não é pra disfunção erétil?

– Não. É uma reposição hormonal, que vai além da questão da ereção. Ela estimula a produção de testosterona. Isso traz qualidade de vida, aumenta a vitalidade, combate a prostração e a falta de ânimo para fazer as coisas. Até onde entendi, o Viagra é pontual, e o tadalafila é mais largo nas suas indicações. (Cláudio, 57, RMRJ)

Não é algo que me preocupa agora. Na verdade, nunca parei pra pensar sobre isso, a não ser neste momento, com a sua pergunta. (Gérson, 42, RMRJ)

Não parei para pensar sobre isso! Acho que não me preocupa. (Gustavo, 42, ESB)

– Sim... não que sexo tenha mais a mesma importância de antigamente... mas claro que seria algo frustrante... difícil de ultrapassar.

Agora, eu me preocupo da mesma forma que eu me preocupo com qualquer doença. Por exemplo, eu tava com colesterol alto, e a médica falou que, se em seis meses eu não reduzisse o colesterol, eu ia entrar na medicação, e depois que você entra você nunca mais para.

– E você tomaria Viagra ou similares, caso brochasse?

– Claro, hahaha. Mas é claro que é chato você ter que ficar tomando um remédio toda vez que você for fazer sexo, entendeu? (Bernardo, 50, RMRJ)

– Sim, preocupa muito, porque quando você está com um cara que não funciona bem na parte sexual é ruim...

– Mas você tomaria Viagra ou similares se brochasse?

– Sim. Mas dizendo que ele não dá tesão, apenas o pau fica duro. Quando o cara não goza é ruim.

Uma vez eu tomei Viagra, só para experimentar como era. Você fica de pau duro, mas você não fica com desejo sexual. Simplesmente fica de pau duro por meia hora, um pouquinho mais. Depois, dá uma dor de cabeça horrível. Então, eu não achei nada de bom, o Viagra. Porque... nem recomendo, na verdade. O problema disso é que, quando você tá com uma pessoa, fazendo sexo, e a pessoa não consegue gozar. Isso eu acho brochante. Porque a parte mais interessante do sexo é quando você, ao final, goza. Se você tá com uma pessoa, e seu parceiro não goza, aí, é muito ruim, muito ruim...

– Mas, e se você brochar? Pergunto porque ficar impotente é um medo meio comum pros homens... o que eu tento entender é se esse medo diminuiu com a chegada do Viagra e remédios similares a ele, já que a impotência, de alguma forma, ganhou tratamento...

– No caso, se eu brochar... eu falaria pra pessoa que não tô conseguindo fazer, né. Até agora não aconteceu isso comigo, mas sim com pessoas que eu já fiquei.

Aí, acho que é melhor não insistir, porque você tá vendo que a pessoa tá nervosa, a pessoa não tá bem. Então, eu acho que o mais inteligente é não... não continuar.

Agora, se fosse um parceiro, eu entendo que às vezes o seu parceiro pode estar sem ânimo, estar cansado. E a gente tem que falar. Mas se fosse

⁷⁴ Comercializada comumente sob o nome-fantasia “Cialis”, a tadalafila “é um remédio utilizado para tratar a disfunção erétil, mas que também pode ser indicado para o tratamento da hiperplasia benigna da próstata”, segundo o blog “Tua saúde”. Disponível em <<https://www.tuasaude.com/tadalafila-cialis/>>. Acesso em 4 de junho de 2023.

somente um pequete, eu acho que não teria sexo de novo, ou não tentaria com ele de novo, porque já sei que tem uma má experiência. Mas se fosse o parceiro seria diferente, porque a gente tem um carinho envolvido, né. (Diego, 41, RMRJ)

– Sim. Porque sou bastante ativo sexualmente e o fato de não conseguir manter a ereção durante a relação me deixaria insatisfeito.

– Você tomaria remédios, tipo Viagra?

– Sim. Com muita precaução e em ocasiões especiais.

– Por que a precaução?

– Porque o remédio pode acelerar o coração e causar dependência psicológica, pelo que já li. O uso seria em pequena quantidade para apenas “cumprir a missão” na relação sexual. (John, 51, RMRJ)

Lembremos que o universo de sujeitos participantes varia, cronologicamente, entre os 40 e os 60 anos de idade. E há certo equilíbrio (não calculado) entre os dois decênios que dividem os 20 anos desse intervalo etário: sete dos homens de meia-idade têm idades entre 40-49 anos, e seis, entre 50-59 anos. E, por pura coincidência, três dos homens que responderam ao questionamento sobre impotência e disfunção erétil estão no primeiro intervalo, e três, no segundo.

Com isso, as respostas poderiam indicar maior ou menor preocupação com falhas de ereção conforme a idade dos sujeitos. Assim, homens entre 40 e 49 anos talvez não tivessem a impotência em seu radar, tanto por não terem passado por “brochadas” recorrentes, como por enxergarem tal problema como algo ainda distante. Já homens entre 50 e 59 anos demonstrariam maior receio, talvez por associarem esse problema fisiológico ao avançar da idade.

Os homens entre 50-59 anos confirmaram esta última premissa: os três admitiram temer a impotência sexual – como já mencionado, Cláudio teve disfunção erétil e buscou auxílio médico para resolver a questão. E os três também admitiram que usariam fármacos para resolver o “problema”. Embora buscando soluções diferentes, como Cláudio, que recorreu a reposição hormonal, e com certo cuidado, de modo a evitar efeitos colaterais ou dependência, seja ela física, como aponta Bernardo, ou psicológica, mencionada por John.

Gérson, de 42 anos, e Gustavo, 43, também corroboraram, com suas respostas, a ideia de que “brochar” seria algo ainda distante de suas idades. Tanto que revelam nunca ter parado para pensar na possibilidade de ter alguma disfunção erétil.

Já Diego – o mais novo dos sujeitos desta pesquisa, com 41 anos – parece fugir à essa suposta regra. Admitiu que a impotência/disfunção erétil é algo que o

incomoda. Porque “estar com um cara que não funciona bem na parte sexual é muito ruim”. E que é “brochante” transar com alguém que não goza por não estar “duro” o suficiente.

Na verdade, Diego diz que não se trata de algo que o afeta diretamente – “comigo nunca aconteceu”. Ou seja, ele não estaria preocupado com ele próprio “brochar”, mas sim com seu namorado ou algum “peguete”. Afinal, ele já vivenciou isso com parceiros no passado. E não achou bom.

Mesmo dizendo nunca ter “brochado”, ele contou que já ter tomado Viagra, que o deixou “de pau duro”, mas que não mexeu em seu desejo – e causou uma super dor de cabeça, um dos efeitos colaterais associados ao fármaco. Essa é, aliás, uma característica comumente mencionada sobre os medicamentos que tratam disfunções: são capazes de causar ereções, mas não de “colocar o desejo” nos homens.

Portanto, ereção e desejo são sensações distintas e não estão diretamente relacionadas. Homens podem ter “tesão” sem ter ereção; podem ter ereção sem ter “tesão”; ou podem combinar ambos, com o desejo se refletindo na rigidez do pênis.

Contudo, para alguns homens, o “pau duro” é a representação visível e óbvia do desejo. Mesmo o passivo nas relações homossexuais precisa estar “firme”, enquanto é penetrado, porque, assim, mostra estar “curtindo” a relação sexual. Ainda que talvez seu desejo de fato na situação não seja tão rígido quanto seu pênis.

E não apenas isso. O “membro em riste” é, aponta Friedman (2002), um potente (sem trocadilho) símbolo de masculinidade – categoria que, como mostraremos no capítulo 6, é bastante valorada pelos sujeitos pesquisados:

A tecnologia tornou obsoletas quase todas as definições de masculinidade anteriores. O homem deixou de ser avaliado por sua força física – a sua capacidade de construir abrigo para a sua família, lutar corpo a corpo ou puxar água de um poço. Máquinas fazem isso por ele. Os músculos são mais simbólicos do que úteis. De modo que o pênis ereto tornou-se o “músculo” simbólico mais poderoso de todos. (FRIEDMAN, 2002, p. 267)

Voltemos a Cláudio. Ele se assume passivo e narra que não chegou a “brochar” durante as relações sexuais, mas que perdia a ereção muito rapidamente logo após gozar/ejacular. E isso mexeu muito com sua autoestima:

O meu falhar não foi que eu brochei, é que eu gozava e eu perdia a rigidez do pênis rápido demais, ou seja, era muito imediato. Toda vez que eu gozava

a rigidez ia embora, era uma coisa pra mim muito ruim, aquilo me fazia mal. Até que eu fui entender, “não, isso aqui é uma reposição hormonal. Eu vou procurar tratamento”. E aí eu procurei vários tratamentos, até que eu encontrei o tadalafila, que funciona comigo bem. (Cláudio, 57, RMRJ)

Estamos falando, portanto, não de uma rigidez peniana que se enfraquece – ou não acontece – durante a relação. E sim de uma flacidez que se dá no que se chama “período refratário⁷⁵”, espaço temporal entre duas ereções consecutivas que começa logo após a ejaculação e que é cientificamente comprovado como comum. Mas, para Cláudio, essa perda da ereção, relativamente “normal”, ocorria de forma muito rápida e era algo incômodo. O que o motivou a buscar soluções e, enfim, recuperar a “rigidez perdida”.

Ao analisar os discursos do marketing farmacêutico no material publicitário de fármacos destinados ao tratamento de disfunção erétil, Faro *et alii* (2013) avaliam que, com tais medicamentos,

A sexualidade masculina, tradicionalmente representada como “selvagem”, “instintiva” e “incontrolável” é normatizada e racionalizada. Paradoxalmente, é por meio de sofisticada tecnologia farmacológica que se oferece aos homens o resgate de suas características “primordiais”, da sua “verdadeira natureza sexual”, da sua “liberdade e confiança”. Moléculas e comportamentos são mesclados em um *continuum* naturalizado, construindo uma masculinidade em cujo centro sustenta-se o homem sexualmente potente, confiante, rígido e eficaz: um produto híbrido corpo-tecnologia, “super natural”, na fronteira definitivamente esfumada entre natureza e cultura. (FARO *et alii*. 2013, p. 317)

Como se vê, esse “resgate da natureza sexual”, viabilizada pela tecnologia farmacológica, independe da idade. Embora Cláudio considere a possibilidade de não se atentar tanto ao fato de, no futuro, seu “balão” “furar”. No entanto, isso não pode acontecer com seu marido:

⁷⁵ Matéria de Fernanda Wendell (*Quanto tempo o homem leva para ter outra ereção depois do orgasmo?*) publicada na revista “Super interessante” (2018) chama o período refratário de “tempo de recuperação” que um homem precisa para recuperar a ereção após ejacular. E pontua: “Quanto mais velho, maior esse intervalo – e menor o ângulo de inclinação do pênis durante a ereção [...]. Outros fatores também influenciam. Fumantes e sedentários tendem a levar mais tempo para se livrar da ‘paumolescência’. Já homens saudáveis que estejam num alto grau de excitação e tenham bastante intimidade com a parceira podem ser mais rápidos”. Ainda que fale em “parceira” – repetindo a lógica heteronormativa de que homens “naturalmente” fazem sexo apenas com mulheres –, a observação vale para homens que fazem sexo com outros homens. Disponível em <<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/quanto-tempo-o-homem-leva-para-ter-outra-erecao-depois-do-orgasmo/>>. Acesso em 9 de fevereiro de 2023.

Eu sei que eu estou aos 57 anos bem para caralho. Quando chegar aos 60, eu vejo que eu vou fazer. Eu sou passivo, dar a bunda, você dá a bunda mesmo com o pau meia-bomba, entendeu? De boa. Com meu marido novinho, tá de pauzão durão... de boa. (Cláudio, 57, RMRJ)

4.6 Empurrando o envelhecimento. Inclusive com a barriga

Até aqui, mostrou-se como esses homens de meia-idade perceberam a passagem do tempo; se eles têm medo de envelhecer; e o que mais os preocupa no processo de envelhecimento, mesmo aqueles que afirmam não temê-lo – o que, como também foi mostrado, suas falas e explicações contradizem, em maior ou menor grau.

Mas, será que esses homens agem para tentar retardar os efeitos da passagem do tempo – sejam eles corporais, fisiológicos, mentais ou emocionais? Será que esses sujeitos lançam mão de estratégias para “empurrar” o envelhecimento?

Há algumas possibilidades. Uma delas diz respeito à aparência física/corporal/externa. Nas sociedades capitalistas ocidentais, a oferta de produtos e serviços biomédicos cada vez mais sofisticados cria a premissa de “só é velho quem quer”. Assim, o uso de recursos para modificar e/ou adiar as marcas visíveis do tempo está disponível – a preços e alcances variados

Contudo, não se trata apenas de um cuidado com a aparência exterior, com a imagem projetada no meio social – onde a aparência jovial é valorizada. Existe também uma preocupação com a saúde, de modo a não apenas estender a longevidade, mas, sobretudo, a fazer com que esse porvir seja vivido sem limitações físicas e/ou mentais associadas ao avançar do tempo – ou, pelo menos, que essas limitações sejam as mínimas possíveis.

Como era de se esperar, num universo de homens pequeno, mas diverso, as respostas – e as ações – são variadas. Desde cuidados extremos com a aparência até o que popularmente se chama “empurrar com a barriga”, ou seja, não fazer nada para retardar os efeitos da passagem do tempo.

John é o mais radical em não usar artifícios – sejam exercícios físicos, sejam produtos ou procedimentos estéticos. Até com a alimentação ele diz não se preocupar.

Para tanto desprendimento, ele credita sua aparência física à uma certa “herança genética”. Assim, se, para Tiago e Bernardo, essa mesma herança de família

é motivo de receio com o futuro, pela possibilidade de doenças vindouras, para John é um benefício:

– O que você faz pra... empurrar o envelhecimento? Você faz alguma coisa, malha, usa cremes, faz tratamento de pele?

– Não. Ontem mesmo meu marido [sete anos mais novo] estava falando exatamente sobre isso, ele falou que fez botox. Falei: “ah, fez botox, de novo?” Ele: “é, inclusive a minha esteticista perguntou: ‘porra, o marido não vai fazer não?’ “Não, ele não liga muito pra essas coisas não”.

– Mas você malha?

– Parei há mais de cinco anos. É o que eu te falei, a genética felizmente foi muito favorável. E se eu abrir a cozinha para você ver o que eu ando comendo... você vai falar assim: “você tá de sacanagem!” Muito chocolate! Ontem, eu comi uma barra de chocolate inteira. Sou meio chocólatra, meio “doçólatra”, enfim. Mas assim... Eu sei que eu preciso parar, preciso dar uma malhada. Eu até quero.

– Pô, mas você tá ótimo⁷⁶.

– As pessoas falam: “Porra! Tá de sacanagem!”, aí meu marido fala “ó, eu sei, porque eu moro com ele”. É definição. Mas, lá em casa, até hoje, dos cinco [filhos], a minha mãe também tem uma genética legal, ela tem aquela genética de ter uma cinturinha. Ela pode até engordar, ela tem uma tendência a engordar, mas a cinturinha dela fica bem para cima. Meu irmão já é mais parrudo. Eu acho que eu fui o único. Não sei como, que a combinação lá de gente...

– Porque você é gay, more (risos).

– Pois é (risos). Porque, sem brincadeira, eu faço assim [ele mostra a panturrilha e a contrai], o pessoal diz: “tá de sacanagem!” Quando eu malhava na academia, em 2012, 2013, por aí, o cara passava lá e eu sempre fui preguiçoso para malhar e ficava toda hora perguntando, enchendo o saco dos caras lá, “E isso aqui, legging, o que é?”, e o cara, “porra... Não, vamos lá, tá certo”. “Pô, tô te enchendo o saco, né?”, eu não decorava aquelas porras, aqueles exercícios. Era cross não sei o quê. Quando o cara me passava o negócio de panturrilha, até um cara que era gay também na academia, eu peguei e falei “não vou fazer isso não, cara”, e ele “não, vai fazer”, “porra, olha aqui, já é uma pedra essa porra, vai estourar isso aqui!”, “não, cara, é pra manter”, “então beleza”.

Procedimento estético... Eu, por enquanto, não faço. Eu cheguei ali, com uns 30... Quando eu morei em Recife, cheguei a comprar uns creminhos, Q10⁷⁷, aquelas coisas. Passava, mas a impressão que eu tinha era de “porra, tudo enganação. Estou gastando dinheiro pra essa porra. Um milímetro, uma porra, não dá pra perceber. Não vejo”.

Eu sei que estou ficando com uns vincos aqui [no rosto], o marido fala “faz botox, preenchimento, não sei o quê”, e ele faz, ele gosta, é vaidoso, com cabelo... Todos os cremes que estão ali no banheiro é tudo dele, xampu, já

⁷⁶ Ao dizer que John está “ótimo”, refiro-me ao fato de ele estar com o corpo “em boa forma”. Além de conhecê-lo pessoalmente, vi fotos dele de sunga no *Instagram* – a rede social pela qual ele me contactou, prontificando-se a participar da pesquisa. Fisicamente, John parece praticar atividades físicas regularmente, sobretudo musculação.

⁷⁷ Uma famosa marca de produtos de beleza lançou um creme para o rosto com o nome “Q10”. Segundo o site Beleza na Web, “a coenzima Q10, também conhecida como ubiquinona, é um potente antioxidante presente em todas as células humanas, sendo responsável pela produção de energia. Ela possui ação anti-idade, ou seja, é uma grande aliada no cuidado com a pele”. Disponível em <<https://www.belezanaweb.com.br/loucas-por-beleza/coenzima-q10-para-que-serve-e-como-usar/#:~:text=Ajuda%20a%20restaurar%20a%20elasticidade%20e%20vitalidade%20da%20pele.&text=Creme%20anti%20idade%20para%20todos,sono%2C%20reduz%20rugas%20e%20linhas.&text=Creme%20anti%20idade%20para%20a%20C3%A1rea%20dos%20olhos.>>>. Acesso em 7 de fevereiro de 2023.

falei “caralho, é xampu pra que, esse aí?”. É dele. E eu não sou muito ligado nisso.

Mas eu sei que eu tenho uma genética também do meu pai. Puxei a cor dele e a pele dele... Do meu pai, que já está toda assim [mostra marcas], meu filho até brinca. Faz assim, com a pele do pescoço, eu falo “porra, daqui a pouco vou estar todo pelancudo”, tô com 51, mas com 60, 60 e pouco vou estar... a pele caindo aqui.

A mão... é difícil de disfarçar. Por enquanto, eu estou segurando a minha onda, até para procedimento estético. Eu acho que ainda não é a hora de eu...

– Você está se sentindo bem? O passar do tempo, pra você, está administrado?

– Sim. A partir do momento que eu começar a sentir essa porra, vou dar uma melhorada, tal... não que isso vai me fazer ficar mais novo, sabe? Que a idade está indo, eu sei que vai e vai e vai cada vez mais, eu sei. Mas, enfim, talvez eu faça. Mas isso não me incomoda agora. Em termos de procedimento estético. (John, 50, RMRJ)

É preciso explicar que a “herança genética” exaltada por John é de sua mãe, por causa do corpo. A do pai – a cor da pele, branca, e os vincos no pescoço – chama sua atenção. Mas não o suficiente para fazê-lo usar cremes ou botox, como o marido. Afinal, como ele disse, John “tem idade”, mas não “está velho”.

Tiago é outro que diz não agir contra o envelhecimento e que não se preocupa com isso. Entretanto, como já mencionado, não descarta que, no futuro, terá de tomar certos cuidados. Não para rejuvenescer, mas para ter saúde:

Régis também não tem o autocuidado entre suas prioridades – embora, por sua fala, tenha encarado a pergunta sobre “retardar o envelhecimento” mais pelo lado da aparência física:

Tô cheio de cravo, tá vendo? Cheio de cravo aqui. É meu! Se ele tá aqui, ele é meu, entendeu? Então, assim, hoje eu tô encarando com mais... Não é fácil você envelhecer, como eu te falei, mas, ao mesmo tempo, eu sei que é inevitável. Então que venha.

Não vai adiantar eu gastar horrores de dinheiro pra evitar as rugas, sendo que elas já estão aí. Elas já chegaram. Então, que elas sejam bem vindas. Quem quiser vai ter que me aceitar desse jeito. Né? (Régis, 51, ESB)

Já Rodrigo investe mais em um recurso “não-físico” para retardar a passagem do tempo:

O que posso fazer é um exercício, uma coisa assim. Não malhar, academia, mas, por exemplo, uma coisa pra ser natural. De cuidar do meu corpo em si. Mas o meu maior exercício é isso daqui (aponta para a cabeça). Isso daqui. O meu exercício diário são os livros, a educação, e tudo que tá acontecendo no país. Eu quero chegar mesmo na idade do meu pai [que tem 100 anos]. Eu quero chegar a um século, mas estar antenado com o mundo. Tá ligado com tudo. (Rodrigo, 50, RMRJ)

Gustavo é outro “desapegado”, mas já mostra algumas preocupações com criar uma rotina de autocuidado:

- *Você faz alguma coisa para retardar entre aspas a passagem do tempo?*
- *Não. Não uso creme. Não uso nada (risos).*
- *Mas não usa por quê?*
- *Preguiça. O meu companheiro, ele já usa. Mas eu não tenho tanta paciência (risos).*
- *Você está fazendo alguma atividade física?*
- *Cara. Eu tava fazendo... tava fazendo caminhada. Eu tava andando de bike. Só que aí à faculdade apertou. Então, de uns dois meses pra cá pra eu não tô fazendo mais nada. Agora eu pretendo voltar de novo. (Gustavo, 42, ESB)*

Há quem, assim como Gustavo, tente fazer exercícios físicos para manutenção da saúde, mas a “briga” com tal rotina é recorrente. É o caso de Armando. Por outro lado, embora se reconheça vaidoso, ele rechaça qualquer possibilidade de recorrer a procedimentos estéticos e/cirúrgicos para sua aparência externa:

- *Em alguns pontos eu sou muito vaidoso, em relação a algumas coisas. Agora, atividade física é uma necessidade, na verdade, né? Que a gente vai chegando uma certa idade, aí os problemas vão acontecendo, questão da saúde. Eu tenho é muita... Pra dizer a verdade, preguiça... Eu começo. Fico lá um mês praticamente. De segunda a sexta. Aí depois eu vou segunda, quarta e sexta. Só vou só um dia na semana, na outra semana já não vou mais. Aí acaba que... Mas eu preciso realmente fazer atividade física, por exemplo, não só por uma questão de ficar com um corpo bacana. Bombado. Isso não me preocupa. É mais pela questão de saúde mesmo. A gente chega a uma certa idade e vários problemas de saúde vem acontecendo. É o triglicerídeo que tá alto. É o colesterol que vai aumentando. A atividade física vai amenizando um pouco isso.*
- *Sim. Mas, por exemplo, ruga, linha de expressão... Isso é uma coisa que preocupa você? Você usa creme? Ou você se imagina fazendo uma intervenção cirúrgica pra tirar ruga?*
- *Não. Cirurgia nenhuma.*
- *Usar botox?*
- *Nada. Não tenho vontade nenhuma. As rugas vão acontecer, vai ficando aqui.*
- *Mas você usa alguma coisa para tentar amenizar ou não?*
- *Armando: Eu uso hidratante, alguma coisa assim, mas nada muito, além disso. Se for pra fazer... “Apareceu uma ruga aqui. Vou ter que fazer uma cirurgia”... Não. Isso aí não passa na minha cabeça de forma alguma. Eu até brinco, meus cabelos estão ficando branquinhos. O pessoal fala assim: “Ah, isso é charme”. Outros falam: “Ah. Mas você pode pintar.” Que pintar que nada. Deixa... Isso aqui é vida. Deixa embranquecer aqui. Agora, uma coisa que me preocupa, que eu tô vendo aí com você, é a barba. Eu não consigo deixar a minha barba branca [como a minha]. O cabelo até que eu consigo aceitar. Agora, a barba... Vai começando a crescer e ficando aqueles fiozinhos brancos aqui... Aí eu passo logo. Tiro logo! (Armando, 46, ESB)*

Note-se que a preocupação com ter uma aparência física mais “jovial” não se resume a utilizar cremes, hidratantes ou outros recursos externos. Às vezes, basta fazer a barba e, assim, de alguma forma, “extirpar” um sinal da passagem do tempo.

O mesmo vale para os cabelos. Tiago, por exemplo, admitiu que “rapava” o cabelo assim que os fios brancos apareciam.

Maurício lança mão das duas “estratégias” de “rejuvenescimento”:

– *Em termos de corpo, eu sempre gostei de malhar. Tô até afastado da academia por falta de tempo, e pretendo voltar, porque uma coisa que eu sempre gostei foi essa coisa de cuidar do teu corpo. Porque o teu corpo é o templo do teu espírito. Se o teu corpo tá bem, teu espírito vai estar bem. Ele habita você. Então, nessa parte física, é sempre bom a questão da saúde. Mas não me vejo sendo um idoso. Até brinco, ‘ah, sou idoso’...*

– *Pra você, ter 60 anos é ser um “idoso”?*

– *Eu vejo uma pessoa, por exemplo, de 70, eu vejo um idoso. Mas eu mesmo não me vejo como idoso.*

– *Mas você tem quase 60, você está até perto daquele 70.*

– *Exatamente. Não me vejo de forma alguma. Não me sinto como 60 anos. Pra mim, a idade chegou porque tinha que chegar. Mas na minha cabeça não.*

– *Você faz alguma coisa pra “retardar” o tempo? Usar cremes, por exemplo?*

– *Não, não. Normalmente eu aparento mais idade quando eu tô de barba. Quando eu tiro a barba, as pessoas mesmo falam que eu não aparento a idade que tenho. Eu tiro a barba, raspo a cabeça, e de uma certa forma me dão menos idade (risos). (Maurício, 59, RMRJ)*

A atividade física é mencionada por vários sujeitos – e todos falam em saúde para justificar esse cuidado. Mas alguns deles não usam produtos para amenizar marcas físicas, o que denota uma preocupação menor com a estética:

– *Você faz alguma coisa para retardar o envelhecimento?*

– *Exercício. Não deixo meu peso... Como corretamente.*

– *Creme? Alguma coisa assim?*

– *Não. Essa parte eu sou bem ruim. A parte da estética, eu sou um cara bem...*

Esse meu lado gay nasceu morto. Nunca fui um cara que me ligava muito em estética. Em roupa... Assim. Não que eu andasse mal vestido. Não é isso, mas não era a minha preocupação primária na vida. Estar com o cabelo perfeito. A barba perfeita. O corpo perfeito. Não! Gosto de estar com o corpo legal. Nunca fui gordo. Nunca deixei ficar gordo. Nunca deixei. Mas não é a minha razão pra estar fazendo exercício hoje em dia.

A minha razão pra estar aqui de bicicleta [ele foi me encontrar de bike] não é o físico estético. É a saúde. Eu tenho esse benefício da vida inteira, de que eu nunca fui gordo. Eu falo que é um benefício, porque, na verdade, não é um benefício. Eu nunca me deixei ficar gordo. Sempre comi corretamente. Sempre pensei no que eu ia comer⁷⁸. Sempre fiz exercício. Entendeu?

⁷⁸ Não cabe, neste texto, discutir uma aparente gordofobia na fala, mas é necessário tratar dessa questão, ainda que brevemente. Bernardo diz que não ser gordo “não é um benefício”, o que ameniza

Muita gente fala para mim: “Ai, você é magro, você come tudo”. Tá. Eu como tudo. Mas não como tudo o que eu quero o tempo todo. Todo dia. Eu como de vez em quando, porque tem outros dias que eu não como nada, ou eu faço exercício exatamente pra equilibrar, entendeu? Então, hoje em dia eu me preocupo mais.

Agora, por exemplo, estou fazendo uma coisa que eu nunca fiz na vida. Eu quero engordar 4 a 5 quilos. Por quê? Por causa da terceira idade. A massa muscular é uma das coisas já comprovadamente mais importantes pro seu envelhecimento com qualidade de vida. Eu sou uma pessoa que tem pouca massa muscular. Então, o que eu vou fazer? Eu quero ganhar 4 a 5 quilos de massa muscular, pra eu envelhecer com mais massa muscular.

– Caramba! Um planejamento interessante esse...

– Eu faço essas coisas naturalmente na minha cabeça. (Bernardo, 50, RMRJ)

É curiosa a correlação que Bernardo faz entre o “investimento” na aparência física e o fato de ser homossexual. Assim, como o uso de produtos de beleza, ou de roupas da moda, não está entre suas prioridades, para ele, é um lado gay “morto” em si. Vê-se, portanto, a construção de um “molde” da homossexualidade masculina, sobretudo nas camadas médias da sociedade. Corrobora o “tipo ideal” gay apontado por Díaz-Benítez (2013) e mencionado na Apresentação desta pesquisa: “intelectualizado, branco, de classe média ou alta, geralmente sensível à arte, um grande consumidor, de gostos refinados, jovem e de boa aparência”.

Também chama atenção seus planos de ganhar massa muscular para envelhecer “com qualidade de vida”. Lembremo-nos de que Bernardo cuidou de sua mãe até a morte e a viu “definhar” e, para ele, “morrer nova”, aos 82 anos. Seu planejamento parece, portanto, uma ação para que envelheça igual à avó e suas irmãs, que viveram sem doenças até quase 100 anos ou mais.

Diego faz exercícios físicos em casa. Mas ainda não se rendeu ao uso de produtos de beleza – apesar do estímulo vindo de seu namorado, com quem mora:

– Tenho aqui um trampolim, uma cama elástica, que eu faço jump, às vezes.

– Usa creme, coisas, ou produtos estéticos?

– Ah, meu namorado comprou um creme para o sol, sim. Antissinais (risos) e até rugas. Mas ele comprou porque, ele falou “a gente já tá ficando mais velho”... Eu não me sinto. Me sinto com 30 ou 20, sei lá.

– Mas ele falou “A gente tá mais velho”, ele falou?

– Ele falou “a gente” pela idade, porque ele é mais velho que eu. (Diego, 41, RMRJ)

um pouco a sensação de preconceito e discriminação. Mas, ao dizer “nunca me deixei ficar gordo”, que “sempre comeu corretamente” e que “pensava no que ia comer”, acaba dando a entender que “só é gordo quem quer”. Ignora, portanto, que há males fisiológicos e emocionais que causam obesidade.

O namorado de Diego é, de fato, mais velho do que ele. Mas a diferença entre eles é de apenas dois anos. Ou seja, apesar de praticamente contemporâneos, enquanto Diego “malha” e se sente “com 30 ou 20”, seu companheiro já investe em artifícios para atenuar ou retardar os efeitos do tempo em seu rosto.

Mais exemplos de quem “malha” e não usa produtos de beleza ou rejuvenescedores:

Pratico muito exercício físico, né, mas aí é para a manutenção da saúde, não é questão de tempo, de retardar o tempo. Não uso produtos cosméticos. Uso protetor, mas porque eu tenho melasma. Faço tratamento. Eu tenho que usar o protetor para impedir que aumente mais, mas não é uma preocupação com a juventude, não. Eu sou muito bem resolvido com isso. Sabe? Vai chegar... Tá chegando. Fazer o quê (risos)? (Gérson, 42, RMRJ)

– A única coisa que ainda eu tenho na minha vida é a prática de academia, e mesmo assim de forma relaxada. Porque não é aquela questão de falar “vou ter que ficar com o corpo sarado, bombado”, não. Eu tenho porque é algo que eu gosto de fazer. Eu me sinto bem fazendo isso. Mas não é aquela coisa com aspecto físico. Eu olho para espelho e falo “você tá gostoso!”. Eu mesmo me elogio, eu mesmo falo o que quero ouvir, e acabou.

– É um cuidado que você faz com você que independe de estar ficando velho...

– Não. É porque eu realmente gosto de praticar. Não de forma doentia, eu vou lá, treino, uma coisinha assim, vou embora... passo uns dias sem ir, depois eu volto de novo e assim vai.

– De uma forma bem tranquila, sem uma autocobrança. Não é uma satisfação social de querer aparecer, para você.

– Não, não é aquela coisa “vou fazer isso porque eu tô ficando velho” não. Eu não tô preocupado com isso, eu quero viver a minha vida e meu hoje. Amanhã é outro dia. (William, 43, ESB)

– Como você percebe ou percebeu a passagem do tempo na sua vida? Física, afetiva, sexualmente... ou não percebeu nada?

– A gente sempre vê passando e tenta retardar. Mas eu gosto muito mais hoje de mim.

– Por quê?

– Me sinto mais atraente. Mais bonito.

– E você faz alguma coisa pra “retardar” o tempo? Tipo malha, usa cremes, procedimentos estéticos, etc.?

– Faço caminhada. Já malhei, sim. Creme não. Filtro solar todos os dias. (Alexandre, 49, ESB)

Portanto, há sujeitos que “empurram com a barriga” os efeitos do envelhecimento. Há quem foque mais na saúde e menos na aparência, e por isso investe em exercícios físicos e alimentação, sem utilizar produtos de beleza ou de “rejuvenescimento”. Há quem use filtro solar ou hidratante como cuidado.

E, no polo diametralmente oposto a quem “não faz nada”, está Cláudio. Ele não se furta a usar todos os recursos disponíveis para retardar o envelhecimento, por dentro (saúde) e por fora (aparência):

– *Você faz alguma coisa para retardar a passagem do tempo? Treina, malha? O que você faz?*

– *Claro! Faço botox, faço preenchimento, faço academia, né? Ou seja, tem essa coisa do “não é porque eu aceito ter 50 anos que eu não vou procurar ter os melhores 50 anos possíveis, entendeu? Eu faço botox, faço preenchimento, de seis em seis meses.*

– *Malha?*

– *Malho. Então, assim... Eu estou com 57 anos, outro dia a gente foi numa festa, todas as pessoas da minha geração, e o meu marido reparou: comparado com as pessoas que estavam lá, eu era... [faz gestos e expressões de positividade e jovialidade]. Os caras de 57 anos, os caras não botam botox, né? [O marido comenta algo e ele responde] É, são héteros... mas os caras não se cuidam, né, são barrigudos, são feios, não se cuidam. Então, eu faço aquilo que é possível fazer. Poderia fazer mais? Poderia. Poderia estar fazendo uma eletrólise? Quando eu era mais, mais, tava na “X”⁷⁹, eu fazia lipoaspiração, chupava gordura inteiro, entendeu? Agora eu não faço mais isso.*

– *Isso você está falando com 30 e pouquinho?*

– *Não, com 40. Entre os 40 e os 45, eu fiz umas duas ou três lipos.*

– *Pois é, mas aí não tem a ver com a idade.*

– *Aí era a vaidade. Mas, assim, se eu pudesse fazer hoje, eu faria... E eu acho o seguinte: você tem que estar feliz com aquilo que você vê no espelho. Se o cara tem 25 anos, não está feliz, tem que fazer. A questão é quando aquilo agride a sua saúde, coloca a sua vida em risco, é outra parada.*

Por exemplo, eu não gosto das rugas, né? Então, o que é que eu faço? Eu vou lá e trato elas. Tá dentro do meu, do meu... da minha capacidade financeira. (Cláudio, 57, RMRJ)

A aparência, portanto, é bastante importante para Cláudio, que diz não gostar de rugas. Esse sentimento não parece ser único e exclusivo dele – ousaria dizer que deve haver pouquíssimas pessoas que “gostem” dessas marcas. Entretanto, a diferença é a maneira como se lida com elas. Sobretudo porque esse lidar depende não apenas de um “desprendimento” ou uma ausência de preocupação, mas sobretudo do capital financeiro disponível para se investir nesse cuidado.

Cláudio lista os procedimentos estéticos que faz para minimizar as marcas da passagem do tempo, como botox e preenchimento. Mas lista outros que gostaria de fazer, mas não faz – como eletrólise. E isso tem a ver com o fato de seus recursos financeiros não serem mais tão vultosos como no tempo em que trabalhava na empresa “X”, quando fazia lipoaspiração.

⁷⁹ “X” é a empresa na qual Cláudio trabalhou durante muitos anos e na qual recebia bons rendimentos financeiros. É uma grande companhia brasileira. Para evitar possíveis identificações, seu nome está sendo omitido.

Não que Cláudio seja um homem com poucos recursos. Ele mesmo se definiu como sendo de “classe média alta”. Mas ressaltou que ocupa esse estrato social “contando com a renda” do marido. Embora receba recursos de um fundo de pensão da empresa no qual investiu quando lá trabalhava e do aluguel do imóvel onde moravam no Rio, Cláudio está sem trabalho fixo. E isso limita suas possibilidades, segundo ele.

Pensando nas experiências desses sujeitos do cuidado de si e suas relações com suas condições sociais e econômicas, é pertinente destacar o que assinala Peixoto (2004):

As estratégias de que lançam mão as pessoas de mais idade para disfarçar a aparência física dependem tanto dos meios materiais de que dispõem para retardar o envelhecimento quanto de uma competência específica – ligada ao capital cultural – que produz percepções e sensações que contribuem para o prolongamento da vida. (PEIXOTO, 2004, p. 9)

Outro ponto da fala a ser ressaltado é a associação entre o cuidado com a aparência e a sexualidade. Os homens contemporâneos a Cláudio, que estavam na mesma festa que ele, eram “barrigudos”, “feios”, “não se cuidavam”, não usavam botox. Mas seu marido o lembra do detalhe que os diferenciava: eram heterossexuais. O que, de algum modo, “justificava” serem despreocupados com sua aparência física.

Essa percepção é similar à de Bernardo. Lembremos que, pelo fato de não usar produtos de beleza e roupas “da moda” ou recorrer a procedimentos estéticos, Bernardo disse que isso era um “lado gay” dele que “nasceu morto”. Portanto, cuidar da aparência seria uma característica quase inata de homens homossexuais. Diferentemente dos héteros, que não teriam a estética como foco.

Entretanto, como os sujeitos demonstraram, trata-se mais de (mais um) estereótipo ligado à homossexualidade masculina do que de uma universalidade. Assim com tantos outros fatos e atos que forma uma espécie de “mitologia gay” – como os locais de sociabilização e “pegação”, que serão abordados no capítulo a seguir.

5 INTERAÇÕES E “PEGAÇÕES”: SOCIABILIDADES COM E SEM PANDEMIA

Uma das propostas iniciais desta pesquisa era verificar espaços de sociabilização de homens de meia-idade na Região Metropolitana do Rio de Janeiro. Além de “descobrir” onde esses sujeitos se divertiam e se encontravam, e também buscavam parceiros sexuais e/ou afetivos, esperava-se frequentar e estar presente nesses lugares de socialização, vivenciando, assim, uma observação participante – ou participação observante, qual seja.

No entanto, parafraseando Carlos Drummond de Andrade, “no meio do caminho tinha uma pedra” – a covid-19. A doença parou todo o planeta. E, ainda que negacionistas insistissem em ignorá-la, provocou o isolamento das pessoas, seja de quem, de fato, acreditava na ciência e sabia da importância de manter o distanciamento social, seja porque espaços de sociabilização/diversão fecharam suas portas, por determinações governamentais.

É fato que a procura de parceiros há muito tempo não se limita a locais “físicos”. No Brasil, nos anos 1990, a expansão da internet trouxe consigo uma explosão de salas de bate-papo e sites específicos para a promoção de encontros, inicialmente virtuais, mas que poderiam se concretizar no “mundo real”. No caso de homens com práticas homoeróticas “discretos e fora do meio”, por exemplo, tais recursos eram fundamentais para a efetivação de seus desejos homossexuais.

As redes sociais, a partir do início dos anos 2000, expandiram ainda mais essas possibilidades. Grupos destinados a homens com desejos homossexuais foram criados nesses ambientes para reunir esses sujeitos e, eventualmente, possibilitar encontros no mundo “físico”.

Até que, no final da primeira década do século 21, surgem aplicativos ainda mais específicos, para facilitar a “pegação” – a interação sexual –, entre homens que fazem sexo como homens. São ferramentas para uso majoritário em telefones celulares – diferente das “antigas” comunidades de bate-papo e sites, mais acessados em computadores ou laptops em suas épocas, até mesmo pela limitação tecnológica dos celulares de então.

Basicamente, os aplicativos de “pegação” são uma espécie de “classificados” da era analógica. Neles, o usuário se cadastra, faz uma espécie de “propaganda” de si e explica o que procura – amizade, relacionamento, sexo, etc.. Pode usar fotos, embora não seja permitido que use imagens de nudez. E, claro, pode também “criar”

um personagem de si. Uma outra característica é o georreferenciamento – ou seja, o acesso a outros usuários que estejam no entorno de quem os acessa. Embora seja possível também ignorar essas localizações e buscar pessoas que estão mais distantes.

Entre homens com práticas homoeróticas, o que se tornou mais “popular” foi o *Grindr*. Consta na seção “Sobre” (*About*, no original em inglês) do *site* que divulga o aplicativo a seguinte apresentação: “Desde o lançamento em 2009, o *Grindr* se tornou o maior aplicativo de rede social para gays, bi, trans e queer. Temos milhões de usuários diários que usam nossa tecnologia baseada em localização em quase todos os países em todos os cantos do planeta⁸⁰”.

Não cabe discutir se a pandemia afetou as interações nesses aplicativos, assim como o fez em espaços “físicos”. Até porque, como já mencionado, há uma distância entre interagir no mundo virtual e tornar esse contato em algo “real”, em um encontro efetivo, físico. Por isso, as conversas nesses ambientes podem ter se mantido – ou mesmo aumentado, dadas as limitações para contatos “ao vivo e a cores” com a covid-19.

O que interessa neste capítulo é saber se os sujeitos desta pesquisa utilizavam e/ou utilizam essas ferramentas tecnológicas para sua sociabilização, sobretudo para encontrar parceiros sexuais e/ou afetivos. E se também frequentavam ou frequentam locais específicos, principalmente aqueles destinados à comunidade LGBTQIA+, para tal fim.

Para esse mapeamento, procurou-se estimular os sujeitos a se lembrarem de suas ações antes da pandemia, tanto de frequentar espaços físicos como de utilizar aplicativos/redes sociais para interações. E verificar, em alguns casos, como – e se – a covid-19 alterou essas rotinas.

De forma a facilitar a visualização das práticas, suas aproximações e seus distanciamentos, optei por dividi-los em dois grupos: os “sem compromisso” e os “compromissados”.

⁸⁰ Texto original: “*Since launching in 2009, Grindr has grown into the largest social networking app for gay, bi, trans, and queer people. We have millions of daily users who use our location-based technology in almost every country in every corner of the planet*”. Disponível em <<https://www.grindr.com/about/>>. Acesso em 9 de fevereiro de 2023.

5.1 Os “sem compromisso”

Começamos pelos seis homens solteiros ou sem relacionamentos fixos. E de um modo bastante simplificado, vamos reuni-los a partir de “macrotemas” que se destacam em suas falas sobre interações.

a) Sexo não é prioridade – ou “não tô pegando ninguém e não me preocupo”

– Quando você quer “pegar”, ou quando você quer conhecer pessoas, tem algum lugar que você vai?

– Eu vou pra praia sozinho. Eu gosto de estar sozinho. Me faz bem estar sozinho. E sempre acontece de aparecer alguém nessas caminhadas. Eu gosto de andar na praia. Ou eu vou pelo meio do mato catando coquinho, pegando caju, que aqui tem muito disso, né, mangaba, tal.

Nessas andanças sozinho sempre aparece alguém. Prado é uma cidade muito sexual. Parece que não, mas é. Entendeu? É nas praias que você encontra o cara que gosta de gay. É na praia que você encontra o gay enrustido, que só pode mesmo flertar com outro homem se for na praia, porque ninguém está vendo. Você entendeu? É na beira do rio. Prado sempre foi assim. E Prado continua assim. E sexo. Quando você chega na minha idade, sexo já não é uma coisa assim mais... Como é que eu vou te falar? Sexo já não é... Na minha idade, sexo já não tem mais aquela prioridade que tinha quando... Eu comecei a minha vida sexual muito cedo.

– Mas não falo só de sexo. Falo também de relação afetiva. Conhecer alguém pra dar umas beijocas. Ou conhecer outros... Por exemplo, tem um lugar onde os gays de Prado costumavam se encontrar buscando companhia [eu quis dizer antes da pandemia]?

– Ah, na época da minha adolescência tinha.

– Não. Tô falando hoje.

– Hoje não tem não. Hoje é tudo qualquer lugar. Prado é gay. Prado é uma cidade gay.

– É gay e não é, porque não tem um local específico...

– É gay e não é. É verdade, né? Assim... Mas onde os gays se encontram em Prado? Na praia. Final de manhã você vai na praia e não vê um viado. Para pra notar. Durante o dia, você vai na praia você não vê um viado. Quando chega 2, 3 horas da tarde, vai na praia. Tá cheio de viado. E os menininhos que gostam de viado tão lá também, porque sabem que lá eles vão encontrar. Então, sempre foi na praia, continua sendo na praia. Prado não tem um bar gay. Prado não tem uma boate gay. Prado não tem um restaurante gay. Prado não tem nada pro público gay.

– Rede social para conhecer pessoas? Transar? Você usa?

– Nunca gostei.

– Tipo o Grindr? Esses aplicativos?

– Não. Eu tive um Tinder uma vez, mas achei tão artificial. Nunca gostei de rede social. Pra “pegação”, não. Tenho um Instagram. Só que eu não uso pra conhecer caras não. Eu uso ele pra... Pra mim, é o meu cotidiano.

– É uma rede social tua que não tem o objetivo de chegar e...

– De caçar. Mas aparece muito, viu? No direct do meu Instagram tem... Nossa. Se eu te mostrar as conversas aqui, Ave Maria! Tem muito convite pra sair. Muito. E as pessoas te procuram, né? Rede social...

Hoje, o desejo sexual e a liberdade pra falar disso é muito fácil, do que era há 30 anos atrás. Trinta anos atrás você ia embora [de Prado]⁸¹.

– *A Covid mudou esse teu hábito?*

– *Alterou. Muito. Alterou bastante, porque tá muito próximo de você, né? Enquanto tá na televisão, você acha que aquilo nunca vai acontecer com você. Mas quando pega alguém muito próximo. Um primo. Um tio. Eu perdi parentes, né? Aí você vê que aquela porra é verdade. Então o cu tranca, né? Tranca mesmo. Eu comecei a ter mais cuidados. Apesar como eu te falei, hoje sexo para mim já não tem tanta prioridade. Você entendeu? Eu vivo muito bem sem sexo. Vamo dizer assim. Apesar que é a idade da loba, né? 50 anos é a idade do “quero mesmo e tá!”, né? Mas assim... Eu tô... Eu sei lidar...*

– *A loba tá mansa (risos)?*

– *A loba tá mansa. É. Eu não sei até quando. Lá na frente, negão [ele se dirige ao amigo de trabalho que acompanhou parte da entrevista]. Que na hora que essa loba acordar... (risos). (Régis, 51, ESB)*

– *Não vou mais a lugar nenhum, porque também não estou pegando ninguém. Mas, como você me disse que era uma entrevista sobre presente, passado e futuro, posso falar do meu passado, porque a gente... eu não sei se isso é cultural, não sei o que é. Mas eu acho que o gay, ele... Ele já está ligado nos pontos de pegação. Então, tem isso. Eu, no início, quando eu, quando eu comecei, tinha muito isso também. Quando eu estava muito naquela “aaaahhh, preciso botar as secreções para fora. Vou caçar algum ponto”. Então, tinha os pontos.*

– *Quais eram esses pontos nessa época?*

– *Ali pelo centro da cidade [do Rio de Janeiro], sempre foi ali, no Centro. E eu trabalhava por ali também. Normalmente, onde a gente trabalha é um local mais... isso dificilmente é feito aqui perto de casa, eu tenho amigos que, aqui mesmo perto de casa ... (risos) Mas eu não gosto de me expor a esse ponto. Já sou uma pessoa visada aqui na área.*

– *Você usa aplicativo de pegação, tipo Grindr?*

– *Não, não. Nunca deu certo. Tenho uma certa limitação com a tecnologia. Não é que eu não saiba usar, mas é porque... eu acho... eu sou de Peixes. Eu digo para mim: tem que ser tudo por encanto. Então, pra eu chegar ao ponto de encontrar alguém, é porque o acaso, o destino, fez alguém cruzar meu caminho...*

Como eu falei do meu último relacionamento, nos últimos dez, 12 anos, que eu tive crise depressiva, pensamentos suicidas também, aquela coisa toda... Aí vem a universidade, vem a desilusão amorosa, também não casei com mais ninguém, mas também não fiquei saindo com ninguém. Eu ainda tô passando, agora que eu estou conseguindo tirar o pé da lama.

– *Você ficou celibatário nesse tempo todo?*

– *Quase celibatário. Nunca tive essas ideias de querer tirar minha vida, mas, em compensação, houve uma morte social. Para mim, houve uma morte, uma necrose social na minha vida, de sociabilidade. E a sexualidade foi junto. A libido foi junto. Não vou dizer para você que eu seja 100%, obviamente a gente dá nosso jeito de fazer certas coisas. Também não vou dizer que durante esses dez, 12 anos, não tenha acontecido nada, porque também é mentira. Só que com um espaçamento de tempo maior. Hoje, para mim, não tem tanta importância, aquela coisa “eu preciso ter”.*

⁸¹ Essa fala de Régis aglutina as perspectivas dos sujeitos das pesquisas de Guimarães (2004), Lopes (2016) e Passamani (2018) sobre homossexualidade e homoerotismo em contextos metropolitanos e interioranos, como tratado no capítulo anterior. Aparentemente, tenta passar a ideia de um “progresso”, uma “evolução”, uma “atualização” nos costumes de Prado: se há 30 anos era necessário ir embora para fugir da repressão ao desejo (homos)sexual – afinal, trata-se de uma cidade “de interior”, atualmente há “liberdade”. E “Prado é gay”, mesmo que não disponha de espaços de sociabilidade abertamente dedicados à comunidade LGBTI+.

Agora, saindo dessa fase mesmo... eu sinto que os 45 [anos] foram o limite para mim. Necrosou, amputou, joga fora. A pessoa que eu estou sendo agora tá sendo uma pessoa que eu nunca conheci na minha vida. Nunca. (Tiago, 45, RMRJ)

O que aproxima Régis, no extremo sul baiano, e Tiago, no Rio de Janeiro, é um declarado desapego ao sexo. Ambos dão a entender que a passagem do tempo diminuiu seu desejo sexual e transformaram a “pegação” em algo pouco importante e não prioritário. Quando mais novos, sabiam o que fazer e onde encontrar sexo. Hoje, porém, isso não faz parte de suas rotinas.

Mas, caso queiram encontrar parceiros sexuais, Régis e Tiago sabem onde ir. E não será nos aplicativos, já que os dois não consideram essa possibilidade.

Considerando os possíveis locais de “pegação”, é preciso lembrar que Prado e Rio de Janeiro são duas cidades litorâneas e turísticas. Ainda que atraiam visitantes de origem diferentes e com interesses distintos, e também em quantidades completamente díspares. Mas, ao que parece, ambas têm uma aura de “desejo à flor da pele”. O que pode ter relação com a praia e a possibilidade que ela dá aos corpos de se exibirem com o mínimo de roupa.

Ao dizer que “Prado é sexual” e “Prado é gay”, Régis explica que é na praia, à beira mar, na natureza, que as sociabilizações e as “pegações” acontecem. Tiago não mencionou a praia como um local que tenha frequentado para obter parceiros, mas outros sujeitos desta pesquisa, como John, Rodrigo e Diego, citaram esse ambiente como um local para encontrar amigos e homens para relações sexuais e/ou afetivas.

b) Antes baladeiros, agora “aplicativeiros”

– Eu já não tenho tempo. Eu já não tenho muita paciência. Agora, eu tô sem estratégias. Agora é aplicativo, porque é 90% das pessoas hoje dia se conhecem em aplicativo. Né? E eu tô tentando ampliar essas possibilidades. Tipo assim, tô tentando conhecer gente. Novas opções. Conversar sobre o assunto. Quero... Tenho perguntado pra amigos: “Ah. Vamos sair.”. “Vamos para lugares.”. Mas assim, eu não tenho mais a mesma paciência. O fato de eu não beber é muito ruim pra mim. Eu tenho essa noção. Porque eu, então, arrumo a pessoa meio chata na balada que todo mundo bebe: “Aí. Vamo num barzinho?”. É difícil eu querer ir pro barzinho com alguém. Eu acho chato.
– Mas para onde você gostaria de ir, se não fosse barzinho?
– Aí entra uma outra coisa: a maconha. A maconha mudou minha vida, no sentido sexual também. Todo maconheiro tem a maconha como o centro da sua sexualidade. “Quase todo maconheiro” é modo de falar, mas muitos. E é muito mais fácil para mim, por exemplo, sair com uma pessoa, que eu não conheço, do aplicativo e falar: “Pô, vamo fumar um. Vamos conversar. Vamo bater um papo.”, do que sair... e falar: “Vamo sair pra foder”. Porque eu não sei se vou ter tesão na pessoa. Entendeu? Eu não sei.

Então assim, a maconha ela te dá... Pra mim, ela entra talvez como entra a cerveja: “Aí, vamo tomar um chopp?”. Entendeu? Só que a maconha não tem essa facilidade, “ah, vamo ali fumar um beck?”. Então... acaba que isso também muda essa dinâmica, de você conhecer as pessoas. Hoje em dia, a maior parte das pessoas que eu tenho conhecido são pessoas que têm a maconha como liga.

– Mas isso via aplicativo, ou você já tinha antes uma rede de pessoas que seriam transáveis e também tem o mesmo barato?

– Via aplicativo. Olha só. Vamo lá: dos 30 aos 40, que foi a fase, digamos, mais agitada da minha vida e que precedeu essa, de 10 anos de total parada, eu era uma bicha The Week⁸². Eu ia todo final de semana pra The Week. Pra rave. Pra festinha. Pra não sei o que. Era bala⁸³... Tudo que tudo o que todo mundo toma. Eu não era diferente dos outros.

A diferença pros meus amigos é que os meus amigos iam pra balada, pra tomar bala e ficar louca, pegar alguém e levar pra casa de noite. Eu não. Eu ia ficar muito louco e dançar, dançar, dançar, dançar. Raramente eu ficava com alguém na balada. Eu nunca fui aquele que ia para balada e ficava com um monte de gente. É aquilo que eu falei, eu sou tímido. Eu posso tomar a droga que for, eu não vou chegar em você na balada.

Mas, quando você está na atividade, você tá saindo, você acaba conhecendo mais gente. Você tem aqueles seus contatinhos, os seus peguetes e tal. Então, era mais simples. Hoje em dia eu meio que estou tentando recriar essa minha rede de amigos.

Eu sou um velho de 50 com uma alma esquisita, porque eu ainda tenho energia para muita coisa. Apesar de ter filho, que é uma coisa que tira energia.

– Você se considera velho aos 50?

– Velho, no sentido, né, de idade...

– Tô perguntando, não é questão de crítica não. É a tua opinião.

– Não me considero velho. Não. Não me considero velho. Eu falei uma brincadeira, na verdade. Eu não me considero velho. Eu me considero...

– É porque, na nossa conversa [anterior, pelo WhatsApp], você escreveu assim: “Ah. Porque nós gays idosos”...

– Mas é a minha maneira de brincar com isso, tá? Isso é uma maneira de brincar com isso. Eu não me considero idoso.

– Eu pensei, “vou perguntar para ele: você já se considera um idoso, então?”

– Não. Mas eu já penso e faço coisas me preparando pra terceira idade.

– O que você acha que te provocou [isso]? Filho?

– Ver o envelhecimento da minha mãe. A doença dela. Eu tendo que cuidar dela sozinho. O quanto isso custou financeiramente. O quanto custou emocionalmente para mim.

– Você falou que tá há um ano tentando...

– Tô começando a voltar ter uma vida.

– Como é que está sendo isso? Tudo bem, agora a gente tá mais livre da pandemia, mas este primeiro ano ainda é pandêmico...

– É difícil... É difícil pra mim, por uma série de questões. Começa que eu só tenho 50% do tempo livre. Os outros 50%, eu tô com o filho. Então, eu já tenho muito menos tempo do que qualquer outro cara gay que tenha 100% de tempo livre pra o que ele quiser. Eu tenho 50 [por cento]. E provavelmente menos ainda, porque, tendo filho, você gasta mais tempo comprando coisa pra casa, cuidando de casa. Não é como alguém que bateu a porta e vai

⁸² Boate fundada em São Paulo, em 2004, e que, posteriormente, em 2007, abriu uma filial no Rio de Janeiro, num casarão no bairro da Saúde, na Zona Portuária da cidade. Em ambas, a frequência era marcada majoritariamente por homens “em boa forma”, com corpos esculpidos em academia. As duas unidades fecharam as portas em 2021.

⁸³ “A gíria bala se refere a qualquer uma dessas drogas: Ecstasy, MDMA, pílula do amor, Helena, cristal, ice, entre outras. Estas são drogas produzidas em laboratórios clandestinos e possuem como base a anfetamina”, explica o texto “Que bala é essa?”. Disponível em <<https://vidamental.jusbrasil.com.br/noticias/3061419/que-bala-e-essa>>. Acesso em 9 de fevereiro de 2023.

comer um sanduíche na rua. Então, eu tenho, na verdade, sei lá muito pouco tempo livre.

E eu não tenho mais a mesma paciência de ir pra The Week, por exemplo. Eu gosto? Adoro! Se você me chamar? “Pô, vamo pra The Week?”. Eu hoje eu vou respirar fundo. Eu vou pensar: “Eu tenho o filho amanhã? Amanhã eu posso ficar acabado um ou dois dias seguidos depois?”. Se eu puder, eu até vou querer ir, mas já não é uma coisa que eu vou querer ir toda semana. Eu vou querer uma vez a cada, sei lá, 6 meses. (Bernardo, 50, RMRJ)

– Tem algum lugar que seja LGBT que você frequente?

– Não, não, não, não, não. Não, porque eu não sou de sair, sou muito caseiro. Já fui muito, na época da Le Boy [boate gay do Rio, já fechada], boates, essas coisas todas. Ia a festas. Mas tem muitos anos que não. Sou muito na minha, cuidar da minha casa, fazer minhas coisas no computador...

– E como você faz para transar?

– Eu marco aqui mesmo, em casa.

– Mas via aplicativo?

– É, via aplicativo.

– É o teu único canal pra relações sexuais?

– Tanto o aplicativo [Grindr] quanto o site, o ManHunt (destinado a promover encontros entre homens), mas tem muito tempo que eu não saio com ninguém dali [do ManHunt]. E no aplicativo, de três em três meses que eu saio com alguém, de quatro em quatro meses. É um bom tempo.

Na realidade, o Grindr ele é um aplicativo mais de garoto de programa, né. Lá, você balança ali tem muito garoto de programa e pessoas vendendo drogas. Mas é um aplicativo mais selecionado nessa questão. Porque tem o Scruff [similar ao Grindr] também, você deve conhecer, que é uma coisa mais povão, né.

– Você vê essa diferença nos aplicativos?

– Muito grande, muito grande.

– Você tá nos dois?

– Sim, sim. Fiz há pouco tempo. Tinha até excluído. Porque raramente no Scruff eu saio com alguém, é difícil. A maioria mora longe, enfim... o Scruff já é um pessoal mais bacana, entendeu? Mas a maioria mora distante, a maioria gosta da mesma coisa que é minha posição [passivo]... (Maurício⁸⁴, 59, RMRJ)

Bernardo e Maurício também se encaixariam no “grupo” dos desapegados por sexo. Contudo, diferenciam-se de Régis e Tiago porque, ainda que não tão “focados” nisso, usam aplicativos de “pegação” para, eventualmente, encontrar parceiros sexuais.

Ambos foram “baladeiros” no passado, frequentadores de boates e espaços destinados ao público LGBTI+. Hoje, porém, não se interessam por esses ambientes.

c) Sexo, mas com “conteúdo” – a importância de boas conversas

⁸⁴ Lembrando que Maurício foi o único sujeito da pesquisa com quem conversei antes da pandemia, em fevereiro de 2020.

– Não tem um lugar específico aqui. Aliás, só tem um bar aqui [em Teixeira de Freitas] que é considerado [LGBTQIA+]. O pessoal fala que é considerado LGBT, mas é frequentado por todos os tipos de pessoas, né? Inclusive os donos lá, é um casal [de homens]. Moram há muito tempo juntos, então eles colocaram esse bar. Mas só que é um lugar aonde você vai, aí toma cervejinha, e tal, bate papo... Mas dificilmente você consegue encontrar alguém. As pessoas que vão lá já vão acompanhados, né... Dificilmente você encontra alguém que está lá sozinho.

– É um bar de casais LGBT, então (risos)?

– É. Na verdade, aí... Exatamente!

– E como você se vira? Como rolam as coisas?

– Aí é como eu falei. Tem os aplicativos, o que facilita um pouco.

– Quais aplicativos você costuma estar?

– O Grindr, né? Grindr que chama? Porque no Grindr você pode conversar um pouco. A pessoa vê a sua foto. A pessoa mesmo que, às vezes... Tem uns lá que são fakes, né? Mas você pode pedir uma foto. Troca um telefone, alguma coisa assim. E vai pro WhatsApp primeiro. Porque eu acho muito complicado você... Tem alguns que querem encontrar com você, mas não querem mandar uma foto. Não quer trocar o contato, e aí eu acho muito arriscado você encontrar com alguém assim, no anonimato. Sem saber realmente com quem você vai tá se encontrando. E aí tem aquele bate papo do UOL. Não sei se você já que conhece...

– Ainda existe o bate papo do UOL?

– Existe ainda. E esse meu relacionamento que eu tive, de quase 13 anos, foi encontrado no bate papo da UOL. Eu encontrei com muitas pessoas legais. Só que era muito mais... Há um tempo atrás eu achava o bate papo da UOL muito mais... Como vou dizer? Mais acessível, no fato de as pessoas que estavam lá eram pessoas que procuravam a mesma coisa que você. Ou um relacionamento. Um namoro. Tinha um papo mais bacana. Acho que eu conheci duas pessoas assim, bastante interessantes, no bate papo da UOL. Aí hoje você entra lá e as pessoas realmente só tão ali agora pra um momento de sexo apenas e mais nada.

Às vezes por ser casados, porque lá tem muitos homens casados. Aí eles não querem aparecer. Não querem trocar o contato. Não querem mandar uma foto pra você saber quem é. Então. Só quer encontrar com você, mas sem ter a necessidade de primeiramente conversar e mostrar quem é.

– Você falou que usa o Grindr, lá você bota foto sua de rosto ou não?

– A minha está. Tem foto minha. Porque, sabe... Antes eu não colocava. E aí as pessoas cobravam muito. Logo começa a conversar: “Pode mandar uma foto?”. Aí a pessoa também não tinha foto. Depois eu senti a necessidade de colocar a foto, né, de rosto. Tem três fotos, inclusive, porque, quando a pessoa te manda “oi” ou puxa papo com você, já sabe com quem está falando. E hoje eu não tenho mais essa necessidade de me esconder. É como falei, antes era muito complicado⁸⁵. Logo no início era muito complicado, mas hoje eu sou uma pessoa que não me sinto mais... Eu não sinto mais a necessidade de esconder pras pessoas, né, as minhas opções, a minha orientação sexual. Então, se alguém puxa conversa com você, é porque gostou de alguma forma. Chamou a atenção em alguma coisa. E aí, começa a conversar. E aí, rola ou não rola, né? Mas eu coloco a foto justamente porque, se a pessoa te mandou um oi e conversa com você, é porque tá interessada em alguma coisa ali. (Armando, 46, ESB)

Teixeira de Freitas é considerada a “capital” do Extremo Sul da Bahia. E, mesmo tendo uma população quase seis vezes maior e um território 30% menor em

⁸⁵ O “passado” de Armando e dos demais sujeitos da pesquisa, incluindo a descoberta dos desejos homossexuais e a assunção pública (ou não) de suas sexualidades será tratada no próximo capítulo.

comparação a Prado, também não dispõe de espaços, como bares e boates, reconhecidamente dedicados à comunidade LGBTI+. Na verdade, como Armando conta, existe um único bar, aberto por um casal gay. Mas, é um lugar que, segundo Armando, reúne pessoas “que já vão acompanhadas”. Chance de paquera reduzida para quem, como ele, está em busca de “algo mais” além de uma relação fortuita.

Esta é uma das diferenças entre a Região Metropolitana do Rio de Janeiro e o extremo sul baiano: a disponibilidade, na primeira, e a ausência, na segunda, de locais “amigáveis” aos LGBTI+, destinados a reunir essas pessoas.

Poderíamos discorrer longamente sobre se lugares “LGBT *friendly*” promovem uma “guetização” e acabam se tornando uma forma de excluir pessoas LGBTI+. Entretanto, não se pode ignorar que tais espaços dão alguma segurança e liberdade à vivência homossexual/homoafetiva/homoerótica. São locais de reconhecimento de iguais, de “gente como a gente”. O que minimiza riscos de violência, seja ela verbal ou física, contra o exercício da sexualidade – ainda mais em um país reconhecidamente violento contra “minorias” sexuais.

Outro “senão” a ser apontado é que conhecer e se relacionar com “iguais” não ocorre apenas em espaços reconhecidamente LGBTI+. Não estamos falando de aplicativos ou redes sociais, ou seja, ambientes virtuais, mas de locais físicos, como bares, boates e restaurantes – ou como praias em Prado, como aponta Régis – que não se “anunciam” ou não são identificados como espaços dedicados a essa comunidade⁸⁶. Há, claro, um maior “cuidado” – exatamente para evitar situações de violência –, mas não há qualquer impedimento.

Contudo, surge aqui outra diferença entre as duas regiões: a preocupação com o/a “outro/a”. A exposição da vida pessoal se mostra um temor maior em cidades de menor porte, como Prado e Teixeira de Freitas, do que no Rio e cidades de seu entorno. Esse receio do julgamento – ou de “ser descoberto” – parece afetar tanto “estar” em locais “amigáveis” – e talvez isso justifique o fato de não haver espaços desse tipo nessas cidades –, como “arriscar” uma aproximação de alguém. Nesse sentido, o mundo “virtual” se torna um ambiente de menor exposição.

⁸⁶ Nem sempre um espaço se torna “amigável” a pessoas LGBTI+ “oficialmente”, ou seja, são “anunciados” por seus/suas proprietários/as como tal. Às vezes, a frequência da comunidade “transforma” o espaço num local de encontro, e essa característica se dissemina no “boca a boca”, por divulgação entre as pessoas. Um exemplo era um restaurante em Botafogo, na Zona Sul do Rio, chamado “Madame Vidal”. O local reunia a comunidade LGBTI+ e era reconhecido nesse grupo como “amigável”. Entretanto, seus proprietários refutavam essa “marca”. Chegavam até mesmo a demonstrar certa irritação por essa identificação como “lugar gay”.

Alexandre, 49 anos, casado com uma mulher, que se relaciona apenas sexualmente com homens esporadicamente, dá o tom desse temor: “Teixeira é muito pequeno, eu tenho medo”.

Esse mesmo temor quanto à exposição da vida pessoal fazia com que Armando não mostrasse seu rosto no *Grindr*. Ele “se escondia”. E não era o único a não mostrar o rosto nesse ambiente virtual. Todas as vezes em que acessei o aplicativo em Prado – o que, pela menor quantidade de usuários na região, fazia com que o georreferenciamento da ferramenta apresentasse pessoas de municípios vizinhos, como Teixeira de Freitas, Itamaraju, Alcobaça e até Itanhém, distante 170 quilômetros por via rodoviária –, havia pouquíssimos homens expondo seus rostos. O domínio era explicitamente dos “discretos e fora do meio”.

No entanto, com o tempo, Armando passou a se mostrar mais. Além de sua autoaceitação como homossexual, o que fez com que deixasse de temer “ser descoberto”, expor seu rosto também aumentaria, de algum modo, suas chances de “*match*”⁸⁷: “se alguém puxa conversa com você [*vendo seu rosto e também seu corpo*], é porque gostou de alguma forma”, explica ele.

Ao mesmo tempo, Armando, assim como Bernardo, não utiliza o app com o objetivo primeiro de “transar”. Ele quer, primeiro, conversar. Quer conhecer um pouco mais a pessoa ali mesmo, no aplicativo. Depois, trocar *WhatsApp* e continuar a conversa. E, se tudo continuar correndo bem, enfim, encontrar e, quem sabe, ter relações sexuais – e afetivas.

Valorizar a conversa faz com que ele acione também ferramentas tecnológicas de aproximação mais “antigas”, vamos dizer assim. É o caso do bate papo do UOL. Em seus primórdios, no final dos anos 1990, esse ambiente era dividido em salas que reuniam um número determinado de pessoas, e todas podiam conversar entre si. Mas também podiam “escolher” uma ou mais pessoas dentro da sala para trocar ideias

⁸⁷ “*Match* é uma palavra em inglês que pode significar ‘combinação’, então a expressão ‘dar *match*’ seria o mesmo que combinar, formar um bom par com alguém. O termo se popularizou por causa do aplicativo de encontros ‘*Tinder*’ [nota do autor: aplicativo similar ao *Grindr*, inicialmente criado para o público heterossexual]. Dar *match* no *Tinder* significa que as duas pessoas gostaram uma da outra.” Disponível em < <https://www.dicionariopopular.com/dar-match-tinder/#:~:text=Match%20%C3%A9%20uma%20palavra%20em,pessoas%20gostaram%20uma%20da%20outra>>. Acesso em 11 de fevereiro de 2023.

diretamente, sem que os outros vissem. Naquela época, sequer era possível trocar fotos no próprio ambiente virtual⁸⁸.

Com a baixa oferta de espaços físicos de sociabilização para encontros entre homens, a sala de bate papo acaba sendo a possibilidade de encontrar novas pessoas. E, sobretudo, de conversar. Não que isso não seja possível no *Grindr*, mas, como já explicado, são propostas diferentes.

Também se observa, na fala de Armando, um cuidado com sua segurança pessoal, com evitar situações de risco, que o exponham a violências. Daí a importância de seu “ritual”: demonstrar interesse, trocar fotos, iniciar conversa, trocar “zaps”, mais conversas, marcar um encontro em um ambiente público e, se depois de tudo isso, “der *match*”, “transar” ou, quem sabe, namorar.

Armando também faz um diagnóstico de quem são os “discretos e fora do meio” que, muitas vezes, não se expõem no *Grindr*. “Às vezes por ser casados, porque lá tem muitos homens casados. Aí eles não querem aparecer. Não querem trocar o contato. Não querem mandar uma foto pra você saber quem é. Então. Só quer encontrar com você, mas sem ter a necessidade de primeiramente conversar e mostrar quem é.”

Esse é o caso de Alexandre, como já mostramos anteriormente. Que mora na mesma cidade de Armando.

d) Sexo objetivo – e distante dos aplicativos

–Vamo imaginar antes de pandemia, tá? Que lugares você costumava frequentar pra conseguir paqueras, pra arrumar homem?

– Eu vou ir direto no assunto, que uma coisa que eu odeio em si... Essa história de... Eu odeio esse encontro de aplicativo. Eu não tenho perfil em rede social [ele fala em app “de pegação”, como o Grindr]. Odeio... Não pego, porque... Primeiro, porque eu odeio. Segundo que é muito fake. Segundo: já vi bicha... Diz que é uma coisa, mas a história é outra. Entendeu? Fake. Não... Quando eu quero ir direto no assunto, eu sei os lugares exatamente onde tem. Nas saunas. Na... Na “Tia Rose”. Na Seven [sauna para homens próxima à Central do Brasil, no Rio de Janeiro]..

– O que é “Tia Rose”?

⁸⁸ O bate papo do UOL foi o “local” onde comecei a “sair do armário” e buscar homens, a princípio somente para relações sexuais. Não havia, na época, a “tecnologia” de trocar fotos – ainda que isso não seja garantia de que as imagens fossem, de fato, da pessoa, e tal regra vale até hoje. Assim, se a conversa evoluísse para um encontro “real”, este ocorria “às cegas”: marcava-se em algum lugar, os dois diziam como eram e que roupas estariam vestindo e, assim, poderiam se reconhecer. Não havia qualquer garantia de que o encontro ocorreria – porque as pessoas podiam “mentir” nas suas descrições. Ou mesmo não ir ao local marcado.

- *Sexy Rose [sex shop na Cinelândia, Centro do Rio, que dispõe de um “dark room” para relações sexuais entre homens]. No Cinemão [cinemas do Centro do Rio que exibem filmes pornográficos e que são utilizados por homens para “pegação”] ... Entendeu? Até quando eu encontro com um amigo, a gente troca zap, é pá, pum, acabou. Sou bem direto no assunto. Odeio aplicativo. Quando eu quero... Quando eu quero uma coisa lá é tipo assim: vamos, é papo reto. Acabou e pronto.*
- *O lugar onde você tá morando agora... Como você falou... Que você mora no buchicho...*
- *Sim. É no “Bala” [Balança mais não cai, edifício próximo à Central do Brasil considerado um reduto gay].*
- *Influência de alguma forma as tuas “pegações” e transas?*
- *Sim.*
- *Pro bem ou pro mal?*
- *Pro bem. Pro bem. Pra mostrar que tá vivo, né? A coisa mais engraçada é essa turma de novinhos, né? Essa turma na faixa de 25, 30 e tal, que me vê assim... Eu, né? Negão. Agora eu tô mais saradinho. Não porque eu faço academia, é por causa do barco [Rodrigo trabalha de comissário de bordo marítimo], essa coisa toda. E eu tô mais maduro. Eu acho que eu tô mais reluzente. Reluzente no sentido não assim... eu tô me sentindo mais bonito por causa... Não por causa da minha beleza, ou por causa da minha velhice. Acho que pelo momento que eu tô vivendo, né? De eu ter descoberto quem eu sou. De tá me colocando no meu lugar na sociedade e tal. Até uma coisa engraçada, né?*
- *E aí, pelo que você tá dizendo você tá atraindo mais novinhos, é isso?*
- *Eu tô atraindo mais novos e os coroa também. Eu acho que eu tô atraindo um público variado.*
- *E a pandemia? Alterou de alguma forma sua frequência a esses lugares?*
- *Claro, ficou fechado. Mas o que acontece é que essas pessoas que eu conhecia antes recorriam a mim [para sexo], né? Por outro lado foi muito bom, porque a pandemia restringiu, mas também eu fiquei mais responsável. Muito mais responsável pela minha saúde também. E também aumentou muito o meu compromisso de trabalho na área de turismo, turismo náutico e também de estudo, o lado acadêmico também. (Rodrigo, 50, RMRJ)*

Os perfis *fake* e os artificialismos reconhecidos por Armando e Régis nos apps de “pegação” – *Grindr* e *Tindr*, respectivamente – são o que fazem Rodrigo abominar seu uso para conhecer pessoas e ter relações sexuais. Por isso, não recorre a eles. E deixa claro que não precisa: “Quando eu quero ir direto no assunto [*transar*], eu sei os lugares exatamente onde tem”.

Até o local de moradia – o famoso edifício “Balança mas não cai”, próximo ao Sambódromo – facilita a realização de seus desejos sexuais. De fato, o prédio é popularmente reconhecido na comunidade LGBTI+ como um lugar onde habitam muitos homossexuais. Assim, para encontrar “iguais”, nem mesmo é necessário sair “de casa”: eles podem morar ao lado.

Lembremos que Rodrigo mantém relações afetivo-sexuais com dois homens estrangeiros, mais velhos do que ele – um, que mora no Brasil, tem 64; o outro, morador de Munique, na Alemanha, tem 61. Entretanto, reconhece que tem atraído “novinhos”, ou seja, homens mais jovens. E para explicar isso, aciona o “mito da

negritude”: o “negão”, arquétipo de um homem sempre ativo sexualmente (no sentido de apenas penetrar) e com um pênis grande.

5.2 Os “compromissados”

Trato como “compromissados” os sujeitos que declararam ter relações fixas e duradouras com um parceiro fixo. Entretanto, alguns deles têm o que se convencionalmente chama de “relacionamento aberto” – ou seja, os parceiros podem ter relações sexuais com outras pessoas.

É preciso ressaltar que “relacionamento aberto” é um termo que, por si só, não dá conta da complexidade que ele abarca. Mais do que os aparentes sentidos de “libertação” e “descompromisso” a ele associados, um relacionamento aberto costuma ser precedido de intensas negociações entre os parceiros.

A visão “libertina” sobre relacionamentos abertos parece reproduzir um sentido comumente dado a outros padrões “dissidentes” de gênero e de sexualidade, aqueles distintos do “tradicional” – moldado a partir de uma moral religiosa, que se desdobra em coerções sociais e que prima pelo relacionamento heterossexual monogâmico e relações sexuais voltadas a fins reprodutivos. Ainda que se saiba que raramente tal moral e suas obrigações são cumpridas no “mundo real”.

Entretanto, “travesti não é bagunça”, como disse certa vez a saudosa Luana Muniz, que se prostituía nas ruas da Lapa, no Centro do Rio de Janeiro, e se tornou um ícone do ativismo trans não apenas na cidade, mas em todo o país. Assim, mesmo aquilo que não reproduz as práticas tradicionais e suas rígidas regras de conduta também tem seus regramentos. Muitas vezes tão rígidos quanto. Afinal,

Algumas práticas sexuais dissidentes, mesmo construídas sobre a transgressão, estão longe de ser universos desregrados. Pelo contrário, normas, valores e convenções, por vezes hierárquicas, organizam sua existência. (FIGARI E DÍAZ-BENÍTEZ, 2009, p. 26)

Em sua etnografia sobre festas de orgias para homens – algo que, a princípio geraria um sentido imediato de libertinagem sem limites, como “ninguém é de ninguém e todo mundo é de todo mundo” –, Barreto (2017) reforça a preocupação com um “ordenamento do desregramento”.

Há, portanto, mesmo nesses espaços ditos transgressores (re)afirmações e replicações de norma, criação de hierarquias e tensões de vários fatores. Além da norma, têm-se a “ordem” local. Ainda que sejam espaços voltados para a perdição, para o êxtase e o “sair de si”, as etnografias mostram aquilo que Featherstone (1995) chama de “descontrole controlado”. (BARRETO, 2017, p. 69)

Assim, os relacionamentos abertos, como já dito, envolvem negociações entre os parceiros antes de sua efetivação. E em sua execução, há também regras que precisam ser seguidas, a fim de evitar crises e rupturas. O que não significa que os regramentos não possam ser renegociados e modificados com o tempo.

Voltando aos nossos “compromissados”, separei-os em dois grupos:

a) Os que não usam redes sociais e aplicativos para sociabilização e/ou “pegação”

– *Você sozinho, ou vocês, como casal, frequentavam algum lugar de socialização LGBT antes da pandemia?*

– *Não. Aqui não tem. A gente frequenta ambientes considerados héteros, né? Normal. O ambiente. Em São Paulo a gente frequentava, sim. Saíamos muito. Nós nos conhecemos em São Paulo, né? Lá a gente saía mais pra lugares LGBT.*

– *E círculo de amizades LGBT na região, vocês têm?*

– *Uns três amigos.*

– *Que são assumidos?*

– *Sim. Um casou, aí o esposo tava fazendo doutorado e eles tiveram que ir pra o interior de São Paulo. E vão voltar agora. E tem mais outro que mora aqui, assumido. Tem mais um também. Eles são assumidos.*

Pensa quando nós chegamos em Itabatã [distrito de Mucuri], 11 anos atrás. E pela posição, vamos dizer assim, social. E pela posição de trabalho também dentro do hospital ... Sou de enfermagem, né? Então, você imagina como foi, né?

– *E como foi?*

– *Aaaaaaaaaaaaah... Para nós, foi normal um pouco, né? Mas assim, para o pessoal de cá... Se não me engano, acho que não tinha nenhum casal assumido abertamente que moravam juntos, né? Então, quando nós viemos... Você escuta aquelas piadinhas, né? “Ah. Esse aí é o viadinho do chefe.” Ou na rua. É porque comentam, né? Teve muitos comentários.*

Só que nós... A posição [social, ambos trabalhavam em um hospital particular da cidade], a gente não deu essa liberdade pras pessoas sair falando, né? Aqueles que têm o preconceito velado, isso aí você sabe que tem. Você vira as costas, sai, as pessoas começam a falar, né? Mas eu sabia. Onde você ia na rua tinha uns olhares para você, mas nunca ninguém chegou e falou... Foi uma diferença, né, de São Paulo pra cá.

– *Um super baque, né?*

– *Foi. Pra ele foi. Ele quase começou a entrar em depressão, porque eu já gosto um pouco do interior. E quando veio para cá, eu falei assim: “Agora vamo ver como que é, né?” E por parte financeira foi muito bom. Da parte dele, porque a proposta foi para ele, né? E eu venho junto na bagagem, como eu trabalhava no mesmo hospital. Só que não tinha nada... Itabatã, 11 anos atrás, e o que tem hoje... Tem uns barzinhos muito legais (hoje). Mas há 11*

anos atrás, sem os barzinhos, você fala aqui: “Meu Deus. O que que eu tô fazendo aqui?”.

– Cerveja em casa. Cerveja em casa, um olhando para o outro, né?

– Na época, tinha os amigos do hospital. Os médicos. Os colegas. Se reuniam no final de semana na casa de um de outro, né? Então, era cachaça e churrasco. E a vida foi assim por um bom tempo, né?

– Você usa ou já usou redes sociais? Apps de “pegação”, vocês usam?

– Não. (Gustavo, 42, ESB)

– Antes de eu morar com ele [o namorado] eu ia muito para Ipanema. É uma praia muito gay. A parte [postos] 7, 8, 9... é super gay, todo mundo é gay lá.

– Ali na altura da [rua] Farne [de Amoedo]?

– Justamente. Eu sempre fazia amigos lá, como eu falo outras línguas eu conheci alemães, conheci franceses, um monte de gente, ficava com eles na praia no verão... a praia era de graça, você não pagava para ir. Depois, passava num bar pra comer alguma coisa. Estava longe de onde eu morava, né? Itaboraí é longe⁸⁹... Ninguém ia me ver, e se a pessoa tava ali em Ipanema era porque era gay também. Uma vez somente fui para a boate, a The Week. Não gostei... meu mundo gay era mais lá na praia.

– E rede social, você chegou a usar? Você usa a rede social para encontros, ou chegou a usar?

– Sim, quando eu ainda não estava com meu namorado eu usava aplicativo de pegação, né... o Grindr.

– Continua usando?

– Não.

– E agora, com o namorado, o que vocês fazem pra se divertir?

– A gente tem um grupo de amigos e vai pra casa deles, em Itaipuaçu [bairro litorâneo em Maricá, uma cidade vizinha] e aqui em Niterói também, então, às vezes a gente se reúne, tanto aqui em casa como na casa deles. Mas, no período de lockdown, a gente ficou trancado em casa, não lembro quanto tempo foi, se foram semanas, meses, mas a gente não saía.

Além disse, a gente vai pra Lapa [Centro do Rio]. Lá na Lapa, tem um bar que chama Depósito. É um depósito mesmo, que vende bebidas alcoólicas, e você pode beber na rua. Esse local, a maioria das pessoas que vão são gays, eu diria 95%. Do lado tem uma boate também.

A gente vai também pra Ipanema [praia], fica entre o posto 8 e 9, que é uma área gayzinha (sic). E também vamos a festas, como a Boho. E é a mesma coisa, eu diria que 90% das pessoas que vão são gays.

E a gente sempre tem amigos, né. Tem um amigo que sempre vem pra cá, tem outro que mora no Méier (Zona Norte do Rio) que vamos pra casa dele... e é assim.

A gente nunca vai pra boates, somente pra essas festas, que são como uma boate, mas não é oficialmente uma. São festas que fazem no Rio. (Diego, 41, RMRJ)

– Que lugares você costuma frequentar em termos de socialização? Tudo bem, você tem um parceiro, mas você frequenta algum lugar para se relacionar afetiva ou sexualmente com outros homens?

– Sim. Eu e ele, nós íamos muito antes da pandemia às saunas. Eu sempre gostei muito de boate, mas depois que comecei o relacionamento com ele, ele não gosta, então a gente foi pouquíssimas vezes. Eu respeito isso, né? Mas sauna a gente ia muito. Sempre foi com ele. Sempre fomos juntos. Entendeu? A gente realmente é um casal aberto. Quando a gente ia lá a

⁸⁹ Antes de se mudar para Niterói, Diego morou por alguns anos em Itaboraí, outra cidade do Grande Rio. Ele trabalhou como professor em uma escola pública da cidade. E a experiência de morar lá não foi agradável para ele: “Era uma cidade de interior, eu não me sentia bem na cidade... E a mentalidade é bem parecida com a minha cidade de origem [no interior do Chile], entendeu? Todo mundo se conhece, se alguém é viado todo mundo sabe que é viado... Nossa, horrível. Hor-ri-vel!”

gente ficava... Cada um ficava com quem quisesse, ou ficávamos juntos com alguém, e rolava sem problema algum.

– E isso sempre se deu de forma tranquila?

– Não. No início, eu, talvez por essa repressão que eu vivi, não sei, quando eu me assumi eu queria... foder com o mundo inteiro, né (risos)? Mas, quando eu comecei... Aí tive alguns namorados. Com um deles, a gente tentou um relacionamento aberto, por iniciativa minha. Não deu certo, o cara era muito ciumento.

Quando eu conheci o atual, a coisa iniciou com um padrão monogâmico, mas depois, eu conversando com ele, expondo os meus desejos... Porque aí, tem uma questão também. Eu me considerava, naquele momento, do início do nosso relacionamento, como ativo sexualmente, né? E ele também. Então, o que realmente fez a gente se unir é o amor que a gente tinha um pelo outro. Sabe? Aquela assim: “Porra. Você me complementa.”. E a gente teve que se reinventar nessas posições sexuais, né?

E como ele não cedia quase nunca para mim, eu falei do relacionamento aberto. Né? Pra eu poder ter outros, e ele também. Então, a gente entrou em acordo, a gente combinou que sempre seríamos francos um do outro. Ele sabe que eu faço e eu sei o que ele faz, e com quem. Em algumas vezes, estamos eu, ele e mais um. Em outras, é ele sozinho. Em outras, eu sozinho, e por aí vai. E nessa questão da posição sexual, aí que vem a coisa curiosa, né? Porque a gente largou essa dicotomia de lado. Então hoje, tanto eu quanto ele a gente faz o que dá vontade de fazer na hora (risos).

– Legal.

– A gente pode ser passivo um do outro. A gente pode ser ativo um do outro. Ele me come. Eu como ele. Enfim... Ou o que acontece, na maioria das vezes, nem rola penetração. Rola carícia, a masturbação mútua. A gente... Eu digo que foi ele. Ele me ajudou a redescobrir fontes de prazer mútuo.

– A pandemia acabou com isso ou não? Como é que foi?

– Acabou sim, nunca mais a gente voltou nem em boates. Tanto que as boates aqui no Rio não abriram. As saunas abriram ainda durante pandemia, mas a gente não voltou.

Mas a gente teve agora, recentemente, uma experiência a três com um amigo. Um cara que a gente conheceu, da área da saúde. Ele era acupunturista. O pessoal fazia acupuntura com ele. Depois, eu comecei a fazer, e aí a coisa rolou. Quer dizer... A gente ainda tá na pandemia, mas não precisamos ir agora à sauna. A coisa chegou até nós. Vamos dizer assim.

– Mas foi via aplicativo, rede social? Nada disso?

– Não, não. A gente não tem aplicativo. A gente nunca usou aplicativo. Nem eu, nem ele.

– Por quê?

– Eu nunca tive vontade. Ele se cadastrou uma vez, por curiosidade, mas nunca conheceu ninguém. Nunca fez contato mesmo. A nossa “caçada”, entre aspas, era sempre mais saunas. Nunca foi por aplicativo. A gente não vê necessidade do aplicativo. Nunca usamos. Nunca tivemos vontade mesmo de fazer.

E também tem uma questão. A gente tem um relacionamento aberto, mas também não sai “à caça” por aí. É quando acontece. Quando a gente ia nas saunas, a gente sabia que ia rolar alguma coisa, mas também a gente não tava na sauna todo dia. É assim: Rolou? Surgiu uma oportunidade? Tudo bem. Não surgiu? Tá tranquilo. Não é algo que a gente precise pro nosso relacionamento, mas é algo que a gente percebeu que foi importante incluir essa possibilidade, pra não ter problema comigo e com ele. E por conta de todas essas questões sexuais que eu falei no início. (Gérson, 42, RMRJ)

O depoimento de Gérson resume o “ordenamento” envolvido em relações abertas. E, sobretudo, a necessidade de que essa abertura seja plenamente concordada entre ambos. Sob pena de fracasso do relacionamento – como ocorreu

com um namorado anterior, que, embora tenha consentido abrir a relação, era “ciumento”.

Uma curiosidade no caso de Gérson é que a relação foi aberta inicialmente por uma “incompatibilidade de práticas sexuais”. Como ele e seu parceiro eram então exclusivamente ativos, mas estabeleceram um vínculo afetivo, a permissão de relações sexuais com parceiros passivos foi a alternativa que encontraram para permanecerem juntos.

Vê-se também as “regras” quando Gérson menciona que ele e o parceiro têm liberdade para transarem com quem quiserem, mas que contam um ao outro quando isso acontece. Porque estabeleceram entre eles previamente que trocariam tais informações.

**b) Os que usam redes sociais e apps para sociabilização/“pegação”,
sozinhos ou com seus parceiros**

- *Você só usa o Grindr pra arrumar transas? Ou rola paquera na rua?*
- *Na rua não. Como que faz na rua? Kkkkk.*
- *Então, é só na internet mesmo?*
- *Só. Quando eu acho. Sou um pouco seletivo.*
- *Curiosidade: você esteve aqui no Prado, não entrou no Grindr?*
- *Quando minha família está por perto, não. Tipo, quando eu for pra casa saio do app.*
- *Então, só rola quando você tá no trabalho, por causa do horário?*
- *Ou sozinho em casa. Às vezes, à noite, eu fico até tarde vendo tv.*
- *E?*
- *Aí eu fico no app. Eu tento achar alguém. Mas sei que é difícil. Para você ter ideia, minha última relação com homem foi em 2018. Para você ver como sou tranquilo. Eu até procuro, começo a conversar, aí vejo que a conversa perde o interesse. Eu só faço sexo se for com alguém que eu desejo.*
- *Você não transa com um cara desde 2018, foi isso que entendi?*
- *Sexo sim. Já fui chupado em carro. Já chupei também. Mas penetração, não.*
- *Não sente falta, do toque, da esfregação sem roupa, de dar e comer?*
- *Sim. Quando aperta muito, bato uma.*
- *Mas bater uma não resolve...*
- *Na hora sim.*
- *O fato de morar em Teixeira dificulta transar com outros caras? – Isso é verdade.*
- *Se morasse numa capital grande, acha que seria mais fácil ou menos complicado?”*
- *Seria ótimo. São Paulo é maravilhoso para isso.*
- *Você costuma ir lá?*
- *Já fui muito. Quando fazia curso de barbeiro.*
- *E aproveitava para se divertir com caras?*
- *Também. (Alexandre, 49, ESB)*

“Na rua não. Como que faz (*paquera*) na rua?” A pergunta feita por Alexandre pode ser um bom resumo de suas experiências homoeróticas. E talvez de muitos homens “socialmente” heterossexuais e casados com mulheres que acabam tendo as redes sociais e os aplicativos de “pegação” como os canais mais seguros e menos arriscados para encontrar parceiros. Como mencionou Armando, há muitos homens casados – com mulheres – que acessam os apps e as salas de bate papo. Seja nas metrópoles, seja nas cidades “de interior”, como onde ambos moram.

O risco de “paquerar” na rua foi substituído pela segurança das tecnologias de informação e comunicação (TIC), que trouxeram *sites*, redes sociais e aplicativos destinados a conhecer pessoas. E numa cidade “pequena” como Teixeira de Freitas, onde Alexandre mora, o *Grindr* é o lugar mais “seguro” para sociabilizar e encontrar parceiros – ainda que somente possa utilizar o aplicativo em locais e horários nos quais não corra o risco de ser pego em flagrante.

Situação que seria completamente diferente se ele estivesse sozinho, em São Paulo – e, acreditamos, em qualquer outra cidade na qual estivesse distante da família. Nesses locais, sem a “vigilância social”, tanto de sua esposa como da cidade onde mora, Alexandre poderia viver suas experiências homoeróticas sem o receio de ser descoberto.

– *Você está com alguém agora, mas vamos imaginar, hipoteticamente, se você não tivesse, se não existisse uma pandemia (risos)... Que lugares você costuma ou costumava frequentar para se relacionar afetiva ou sexualmente com outros caras?*

– *Nenhum.*

– *Lugar LGBT, específico, nada disso?*

– *Não. Nas boates que eu frequentava, boates GLS (sic), sempre fui para me divertir. Nunca em busca de alguém. Nunca fui de frequentar locais assim, “ah, vamos ali porque só tem viado, tem pegação”... Se falar isso, aí mesmo é eu não vou. Até mesmo porque eu sou muito seletivo em locais que eu frequento. Então, com pandemia ou sem pandemia, eu não iria.*

– *E como você se relacionava com outros homens, como e quais eram suas estratégias ou lugares?*

– *Acontecia...*

– *Mas acontecia onde? Na rua, em algum lugar?*

– *Vamos supor... algumas vezes acontecer de termos amigos em comum. Eu ver e comentar “gostei, achei interessante, como é que é?”, “ah, vou te apresentar”. Ou então ter pessoas em redes sociais que são adicionados, vai conversando, conversando, conversando e pinta algum clima depois e vamos conversar mais sobre o assunto.*

Ou pessoalmente, às vezes. Já aconteceu de eu conhecer alguém no supermercado, e aí pinta um clima e foi. Trocamos contatos ali mesmo, começamos a conversar e ficamos juntos por seis meses. Aí eu tive que viajar, e terminamos.

– *Então, você usa as redes sociais para estabelecer essas relações também?*

– *Não.*

- *Porque você usa redes sociais [vi William no Grindr, ele não escondia o rosto e também exibia fotos sem camisa, mostrando o peitoral e braços, visivelmente malhados, mas sem exagero]...*
- *É consequência. Eu não tenho as redes sociais para isso. Por exemplo, se eu entro em um app de “pegação”, como dizem, a última coisa que eu quero é pegar alguém. Eu quero conversar com as pessoas. Depois de uma conversa, se tiver interesse, bem, se não tiver, vou continuar conversando. Mas entrar, marcar e ficar é complicado.*
- *Por que é complicado?*
- *Porque eu sou sistemático. A menos que me passe confiança dificilmente saio com alguém.*
- *O que é passar confiança? Quando você se sente confiante, sente que pode ter confiança?*
- *Nas respostas que eu recebo. Começo a conversar com as pessoas e vamos conversando... E nunca faço perguntas em vão. São perguntas que vão passar despercebidas, mas que eu vou estar fazendo. E aí, eu acabo memorizando tudo o que eu converso. Passando um tempo, vou fazer outras perguntas, ligadas àquelas que foram feitas no passado. E se as respostas não baterem, esquece. (William, 43, ESB)*

“O mundo” é o lugar de sociabilização de William. Se, para Alexandre, a rua, o lugar público, são um risco, para ele, são os espaços ideais onde pode conhecer pessoas e, se der “*match*”, ter relações afetivas e/ou sexuais. Mas ele não descarta os aplicativos – embora demonstre usá-los não como uma ferramenta para encontros sexuais, mas como pontapé para a sua estratégia de relacionamento.

- *Quando vocês moravam no Rio, o que vocês faziam para se divertir?*
- *Cara, a violência do Rio estava tão grande que a gente não saía... a gente frequentava o que, casa dos amigos, amor? [ele pergunta ao marido, que responde ‘é, também praia, barzinho’, Cláudio retruca “de dia?”, o marido responde ‘é, de dia!]* A gente encontrava os amigos. A gente não ia pra Zona Norte, a gente tava com medo de ir pra Zona Norte à noite, mas ali na Zona Sul a gente ia a barzinho sim.
- *Bar LGBT?*
- *Raramente. O que a gente fazia muitas vezes era ir à praia, casa de amigo e barzinho com amiga. A gente ia era no Posto 9 [na praia de Ipanema], ali na barraca da Míriam, o point gay que a gente frequentava. E algumas vezes a gente ia no TV Bar [boate LGBTI+ em Copacabana].*
- *E como é que está a vida agora nesse sentido?*
- *Nenhum lugar gay ainda, porque estava no meio da pandemia. E a gente estava vendo casa, comprando apartamento, reformando apartamento. Aí, agora que o verão está chegando, que chegou a primavera, agora que a gente vai começar a ver as opções gays, a gente está com vontade de começar a fazer, mas estamos aqui há um ano e um mês e não fomos a nenhum lugar gay.*
- *Mas já está tudo liberado aí?*
- *Está liberado. Você pode entrar nos restaurantes e nas boates de máscara. E dia 13 [de abril de 2022] as máscaras caem. Nas ruas, shopping. Acho que o transporte público, por exemplo, vai continuar mais. Mas restaurantes, boates, as coisas caem agora no dia 13.*
- *Aí vocês vão descobrir o que acontece.*
- *Aí a gente vai frequentar a vida gay. A gente estava falando disso essa semana, que a gente só está fazendo programa com amigos héteros. E brasileiros.*

- *Você e seu marido, ou você sozinho, usam redes sociais e aplicativos de “pegação”, seja pra fazer amizades, seja pra “caçar” mesmo?*
- *Já usamos juntos [apps]. Hoje, usamos separados. Eu curto mais do que ele.*
- *Quais?*
- *Grindr é o que eu uso.*
- *E funciona pra você?*
- *Não. Fico mais na sedução. Mas não é “friendly” para os 50+ [quem tem mais de 50 anos]. Mas curto a sedução.*
- *Quando você diz que não é “friendly”, é por que você acha difícil arrumar alguém por causa da idade?*
- *Fato. Mas, como sou bem resolvido com meu marido, isso não é problema pra mim. Aos 58, mesmo estando em boa forma, tenho consciência disso. O que me move é a sedução.*
- *Se você ler os perfis dos 50+, verá que a questão da idade está lá. É só ler os perfis com uma lente ageísta [etarista]. É o que eu faço.*
- *Como assim? Pedem caras mais novos, é isso?*
- *Os perfis 50+ costumam ter informações do tipo “não aos GPs [garotos de programa], não curto pagar”. Ou “se não curtii é só deletar, não responder é falta de educação”... Eles até podem procurar caras mais novos, mas deixam claro que não querem pagar por isso. E tem muito novinho que diz curtir mais velhos, mas tá em busca de um “sugar daddy”. (Cláudio, 57, RMRJ)*

Cláudio traz uma questão interessante quanto aos aplicativos de “pegação”: a percepção do etarismo. Ele nota, a partir de outros perfis de homens contemporâneos a ele, que o app não é “amigável” a homens com mais de 50 anos.

Vamos lembrar que o *Grindr* funciona por georreferenciamento. Na Zona Sul do Rio, a “oferta” de perfis próximos é grande, porque há muitos usuários do aplicativo. E, pelo perfil turístico e pelo maior poder aquisitivo de quem mora ou está hospedado na região, existem muitos perfis de garotos de programa (GPs), como atesta Maurício.

E é por isso que Cláudio identifica o etarismo: muitos homens mais “velhos” acabam reforçando, nas descrições de seus perfis, que não buscam GPs – o que também pude constatar em acessos que fiz no *Grindr* em Copacabana. Talvez porque sejam o “público alvo” preferencial desses profissionais – eu mesmo recebi propostas.

Essa enunciação “anti-GPs” tenta romper com uma visão relativamente consolidada de que homens homossexuais mais “velhos” podem ter maior dificuldade de encontrar parceiros para relações sexuais, porque não são tão “atraentes” quanto os jovens. E também porque tendem a ter uma condição socioeconômica “estável” ou mais “abastada”, na visão de alguns. Junta-se a fome de “coroas”, “cacuras” e afins com a vontade de comer de profissionais do sexo com corpos modelados em academias de ginástica ou com pênis avantajados, já que boa parte deles se apresentam no *Grindr* como ativos e ressaltando seu dote.

Os sujeitos 50+ ainda seriam alvo, de acordo com Cláudio, de “novinhos”, homens jovens, interessados em encontrar um “*sugar daddy*” – um homem que os dê segurança financeira. Querem, portanto, o que Parker (1995) chama de “relações verticais”, quando homens mais jovens buscam se relacionar com homens mais “velhos” tanto para um “aprendizado” da vida homossexual como para obter estabilidade emocional e financeira⁹⁰.

– *Você costuma frequentar algum lugar LGBT? Quer dizer, estou imaginando assim: imagine que não existe uma pandemia, que não existia uma pandemia. Você frequentava, você e seu marido, você sozinho...*

– *Sim, eu sempre gostei muito mais de frequentar do que ele...*

A gente sempre saiu muito, na época que a gente não tinha filho [de 6 anos], ia muito pra boate, pra bares... Eu sempre gostei muito mais de ir para a boate à noite, porque ele diz que ele não é da noite, embora ele saísse comigo.

Pouco antes até mesmo do filho chegar ele não queria muito ir para a boate, dizia “ah, eu já sou velho”, mas porque ele não é da noite. E ele deixava eu sair, “você quer ir, você vai”.

Mas, depois que o filho chegou a gente deu uma... de vez em quando a gente sai, de vez em quando. Existe vida social depois de ter filho.

– *A gente se conheceu pelo Instagram. Mas você usa redes sociais, por exemplo, para se relacionar sexualmente com outros caras?*

– *(Pausa) É... Uso aplicativo de vez em quando.*

– *App de pegação, tipo Grindr?*

– *App de pegação, e assim, meu Instagram e meu Facebook... Até no Twitter. De vez em quando recebo mensagem. Chove cantada o tempo inteiro, né. Não precisa de aplicativo de pegação para receber cantada, mas, de vez em quando, eu entro em aplicativo de pegação.*

– *Como você se apresenta no app de pegação? Tem foto tua ou não?*

– *Às vezes eu colocava... Mas, por conta do marido... eu tiro foto de rosto, coloco foto só de corpo, porque ele via e falava “John, você está explicitamente”, aí, me dá uma pressão. A gente tem uma relação aberta, já há muitos anos. Só que assim... Ele não gosta da situação de dizer que, por exemplo, que as pessoas sabem que eu saio com outros caras e, tipo assim, como se ele fizesse papel de otário. Como se ele não saísse também. Mas ele se coloca muito nesse lugar. Por mim, não teria nenhum problema. Mas atualmente meus perfis são sem rosto. Por pedido dele.*

– *A pandemia mudou essas saídas?*

– *A gente teve que ficar um pouco mais em casa, mas a partir do momento que a coisa começou a liberar um pouquinho [faz o gesto com a mão de andar], não teve jeito, né (risos). A gente não aguenta, né, ficar só no ambiente familiar e doméstico (risos). Aplicativo de pegação eu tenho, às*

⁹⁰ Apresentamos as primeiras impressões desta pesquisa no Grupo de Trabalho “Sexualidades, Gênero e Curso de Vida: analisando intersecções de marcadores sociais em contextos latino-americanos”, na XIII Reunião de Antropologia do Mercosul (RAM), de 22 a 25 de julho de 2019. O GT era coordenado por Carlos Eduardo Henning (UFG), Júlio Assis Simões (USP) e Andrea Lacombe (Universidad de Cordoba). Na época, mencionei que essas relações entre homens jovens e mais “velhos” tinham um caráter utilitarista. Entretanto, Júlio Assis Simões chamou minha atenção de que não se podia ignorar que tais relacionamentos também podem ter envolvimento afetivo entre seus pares. Não considerar a componente emocional, portanto, seria reproduzir uma lógica discriminatória: homens mais novos somente se envolveriam com homens mais velhos em busca de recursos financeiros; enquanto homens mais velhos somente teriam a companhia de homens mais jovens se pudessem pagar por isso.

vezes eu fico tempo sem ver, aí entro, mais pela curiosidade de saber quem está, de quem é. Aí troca fotos, não sei o que... mas nunca dá certo.
 – É mais efetivo pelas redes sociais, pelo Insta, pelo Face, pelo Twitter?
 – Eu acho que sim. Pelo Instagram, agora tá mais Instagram do que Face, né, de vez em quando, aparece lá no Instagram. Até nem uso, nem tenho usado muito o LinkedIn⁹¹, mas tem uma mensagem lá.
 – Cantada pelo LinkedIn, você já recebeu⁹²? Tá falando sério?
 – Sério (risos)! Foda! As pessoas usam qualquer meio pra poder, tipo... (John, 51, RMRJ)

John dá outro exemplo do regramento dos relacionamentos abertos – e como essa modalidade aparentemente “libertadora” é permeada por tensões. Se para ele exibir seu rosto em apps de “pegação” não era problema, para o parceiro era motivo de humilhação pessoal para ele.

O que estava em jogo não era a “posse” ou o “domínio” sobre os corpos ou as práticas sexuais de ambos. Mas sim a exposição pública da relação. E como, ao mostrar o rosto, John estaria expondo o parceiro ao que ele considerava ridículo – o “otário” poderia ser traduzido em “o traído”. Ainda que, como John frisou, ambos transavam com quem queriam há tempos, e de forma consentida.

Reforçando, embora a relação seja aberta, há códigos que o parceiro de John estabelece e que modulam essa abertura. Ambos podem ter relações sexuais com outros parceiros à vontade, desde que tais situações não sejam publicizadas. E mostrar o rosto é tornar público um acordo que, ao que parece, deve ser explícito para eles, mas não para todos.

Vimos, portanto, a diversidade de experiências de sociabilização desses sujeitos. Essa amplitude se dá por seus locais de moradia; por seu “estado civil” – se comprometidos ou não –; por mudanças (ou não) em suas perspectivas de se relacionar afetiva ou sexualmente com outro(s) homem(ns); por desejos físicos/sexuais mais ou menos evidenciados ou valorizados.

⁹¹ Na seção “Sobre” de seu *site* corporativo, o *LinkedIn* se apresenta como “a maior rede profissional do mundo, com mais de 850 milhões de usuários em 200 países e territórios. [...] O *LinkedIn* começou na sala de estar do nosso cofundador Reid Hoffman e foi lançado oficialmente em 5 de maio de 2003. [...] Em dezembro de 2016, a Microsoft concluiu sua aquisição do *LinkedIn*, reunindo o maior serviço de nuvem profissional do mundo com a maior rede profissional do mundo”. Disponível em <<https://about.linkedin.com/pt-br>>. Acesso em 13 de fevereiro de 2023.

⁹² A surpresa se deu justamente pelo fato de o *LinkedIn* ser um ambiente de *networking*, de relacionamento profissional, de oferta de empregos e vagas e também de divulgação de empresas. Entretanto, lembrei-me de uma amiga que, há alguns anos, havia me dito que tinha sido assediada/“cantada” nessa mesma rede. Ou seja, John tem razão quando diz que “as pessoas usam qualquer meio”.

Contudo, em se tratando especificamente do desejo, esses homens têm uma característica comum. Quando se trata de encontrar um parceiro, a masculinidade é um “detalhe” bastante considerado. Quando não uma exigência.

Mas, que masculinidade é essa? É sobre isso que nossos sujeitos vão falar no capítulo a seguir.

6 TESÃO, COISA DE E PARA HOMEM

Machão

*Todo homem deveria ser um machão
Para viver uma vida de liberdade, os machos se posicionam
Tenha seus próprios estilos de vida e ideais
Possuir a força da confiança, essa é a habilidade
Você pode acreditar
Que ele é um machão
Ele é o filho especial de Deus na terra de qualquer um*

Ei, ei, ei, ei, ei

*Macho, homem macho (homem macho)
Eu tenho que ser um machão (tenho que ser um)
Macho, homem macho
Tenho que ser um machão*

*Macho, homem macho (cavar meus músculos)
Eu tenho que ser um homem macho
Macho, homem macho
eu tenho que ser um machão⁹³*

Esse é um trecho de “*Macho man*”, uma canção lançada em 1978 pelo grupo musical estadunidense *Village People*, que se tornou um sucesso em discotecas dos Estados Unidos – e também do Brasil e certamente de vários outros países do mundo.

A banda, conta Barcinski (2017), foi criada pelo produtor Jacques Morali:

⁹³ Texto original:

Macho man

*Every man he ought to be a macho, macho man
To live a life of freedom, machos make a stand
Have your own lifestyles and ideals
Possess the strength of confidence, that's the skill
You can best believe that he's a macho man
He's the special God son in anybody's land*

Hey, hey, hey, hey, hey

*Macho, macho man
I gotta be a macho man (I've got to be a)
Macho, macho man
I gotta be a macho*

*Macho, macho man (dig my muscles)
I gotta be a macho man
Macho, macho man
I gotta be a macho*

Numa noite em 1977, Morali estava numa discoteca gay em Nova York, quando viu um dançarino vestido de índio. Ao lado do índio, dançava um sujeito vestido de policial. Ali mesmo, naquela pista de dança, Morali teve uma visão, um desses lampejos fulminantes de genialidade e ousadia que só aparecem quando o escolhido se encontra tomado por uma euforia extrema e com as vias nasais entupidas por meio quilo de farinha: Morali sonhou em montar uma banda pop formada por estereótipos do macho americano: o índio, o policial, o caubói, o motoqueiro e o peão de obra. Nascia o *Village People*, batizado em homenagem ao bairro nova-iorquino que há décadas resistia como uma meca de tolerância e ativismo gay. [...]

Além de cantar e dançar vestido de oficial da Marinha, Willis (que, acredite, não era gay) tinha um dom impressionante para criar hits de pura perfeição pop. Ele adicionou humor e escracho às letras do *Village People* e, com suas tiradas espertas e frases de duplo sentido absolutamente geniais, deu à banda três discos gigantes: "*Macho Man*" (1978), "*Cruisin*" (1978) e "*Go West*" (1979). (BARCINSKI, 2017, s.p.)

Talvez a intenção de Morali com o *Village People*, cujos cantores-dançarinos performavam “os estereótipos do macho americano”, era “quebrar” esses mitos de masculinidade. Afinal, foi a visão de tais tipos em uma discoteca gay que o inspirou a montar a banda.

Por outro lado, “*Macho man*”, que narra padrões de virilidade, força e domínio frequentemente associados ao “ser homem”, parece querer dissociar masculinidade e sexualidade. Assim, homens que se relacionam sexualmente com outros homens podem, sim, ser “machos”. Não deixa de ser uma “aula” de gênero e (anti)heteronormatividade.

Conforme Pollak (1985), esse “tipo ideal” do “machão” redefiniu a identidade homossexual, em contraponto ao “efeminado”. O “superviril” tem “cabelos curtos, bigode ou barba, corpo musculoso” (POLLAK, 1985, p. 68). Assim,

Enquanto o tema da emancipação dos heterossexuais está quase sempre ligado à indiferenciação dos papéis masculinos e femininos, a emancipação homossexual atravessa atualmente uma fase de definição muito estrita de identidade sexual. As imagens míticas apresentadas mais frequentemente na imprensa homossexual e nas revistas pornográficas especializadas são o *cowboy*, o motorista de caminhão e o esportista. O estilo “machão” predomina. (POLLAK, 1985, pp. 68-69)

Apesar das críticas a esse tipo ideal, acusado de sexista e excludente àqueles que não se encaixam nesses padrões, Pollak (1985) vê benefícios nessa performance: “pela primeira vez, se oferece a oportunidade aos homossexuais de construir sua própria imagem social, e de ressaltarem sua masculinidade, mais do que suas características femininas” (POLLAK, 1985, p. 69).

Essa sobrevalorização do “tipo ideal” viril – e preferencialmente com o corpo musculoso –, em vez de arrefecer com o tempo, ganhou contornos dramáticos com o surgimento do HIV, no início dos anos 1980. Chamada inicialmente de “câncer gay”, a síndrome da imunodeficiência adquirida (Aids) se tornou uma marca associada à homossexualidade.

Assim, performar o “macho” viril era, portanto, uma forma de evitar dúvidas quanto à sexualidade e de qualquer associação à doença, que, durante cerca de duas décadas, foi considerada uma “sentença de morte”. E manter-se visivelmente “saudável”, com o corpo em boa forma, também afastava essa “acusação”, já que as pessoas acometidas pelo HIV costumavam apresentar grande perda de peso e uma degeneração corporal evidente.

A medicina evoluiu, surgiram fármacos capazes de transformar a Aids em uma infecção crônica, tratável. Ou mesmo de tornar o vírus HIV indetectável – sinal de que a possibilidade tanto de desenvolver doenças “oportunistas”, que surgem quando o organismo tem baixa imunidade, como de infectar outras pessoas é praticamente nula.

Mas, ainda assim, o tipo “superviril” mantém sua importância entre homens com práticas homossexuais. Senão como um modelo perfeito, a ser copiado e reproduzido, ao menos como uma referência de masculinidade e/ou virilidade.

Entretanto, como disse Baubérot (2013), “não se nasce viril, torna-se viril”. E tal aprendizado não ocorre com a descoberta da sexualidade ou com a assunção da identidade homossexual viril detalhada por Pollak (1985). Ele é socialmente construído, e começa mesmo antes da saída do útero. Quando um exame de ultrassom mostra que o feto é “um menino”, pela presença de um pênis, o modelo do que é “ser homem” começa a operar. E presume-se que ali está um futuro homem heterossexual.

Tal projeção, porém, não é suficiente. Baubérot (2013) aponta a família como o local pioneiro e que “ocupa um lugar central no aprendizado das qualidades e dos papéis destinados a cada sexo” (BAUBÉROT, 2013, p. 191). No entanto, “se esse meio contribui, desde a mais tenra idade, à formação da identidade sexuada do menino, o reconhecimento de sua virilidade demandará, entretanto, que ele saia ‘da barra da saia da sua mãe’” (*Ibid.*, p. 192).

Um dos primeiros movimentos de abandono simbólico desse lar-local do “feminino” para o aprendizado do que é “ser homem” é a formação do que Baubérot (2013) chama de “bando”: grupos que se constituem pelo “duplo pertencimento a uma

mesma faixa etária e a um mesmo território – cidade, bairro ou por vezes rua” (*Ibid.*, p. 195):

Dentro dele exacerba-se determinada relação com a masculinidade feita da dureza, dos jogos de força ou de coragem, dos desafios e da autoafirmação. Ele é também o local das iniciações: primeiros cigarros, piadas e jogos obscenos que servem como educação sexual, primeiros desafios diante da autoridade ou primeiros furtos. Ao se atribuírem atitudes que marcam simbolicamente a masculinidade adulta, aqueles que ainda são crianças diante do olhar dos adultos procuram afirmar sua virilidade ante seus semelhantes. Ao contrário, tudo que pode lembrar a infância ou a feminilidade é severamente rejeitado. (BAUBÉROT, 2013, p. 195-196)

A ruptura com o lar como parte da construção do “homem” também é tratada por Welzer-Lang (2001). É quando “as crianças do sexo masculino deixam, de certo modo, o mundo das mulheres, quando começam a se reagrupar com outros meninos de sua idade” (WELZER-LANG, 2001, p. 462).

Esse reagrupamento é o que o autor chama de “casa-dos-homens”. Esta, porém, não é um lugar físico como aquela da família, mas um espaço simbólico e relacional (constituído também por locais físicos, mas não apenas por eles) no qual a homosociabilidade – entendida como relações sociais entre pessoas “do mesmo sexo” que envolvem amizade ou parceria – é condição necessária para o aprendizado da masculinidade.

Nessa casa dos homens, a cada idade da vida, a cada etapa de construção do masculino, em suma está relacionada uma peça, um quarto, um café ou um estádio. Ou seja, um lugar onde a homosociabilidade pode ser vivida e experimentada em grupos de pares. Nesses grupos, os mais velhos, aqueles que já foram iniciados por outros, mostram, corrigem e modelizam os que buscam o acesso à virilidade. Uma vez que se abandona a primeira peça, cada homem se torna ao mesmo tempo iniciado e iniciador. (WELZER-LANG, 2001, p. 462)

A noção de casa-dos-homens se mostra mais ampla que a de bando. Além da formação de memórias para a elaboração da masculinidade, Welzer-Lang amplia as relações para além da mesma faixa etária. Trata-se, assim, de uma espécie de “escola”, na qual os iniciados, mais “jovens”, se tornam iniciadores quando se tornam mais “velhos”, transmitindo suas experiências e modulando os neófitos no aprendizado do masculino.

Baubérot (2013) caracteriza o bando como um local de iniciações de “jogos obscenos que servem como educação sexual”. De forma similar, na casa-dos-homens

“emergem fortes tendências e/ou grandes pressões para viver momentos de homossexualidade” (WELZER-LANG, 2001, p. 462):

Competições de pintos, maratonas de punhetas (masturbação), brincar de quem mija (urina) o mais longe, excitações sexuais coletivas a partir de pornografia olhada em grupo, ou mesmo atualmente em frente às strip-poker eletrônicas, em que o jogo consiste em tirar a roupa das mulheres... Escondidos do olhar das mulheres e dos homens de outras gerações, os pequenos homens se iniciam mutuamente nos jogos do erotismo. Eles utilizam para isso estratégias e perguntas (o tamanho do pênis, as capacidades sexuais) legadas pelas gerações precedentes. Eles aprendem e reproduzem os mesmos modelos sexuais, tanto pela forma de aproximação quanto pela forma de expressão do desejo. (WELZER-LANG, 2001, p. 462)

Parece evidente também que essa “escola da masculinidade” – seja o bando, seja a casa-dos-homens – tem a violência como uma de suas principais disciplinas. Ela pode ser psicológica ou física. E também sexual, explica Welzer-Lang (2001).

O masculino é, ao mesmo tempo, submissão ao modelo e obtenção de privilégios do modelo. Alguns homens mais velhos se aproveitam da credulidade dos novos recrutas e essa primeira peça da casa é vivida por numerosos meninos como a antecâmara do abuso. [...] Não somente o pequeno homem começa a descobrir que, para ser viril, é preciso sofrer, mas também [...] o menino é, às vezes, iniciado sexualmente por um adulto. Iniciado sexualmente pode também significar violado. Ser obrigado – sob obrigação ou ameaça – de acariciar... de chupar ou de ser penetrado de maneira anal por um sexo ou um objeto qualquer. Masturbar o outro. Deixar-se acariciar... (WELZER-LANG, 2001, p. 464)

Toda essa análise não pretende justificar como os sujeitos desta pesquisa se posicionam sobre “ser masculino” ou “querer alguém masculino”. Parece evidente que masculinidade e sexualidade não andam de mãos dadas. Entretanto, é preciso pluralizar as duas noções: assim como há sexualidades, há também masculinidades, que se estabelecem e se fluidificam nas relações, nas situações e nos contextos.

6.1 Ser masculino

Uma das perguntas feita aos sujeitos desta pesquisa era sua autopercepção quanto a ser “afeminado” ou ser “masculino”. Seu objetivo era tentar entender o que esses interlocutores entendiam sobre tais noções, e sobretudo como construía tal entendimento.

– Não me considero afeminado. Porque eu vejo que tem pessoas bem mais do que eu, os chamados “pocs” da vida, os pão com ovo e assim por diante. Nada contra... cada um se caracteriza da forma que acho melhor, como se sente bem. Eu me sinto bem dessa forma... mas não me vejo naquela desmunhecação total o tempo todo, naquela frase melosa... até mesmo porque não tenho paciência.

– Por que você não tem paciência?

– Acho muito meloso, muito dramático, muita coisinha assim... e se fosse para ser assim teria vindo de mulher na vida.

– Mas você acha que isso é uma característica tipicamente feminina?

– Não, não é tipicamente feminina. Mas eu não me vejo dessa forma. Eu ainda acho isso muito estranho, não é preconceito não, porque todos nós somos, como vulgarmente falam, viados, não é? Mas acho estranho o homem que tem uma voz normal tentar afinar um pouco mais, baixar o seu timbre de voz, pra ficar um pouco mais feminina. Na minha cabeça eu nunca faria isso pra

– Pra você, parece uma forção de barra?

– Exatamente.

– Uma forma de montar um personagem?

– Aquilo você perde a sua essência. Quem você realmente é. Você criou uma imagem porque você se sente bem daquela forma. Então isso é um personagem, de uma forma direta isso é. Porque a sua real forma não é aquela. Mas se cada um se sente bem assim tudo bem. (William, 43, ESB)

"Poc" é uma nomenclatura negativa, usada entre os gays, para "acusar" alguém de afeminado. E William desfia outras acusações, como "pão com ovo", "desmunhecação total", "frase melosa".

Mas, o maior reforço da masculinidade vem com a frase "se fosse para ser assim teria vindo de mulher na vida". Ou seja, a avaliação de que um homem afeminado é um "homem que queria ser mulher", que "tenta ser mulher", que é uma "imitação de mulher". Não é o original feminino, e sim uma cópia – indesejada.

Não é preconceito, porque todos nós "somos viados". Mas uns são menos "viados" que os outros. Ou menos “mulheres” que os outros.

Eu me considero um cara masculino, mas que derrapa nas oxítonas, como diz o meu marido. De vez em quando eu dou umas pintas, óbvio, mas não tô nem aí. Por que é que eu me considero masculino? Porque o meu referencial é masculino. Eu vou pra porrada. Eu falo alto, eu enfrento. Eu não uso “salto alto”... Então, o meu posicionamento social é um posicionamento de macho alfa. Quando eu dou pinta é outra coisa. (Cláudio, 57, RMRJ)

O “derrapar nas oxítonas” tem relação não apenas com o falar, mas com gestos e ações que “feminizariam” Cláudio. Entretanto, ele reitera a noção de “casa dos homens” de Welzer-Lang e de “bando” de Baubérot, ao dizer que se considera masculino por seu referencial ser masculino.

A noção de aprendizado é evidente. Assim como a repetição/internalização desse aprendizado, que acaba exteriorizado na performance cotidiana. Por isso,

Cláudio conta que seu posicionamento social é de "macho alfa" no dia a dia. Um comportamento similar aos homens heterossexuais da "confraria da esquina" analisada por Souza (2011) e mencionada no capítulo 2.

Gustavo e Maurício apenas disseram ser "masculinos", sem tentar explicar ou justificar sua resposta. Dessa forma, sinalizam uma possível "regra": todos são masculinos, até que o outro diga que você não é. Claro que há exceções, mas parece claro que a feminilidade é uma categoria acusatória, não uma característica reconhecida pelo próprio sujeito.

John corrobora essa visão – ainda que numa outra perspectiva:

– Acho que eu não me considero, mas que as pessoas me consideram mais como masculino do que eu mesmo. Porque eu fico na dúvida se eu realmente aparento ser masculino ou se eu dou as minhas quedas.

Às vezes você olha assim, você considera um cara afetado, afeminado, mas o cara mesmo, ele não se acha. Ele tem uma voz super "ai, que não sei o que, pepepê" [fala com tom de voz mais fino e afetado], mas ele mesmo fala "você tinha que ver o cara, era muito, muito viado!" [esse cara se referindo a uma outra pessoa], mas aí você vê e fala "porra, será que eu sou assim? Será que eu acho ele é afeminado, mas eu sou afeminado?" Eu não tenho essa consciência...

– Mas, como você disse, as pessoas te veem como um cara masculino.

– Eu acho que eu me vejo mais como as pessoas me veem, que a maioria me vê como masculino. Então, por isso que eu acho que eu sou masculino, mas eu não tenho a certeza. A verdade, onde está ela? (John, 51, RMRJ)

Ou seja, o outro que "acusa" a feminilidade também "atesta" e "confirma" a masculinidade, como ocorre com John. Ainda assim, ele confessa ter dúvidas se, de fato, é masculino, porque questiona o fato de achar que um homem é afeminado por sua voz e/ou seus trejeitos, mas este mesmo homem se achar masculino.

Logo, isso gera nele um "dilema" a *la Hamlet*, de William Shakespeare: "ser ou não ser masculino, eis a questão".

O meu traço físico, ele não nega. Biologicamente, tenho um traço masculino muito forte, e eu não tenho nenhum problema quanto a isso. O problema está na cabeça das pessoas, porque muitas pessoas se atraem, muitas mulheres também se atraem por mim porque veem o meu biotipo. Só que quando eu tento falar "entenda, a minha orientação, o meu desejo, a minha libido... não tem nada a ver.

Por exemplo, não vou me vestir com roupas femininas, não tenho essa tara. Não tenho esse fetiche da roupa feminina, ou querer me mostrar femininamente.

O jeito de falar é pelo contágio, né? A gente está no meio de tanta gente... acaba falando, dando aquela escorregada. (Tiago, 45, RMRJ)

Sobre ser masculino, Tiago traz o aspecto biológico para se definir como "homem", e por não ter intenção ou desejo de usar roupas femininas – mais um que, portanto, define o que não é masculinidade a partir de signos associados ao feminino e às mulheres. Mas admite o "contágio" no falar, por "conviver com muita gente".

É uma situação semelhante à narrada por outros sujeitos desta pesquisa: ao estar "entre iguais", sentem-se "à vontade" para "falarem" mais "afeminadamente", e mesmo se tratarem no feminino, em alguns casos. No popular, "desmunhecar".

– Já tive fases. Acho que eu já fui mais masculino. Hoje em dia eu acho que eu tô talvez um pouco menos. Tô mais relaxado, eu acho. Sei lá. De 0 a 10? Tô ali no meio. 7. 8.

– Isso é interessante. Botar nota.

– Se eu estou em um espaço onde eu não conheço as pessoas, eu não tenho tanta intimidade, um espaço mais formal, provavelmente eu vou ficar um 8 ou um 9. Se eu tô no meio de um monte de amigo na parada gay, eu vou ficar uns 5 ou 6. Entendeu? Por isso que eu acho que eu variei entre 7, 7 e pouco, 6 e pouco.

– Não vai baixar de 5 nunca, não?

– Difícil. É difícil para mim. Eu não sou muito... Eu sou mais sério no geral. Eu demoro a ter intimidade com as pessoas. (Bernardo, 50, RMRJ)

Bernardo é mais um que traz a confirmação de que a(s) masculinidade(s) é(são) relacional(is) e situacional(is). São, portanto, transitórias e se manifestam em variadas escalas nas relações entre os homens e entre homens e mulheres.

Outro ponto a ser considerado: ser "mais masculino" é ser "mais sério". Como se a feminilidade não fosse "séria" e igualmente construída socialmente. Também pode ser considerar essa "sriedade" como "não dar pinta" de que se é gay.

– Eu gosto de masculinidade. Eu gosto de ser masculino. Também gosto que meu parceiro seja masculino. Acredito que também foi por causa, quer dizer, ainda que nem me perguntei se não estou falando demais talvez, porque eu fui criado uma cidade extremamente machista. Então, você tinha que ser masculino. Qualquer coisa, se você usava uma calça meio que apertada, você era viado. Então, eu tinha muito cuidado com isso, porque as crianças eram bem cruéis, entendeu?

Eu nunca tive pai, porque meu pai morreu quando eu estava na barriga da minha mãe. Então, eu sempre tive medo disso, eu lembro que tinha colegas dentro da escola que eram bem afeminados. Então todo mundo, até eu, ria deles. Entendeu? "Ah, você é maricon!". Eu, para evitar isso, eu tentava não cair nessa, às vezes até sentia admiração, mas na minha cabeça estava proibido. Por esse motivo, eu tive que ser bem masculino.

– E é um padrão que você mantém até hoje?

– É. (Diego, 41, RMRJ)

A “casa dos homens” começa na infância e ultrapassa o ambiente doméstico, como já dito. Sem o “exemplo masculino” do pai em casa, coube a Diego “aprender” a masculinidade fora do lar.

A escola acabou sendo um desses lugares, onde se autopolicia para não parecer “afeminado” – embora admita sentir certa admiração pelos meninos que assim performavam. Mas, o medo de ser acusado de “maricon” moldava seu comportamento – que incluía reforçar as acusações contra os afeminados.

Tudo isso faz Diego se dizer masculino. Além disso, afirma gostar de homens masculinos – desejo que será desdobrado a seguir.

– Gosto muito de me sentir eu mesmo. Visto minhas roupas, homem e tal. Tem pessoas que gostam de se vestir de uma forma mais diferente, mas eu gosto mais de me vestir como homem mesmo, mas internamente sabendo das minhas opções. Da minha orientação. Tudo fica muito claro pra mim.

– Mas, você acha que as pessoas perguntam da sua sexualidade porque elas acham que você é afeminado? Ou por que você não está namorando uma mulher, algo do tipo?

– Acho que tem um pouco de tudo. A gente acaba às vezes tendo alguns trejeitos. Isso acaba chamando a atenção, né? Na forma de andar. Às vezes, num gesto que você faz, geralmente acontece isso. Isso pra mim é muito normal.

E também por essa questão... Eu moro sozinho. Já tive namoradas mulheres, né? Já tive namoradas pouco tempo atrás, mas foi algo que não me satisfazia. Não me deixava feliz. Era uma coisa que eu tinha que eu fazia, mas por uma questão para mostrar, às vezes. No início... parece que as pessoas cobravam muito, então a gente tinha essa necessidade de ter alguém. Hoje não. (Armando, 46, ESB)

A fala de Armando traz um outro aspecto: uma das condições para se afirmar que um homem é homem é que ele precisa gostar de mulher. Novamente, vale o exemplo da “confraria da esquina” de Souza (2011): mesmo os homens que assumiram no grupo ter transado com outros homens – ainda que deixando claro que eram os ativos, os “homens”, que estavam comendo ou sendo chupados pelas “bichas”, pelas “mulheres – tinham de afirmar suas conquistas femininas para não colocarem sua masculinidade em dúvida.

De fato, não é incomum ver homens esteticamente, corporalmente e comportamentalmente “masculinos” terem sua condição de homem questionada ao se declararem homossexuais. Talvez por isso, muitos não assumam publicamente sua sexualidade, já que a performance masculina garantiria “ser homem”.

Por isso Armando lembra de seus relacionamentos com mulheres para “mostrar à sociedade” uma heterossexualidade, para dar resposta às cobranças. Estar

com uma mulher se torna um atestado de masculinidade, de “ser homem”. E evita maiores questionamentos quanto à homossexualidade.

Entretanto, não basta estar com uma mulher. É preciso performar o “ser homem”. Isso porque, assim como homens masculinos são questionados em suas masculinidades quando não estão com mulheres, homens que publicamente se relacionam com mulheres também têm suas masculinidades colocadas em dúvida se não seguem a “cartilha” do que é ser homem.

Armando também acaba dando a entender que ser homossexual é, de alguma forma, ter “algo de mulher”. Por isso diz que “se veste como homem”. Mas, “a gente acaba tendo alguns trejeitos”, confessa. A patrulha da masculinidade acaba falhando em alguns momentos, portanto. Seja quando se está entre “iguais”, ou com pessoas de maior intimidade, seja quando se afrouxam os mecanismos de autocontrole, mesmo em situações cotidianas.

Nossos sujeitos são, portanto, masculinos. Veem-se como tais. Podem até mesmo “relaxar” em algumas situações e se permitir “feminilizar” na fala, nos trejeitos, nos gestos, sobretudo entre iguais ou íntimos. Mas, no cotidiano, no dia a dia, na convivência social de modo geral, voltam rapidamente a ser o “homem” padrão que têm dentro de si – ou que acham que têm.

Nesse sentido, conforme Bourdieu (2012),

Se as mulheres, submetidas a um trabalho de socialização que tende a diminuí-las, a negá-las, fazem a aprendizagem das virtudes negativas da abnegação, da resignação e do silêncio, os homens também estão prisioneiros e, sem se aperceberem, vítimas, da representação dominante. Tal como as disposições à submissão, as que levam a reivindicar e a exercer a dominação não estão inscritas em uma natureza e têm que ser construídas ao longo de todo um trabalho de socialização, [...] de diferenciação ativa em relação ao sexo oposto. Ser homem, no sentido de *vir*, implica um dever-ser, uma *virtus*, que se impõe sob a forma do “é evidente por si mesma”, sem discussão. (BOURDIEU, 2012, p. 63)

E que fique claro que esse “homem”, esse “macho”, não reside no ânus. Alguns dos sujeitos disseram ser ou apenas passivos, ou versáteis (ativos e passivos) sexualmente. O fato de “dar a bunda”, porém, não diminui sua masculinidade – embora alguns deles fizessem essa associação ao começarem a viver suas experiências homossexuais, como se verá no próximo capítulo.

6.2 Desejar o masculino

Na conversa quase telegráfica com Alexandre – porém temporalmente extensa, como explicado anteriormente, por ter sido feita pelo *Grindr*, por escrito –, perguntei o seu “tipo de homem”. E é com sua fala que vamos iniciar nossa análise sobre o desejo desses sujeitos por homens “masculinos”:

- *Você já falou que gosta de caras mais velhos e versáteis. Mas, fala mais um pouco mais sobre o tipo de cara que te atrai. E o tipo que não te atrai de jeito nenhum...*
- *Eu curto homens brancos. Eu tenho tesão. Tipo mais sério. Nada contra os afeminados, mas nem olho.*
- *O que é pra você ser masculino? E ser afeminado?*
- *O afeminado quer ser mulher. O masculino é mais discreto. Eu não me sinto atraído por afeminado. Gosto do homem com postura de homem. (Alexandre, 49, ESB)*

Mas, afinal, o que seria um “homem que quer ser mulher” – o afeminado – e um “homem com postura de homem” – o “masculino” –, como menciona Alexandre?

Diego se diz masculino e que prefere homens masculinos. Questionei o que é “ser masculino”, e sua visão de masculinidade é relevante para esse debate.

- *O que é ser masculino?*
- *Então, sou masculino, para mim é o mais próximo ter como características masculinas (risos), mas... como definir uma masculinidade, talvez?*
- *Não, não é como definir, é como você vê. Como você vê quando você fala assim, “alguém masculino”?*
- *Então, é uma pessoa que não tem características femininas. Por exemplo, o que para mim uma pessoa que tem características femininas? Uma pessoa que tem uma voz... não, não é o tom de voz, é quando a pessoa fala e você vê que... tem uns tons diferentes... bem parecido com uma mulher, na verdade. Isso para mim é uma pessoa que tem essas características mais de mulher, e que eu não gosto. Ou as pessoas que entre eles, homens, se tratam como mulher. Não seria a minha preferência. (Diego, 41, RMRJ)*

Outro que discorreu um pouco mais sobre o que considera “masculino” – ou o que não considera – foi William. Assim como Diego, ele cita o tom de voz de um homem como caracterizador de masculinidade ou feminilidade. Mas vai além: menciona também roupas e “biotipos”:

- *Você falou que não tem um tipo de homem, mas um homem afeminado te atrai?*
- *(Pausa) Nunca me atraiu. Talvez por aquela coisa de não ter paciência para personagens criadas. Nunca olhei para afeminados, quando falo afeminados são aqueles que realmente tem aquele biotipo de querer usar roupas*

femininas, coisa parecida, aquela voz muito mais fina do que realmente é que tem. Para mim, isso são os afeminados. Nunca olhei para eles e desejei nenhum deles até hoje. Pode ser coisa da minha cabeça? Pode, mas eu olho e falo “beleza”, e acabou.

– Amizade tudo bem, mas não passa daqui...

– Não. Até mesmo porque se eu ver um homem de calcinha eu vou começar a rir. Porque já aconteceu comigo. Então... não rola. Eu vou rir. Então, para mim eu tinha aquela coisa de que eu busco um homem. Eu não busco uma mulher. E toda vez que eu vejo uma afeminado ao extremo, eu vejo muito mais mulher do que o homem. E eu não tenho desejo por mulheres. Então, automaticamente eu nunca vou ficar com afeminado. (William, 43, ESB)

Signos há tempos dissociados do feminino e que já se tornaram “unissex” ainda incomodam. Durante nossa conversa, John mencionou várias vezes que está vivendo um processo de “desconstrução” e de “aprendizado” – em resumo, revendo conceitos e preconceitos. Mas, ainda há questões “não superadas” relacionadas ao desejo:

– [Você também curte] homem afeminado?

– (Pausa) Eu não curto muito, cara. É... vamo lá. Já sai com caras afeminados, normalmente mais novos. O carinha mais novinho que... tudo bem, pode ser afeminado, que eu não ligo. Mas assim... Muito afeminado não, eu não gosto, não sinto atraído. E até questões de, por exemplo, tudo o que me lembra o feminino eu respeito, mas não me atrai.

Porque, por exemplo, o cara, ele tem cabelão até aqui [gesticula representando cabelos longos], eu não curto. Cortou o cabelo, “caralho, ficou o maior gato! Deixou o cabelo curtinho”... É algum gatilho, alguma coisa que... Porque me lembra a questão de, talvez por ser uma família evangélica, tudo cabelão... Ia na igreja, cabelão. Então, o cabelo comprido me lembra mulher, me lembra feminino. Me traz isso. Então me trava.

– Então, o feminino também no físico e...

– No aspecto.

– E no jeito.

– Jeito, na gesticulação também. Hoje em dia, é claro, né? Tem algumas coisas que é questão de fetiche. Botar calcinha, alguma coisa que seja de mulher, eu não ligo, mas não é meu forte...

– Mas aí você está falando especificamente do fetiche, e num momento que é extremamente privado...

– Sim, exatamente, mas normalmente, naturalmente não me atrai nada que seja feminino. Isso é atração física, respeito a pessoa. Mas não me sinto atraído. Questões de cabelo grande, às vezes eu fico tentando, sabe, “porra, mas isso não tem nada a ver”. Eu acho que talvez tenha um peso também da minha educação conservadora. Pessoa muito cheio de piercing, brinco, tatuagem. Eu sei que isso não tem nada a ver em termos de trabalho, mas a atração... (John, 51, RMRJ)

Em relação a seu “tipo” de homem, Gérson é objetivo: diz que gosta de homem, e que ele pode ser “de qualquer jeito”. Mas, há um “exceto”:

– Qual é seu tipo de homem? Eu quero saber assim é em termos de raça? Posição sexual? Nível social? Você tem alguma limitação? Tem alguma preferência? Não tem? Como é que você vê isso?

- *Eu sou muito... Eu gosto de homem. Isso que eu descobri. Ele pode ser de qualquer jeito.*
- *“Eu não tenho tipo, eu tenho pressa.”. É isso?*
- *(Risos) Pois é. Eu gosto dos ursos. Eu gosto dos coroaas... Agora, quando eu digo assim: “Eu gosto”, tô falando puramente da questão sexual. Né? Porque, se for para construir um relacionamento, aí tem que ter mais afinidade.*
- *O foco é mais na questão do desejo apenas. O desejo sexual.*
- *Nesse caso, então, são todos. Todos. Negros, brancos, morenos, pardos. Isso daí é... O que eu descobri, depois que eu me assumi, é que o corpo masculino... Assim. Não. Agora vou contar uma coisa: os homens efeminados [sic] não me atraem. O que eu descobri ao longo dessa vida aí, depois que eu me assumi, de 12 anos para cá, o que me atrai muito é a masculinidade. E aí eu acho que daria até muita discussão psicanalítica. Por que será a masculinidade é que me atrai?*
- *Mas de qual masculinidade você está falando? Agora quero que você detalhe, porque você participou de um minicurso sobre masculinidade⁹⁴ (risos).*
- *(Risos) Aí é que tá. É aquela masculinidade que realmente representa um homem... tido como padrão na sociedade. Olha que coisa mais curiosa, né? Um homem heterossexual. Então, o cara efeminado ele não vai despertar desejo sexual em mim. Ele não desperta. Eu não consigo sentir desejo sexual por ele, mas o cara mais... Em teoria... o cara mais... másculo, né? Aí sim. Esse sim. Não precisa ser também um durão. Assim. Mas se ele for muito delicado eu não consigo vê-lo como parceiro sexual. (Gérson, 42, RMRJ)*

Gérson, assim como John, tenta encontrar respostas para esse desejo voltado para o masculino.

John credita tal “bloqueio a afeminados”, e mesmo a homens que usem signos associados à mulher, a uma educação conservadora. Contudo, convém lembrar que ele é oriundo da carreira militar. E, como seu pai era militar, ele conviveu bastante com um modelo de masculinidade típico dessa atividade profissional – que transmite força, resistência, disciplina e conservadorismo – desde a infância.

Gérson fala de explicações psicanalíticas. Mas, ao reconhecer seu tesão em um padrão de “homem heterossexual” – que não precisa ser “durão”, mais próximo do “padrão militar” vivido por John, mas não pode ser “muito delicado” –, ele não se torna exceção, mas sim regra. Seja no universo dos sujeitos desta pesquisa, seja em outros ambientes, como aplicativos de “pegação” – onde “masculinidade” se confunde com expressões como “discreto” e “fora do meio”.

Outro ponto em comum é que Gérson, assim como John, também é oriundo de uma família evangélica. Isso, inclusive, afetou a assunção de suas

⁹⁴ Lembrando que conheci Gérson durante um minicurso sobre masculinidades, no 2º Seminário Internacional Gênero, Sexualidades e Educação na Ordem do Dia, promovido pela Faculdade de Formação de Professores (FFP) da UERJ. Foi quando ele se ofereceu para participar desta pesquisa.

homossexualidades, como se verá no próximo capítulo. E, certamente, também contribui para essa modulação do desejo por homens “masculinos”.

Bernardo, em suas primeiras experiências sexuais, ainda “garoto novo”, como diz, “brochou” ao transar com um cara másculo, que, quando tirou a roupa, estava de calcinha. Isso quebrou os “signos de virilidade” que ele valoriza.

O tempo passou, e hoje ele admite que fazer sexo com um homem trajando uma calcinha já não seria “brochante” ou traumático – porque estaria dissociado da masculinidade, já que pode se tratar de um fetiche ou estar restrito a momentos de grande intimidade ou fantasia sexual. Mas a atração continua sendo por “caras mais másculos”:

Como dissemos anteriormente, a masculinidade não está relacionada com o fato de ser ou não penetrado, de ser ativo, masculino, e passivo, feminino. É a representação de gênero – seja no cotidiano, seja durante o ato sexual – que mostra quem é “ másculo” e quem não é.

Ao mesmo tempo, há uma dissociação entre “ser másculo” e “ser machão”, como pontuam Gérson e Bernardo. Embora relacionem seus sujeitos de desejo a uma masculinidade tida como heterossexual, há um limite claro entre esse tipo e o homem que reproduziria uma masculinidade “hegemônica”, conforme Connell (1995), superviril, reprodutora de hierarquias de gênero e de violência.

É o “ másculo” que também importa no desejo de Maurício – que se assume passivo, embora por causa de uma contingência médica. E ser “comido” não transforma o homem numa mulher. E nem é isso que ele deseja quando está na cama com alguém:

– Hoje em dia sou mais passivo. Sou passivo porque eu tive um problema no pênis, de muitos anos, de tanto meter, meter, meter, chamado ‘Peyronie’ [uma síndrome que causa a curvatura do pênis em ereção e que pode provocar desconforto ou mesmo impossibilitar a penetração]. Até tô num hospital há um tempo, pra tentar fazer a cirurgia. Então, isso atrapalha com que eu consiga fazer uma penetração. Mas, fazer o quê? Já que tá dentro, relaxa e goza...

– Mas foi o Peyronie que te fez se tornar mais passivo? Você tem prazer em ser passivo?

– Não, não. Eu tenho prazer em ser passivo. Mas é que o Peyronie me dá dificuldade de penetrar, não consigo fazer a penetração. Se eu não consigo fazer a penetração, eu não consigo ser ativo. Então, tive que assumir a posição só de passivo.

– Mas você tem prazer em ser passivo?

– Sim, sim. Tenho prazer com os dois. Na realidade, sempre gostei de ser versátil. Eu acho assim, uma relação entre duas pessoas, o que eu acho que mais dá certo é os dois serem versáteis. Porque um complementa o outro,

entendeu? Porque o que eu mais fico puto é com pessoas que são passivas que acham que são uma mulher na cama. Não, cara, você não é uma mulher, você é tão gay quanto o outro, que tá te comendo. Vejo muito isso, e acho uma posição errada. Você não é mulher, você é um homem, e o seu desejo sexual é por outro homem.

– Homens afeminados te incomodam?

– Não. Mas na cama realmente não me atrai. Até fiquei com unzinho ou outro, mas não é o meu tesão, não me atrai. Nada contra, muito pelo contrário.

– E em termos de círculos de amizade, algum problema?

– Não, sem problema nenhum. Em hipótese alguma! Só que não é a minha ser afeminado, ‘ah, preconceito’, não, é porque o meu jeito é esse. Já brinquei com amigos, de ‘dar pinta’, mas é diferente. O meu comportamento normal é esse aqui, que você tá vendo. (Maurício, 59, RMRJ)

Rodrigo, inicialmente, parece não ter ressalvas a desejar homens não tão “masculinos”. Mas, no decorrer de sua fala, demonstra certa confusão quando perguntado sobre seu desejo. Fala de seu “aprendizado” ao conviver com outras pessoas LGBTI+ em um curso, sobretudo com mulheres e homens trans e gays “afeminados”. Assim, trata de “aceitação” ou “tolerância”, quando a questão era sobre preferência “sexual” – ou melhor, de gênero.

Além disso, Rodrigo mostra certo constrangimento em admitir que tem mais atração por homens “masculinos”. Esse sentimento é parte de sua confusão entre aceitação/convivência e atração/tesão e de, talvez, ser visto como um homem preconceituoso:

- Quando eu fiz o curso da MicroRainbow, né, foi uma coisa muito bacana. Porque tive uma convivência maravilhosa com toda a diversidade da comunidade LGBT. De homens, de mulheres trans. Entendeu? Gays afeminados e tal. Eu aprendi muito... Muito... Muito...

– Tá. Mas isso alterou o seu tesão? Porque eu tô falando de tesão.

– De tesão?

– É disso que eu tô falando.

– Alterou sim.

– Eu não tô falando de aceitar.

– Alterou sim. O meu tesão sim. Principalmente homens afeminados também. Me alterou também o tesão. Alterou sim. Se eu dissesse que não, estaria mentindo... mas outra coisa que eu aprendi muito mais que tinha esse preconceito... não é um preconceito, mas digo assim, ignorância. Acho que o preconceito é uma palavra muito forte. Que também eu faço parte da comunidade. Eu aprendi muito mais. Aprendi muito a enxergar a minha a visibilidade de um homem trans e de uma mulher trans também. Eu tinha uma limitação. Não porque... eu vou ser bem honesto. Eu não tenho tesão por mulher trans e nem por homem trans, mas eu tenho tesão por homens...

– O que você tá falando, ou o que que eu tô entendendo... O corpo da mulher não te atrai. Ponto. Seja ela trans ou cis.

– É. É. Não me atrai.

– O que te atrai é o corpo masculino.

– É. Sim.

– Não só um corpo masculino, mas a atitude masculina, te atraem mais do que homens que não são tão masculinos, são afeminados. O que te atrai?

– [Ele balança positivamente com a cabeça].

- Cara, eu não posso estar respondendo por você (risos).
- É. Sim. Sim. Me atraí. Pronto. (Rodrigo, 50, RMRJ)

Há quem faça mais “concessões” a homens não tão masculinos. Mas há limites – ao menos para Régis:

- Tem gente que fala assim: “Ah. Eu não curto afeminado.”. “Ah. Eu curto homem mais masculino.”. Você tem alguma...
- Não! É... (Pausa) Imagina! Afeminado eu acho lindo! Já fiquei também. Eu tinha um namoradinho em Porto Seguro. Não, minto. É, ele era de Salvador, mas morava em Porto Seguro. Ele era muito afeminado. Muito afeminado. Ele sentia necessidade de ser afeminado até que ele virou drag queen. Aí, depois que ele virou drag queen, eu falei: “Olha só. Não dá. Aí não dá mais”. Se eu gostasse de mulher eu estaria com a mulher. Você entendeu? Assim. Tem pessoas que têm preferências sexuais por travestis. Mas assim, eu acho que, se eu se for para eu deitar com uma mulher eu caso e ficou logo com a mulher. Entendeu? (Régis, 51, ESB)

A drag queen é uma personagem vivida por homens, que se travestem de mulher – em algumas situações, bastante caricatas, em outras, extremamente fiéis ao “original” feminino. Não se trata de homens que “assumem” uma identidade feminina permanente, mas apenas em determinadas ocasiões.

Assim, Régis não via problemas em seu namorado “muito afeminado”, mas rompeu o relacionamento quando ele decidiu se tornar uma *drag queen*. Ou seja, ainda que tal representação fosse momentânea e restrita – é isso que caracteriza uma *drag* –, foi o suficiente para que ele visse aquele homem como uma mulher.

Por fim, Tiago foi o único que assumiu não ter problemas em se relacionar com homens “não-masculinos”. Mas sua resposta foi bastante objetiva e sem qualquer desdobramento ou justificativa, apenas respondendo que sim quando perguntei se pegaria de boa um cara afeminado.

Em resumo, os sujeitos desta pesquisa pertencem a uma geração⁹⁵ para a qual “ser homem”, ser “masculino”, era não apenas um aprendizado “natural”, comum a qualquer pessoa que, ao nascer – ou mesmo antes, por meio do ultrassom – tinha um pênis e era, portanto, chamado de homem. Com o passar do tempo e o desejo por “iguais” batendo à porta, reproduzir esses padrões de masculinidade era também

⁹⁵ É preciso reiterar que, aqui, a “geração” que identifica o “masculino” traduz-se na “reunião de condições subjetivas que permitam a participação do indivíduo na produção dos mesmos códigos de entendimento”, e não o fato de estarem numa faixa etária aproximada, conforme explica Alves (2009), como elaborado no capítulo 2. Essa “memória coletiva” comum do “ser homem”, que une esses sujeitos numa mesma situação/posição geracional, pôde ser percebida nos seus relatos.

evitar problemas com a família ou em outros espaços de sociabilização da vida cotidiana. Era garantir respeitabilidade e dirimir suspeitas sobre seu desejo.

Era, também, ter mais “valor de desejo” no mercado homoerótico. Este deixou guetos e se tornou mais evidente com a ampliação de direitos de cidadania da população LGBTI+ – conquistada a duras penas, sobretudo por aqueles que eram “afeminados”, “pintosas”, que “desmunhecavam” e que assumiam publicamente uma identidade nada viril ou máscula. Entretanto, esse mercado continuou reproduzindo estereótipos da “supervirilidade” mencionada por Pollak (1985).

Obviamente, não se quer dizer que não haja “afeminados” na geração desses homens. Mas, como se percebeu, o reconhecimento dessa feminilidade nem sempre se dá de forma autônoma. Ocorre, muitas vezes, pela “acusação” do outro. Assim, talvez alguns sujeitos desta pesquisa que se dizem “masculinos” não sejam considerados como tal por outros homens gays. São as relações, as situações e os contextos que vão apontar as fronteiras entre o masculino e o feminino.

Quando Pollak (1985) valorizou a supervirilidade que se associou ao que ele chamou de “identidade homossexual”, no final dos anos 1970 e início dos anos 1980, ressaltou: “Caso em um futuro próximo a sociedade se tornasse mais tolerante para com a homossexualidade, poderíamos esperar um abrandamento dessa necessidade de construir uma imagem “machista” (POLLAK, 1985, p. 69). Será que atingimos esse ponto?

Não teremos uma resposta objetiva a essa questão. Mas podemos trazer dois exemplos de que padrões “tradicionais” de masculinidade continuam permeando os sentimentos e as relações de homens que se relacionam afetiva e/ou sexualmente com outros homens. E falamos aqui de homens de meia idade, que, mesmo que tentem se desconstruir, ainda reproduzem tais valores.

Em 2012, conversava com um amigo, gay, assumido, casado com outro homem. À época, ele tinha por volta de 50 anos. Falando sobre as paradas LGBTI+ que são realizadas em todo o país – e sobre a diversidade de pessoas que esses eventos atraem, incluindo os gays tidos como “pintosas” –, esse amigo deixou claro: “essas bichinhas não me representam”.

Na conversa com Gustavo para esta pesquisa, ele contou que tinha “muitos gays” no lugar onde mora, um distrito de Mucuri, no Extremo Sul da Bahia. Perguntei se, por se tratar de um lugar pequeno e de interior, havia um “olhar crítico” a esses homossexuais assumidos.

- *Eu acho que hoje não tem mais esse olhar tão crítico. Ainda tem. Não sei se... É em Prado que você fica?*
- *Prado.*
- *É. Em Prado pode ser diferente, porque é litoral e tudo, né? Hoje, quando eu vejo no centro da cidade, tem muitos jovens que são assumidos. E você passa em certos barzinhos, ou em certos... Nas pracinhas, então, você vê os grupinhos dos jovens assumidos. Nunca, nesses anos que tô aqui, nunca vi um caso de: “ah, ele apanhou porque é gay, porque tava lá em cima de outro homem”. Não. Eu acho que hoje tá mais aceito. Acho que eles acostum... Vamo dizer, entre aspas, “acostumou”, né?*
- *Você acha, então, que tem aí uma galera nova chegando que tá meio assim, rompendo barreiras, de alguma forma ou marcando posição?*
- *Tem sim. De uns tempos pra cá que eu vejo. Eles não têm mais aquele receio. Aquele medo de... Eles vão. Saem. Têm muitos... É, posso dizer assim, muitos afeminados, né? Aqueles que... como diz, aqueles que fazem aquelas baixarias. Que gritam no meio da rua e tal. Então, pelo que eu vi e vejo, eles estão quebrando muitas barreiras na cidade. É lógico que ainda tem aquelas piadas sem graça.*
- *E aí pesa nas críticas sociais também, né? A questão de comportamento, sexualidade, tudo isso, né?*
- *Sim. É o que vejo. Que eu, às vezes... Não sei se a gente está saindo fora de contexto da sua pergunta. Até os meus colegas de trabalho falam: “Não, mas não precisa ser assim, né? Aquele gay todo afeminado ou fazer essa baixaria, né?”. Eu falo: “Mas ele se sente bem, gente. E o estilo dele, né?”. É lógico que uns exageram um pouco, né?*
- *Mas incomoda você, por exemplo, alguns... alguns atos... incomoda num sentido assim: “eu acho que é exagerado.”?*
- *Então... Um pouco. E depende do ambiente em que você estiver. Entendeu? Eu acho que tem... Eu não vejo... Se pessoa se sente bem como ela é, pra mim tanto faz, né? Mas eu acho que tem certos ambientes que não cabe esse nível, né? Mas, assim, eu não convivo muito com as pessoas, vamos dizer assim, desse nível, né? Não querendo rotular... Nunca tive muito amizades assim. Mas se me incomoda? Às vezes me incomoda, porque eu acho que pega pesado em algumas coisas, né? Mas...*
- *O que é “pegar pesado”?*
- *(Pausa) Não sei. Como eu posso dizer? Às vezes, você tá um barzinho e sei lá. Aí chega. Aí começa... Posso dizer baixaria? Pode?*
- *Viadagem?*
- *É uma viadagem muito grande (risos). Porque, assim, eu e meus amigos, a gente faz essas viadagens. Fala: “aí, mona, e aí? Mas, mulher” e não sei o quê. Mas isso dentro de casa, né? Eu acho que lá fora, se você está num bar que não é GLBT (sic), eu acho que não convém você vai fazer isso. Porque aí as pessoas falam: “essa é a imagem dos gays. É isso. É aquilo. É desse jeito.” Eles acabam rotulando todos os gays iguais, né? Mas, a gente aprende a conviver. (Gustavo, 42, ESB)*

Os jovens apontados por Gustavo quebram os padrões de masculinidade e se tratam no feminino em uma cidade de interior. E isso acontece em qualquer lugar. “Dão pinta” sem se importar com as opiniões alheias.

Há aqui também um conflito geracional. Como já dito, esses sujeitos de meia idade cresceram sob padrões de masculinidade que os moldaram como “homens”, ainda que desejem outros homens. Portanto, suas homossexualidades não modificam sua visão sobre como um homem “de verdade” deve se portar – performar. Ao

contrário dos jovens apontados por Gustavo, que “pegam pesado” e fazem “baixaria” – a “viadagem” em qualquer lugar.

E essa performance “afeminada” preocupa, porque cria a imagem dos gays no meio social. Assim como “essas bichinhas” não representavam meu amigo, são elas que “acabam rotulando” todos os homens homossexuais. Em ambos os casos, fica evidente a oposição entre nós, homens de meia idade que transam com outros homens, mas “sabemos nos comportar” como homens, e os jovens, “bichinhas” afeminadas que se expõem – e expõem também os gays mais velhos, mas que são másculos.

Aprende-se a conviver, aprende-se a se divertir, aprende-se até a “aceitar”. Mas, sentir-se representado ou “igual” a homens “afeminados” – com todos os senões que já abordamos sobre o “ser masculino” e o “ser afeminado – ainda parece algo distante.

Até aqui, falamos desses homens no presente: como (e se) perceberam a passagem do tempo; se usam (ou não) recursos para “disfarçar” ou “empurrar” o envelhecimento, seja na aparência, seja com cuidados para suas saúdes física e mental; e como se veem na “casa dos homens” e da(s) masculinidade(s).

Também vimos um pouco de como esses sujeitos vislumbram seu futuro: o que mais temem que aconteça com eles com a passagem do tempo, tanto no corpo exterior, apresentado socialmente, como no funcionamento desse corpo; em que nível a disfunção erétil e a impotência, como “efeitos” possíveis do envelhecimento, é motivo de preocupação; e como agiriam para “combater” tais males, caso (ou quando) eles apareçam.

No capítulo a seguir, vamos retornar no tempo. Vamos ao passado desses sujeitos. Eles vão falar sobre a descoberta de seus desejos e de sua sexualidade. Vão contar como tais desejos se moldaram a partir do relacionamento com a família. Vão falar de outras instituições sociais, como a igreja e a religião, como fonte de repressão desses desejos. E como tais desejos, em algumas situações, permitiram situações de violência, associada à realização de prazeres e, por isso, disfarçadas de certa “normalidade”.

7 O QUE PASSOU, FICOU: DESEJOS, FAMÍLIA, RELIGIÃO E VIOLÊNCIAS

Pecado original

*Todo dia, toda noite
Toda hora, toda madrugada
Momento e manhã
Todo mundo, todos os segundos do minuto
Vivem a eternidade da maçã
Tempo da serpente nossa irmã
Sonho de ter uma vida sã*

*Quando a gente volta
O rosto para o céu
E diz olhos nos olhos da imensidão:
Eu não sou cachorro não!
A gente não sabe o lugar certo
De colocar o desejo*

*Todo beijo, todo medo
Todo corpo em movimento
Está cheio de inferno e céu
Todo santo, todo canto
Todo pranto, todo manto
Está cheio de inferno e céu
O que fazer com o que DEUS nos deu?
O que foi que nos aconteceu?*

*Quando a gente volta
O rosto para o céu
E diz olhos nos olhos da imensidão:
Eu não sou cachorro não!
A gente não sabe o lugar certo
De colocar o desejo*

*Todo homem, todo lobisomem
Sabe a imensidão da fome
Que tem de viver
Todo homem sabe que essa fome
É mesmo grande
Até maior que o medo de morrer
Mas a gente nunca sabe mesmo
Que quer uma mulher
(Caetano Veloso)*

Segundo Barreto (2020), a canção “Pecado original” foi composta por Caetano Veloso em 1978. A música integrava a trilha sonora do filme “A dama do loteação”, baseado na obra de Nelson Rodrigues e dirigido por Neville D’Almeida. No referido

ano, alguns sujeitos desta pesquisa estavam entrando ou já viviam a adolescência; alguns eram crianças entre seis e oito anos; alguns eram bebês, recém-nascidos e com até dois anos de idade; e outros sequer tinham nascido.

O que nos chamou atenção nessa música é quando Caetano pontua que “a gente não sabe o lugar certo de colocar o desejo”. E embora a história do filme trata de um casal heterossexual, no qual a mulher seduz homens para provar que não é frígida⁹⁶, o “não saber o lugar certo do desejo” também vale para nossos sujeitos. Afinal, suas vontades, quando sentidas ou percebidas por eles, iam contra a norma heterossexual que permeava suas relações familiares, inicialmente, e se estendia para outros campos da vida social.

São narrativas e vivências variadas, mas que apresentam similaridades, sejam de homens nascidos e criados no Rio de Janeiro, no extremo sul baiano ou em outras cidades do país. Por isso, vamos resgatar a percepção da descoberta do desejo homoerótico, o impacto disso nas relações familiares e próximas, a influência de dogmas religiosos e a sensação (ou não) de violência por situações que, hoje, seriam consideradas abusivas, sobretudo legamente.

7.1 “Eu sempre soube que era diferente”: desejos – e medos – de menino

Vejam agora como os sujeitos narram a descoberta de suas homossexualidades.

– Em que momento da sua vida você percebeu que gostava de se envolver afetivamente e/ou sexualmente com homens?

– Nossa (risos)! Desde criança! Quando eu era pequeno, eu fui garoto de rua. Vendia bala, revista, pra poder sobreviver. Eu trabalhava na rua, desde os 9 anos de idade.”

Às vezes, eu passava nas bancas de jornal e via aquelas revistas importadas, de halterofilismo, e eu ficava admirando o camarada musculoso, aquela coisa assim... mas eu não sabia explicar o que era.

⁹⁶ A sinopse de “A dama do loteação”, de acordo com o site “Adoro Cinema”: “Carlos (Nuno Leal Maia) e Solange (Sônia Braga) se amam desde jovens e, após um casto namoro, se casaram. Na noite de núpcias, Solange se recusa a fazer amor com ele. O marido implora e sem sucesso, em um acesso de raiva, estupra a esposa. Solange afirma que o adora, mas nos meses que se seguiram ao casamento ela não pode ser tocada por Carlos. Para provar a si mesma que não é frígida, começa uma rotina diária de seduzir homens que ela nunca viu nem verá novamente e nem mesmo sabe seus nomes. Além disto, ela tem relações com o melhor amigo de Carlos e até mesmo com seu sogro (Jorge Dória). Carlos entende que ela é infiel e, armado, confronta Solange. Enquanto isso, ela busca ajuda psiquiátrica, pois não sente nenhum remorso”. Disponível em < <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-143418/>>. Acesso em 24 de fevereiro de 2023.

Aos poucos, eu fui aprendendo isso sozinho, que eu gostava de outro homem. Não tinha como, eu tinha medo de falar. Achava aquilo uma coisa absurda, que tava errado. Na realidade não tava. E aí, eu comecei por mim mesmo a descobrir.

Comecei a ter aquele negócio de ‘meinha’⁹⁷ com os coleguinhas, aos 13, 14 anos. Mas até então não sabia que aquilo ali se determinava ‘homossexual’, não tinha entendimento.

Entendimento mesmo do que era ser homossexual, que, na minha época, e na sua também, eles falam ‘entendido’, eu vim saber sobre isso tudo mesmo aos 17 anos de idade.

Aos 14, eu tive uma relação mais aberta com um outro camarada que também tinha o maior medo, ele tinha 24 anos, eu tinha 14. Foi um motorista de ônibus da linha 220 (risos)... quando eu ia pra Tijuca comprar as revistas, aí teve aquele conhecimento com ele. E aí também não sabia o que era aquilo. Foi quando ele me deu o primeiro beijo na boca... eu gelava, eu suave, achava aquilo errado, né... E aí, ele fez a penetração pra valer e me pegou de jeito (risos)... fui pra casa assustado, achando que eu ia chegar em casa e todo mundo ia perceber... A única coisa que eu sentia era medo de chegar em casa e minha mãe notar alguma coisa diferente, perceber que eu tinha dado o rabo e beijado um camarada... (risos). Era esse o meu medo. Então, foi muito pelo contrário, eu gostei, curti, achei ótimo.. (Maurício, 59, RMRJ)

– Eu sempre senti que gostava dos meninos. Quando eu estava na escola eu sentia que, eu achava o cara assim, primeiro ano, eu tinha cinco anos, seis anos, e eu achava lindo os coleguinhas... e quando eu estava no oitavo ano eu achava lindo o professor. Eu sabia que tinha uma coisa assim estranha, mas eu não entendia o que era. Não entendia, porque, quando ia para a igreja, escutava falando de Deus, de que os homossexuais não entravam no reino dos céus. E o pastor falava, era uma voz horrorosa, eu sentia no coração uma angústia horrível. Mas eu sempre fui.

– E como é que foi o início, partir do desejo para a prática? Quando foi e como?

– Eu tinha 18 anos, eu trabalhava, e no trabalho você conhece muita gente, e tinha um cara que me ficou olhando, depois a gente ficou e a gente começou a ir para uma boate, ia para a boate gay. Então, eu assim, eu falava que não era gay, que estava ainda me descobrindo... Assim, acho que é um papo que todo mundo fala, porque eu até tinha namorada, eu tinha namorada e namorado. Agora, a minha namorada, eu não poderia falar que me apaixonei por ela, não, mas eu me sentia muito seguro com ela. Ninguém ia falar de mim, “Ah, você é viado”. Então, meus amigos, primos tinham namorada, e eu, mas eu tinha uma vida dupla, né... tinha os meus peguetes, ia para a boate, ficava lá e depois eu tinha minha namorada, ia caminhar pela rua com a namorada, seguro, feliz da vida. Às vezes via um pequete, “oi, tudo bem, ah, ela é minha namorada”, porque eu sempre falei que eu tinha namorada, então me declarava como bissexual, mas eu... nunca me senti bissexual, eu nunca senti que me apaixonei por ela de verdade, mas me sentia seguro, eu sentia bem com ela, até sexo eu fiz, tudo, bem. Depois, quando terminava, nossa, me sentia muito mal... (Diego, 41, RMRJ)

⁹⁷ No Rio de Janeiro, “meinha” era o nome dado a relações eróticas entre meninos. Em geral, essas ações eram consideradas “brincadeiras de criança” e podiam ou não envolver penetração. Assim, a “meinha” funcionava como uma espécie de “iniciação sexual”, e embora feita entre meninos, não necessariamente era indicativo de que esses meninos eram homossexuais, justamente pelo tom de “brincadeira” e de uma realização do desejo sexual fortuita, sem maiores consequências. Não deixa de ser um exemplo das práticas relacionadas à casa-dos-homens, conforme Welzer-Lang (2001).

A escolha dos depoimentos de Maurício e Diego para iniciar este subcapítulo não foi aleatória. Trata-se dos dois “extremos etários” desta pesquisa: o primeiro, com 59 anos quando conversamos, em fevereiro de 2020; o segundo, com 41 à época de nossa conversa, em outubro de 2021.

Praticamente 20 anos separam esses homens de meia idade. Entretanto, essa diferença cronológica, relativamente ampla, é anulada quando ambos relatam o momento do curso de suas vidas em que sentiram desejo por pessoas do mesmo sexo. Ainda que Maurício tenha tido a rua como o local dessa sensação e Diego, a escola, os dois relatam que “desde criança” sentiam essa vontade. Seja vendo corpos musculosos em revistas exibidas em bancas de jornais, como relata Maurício, seja achando os coleguinhas e o professor lindos, conforme Diego.

Frise-se que a “sensação” desse desejo não se traduz, de imediato, em uma “percepção”, ou “explicação” dele. Ambos falam dessa dificuldade de entender o que estava acontecendo. Crianças, apenas sentiam algo “diferente” por iguais. Mas o porquê disso era ignorado.

Para Maurício e Diego, entretanto, a boa “sensação” era anulada pela percepção de que se tratava de algo errado, condenável. A família, de um lado, e o pastor da igreja, de outro, deixavam isso evidente. Ainda que ambos não soubessem do que se falava – e nem o que sentiam.

Tanto o momento da vida em que surgiram os desejos, como o sentimento de culpa, de estar “fazendo algo errado” – seja por conta da família, seja pela religião, seja por ambos, e seja também pela convivência social em outras instituições, como a escola –, também fazem parte da história de outros homens:

Acho que desde a minha adolescência. Na verdade, é... pelo que as pessoas como contam, né, meus irmãos, às vezes... Hoje a gente tem mais liberdade para isso, porque as pessoas falam. Criança, já tinha esse caminho assim. Eu acho que achavam, né, que seria assim. Mas eu me vi mesmo na adolescência. Eu acho que lá pros meus 10, 11 anos de idade... Então, na escola, com os colegas e tal, assim, então a gente já percebia esse interesse, sim, por homem. Só que aí eu fui crescendo... Como eu falei, né? Meus 14, 15, 16 anos, e aí parece que essa aceitação inicial é muito complicada, né? É um turbilhão de coisas que passa pela cabeça da gente. Aí é a religião, que às vezes entra nisso, porque, como falei, eu era muito católico praticante. Então, era a religião que entrava nessas questões. Aí vem a família também que fica cobrando muita coisa de você. (Armando, 46, ESB)

– Uma coisa é você saber que é diferente, e outra coisa é você racionalizar, entende? Eu sempre soube que eu era diferente
– “Sempre” desde quando?

– Desde que eu me entendo por gente, desde sempre. Eu não consigo ver um dia na minha vida que eu tenha me interessado por mulher, não significa que eu não saía com mulher. Nunca me interessei por mulher. Sempre me interessei por homem. Me incomodou um pouco o que era entender isso. Agora, a ficha só cai pra mim mesmo, a nossa geração, depois dos 24... eu demorei muito tempo para entender e aceitar. Mas eu sempre soube que era diferente. Eu só entendi o que aconteceu comigo há 24 anos.

– Mas quando foi o início da tua prática com outros caras, prática sexual, com outros caras, com qual idade?

– Dez anos, por aí. Já rolava ‘meinha’ com meu vizinho.

– Tinham a mesma idade?

– Mesma idade, e vizinho literalmente de porta. (Cláudio, 57, RMRJ)

– Uma coisa que eu me lembro, que desde que eu me entendo por gente, desde que eu me lembro... Com dois ou três anos eu gostava de vestir a roupa da minha irmã. Eu simplesmente entendi que era gay, e eu reprimi isso.

– Você tinha atração por homens desde criança?

– Aham. Sim. Mas só que, poxa... Mas só na cabeça... meu pai nasceu na década de 20 [1920], a minha mãe nasceu na década de 40 [1940], no interior da roça. Imagina? Pra eles falarem e conversar com isso, né? Hoje em dia... Não tinha essa abertura como tem hoje.

Nunca namorei mulheres. E o detalhe, né? Na época da escola eu era o viadinho da turma. Era: “Ah, o viadinho”, “vem a bichinha”. Enfim... E eu sofria demais com isso. Com esse bullying. (Rodrigo, 50, RMRJ)

– O desejo sexual, a gente desperta ali, na pré-adolescência, na adolescência, dez, 11 anos. Mas, assim, nessa época eu já sentia atração por homens. Eu me avalio e lembro de episódios que eu estava na minha infância, mesmo não sendo erotizada, não tendo o teor sexual, mas eu sentia que aquilo já era um caminho que eu estava percorrendo, como, por exemplo, com sete ou oito anos, quando eu brincava com os amigos e gostava de abraçar os amigos. Os meninos, sabe, eu me sentia bem abraçando, tendo aquele contato físico, mesmo não sendo uma coisa erotizada. Obviamente que, com 10 pra 11 anos, aconteceram alguns episódios também.

Era brincadeira de criança, mas assim, naquela época eu já me culpava. Eu já sentia que eu não queria aquilo. Mas eu tinha atração, mas é toda aquela carga que a gente recebe de que isso é errado. Eu não queria.

Eu comecei a lutar contra mim mesmo, contra o meu desejo. Então, adolescência, com ali 13, 14, eu entrei pra igreja.

– Teus pais já eram na igreja?

– Eles eram da igreja, mas não frequentavam há um bom tempo. (John, 51, RMRJ)

Embora more no Rio de Janeiro há algumas décadas, John nasceu em uma cidade do interior do país, onde também viveu sua infância e pré-adolescência. Seu pai era militar – carreira que ele também seguiu – e foi transferido para lá. John morava numa vila de casas para oficiais militares e suas famílias, e frequentava um clube de lazer também destinado a militares e familiares.

Estamos falando, portanto, de uma carreira profissional e ambientes a ela relacionados marcados pela valorização do masculino e da heterossexualidade, da

disciplina e da hierarquia. Entretanto, foi nesses espaços que John “sentiu” – e viveu – seu desejo homossexual, inicialmente de forma não-erotizada, segundo ele.

John também contou um episódio que o marcou bastante. Não pela culpa que sentia em estar fazendo “algo errado” ao viver brincadeiras sexuais com outros meninos, mas porque envolveu algo inusitado para ele: afetividade.

– Naquela época eu já tinha essa atração, principalmente com outro menino. Eu tinha 12, ele tinha 11. A gente fazia muitas brincadeiras naquela época, brincadeiras sexuais, que eu me culpava. Não achava correto.

E teve um episódio que me marcou bastante. Eu estava no meu quarto, que eu dividia um quarto com meu irmão, mas eu estava sozinho, e aí ele foi lá. “Vamos brincar, vamos brincar!”.

Só que o “vamos brincar” dele era o brincar sexual, a gente ficava roçando um no outro. Estava achando aquilo errado naquele dia. “Eu não quero, não estou afim”. E ele estava, inclusive, acho que com uma conjuntivite ou terçol, estava com o olho inchado, e eu estava deitado, sentado na minha cama, lendo e ele começou...

Ele trancou a porta do quarto, eu já pensei “porra! Ele vai querer alguma coisa”, pra trancar, pra ter privacidade. E aí ele começou a ficar insistindo, “por favor, por favor”, e começou a me abraçar.

Quando ele começou a me abraçar, eu comecei... Eu fiquei assustado com aquilo, e aí eu “não, não quero, não quero, sai daqui!”, e ele começou a me abraçar e dizer que me amava. “Por favor, não faz isso comigo. Eu te amo, te amo”, e começou a me abraçar.

Ele era um ano mais novo, eu peguei, empurrei ele, ou dei um tapa, não me lembro direito, e acertou no olho dele, que estava com um problema, e ele começou a chorar. E saiu do quarto. E aí a gente não se viu mais. O pai dele também era militar.

– Quando houve esse episódio, já tinha rolado sacanagens entre vocês?

– Já, já. E ele começou a me abraçar. E dizer que me amava, que para mim foi muito forte. Eu fiquei sem ação, e a primeira reação que eu tive foi tentar afastar, ou dei um tapa, não sei. E ele saiu chorando. E a gente não se falou mais. Aí, um mês, mais ou menos, depois, ou algumas semanas depois, o pai dele foi transferido para o Rio, e eu só vim aqui para o Rio acho que no ano seguinte, meu pai veio transferido para cá. Depois que eu vim para cá [Rio], nunca mais vi. Mas aquilo são coisas fortes, que ficam.... (John, 51, RMRJ)

O amor verbalizado pelo colega de “brincadeiras” incomodou John. Se o brincar já era considerado errado, ir além disso ampliava ainda mais essa culpa. Sua reação foi de afastar essa possibilidade de “errar” ainda mais, ainda que com alguma violência.

Há duas questões nesse episódio narrado por John. Primeiro, que a “meinha”, a “brincadeira entre meninos”, é algo relativamente normalizado, parecendo fazer parte do aprendizado da masculinidade. Afinal, se homens são seres sexuais “por natureza”, precisam extravasar esse desejo para “ser homem”.

Enquanto as práticas sexuais com mulheres não se iniciam, é preciso realizá-las do jeito que for possível. E como se trata de um desejo comum, as brincadeiras entre garotos funcionam como esse mecanismo. E também como garantia de segredo, tanto para os pais, já que estariam “fazendo algo errado”, como para a sociedade em si, já que se tratam de práticas homossexuais – embora eles não saibam o que é homossexualidade, apenas acreditam ser algo reprovável.

Entretanto, é preciso que tais práticas sejam puramente sexuais. Caso uma das partes demonstre afetividade ou amor, as “brincadeiras inocentes” podem se tornar perigosas. De um lado, isso evidencia como a construção das masculinidades separa sexo e afeto, ao contrário do que ocorre com as mulheres. De outro, também expõe o risco do jogo homoerótico ir além e transformar meninos brincalhões em “bichinhas”, gays e afins. E para reprimir tal emoção, às vezes é preciso ser violento.

Essa violência como autodefesa também esteve presente na vida de Bernardo, embora em situação diferente da ‘meinha’:

– *Foi cedo. Foi cedo. Eu já devia ter uma atração diferente por caras, eu acho, com 6, 7, 8 anos de idade. Mas a partir dos 10, 11 eu já sabia que tinha alguma coisa errada em mim.*

– *Mas, naquela época, você achava que era errado?*

– *(Pausa) Era errado, porque eu tinha um medo de que isso tudo podia trazer em relação à família. Mas com 10, 11 anos de idade, eu ainda não tinha esse pensamento tão complexo. Eu só achava que eu estava fazendo alguma coisa errada ou pensando em alguma coisa errada.*

De forma consciente, assim: “Nossa, eu sou gay”, a partir dos 13, 14. Mas mesmo assim eu tinha aquela coisa, achava que era uma fase, que vai passar...

– *Quando foi tua primeira relação com um cara?*

– *13 anos.*

– *O que que foi o mais legal e mais traumático nessa descoberta?*

– *(Pausa) Era tudo trauma. Porque eu era uma pessoa com o impulso sexual fortíssimo. Tanto que eu comecei cedo. Com 13 anos. Não podia fazer nada, porque era uma cidade pequena [Petrópolis, região serrana do Rio de Janeiro e hoje município incluído na RMRJ]. Eu não me sentia livre. Eu não conhecia... Não existia internet. Não tinha nada. Eu não sabia quem eram as pessoas. Era muita vergonha. Então, era horrível.*

Eu tinha uma vida legal, eu tinha amigos. Mas é claro que eu sofria no colégio com esse negócio de ser gay. É claro que... Às vezes, a gente não sabe o que é gay, mas os outros sabem que a gente é gay. Só que eu não era aquele gay que levava para casa. Eu brigava na escola. Ia parar na diretoria, brigava. Então assim era chato, mas isso não me impediu de viver.

– *Mas isso porque você não sabia o que era ser gay, mas quando alguém te chamava de gay você sabia que era ofensa?*

– *É. E eu sabia que tava querendo me machucar. E era uma coisa que eu mesmo não gostava. Que eu mesmo achava ruim. Entendeu? O meu maior medo era a minha família. Era a minha família. Era a minha mãe, meu pai. (Bernardo, 50, RMRJ)*

Outro que conviveu com nomes e acusações foi Régis. Inicialmente, sua solução para esse mal foi a mesma adotada por Bernardo: o confronto e a violência física. Com o tempo, porém, sua estratégia se modificou:

– Uns 9, 10 anos. Com 10 anos era bem garotinha já. Eu nunca tive vontade de ser mulher. Assim: “Quero botar roupa de mulher”. Coloquei algumas vezes, mas por trabalho. Artisticamente. Mas não que eu tivesse desejo de ser travesti. Ou desejo de ser mulher. Como muitos amigos meus. “Ah. Porque que eu não nasci mulher.”. Não.

Eu amo ser homem, sabe? Eu adorava ser homem, e gostar de homens e ver que outros homens tinham atração por mim. Isso me fazia muito bem, saber que outros homens tinham atração por mim. Que eu não era o único. Eu quero ser homem mesmo e gay (risos).

Não vou dizer pra você que eu não sofri... Lógico. Tem as perseguições na escola. Mas eu sempre fui muito bom de briga, capoeira, essas coisas. Então, assim, eu resolvia tudo na base da porrada mesmo.

– Então, o teu jeito de marcar posição era na porrada?

– Exatamente. Então, um moleque me chamava de viado, eu falava: “E aí? Sou viado mesmo”. Daqui a pouco o moleque tava querendo ir ao banheiro comigo. E aí eu espalhava que ele tinha ido para a cama comigo. Pra cama não, né? Na verdade, era pro banheiro. Então, assim, eles queriam me deixar com vergonha. Eles acabavam ficando com vergonha, né? “Ah, foi pra cama com viado.”

– Mas, desde criança, adolescência, o fato de ser chamado de viado... Você chegava e falava assim: “Sou viado mesmo.”?

– “Eu sou sim”, falava. Não. Nunca tive nem...

– Ou você sofreu quando falava: “Ah, o viado, a bichinha”...

– Não. Só quando realmente... Eu nunca sofri. Se eu disser para você: “Ah. Eu sofri. Fiquei triste. Chorei.”. Mentira. Nunca tive nada disso. Não é que para mim era um orgulho ser gay. Que ninguém escolhe ser gay. Ninguém escolhe ser avacalhado na rua. Ninguém escolhe ser xingado. Entendeu? Mas assim, pra mim era... Eu não sei, velho. Até hoje eu não entendo. Pra mim foi tão normal... (Régis, 51, ESB)

A fala de Régis traz contradições. Ele conta que era “bem menininha” desde criança, mas ressalta que nunca quis ser uma mulher e que tem orgulho de ser “homem gay” que atrai outros homens. Também busca passar uma relativa tranquilidade na descoberta de seus desejos por iguais e tenta demonstrar que não se incomodou com a “acusação” de ser “viado”, “bichinha”. Mas, nas entrelinhas, acaba reconhecendo que sofreu, sobretudo na escola – onde, segundo ele, “reverteu” a situação fazendo sexo com quem o acusava e “ameaçando” contar o “segredo”.

Dois outros sujeitos – William e Gustavo – também parecem transmitir, em suas falas, um sentimento de “foi tudo bem descobrir” o desejo por homens. Mas, assim como Régis, mostram, nos pormenores, alguma ambiguidade e deixam escapar que nem tudo foi ou seria tão simples:

- Desde novo, mais ou menos assim pelos meus 10 anos, mais ou menos. E tinha essa atração por homens, desejo, tudo mais. E depois também descobri desejo por mulheres. Tanto é que fui casado com uma, fui noivo de outras, tive algumas amantes... mas sempre tive muito mais desejo pela parte masculina. E hoje em dia eu falo a face feminina não me interessa mais.
- E como é que foi o início das suas práticas sexuais com outros caras? Como é que foi para você isso, em que idade...
- As primeiras experiências só achava estranho. Algo cabuloso demais na minha vida, aquele pensamento de “ah, eu tô ficando com outro homem”, “mas eu tenho desejo, eu quero”. Mas sempre lidei bem com isso. Nunca tive aquela coisa em dizer “ah isso é errado, isso não pode”. Só achava estranho. Até então, sempre via mulher com homem, homem com mulher e acabou. Quando eu me descobri com os desejos por homem comecei a me envolver. Tanto é que dei o meu primeiro beijo em um homem aos 12 para 13 anos...
- Você morava aqui?
- Sim, na época tava aqui em Prado. Passou uma semana e eu disse “eu quero experimentar de novo”. E aí foi indo. Não tive problema em lidar com isso na minha vida.
- Você está falando que não foi dramático, mas teve algum incômodo nessa descoberta?
- Eu nunca tive problema em assumir, falar sobre isso. Eu sempre vivi muito a minha vida. Acho que o único incômodo, que eu tenho até hoje, e não é nem questão do passado, é algo presente, que é a parte dos meus pais não aceitarem. Eles aceitam o filho deles, mas nunca aceitaram a questão de ter um filho gay. Tirando isso não tem problema. (William, 43, ESB)

Como já mencionado, William, durante toda a nossa conversa, procurou demonstrar bastante confiança e tranquilidade quanto à sua vida e à sua sexualidade, minimizando medos, conflitos e preocupações com o futuro. Entretanto, a não aceitação de sua homossexualidade, sentida quando ainda criança, pelos pais – repressão que veio do passado e continua presente – é algo que o incomoda. Apesar disso, busca levar o fato com bom humor, ao dizer que, de seis filhos, foi “o único que teve sorte de ser viado”.

- Desde criança eu lembro assim de sentir essa atração, mas eu fui ter relações com 18, 19 anos.
- Isso você morava onde, na época em que teve a sua primeira relação?
- São Paulo.
- Você é do Mato Grosso, não é isso?
- Isso. Era criança, 8, 9 anos. Aquelas brincadeiras com outros meninos, né? Mas em relação mesmo foi em São Paulo.
- E como é que foi esse início para você? Com quantos anos isso aconteceu? Como é que foi para você e o sentimento que você teve?
- Foi muito bom. Foi libertador. Aquela vontade toda que tava presa ali. Foi extraordinário. Era aquilo que eu queria mesmo. Não tinha dúvida.
- Isso modificou a tua relação com família? Com amigos, amigas?
- Não. Porque, na realidade eu morava sozinho em São Paulo. Tinha uns amigos. Aí, meus irmãos também, quando foram para lá ficaram sabendo. Me assumi para eles. E minha mãe e meu pai também. Foi normal. Aceitaram isso numa boa. E quando eu fui para lá eu fui com meu namorado. E assim, aceitou numa boa, né? Não teve essa... (Gustavo, 42, ESB)

Gustavo também minimiza problemas, conflitos ou rupturas por causa de seu desejo por homens, “descobertos” ainda na infância. Lidar com a família, e particularmente com os pais, foi “normal”, pois “aceitaram numa boa”. Mas, por fim, admite que estar longe da longe da família e numa cidade grande – como os sujeitos analisados por Guimarães (20024), que saíram do interior e foram morar no Rio – ajudou e facilitou viver sua homossexualidade. Afinal, as “brincadeiras” com outros meninos ocorreram, mas em uma cidade pequena, onde ele “tinha receio” de algo além disso. Ir para São Paulo foi “libertador”, já que permitiu extravasar seus desejos sem medo.

Três dos nossos sujeitos contaram que somente notaram seu desejo por homens a partir da adolescência, ou mesmo início da fase adulta. Na verdade, em suas falas, parece evidente que tratam da percepção – algo, portanto, um pouco mais elaborado que a “sensação” que ocorreu com os demais quando ainda infantes. Como explica Tiago:

– Foi exatamente quando eu entrei que aí, dentro desse terreiro [de religião de matriz afro], que houve uma aproximação maior ou houve uma aproximação real, afetiva. Já com 16, 17 anos. Porque até antes é puberdade, né? Puberdade, descoberta, aquela coisa, o que está acontecendo comigo, será que eu tô doido, será que eu não tô... Ainda não tinha nada. Não existia a ideia de namorar ou ter alguma relação, não. Mas foi dentro, depois que eu entrei, que eu passei no terreiro, que ali sim, houve uma relação afetiva que eu lembro, inclusive com uma pessoa bem mais velha que eu.

– Muito mais velha?

– É. Tipo mais que o dobro da minha idade.

– E como é que foi pra você?

– Foi... assim... Sei lá. Eu acho que é mágico para todo mundo, né? Acho que para todo mundo é mágico, porque fica um misto da proibição, com a possibilidade de fazer, de estar ali e romper essa doutrinação conservadora, da família, da sociedade... Mas, ao mesmo tempo, também foi muito confuso. Foi ruim. Tem a parte mágica, ótima, daquela coisa toda, e tem a parte dramática. (Tiago, 45, RMRJ)

A “parte dramática”, para Tiago, nesse momento da “percepção” e da efetivação de seu desejo, foi ser dispensado pelo homem mais velho por causa de sua idade. Mas o “fantasma” de uma possível repressão familiar já o rondava.

Ele reconhece que sua mãe e seu pai não o reprimiam. Entretanto, o medo falou mais alto, quando teve uma relação homossexual mais duradoura.

Gérson também conta que não era vigiado pela família. Ainda assim, sentiu dificuldade em perceber o que sentia de fato por homens:

Aí que é uma coisa muito curiosa. Não que durante a adolescência eu não tivesse aquelas atrações, mas eu não conseguia discernir que aquilo fosse homossexualidade. Pra mim era... Por exemplo, eu via um cara bonito. Eu queria tá próximo dele. Um garoto, um adolescente, mas eu entendia como se fosse o desejo de ser amigo dele. Não que era algo sexual. Mas depois dos 21 anos, quando eu tive essas experiências frustrantes com os namoros com as mulheres, aí ficou realmente muito óbvio. (Gérson, 42, RMRJ)

Ele, porém, identifica a “causa” desse processo. A “liberdade” dada pelos pais foi um dos motivos que o fez buscar na religião, durante sua adolescência, uma “base moral”, segundo sua própria fala, que não sentia ter em casa. E a “base moral” religiosa⁹⁸ acabou se tornando um instrumento de repressão a seus desejos:

Só me entendi como homossexual depois dos 21 anos, na verdade. Aí a coisa ficou muito nítida para mim devido aos desejos, né? Porque, antes, eu tive uma formação cristã. Então, eu fui muito reprimido, e durante a adolescência a minha preocupação não era sexo, nem com menino, nem com menina. Eu queria estudar. Eu queria ser um “jovem de valor”, como era a expressão usada na igreja, mas, depois dos 21 anos que a coisa que foi... Que nessa igreja, que se incentivava mais o namoro, eu comecei a namorar umas mulheres, e a coisa não andava, aí ficou muito claro que, que eu realmente era homossexual. Mesmo assim, ainda demorei aí uns nove anos para poder realmente me assumir, que foi com 30, quando eu assumi. (Gérson, 42, RMRJ)

Alexandre, por sua vez, contou que “sempre” teve interesse sexual por homens, mas não precisou quando tal desejo por iguais se iniciou – embora mencione seu principal “sujeito de desejo”. A primeira “transa”, lembrou ele, ocorreu na adolescência:

Pra adiantar meu passado, sexo com 14 anos com um tio, nada forçado. Fui um adolescente que era fissurado no pai, por isso sexo com meu tio. Durou uns três anos isso. Casei, tive filhos, já tenho netos. E ninguém sabe disso, só as pessoas com quem fiquei sabem, não tenho amigos pra contar, fico com homem quando dá. (Alexandre, 49, ESB)

A conversa com Alexandre foi, para ele, uma oportunidade de “confessar” desejos “proibidos”. E, em sua avaliação, há uma dupla proibição: não apenas ter interesse sexual em iguais, mas em desejar sexualmente o próprio pai – o que o motivou a fazer sexo com o tio paterno: “o fato de ter ficado com meu tio, irmão dele, foi uma forma de saber como seria com ele”.

Não é nosso objetivo, nesta pesquisa, discutir o tabu do incesto, em Lévi-Strauss, ou desdobrar os desejos incestuosos em bases psicológicas. Para esta

⁹⁸ O papel das religiões na sexualidade de alguns sujeitos desta pesquisa será tratada a seguir.

análise, o importante da fala de Alexandre – e mesmo nas narrativas de Tiago e Gérson, sobre não terem “cabresto” em casa – é que mostram que a família pode ocupar variadas posições no curso da vida desses sujeitos.

7.2 Famílias em trânsito: agenciamentos diante da repressão

Bourdieu (2012) diz que “sem dúvida, à família que cabe o papel principal na reprodução da dominação e da visão masculinas” (BOURDIEU, 2012, p. 103). Assim, a família, como o local primeiro de sociabilização, “ocupa um lugar central no aprendizado das qualidades e dos papéis destinados a cada sexo” (BAUBÉROT, 2013, p. 191). Nesse sentido, a família é também o lugar da repressão ao “desejo desviante” da heteronorma e de uma tentativa de “correção” desse desvio.

Cláudio narra as dores dessa tentativa de heteronormativização cometida por sua mãe, que o fizeram tomar uma atitude extrema:

– Você falou que com dez anos começaram as sacanagens [com meninos/homens], mas que a ficha só foi cair lá pros 24, 25 anos. Como é que foi esse período? A gente está falando de 14, 15 anos, que é muito tempo.

– Dor, autopunição, tentativa de gostar de mulher... Minha mãe me levando pra médico, minha mãe me levando pra centro de macumba pra desfazer trabalhos de mulheres que fizeram trabalho pra mim. Eu era gay porque tinha o trabalho assentado em algum lugar. Muitas tentativas de encontrar a normalidade heteronormativa, hoje a gente consegue ver. Só que foi muito ruim... Tentativa de suicídio... Muito ruim. Nada que não tenha acontecido, na média, você vai encontrar isso em maior ou menor grau, pode variar a intensidade, em um ou outro aspecto. Mas é sempre assim. Muitos tentam se matar. Eu tentei. É muito ruim. Essas décadas foram de muita dor.

– Você, desculpa, você tentou se matar?

– Sim. Peguei um dia, tava muito mal, tomei um remédio, peguei o remédio em cima da mesa da minha mãe, tomei. E ela sai correndo, me levando para hospital.

–A reação da família foi então completamente negativa e causou toda essa dor.

– Até hoje, tem uma frase da minha mãe que é famosa: “Eu não tive duas filhas mulher, eu tive quatro filhos homens e uma filha mulher”. A minha família não aceita até hoje. Eu não falo com ninguém na minha família até hoje, com ninguém. (Cláudio, 57, RMRJ)

Já adulto, com 35 anos, Rodrigo foi expulso da casa dos pais – o que fez morar na rua durante dois anos. A princípio, o “convite a se retirar” se deu pelo fato de ele estar sem trabalhar à época. Mas, para ele, sua homossexualidade também pesou na expulsão:

– *Eles te botaram pra fora de casa por causa da tua sexualidade?*
 – *Houve outras circunstâncias. Na época, eu tava desempregado. Eu tava procurando trabalho, né? E eu não conseguia achar trabalho nenhum. Meus pais achavam que eu tava... Ah, eu era vagabundo, essa coisa toda. Aí meu pai chegou e falou assim: “Olha, aqui, você sem trabalho... Você tá com uma idade, você não conseguiu nada... Você tá sem trabalho. Oh. Se vira.”. E eu fui.*
Minha família, durante muito tempo, relutou com a minha homossexualidade. E fora também que eu tive irmão que era hétero, e ele era o preferido da família. Eu era... Eu estava em segundo plano. E é claro que isso abate, né? Eu era o preterido da família. (Rodrigo, 50, RMRJ)

Assim, as histórias de Cláudio e Rodrigo são atos extremos – e efetivos – dos mecanismos de repressão da homossexualidade acionados pela família nessa tentativa de “correção” para a heteronormatividade. Há, porém, outras nuances, mais brandas, de ação familiar, no sentido de reprimir – ou ao menos disfarçar – desejos e características que “denunciariam” a sexualidade “desviante” de seus filhos. Uma delas, por exemplo, é o uso dos dogmas religiosos, quando a família é ligada a alguma igreja, como veremos adiante.

Vimos, anteriormente, que o medo da reação familiar permeou a descoberta de praticamente todos os homens de meia-idade participantes desta pesquisa. Esse temor fez com que alguns deles criassem estratégias para passar incólumes a qualquer tentativa de “correção” ou repressão da família.

Um desses agenciamentos, que não se dava apenas para “acalmar” a família, mas também grupos sociais nos quais estavam, envolveu relacionamentos com mulheres. Foi o que ocorreu com Gérson, mas também com outros homens. Ainda que tal solução fosse incômoda para alguns:

– *Chegou a se envolver com mulheres?*
 – *É, mas não sexualmente. Engraçado é que me excitava, mas eu não ia além daquilo ali. Eu sabia que se eu fosse além daquilo ali eu sentia... alguma coisa me dizia assim “não vai que é perigo, não vai que vai dar merda”... e eu nunca tive aquela coisa de ir à frente. Fazia brincadeirinha com a minha prima... mas depois daquilo ali eu falei “não, isso aqui não é a minha praia mesmo”.*
 – *Mas chegou a apresentar namoradas para a família?*
 – *Sim, sim... Mas aí minha mãe começou a sacar, porque ela... eu sempre na defensiva, “não, não sei o quê”... indiretamente ela aceitou. Não chegou a fazer assim “você é?”, não conversou, nada disso não. Eu levava meus “amiguinhos”, tava na cara que não eram “amiguinhos”, e aí... foi. (Maurício, 59, RMRJ)*

Você acaba querendo mostrar aquilo que você realmente não é. Então, foi onde eu comecei a namorar algumas meninas, né. Mas aí depois chegou um

certo momento da vida que eu falei assim: “Bom. Isso não é para mim. Então, não vou ter que passar por isso apenas para agradar as outras pessoas.” E eu sempre infeliz. (Armando, 46, ESB)

Por isso eu me sentia seguro com ela [namorada], era como um escudo. Quando eu fazia encontros com primos, amigos, eu ia e eu tinha obrigação para mim, ter alguém como com namorada... eu toco violão, então é uma coisa que atraía muita mulher também, porque eu cantava músicas e as meninas novinhas gostavam disso. Assim conheci minha namorada, então, para mim, era excelente. Fiquei dois anos com ela... mas eu vi que ela estava bem apaixonada, e eu sentia dor de consciência, porque isso não era mútuo. Várias vezes eu caminhando de mão dada com minha namorada eu olhava para caras assim, mas bem dissimulada mesmo (risos). (Diego, 41, RMRJ)

O namoro com mulheres, como pontua Diego, nem sempre se dá como um disfarce. Em certas situações, faz parte de uma dúvida sobre seus desejos – a “confusão”, já mencionada por Tiago. E mesmo sobre afetividade, como explica Bernardo:

Tem aquela fase que você fica as duas coisas, porque você primeiro tá na dúvida ainda, né? Você se culpa. Então... Em Petrópolis, eu só ia conhecer meninas. Só ia ficar com meninas. Até os meus 21 anos, assim, eu diria que eu ainda tinha alguma dúvida se eu era bi, que na época não se falava. Ou se era só uma fase. Mas, depois dos 20, 21 anos, aí eu já tinha certeza que não era uma fase. Ainda ficava com meninas, às vezes, mas eu já não me relacionava com meninas. Entendeu?

Eu já sabia que eu não queria mais me relacionar com menina. Namorar menina. Né? A última namorada que eu tentei namorar sério, no sentido: “Ah, vamos namorar”, eu tinha em torno de 21. E aí, depois que eu terminei com ela, que é minha amiga até hoje, eu ficava com meninas, mas eu nunca mais tentei namorar e me relacionar com meninas. E aí a partir desse momento, foi quando eu comecei a tentar me relacionar com homens. Quando eu era adolescente, eu não me via me relacionando com homens. Eu só vi homens aquela coisa do desejo carnal. Do sexo. (Bernardo, 50, RMRJ)

A bissexualidade, para Diego e Bernardo, surgiu como uma “certeza duvidosa”, que foi dirimida com a passagem do tempo. Já para Alexandre – que teve sua primeira relação sexual com outro homem, um tio, aos 14 anos –, parece ser a representação de que conseguiu separar desejo (por homens e mulheres) e afetividade (somente por mulheres) – que é parte da construção do masculino, como já dito –, algo que, durante algum tempo, foi tentado por Bernardo:

*– E a primeira vez com mulher, quando e como foi?
– Foi com 19 anos, eu namorava uma garota de 16 anos. E foi com ela. Inclusive eu casei com ela, mas não deu certo. Casei novamente. Tenho 3 filhas lindas. Eu casei com 20, comecei com ela aos 19.
– Você disse que parou de transar com seu tio aos 17 anos. Dos 17 aos 19, você não transou com mais ninguém?*

- Não. Depois de casado [o primeiro casamento, com 20 anos], eu fique uns 10 anos, mais ou menos, sem homem. Foi depois dos 30 que comecei de novo”.
- Quanto tempo durou o primeiro casamento?
- Três anos. Não tive filhos com ela. Com a minha atual esposa tenho 3 filhas.
- Desde quando você está casado com ela?
- Estamos juntos há 24 anos.
- Como foi descobrir que desejava homens? E como é o seu desejo por mulheres? Você diria que é bissexual?
- Me considero bissexual. Eu não tenho problema em transa com mulher, eu gosto. E sinto tesão por homens mais velhos. (Alexandre, 49, ESB)

Ele, no entanto, acabou contando que, em alguma de suas aventuras com outros homens, houve um envolvimento emocional. Para evitar que se repita, ele busca escolher a dedo seus parceiros. Mas, no fim, não descarta que possa desenvolver uma relação afetiva com outro homem – mas mantendo sua vida atual:

- Você só transa com caras, ou se mantém também relações afetivas?
- Nunca namorei um homem. Até porque eu só me envolvo com casados. E visitantes [turistas que visitam cidades do Extremo Sul da Bahia]. Enfim, pessoas desconhecidas.
- É uma estratégia para evitar um envolvimento maior?
- Talvez. Até porque eu me apego fácil. Eu tenho amigos que olho e desejo, mas jamais eu teria coragem de cantar eles.
- Já aconteceu de você se apegar, ou sentir que iria se apegar?
- Já.
- Mas tem caras casados com mulher que mantêm relações mais duradouras com outros caras...
- Eu ainda não achei que vale a pena. Mas, se eu achar, talvez eu mantenha um caso secreto. Já tô com uma idade boa. Tudo no sigilo, com descrição (sic).
- Uma idade boa pra quê?
- Pra ter uma pessoa fixa. Mas sem assumir pra sociedade.
- E sem terminar seu casamento também, pelo que sinto...
- Sim. Porque minha família é maravilhosa. Não merece isso. Eu que sou safado.
- Ser safado é errado pra você?
- Não. Eu nasci assim. Vivo assim. (Alexandre, 49, ESB)

É importante destacar algumas questões nessa fala de Alexandre: 1) A “espera do homem certo” para viver uma relação além do sexo, pensamento romântico – e porque não dizer, associado ao feminino – e também com viés religioso; 2) A “idade boa” para se permitir esse envolvimento, o que parece ter relação com o envelhecer, como se agora “tivesse que viver” o que quer viver; 3) O “sigilo” e a “discrição” como fundamentos para essa possível relação, princípios que ele – e muitos homens casados que usam aplicativos de “pegação – já acionam para transas; 4) Por fim, seu desejo e a possível afetividade por outro homem o tornam um “safado”, e sua família

(esposa e filhas) “não merece” sofrer por isso. Logo, tudo deve ser mantido como está, ainda que tudo esteja sendo modificado.

Lembremos que Alexandre aproveitava viagens sem sua família para viver suas experiências homossexuais. O que se trata de outro agenciamento acionado por esses sujeitos: o distanciamento. Como conta Tiago:

Com 20 anos, eu saí de casa. Foi a primeira vez que eu saí realmente de casa, para morar com outra pessoa. Mas eu pensava: “Como é que eu vou dizer isso para minha mãe, para minha família, que eu tô saindo de casa para morar com outro homem?” (Tiago, 45, RMRJ)

Mudar de cidade, indo viver em lugares longe da família e de grupos sociais “do passado”, foi uma estratégia de Gustavo. Para ele, houve um duplo benefício: não apenas se afastar de qualquer vigilância de sua sexualidade, como conseguir, enfim, realizar seus desejos homoeróticos como mais liberdade.

No caso de Gustavo, essa distância da família foi de centenas, senão milhares de quilômetros, e para uma metrópole – São Paulo. Já Armando não precisou ir tão longe: saiu da cidade onde cresceu, no Extremo Sul da Bahia, para morar em Teixeira de Freitas, a “capital” da região.

– O pontapé inicial foi quando eu comecei a morar sozinho. Eu saí de casa, né? Vim embora muito... Nos 17, 18 anos, eu já morava praticamente só.

– Onde isso?

– Aqui em Teixeira. Meus pais ficaram na cidade onde fui criado [a cerca de 80 quilômetros], e eu vim para cá, pra continuar os estudos e tal, porque lá era uma cidade muito pequena. Não tinha muito recurso. Aí, eu vim pra estudar, e isso foi rapidamente. Isso foi abrindo a mente e... Deu o pontapé inicial de tudo isso...

– Então, a tua primeira experiência aconteceu você já morando sozinho em Teixeira?

– Em Teixeira. (Armando, 46, ESB)

Há situações em que se distanciar não significou viver seu desejo, como fizeram Tiago, Gustavo e Armando, no fim de suas adolescências, e Alexandre, na fase adulta, durante viagens. John foi estudar em um colégio – militar – para ficar longe da pressão da família e da Igreja, que ele mesmo buscou para “se livrar” do pecado de ser gay (a influência da religião será tratada adiante). Foi um “preparatório” para sua aceitação como homossexual – e para, enfim, efetivar seu desejo:

– Quando veio a minha ida para a Academia Militar [das Agulhas Negras (Aman), uma escola militar], que fica praticamente no internato, de segunda

a sexta, em Resende [distante cerca de 170 quilômetros da cidade do Rio], aquilo, para mim, foi uma tábua de salvação, porque eu me afastei da minha família, da pressão. Me afastei da igreja e não voltei nunca mais. E nem quero.

No final de semana, o pessoal do Rio ou São Paulo, os cadetes da época, pegavam o final de semana e vinham para o Rio. Tinha muitos fins de semana que eu não queria vir para o Rio. Eu ficava lá estudando, ia pra piscina. Lá tem muita atividade pra você fazer.

Eu ficava lá porque para mim era mais saudável eu ficar lá para me afastar de tudo o que me oprimia, que era a Igreja, que era a família. Para mim, foi uma tábua de salvação eu me afastar de tudo isso. Foi meu processo de auto-aceitação. E aí eu considero que eu fiz a minha revolução interna e a minha aceitação. Dos 16 aos 17 anos, eu comecei a mudar tudo. Então eu comecei a questionar tanto e comecei a me revolucionar cada vez mais.

Eu comecei a... no outro extremo, né, “não, porque Deus não existe, que não sei o quê”. Aí comecei a bagunçar tudo. A música, na época, eu me lembro, do RPM, da Legião Urbana, que tinha uma coisa, “façam a revolução (Rádio Pirata, música do RPM)”, e aquilo tudo pra mim fazia sentido, tudo eu queria saber. E aí depois eu estava ali, dos 17 por 18 anos, eu estava plenamente aceito.

– Com você mesmo?

– Comigo mesmo.

– Já tinha rolado transa?

– Então, foi com 18 anos. Só faltava isso (risos). Já estava bem aceito. Aí eu falei assim “Gente, eu preciso praticar, né, exercitar. Aí eu pensei “porra, eu preciso de férias.” E aí foi nas férias de 1988, 89. Eu estava com 18 anos.

Quando eu vim para o Rio, eu estava salivando. Eu estava em Copacabana, fui para a praia. Na época, eu tava com o corpo maneiro. Na Academia Militar explodiu, meu corpo estava bem musculoso. Eu falei assim “A primeira pessoa que der em cima de mim eu vou!”

E aí teve um cara que, eu estava fazendo exercício ali, perto do Copacabana Palace [hotel tradicional, localizado em frente à praia], malhação de praia. E o cara estava me olhando e tal. Era até mais velho que eu. Devia ter seus 30, 30 e poucos anos. Eu fiquei ali.

Comecei a sair da praia e o cara começou a puxar conversa. Eu já tava cansado de saber daqueles papinhos, daquelas cantadas. “Ah, você não quer dar uma passadinha no meu apartamento? Você tira a areia”, e aí eu fui. E acabou rolando. Aí foi a minha primeira. Não conhecia o cara.

Depois perdi o contato. Mentia pra caramba no início... Na verdade, não queria ter contato com ninguém. Naquela época não tinha celular, não tinha nada, não tinha rede social. Mas assim, se o cara passou o telefone dele, provavelmente deve ter passado o telefone fixo, de um apartamento, de casa, eu anotei, mas não liguei de novo. Inventei que eu tinha um namorado... eu não queria vínculos. (John, 51, RMRJ)

O fato de estar numa escola em regime de internato, frequentado apenas por homens, poderia ter sido o “ambiente perfeito” para John ter relações homossexuais. Contudo, além do silêncio sobre possíveis casos de homens com práticas homossexuais no meio militar naquele momento, pesou o medo de ser pego e, com isso, ser expulso da corporação e comprometer o que já construía como sua carreira profissional:

– Você não dividia isso [o desejo por outros homens] com ninguém? Não tinha amigos?

– Não, não tinha. Eu lembro que, em alguns episódios na Academia Militar, eu tive que fingir algumas coisas. Embora eu saiba, eu conheço muitas pessoas, inclusive meus contemporâneos lá, que são gays. Mas, na época, ninguém nem podia falar. Não podia ter amigo, não tinha rede social. Então era uma coisa totalmente assombrosa.

E de vez em quando, lá dentro, todo mundo ficava sabendo, que alguém foi pego e foi expulso. Eu me lembro que teve dois cadetes, que foram pegos na escada fazendo sexo oral um no outro, à noite, e aí era uma coisa assim... Era uma comoção. “Nossa, fulano e fulano, não sei o quê!”, e foram expulsos... o cara do terceiro ano [penúltimo ano da formação] já!

Eu pensava assim: “Porra! É a minha carreira, minha vida. Não posso dar mole!”. E lá dentro, até dentro da profissão, eu nunca confundi. Embora eu, no quarto ano, fosse um veterano, a gente já tinha uma certa liberdade, você podia sair pra cidade, para Resende... Os outros cadetes são mais reprimidos, você não pode uma série de coisas, quarto ano era o bambambã, cheio de experiências... E eu ia para a biblioteca para estudar, eu ficava olhando os carinhas do primeiro [ano] e eu ficava viajando... Eu olhava, “ai, neném!”, doido pra pegar...

Mas eu conseguia [me segurar]. Lá dentro eu não me expressava, não dava em cima de ninguém, ou dava a entender que eu fosse [gay]. Lá dentro eu nunca confundi. (John, 51, RMRJ)

A conquista de uma ocupação ou profissão – e com ela, a autonomia e a independência financeiras – foi estratégica para alguns sujeitos lidarem com a repressão da família e de outros grupos sociais, e mesmo revertê-la. Há, porém, nuances nesses agenciamentos.

Cláudio, por exemplo, diz que seu status perante a família e a sociedade, de modo geral, mudou quando conseguiu bons empregos e salários. Nesse momento, percebeu que se tornou uma pessoa “respeitável”:

O fato entre você entender e se assumir, e você vai entender que eu te falo, do nosso caso, é que eu passei a ganhar dinheiro. Quando você passa a ganhar dinheiro, na nossa geração, você literalmente é promovido de viado, viadinho, bichinha, para homossexual. Então, quando eu comecei a ganhar dinheiro, eu deixei de ser o viadinho. Aí eu passei a ser o homossexual. (Cláudio, 57, RMRJ)

Entretanto, ele acredita que o que ocorreu não foi uma conquista, mas sim uma “compra” desse respeito. Por isso, quando Cláudio decretou o fim desse “acordo comercial”, as relações aparentemente cordatas com a família se esgarçaram – embora se perceba que há outros conflitos além do “corte dos pagamentos”:

– Isso não significava que aceitava [a família]. E aí eu cometi um grande erro. Durante muitos anos na minha vida, eu comprei a aceitação da minha família. Eu sustentei a minha família de cabo a rabo, sobrinho, mãe, pai. Teve uma época que eu tinha 17 pessoas nas minhas costas, eu era de uma grande empresa, ganhava bem pra caralho. Literalmente, eu comprava a aceitação

da minha família, e no momento em que o dinheiro acabou, essa aceitação deixou de existir.

Então, esse período da aceitação não foi o período de eu entender o meu lugar no mundo. Na verdade, eu comprei o meu lugar no mundo. Muita coisa. Você deve entender o que eu tô te falando.

E outra coisa... só acontece agora, aos 50 anos, quando eu mando “vai todo mundo tomar na casa do caralho, vai todo mundo se foder”. Meus sobrinhos já estavam crescidos. Meu trabalho já estava feito, e quando eu literalmente rompo com a minha família, eu digo “vocês vão pra casa do caralho, não quero mais saber de vocês”. Foi aí que eu encontrei meu lugar no mundo. Qual é o meu lugar no mundo? É ser um cara gay, que se cuida, que é casado com um homem que ele escolheu, que me aceita, na minha idade, que me aceita nas minhas limitações

– E quando seca a fonte mudou a relação da família com você?

– A minha mãe não fala comigo.

– Mas qual a justificativa? Ela dá uma justificativa?

– Não... é uma história muito longa, mas, de uma forma geral, eu não aceito mais o absurdo da minha mãe. Minha mãe é homofóbica, minha mãe é negra e é racista. Minha mãe não gosta de pobre e nasceu pobre... Eu digo “não é porque você é minha mãe que eu vou aceitar os seus absurdos”. Chega, não cabe mais, entendeu? (Cláudio, 57, RMRJ)

O apoio financeiro e por vezes emocional dado por filhos a pais é uma prática relativamente comum, como mostra Peixoto (2004). Entretanto, quando se trata de filhos e filhas homossexuais, o sentimento de gratidão que costuma envolver tal ajuda ganha outros contornos, o que é confirmado por Cláudio.

Não se trata de um reconhecimento pela criação, como parece ocorrer com filhos e filhas heterossexuais. O “comportamento desviante” que famílias associam à homossexualidade torna o que seria uma gratidão em uma obrigação que filhos e filhas homossexuais imputam a si mesmos para que sejam aceitos no núcleo familiar, sobretudo quando se trata de famílias de camadas baixas.

Filhos e filhas costumam buscar autonomia financeira ao atingirem a vida adulta para que deixem de depender dos pais e tenham “liberdade” sobre suas vidas. Contudo, como também pontua Peixoto (2004), nem sempre essa independência se dá de forma plena. Em várias situações, a prole continua dependendo de seus genitores, em maior ou menor grau.

Entretanto, para filhos e filhas homossexuais, manter essa dependência parece algo impensável. Em determinadas situações, as “regras” impostas pela família para isso envolvem a sublimação da sexualidade e um sacrifício dos desejos.

Assim, a busca pela independência financeira plena se torna quase obrigatória para filhos e filhas homossexuais. E a partir dela, torna-se também importante ter recursos suficientes para também ajudar a família e, dessa forma, ao menos conseguir uma aceitação superficial da condição homossexual.

Vamos lembrar que, já adulto, Rodrigo foi expulso de casa por seu pai por não ter trabalho à época. A cobrança de ter uma atividade rentosa, como já dito, não é exclusividade de homens homossexuais. Entretanto, a sensação de estar “em desvio” faz com que, para esses homens, ter um sustento seja uma garantia de não sofrer essa violência por parte da família.

Como já dito, quando o sustento financeiro permite “ajudar” os/as familiares, a possibilidade de ser aceito como homossexual, aparentemente, aumenta. Entretanto, como Cláudio relata a seguir, essa troca de apoio financeiro por respeito pode também sinalizar uma angústia: a sensação de estar em “dívida” com a família, por não ser heterossexual.

– *Você tem irmãos, irmãs?*

– *Tenho. Tenho um irmão mais velho, que é homofóbico, uma irmã mais velha, que não é homofóbica, mas que se aproveitou de mim, do meu dinheiro. Um irmão mais novo, que é muito homofóbico, com esse eu não falo nunca na minha vida. Eu tenho horror a ele. E tem um mais novo ainda, que é dependente de cocaína, que também é homofóbico e me tirou muito dinheiro.*

Aí vem a frase seguinte: “Por que você deu tanto dinheiro?” É um processo muito comum, que é um processo em que o gay sempre acha que está devendo pra família, e a família se aproveita disso. Há um sentimento de dívida, ainda mais o gay que deu certo, o meu processo, de ter vindo de uma família muito humilde e eu ter dado certo na vida, é um sentimento eterno de que eu estava devendo. Então, era um jorrar de dinheiro na família interminável. E como eu dei certo, como eu ganhava bem, o dinheiro nunca acabava. Então, esse sentimento levou uns 30 anos para eu poder entender. (Cláudio, 57, RMRJ)

A família é comumente associada a amor, afeto e acolhimento. As relações familiares são tidas como calcadas em emoção e afetividade. Contudo, Cláudio expõe outra faceta desses relacionamentos: a mediação feita pelo dinheiro. Assim, para ser alguém não basta ser. É preciso ter.

Outro ponto interessante é a noção de “dívida” para com a família pelo fato de ser homossexual – e, portanto, desviante. Assim, a gratidão e o reconhecimento para com os familiares que fazem com que filhos e filhas heterossexuais, em adquirindo uma boa condição financeira de vida, ajudem seus pais se converte num permanente “pedido de desculpas” para filhos e filhas homossexuais. E que pode perdurar por toda a vida.

Essa “dívida” não tem um valor determinado a ser pago, e pode, sim, converter-se em gratidão com o passar do tempo e a aceitação da condição homossexual pela

família. Contudo, quando isso não ocorre e a “dívida” deixa de ser paga, ocorre a ruptura dos laços familiares originais.

Maurício foi outro que teve relações conflituosas com a mãe. E assim como Cláudio, “batalhou” e ajudou financeiramente sua família. No entanto, em vez de um “bom emprego” numa “grande companhia”, Maurício conquistou autonomia econômica se prostituindo dos 17 aos quase 40 anos. Contudo, isso não afetou suas relações familiares. Mas porque ele “se impôs”, segundo narra:

– Comecei a fazer prostituição pra ajudar no orçamento. Então, eu sempre fui aquele de me impor às pessoas. “Vocês têm que ser muito gratos a mim por isso”. Então, nunca tive rejeição nessa questão. As pessoas sabiam, ficavam caladas na delas, não me cobravam nada.

Minha mãe... ela sempre foi muito carrasca comigo, no sentido de que eu fui rejeitado também. Porque, quando eu era criança... na realidade, ela se envolveu com um homem casado, que é meu pai, e ela engravidou achando que ia prender ele e que ele ia largar a mulher dele pra ficar com ela. Como isso não ocorreu, ela jogou toda a raiva dela em cima de mim. E aí fiquei sabendo dessas coisas todas, ela me contou depois, fui percebendo... quando eu era criança sempre buscava o carinho dela, e ela rejeitava.

Sempre amei minha mãe, ela já faleceu, nos últimos momentos fiquei com ela o tempo todo, que Deus a tenha, amei muito ela, nunca deixei de amar... mas, de uma certa forma, eu sempre disse pra ela: “olha só, quem manda sou eu, você é minha mãe mas você apenas me deu a luz, me botou no mundo. Mas quem dá as cartas sou eu, eu que me banco, eu que dou as coisas pra senhora. Faço isso, isso, isso e isso, sou prostituto, faço vida, o dinheiro que a senhora tem, que a senhora vive me pedindo, é daí que vem”. Foi uma revolta, desabafar, botar pra fora, aquela raiva toda que eu tinha pela rejeição. Mas nunca deixei de amá-la, nunca deixei de cuidar dela, de ter carinho por ela.

– Mas o fato de você ter assumido isso, de ter uma condição financeira, de bancar a casa, não sei se você bancava a casa...

– Sim, sempre banquei.

– Mas você acha que isso fez com que as pessoas da sua família acabassem tendo que te aceitar por causa disso?

– Com certeza absoluta! Todos os meus sobrinhos, eu criei todos eles, como um pai mesmo. Eu que dei educação, alimento, tudo, tudo, porque os meus irmãos eram “pilantrinhas”, com exceção de um, que teve o filho dele, ele mesmo criou, ele mesmo sustentou. Mas a maioria dos meus sobrinhos, tenho 13, já sou tio-avô e daqui a pouco tô sendo tio-bisavô, e a maioria deles eu que criei, eu que ajudava a mãe deles a ter bons empregos. (Maurício, 59, RMRJ)

Porém, ao contrário de Cláudio, Maurício diz que não ajudou sua família para ter aceitação familiar, ou mesmo para pagar uma “dívida” por ser gay:

Eu não ajudava pra fazer com que eles respeitassem minha posição, eu ajudava porque eu via que eles realmente tinham precisão de serem ajudados. Não queria que meus sobrinhos passassem o que eu passei. Amava todos os meus sobrinhos como filhos. Eduquei, dei educação, na hora de dar umas palmadas eu dava. E todos eles sempre me respeitaram, ‘bença, tio’, mais do que os pais. Eu fazia isso porque realmente eu gostava deles,

não pra ganhar essa posição de respeito perante eles, 'ah, eu tô pagando, vocês têm que me respeitar', não. (Maurício, 59, RMRJ).

Importante lembrar, no entanto, que, como ele mesmo disse antes, ao se impor financeiramente, Maurício “obrigou” as pessoas a não o cobrarem por nada e a ficarem caladas.

Ele também fala no “preço” – material – que paga hoje por ter dado essa ajuda:

Isso, de uma certa forma, me deu esse certo, vamos dizer assim, respeito da família. Eles me respeitavam, e tranquilo. “Se o camarada, a gente começar a criticar o camarada deixa a gente de lado e...”, então foi isso.

E isso aí me atrapalhou muito, porque se eu vivo hoje de aluguel eu “agradeço” a eles. Essa grana toda que eu gastei com eles eu comprava meu apartamento, eu comprava muita coisa, mas eu preferi ajudá-los. (Maurício, 59, RMRJ)

Há situações em que a independência financeira não provoca relações – e reações – tão traumáticas ou contundentes com familiares, como ocorreu com Cláudio e Maurício. Obviamente, a conquista de autonomia econômica permite “ser quem se é”, como homem que deseja outros homens. Mas também pode auxiliar na desestigmatização desse aparente “desvio”, trazendo experiências positivas em família, como relata Armando:

– Me senti também na obrigação de mostrar que isso [a homossexualidade] não é errado. Então, eu sempre gostei muito de estudar. Estudava bastante. Eu comecei a trabalhar muito cedo. Então, assim, pra que eu pudesse mostrar que eu sou uma pessoa como qualquer outra, apesar de ter esse desejo, essa orientação diferente. Mas que eu posso também ser uma pessoa bacana.

Isso realmente eu consegui. Porque eles têm... Eu tenho 10 irmãos. Comigo são 11 filhos que minha mãe tem. Meu pai também, são 14 irmãos. Tenho 14 tios. São muitos primos, e todos eles me respeitam. Me tratam super bem. Tenho um orgulho da pessoa que me tornei hoje. E isso é bacana, você... Eles não colocaram a minha sexualidade acima das outras coisas que aconteceram comigo.

– Você contou que teve uma relação de 13 anos com um cara, entre idas em vindas, e que ele conviveu com sua família, em eventos. Isso mudou a relação da família com você? Você percebeu alguma mudança da família, ou de amigos?

– Pra melhor. Eu acredito que para melhor. Como falei, nunca tive essa necessidade de falar para eles. Mas hoje tenho essa consciência de que eles sabem. Alguns irmãos hoje a gente já conversa abertamente sobre. Então, é muito mais tranquilo. E hoje eu percebo que depois que eles descobriram é assim. Então assim, o nosso relacionamento é muito mais bacana. Muito mais próximo.

E é engraçado que, uma vez, eu, minha irmã, meu cunhado e um sobrinho meu que cozinha, meu afilhado, fomos passar um fim de semana em uma cidade litorânea próxima. Todos bebendo, se divertindo... Aí, quando chegou um determinado momento, a gente tava na mesa, e esse meu sobrinho, que

também é meu afilhado, ele sentiu a necessidade de me perguntar se eu era gay. E naquela mesma hora eu falei com ele que sim. Ele: “Ah, tá. Porque eu gostaria de perguntar isso. Não vai mudar nada entre a gente. Né? O que a gente sente um pelo outro e tal”. E falou um monte de coisa. “Mas eu senti a necessidade...”, ele falando comigo, “eu senti a necessidade de perguntar, porque várias pessoas vinham falar para mim...”. Pessoas do convívio dele, que também me conheciam. “Vieram perguntar para mim se o senhor era gay. Não sei o que e tal”. Aí, a gente conversou bastante. Ele ficou muito mais aliviado quando ouviu da minha boca. (Armando, 46, ESB)

O relato de Armando sobre suas relações familiares refletem certa similaridade com que Das, *apud* Oliveira e Camargo (2019), aponta como o “trabalho do tempo”: “reconfigurações das relações em que o tempo exerce uma agência, possibilitando a colocação em discurso no espaço doméstico de experiências inicialmente situadas no limiar do indizível” (OLIVEIRA E CAMARGO, 2019, p. 337).

Assim, mesmo sem uma comunicação “formal” à família sobre sua homossexualidade, Armando construiu uma imagem de respeito e aceitação, a partir de sua formação educacional e profissional. Sua sexualidade se tornou apenas um elemento de sua constituição como sujeito perante sua família – e não a mais importante ou determinante.

Ainda que inicialmente a partir de uma combinação, aparentemente não oficializada, da estratégia do “não pergunte, não fale”, as relações entre Armando e sua família foram, com o curso da vida, passando do interdito, do não-dizível, para uma “confissão” a seu sobrinho. O que também evidencia uma relação intergeracional mais aberta e livre.

E embora tal “confissão” não tenha se dado com seus contemporâneos, como irmãos e irmãs, ou com os mais velhos, como pai, mãe, tios e tias, a vivência de Armando com a família foi, simbolicamente, marcada por “pequenas confissões”, que construíram relações de respeito e cumplicidade.

7.3 Entre o prazer, o abuso, a violência, o desrespeito: (im)percepções

A família pode ser um lugar de repressão e contenção dos desejos homossexuais, bem como um local de aceitação e proteção. Mas também, como já dissemos, pode ser o espaço das primeiras experimentações homoeróticas – conforme narrou Alexandre.

Contudo, nem sempre tais experiências são consentidas. Elas podem ser resultado de violência e abuso – ainda que não entendidas como tal quando ocorreram. Conta Rodrigo:

- *Vou contar uma coisa pra você. Eu sofri abuso. Eu sofri abuso quando eu era criança. Eu fui abusado pelo meu irmão mais velho, que morreu no acidente de carro, durante seis anos.*
- *Você entendia isso ou não?*
- *Porque, uma coisa que eu me lembro, que desde que eu me entendo por gente, desde que eu me lembro... Com dois ou três anos eu gostava de vestir a roupa da minha irmã. Eu simplesmente entendi que era gay, e eu reprimi isso. E meu irmão mais velho, ele me ... Ele, né, me abusou e ... Na época os meus pais saíam de casa e tal... De 1993. Não, 1983 a 88, 89. Eu tinha 12 anos, ele tava com 14 pra 15 anos. Eu sofria abuso sexual, né, que eu era passivo, ele era o ativo, né? Ele parou... Acho que até de uma maneira ou de outra, quando ele morreu no acidente [de carro, em 2000], acho que ele sentiu-se até culpado quando ele abusou. Quando ele descobriu... Quando ele parou o abuso ele viu... Ele sabia que eu era gay. Mas nós ficamos amigos, porque aí ele... Ele passou a me proteger, cuidar de mim e tal, enfim. Mas acho que ele sentiu essa culpa. Porque ele acha... Que ele acha que eu me tornei mais gay por causa dele. Entendeu? Pelo fato de ele ter me abusado sexualmente.*
- *O que eu perguntei é se você tinha noção do abuso, assim, quando ele fazia essas coisas você... você se incomodava? Era incômodo pra você?*
- *Não tinha. Não tinha... Não. Era uma coisa assim... porque, naquela época, eu não tinha noção. Que era até uma brincadeira, uma coisa assim. Claro que depois, com o tempo, você cresce e... (Rodrigo, 50, RMRJ)*

Como já mencionado, essa impressão da “brincadeira” entre meninos/rapazes não é incomum – e afasta o sentimento de abuso ou violência nessas situações. Trazendo novamente Welzer-Lang (2001) e a noção de casa-dos-homens, como um processo de construção da masculinidade:

No caso de Rodrigo, não se tratava de um adulto, mas sim de um irmão adolescente como ele, mas um pouco mais velho. Contudo, isso corrobora a “teoria”. Afinal, nessa “casa” onde se aprende a “ser homem”, os mais “velhos” transmitem suas experiências aos mais “novos”. O que “fugiu ao controle” é que Rodrigo não se tornou “homem” – heterossexual –, mas sim gay.

Cláudio admite que teve prazer ao ter relações sexuais, aos 13 anos, com um primo, assumidamente homossexual, que tinha 30. Entretanto, após fazer 50 anos, entendeu a situação como abuso. E acusa a mãe por ter “permitido” isso ocorrer. Além disso, há outro ponto: a mãe aceitava o primo ser gay, mas o condenava:

- *Minha mãe me espancou quando eu era criança. Eu vivo dizendo pra ela: “se você fizesse o que você fez comigo quando eu era criança, você estava presa hoje”, “Ah, mas eu não sabia...” “Mas o fato que você não sabia não*

muda o fato de que você me machucou. Eu fui abusado quando criança debaixo dos seus olhos!”

– Aconteceu isso? Aconteceu abuso?

– Meu primo, primo dela. Abusou de mim.

– Mais velho?

– Mais velho. Eu tinha uns 14, 15, 13. Ele já tinha 30. Não que eu não tivesse gostado, mas o fato é que eu fui abusado... e ela aceitava ele como gay, e não aceitava o filho como gay. Ou seja, pode ter gay na família dos outros, mas não na dela.

Era meu primo em segundo grau e de primeiro grau dela. Ela deu muita... Ela deu muito apoio a ele, que ele também sofreu muito, mas não deu a mim. Eu não recebi da minha mãe um quinto do apoio, apoio nenhum da minha mãe. Pro meu primo ela deu. Não que ache errado, mas eu só me dei conta que eu fui abusado depois de 50 e muitos, que eu falei: “Peraí, eu tinha 13, 14 anos... O fato de eu ficar de pintinho durinho não muda o fato de eu estava sendo abusado, cara!”. Eu disse isso pra ela, “seu primo abusou de mim”, ela disse “eu não sabia”, eu respondi “nem eu”. (Cláudio, 57, RMRJ)

Não se pode ignorar que, no processo de construção da masculinidade, além de ser capaz de suportar dores físicas – como as que podem ocorrer em penetrações anais indesejadas e não consentidas –, o “homem” também é induzido a ter prazer erótico/sexual sempre que possível – ao contrário das mulheres, cujo desejo deve ser controlado. O prazer deve ser “valorizado” mesmo que se trata de uma situação com outro(s) homem(ns) iguais a ele. Isso pode ser um indicativo da dificuldade desses sujeitos de perceberem os limites de onde acabaria o prazer e começaria o excesso/abuso.

Mas, em família, há também o incômodo que surge a partir da relação de parentesco com o “iniciador” da vida homoerótica. Este se configura como um sentimento de “falta de respeito”, por causa das relações familiares.

Armando fala, inicialmente, em “trauma” com sua primeira relação sexual, ocorrida com um tio, cerca de 30 anos mais velho, casado:

– Na verdade, a minha primeira experiência foi tão... traumática. Traumática, no sentido assim de que, assim, aconteceu algo que eu não tava esperando. E geralmente acontece muito com... Não com alguém próximo, né, de você e da sua família e tal. Então, foi algo que não me deixou uma marca muito positiva.

– Você fala da sua primeira experiência, já morando sozinho?

– A primeira. Isso. Morando sozinho. Mas não foi... Assim. Não foi eu que procurei. Não fui atrás. Não foi algo que aconteceu porque eu quis. Assim... aconteceu. Foi com um tio, na verdade. Irmão do meu pai. Acho que ele já sabia das... Como, né? Acho que foi o meu comportamento, às vezes. Não sei. E aí começou e tal. E aí aconteceu, mas, aí depois... Uma coisa muito chata. Porque assim, eu queria que acontecesse, mas não era para ser da forma como foi, né?

– Você queria que acontecesse com esta pessoa mesmo ou não?

– Não, não. Com parente, com alguém assim próximo, não. Queria que fosse com alguém que eu gostasse. Assim, que... Né? Geralmente a gente fica... Aí, aconteceu, mas foi...

Uma pessoa que eu não esperava. Que aí... E assim e eu era muito... Uma pessoa muito retraída. Muito... E também a gente vai estudando e vai conhecendo vários lugares, outras pessoas. Então a gente vai... Né? Mas naquela época... Tinha muita vergonha. Tinha muita vergonha de tudo. Era muito retraído. Muito quieto. Muito calado. (Armando, 46, ESB)

Indagado sobre se percebeu tal situação como violência, ele respondeu:

– (Pausa) Eu não vou colocar como violência. Eu acho que faltou um pouco de respeito comigo. De acontecer de ele ser uma pessoa... Era uma pessoa casada. Ele era casado. Ele tinha esposa. Entendeu? Esposa, já tinha filho e tal. E aí aquilo, pra mim, achei que fosse... “Por que que ele tá...”. Na minha cabeça ficava assim: “Por que que tem que ser comigo? Por que ele teve que fazer isso? Acontecer comigo?”. Aconteceu.

Não teve a pressão para acontecer. Não teve atos violentos. Assim. Eu acho que aconteceu, porque eu também dei abertura para que acontecesse. Aconteceu mais pelo fato de eu estar pouco... Não sei, com medo de alguma coisa. Sei lá. De alguém descobrir, né? Fiquei preocupado também com isso. Vai que alguém descubra que eu fiquei com ele. Logo no início e tal. Eu fiquei muito preocupado, na verdade. Mas eu não vou considerar isso como um ato de violência. Não aconteceu com violência. Não foi à força. Ele não me pegou à força para fazer acontecer o ato.

– Sim. Mas, quando falo violência é nesse sentido, não era pra ser. Ou toda essa sensação que você tá falando, “Poxa, uma relação de parentesco”.

– Isso. Exatamente.

– E talvez por ser uma pessoa mais velha, né?

– Eu nunca imaginava que ia acontecer. Eu era guri, sabe?

– Você esperava que ele tivesse talvez mais sensibilidade ou até mais cuidado... Não sei. É por isso que eu falo de violência.

– Eu tinha uns 15 anos pra 16 anos mais ou menos, ele deveria ter uns 30 anos a mais do que eu... Mas, hoje... é engraçado que a família... Todo mundo acha que eu sou o único, né, da família assim [gay] (risos). E tem tantos. Aí, a gente sabe que, se ele fez... Aconteceu isso comigo, então, é porque eu acho que ele também sente desejo por homens. Apesar de ser casado com mulher, de ter filhos e tal. E é engraçado, porque a minha família é muito grande. Então, assim, parece que eu sou o único da família que tem essa orientação assim. Entendeu? (Armando, 46, ESB)

Nota-se que Armando tem certa dificuldade em “qualificar” a situação. Não encara como violência, porque consentiu com o ato; mas se sentiu desrespeitado – que também pode ser traduzido como “violentado” –, porque era um tio seu, bem mais velho, alguém que, de alguma forma, ele pensava que iria protegê-lo. Chega a pensar que “permitiu” ou “deu a entender” que queria, numa espécie de autopunição, mas reconhece que “era um guri”, e o tio, um adulto – portanto, uma relação de poder.

Dados e estatísticas comprovam que, majoritariamente, situações de abuso e violência sexuais são feitas por pessoas próximas, tanto com homens como com mulheres. Mas não se trata de exclusividade.

Quando criança, Maurício ajudava a família vendendo balas e revistas nas ruas. Como ele contou, já sentia atração por homens. Mas, numa ocasião, ao entrar em uma sala de um prédio comercial, foi abordado por um homem bem mais velho:

Aos 10 [anos], eu fui molestado por um senhor. Entrei num escritório no Centro [do Rio de Janeiro], pra vender... aí, o velhinho safado começou a me bolinar... (risos). Eu fiquei assustado, e ele disse "não, fica tranquilo, vou te dar um dinheirinho"... por sorte, alguém bateu na porta, e eu saí fora. Mas eu não sabia dizer o que era aquilo. Ele não me atraía porque... Ele me fechou, ele começou a me agarrar, me alisar, pra pegar no meu bilau, no meu pinto. E eu sem saber o que era aquilo, assustado. Mas, quando ele abriu a porta, ele chegou até a botar um trocadinho no meu bolso... quando ele abriu a porta eu fui embora, saí um pouco tremendo... mas, por incrível que pareça, acho que papai do céu foi muito bondoso, passou uma borracha naquilo ali. Isso aí é uma coisa que eu lembro só quando me perguntam. Não fiquei traumatizado. (Maurício, 59, RMRJ)

De fato, o abuso ocorre sem avisos. E pode vir de quem menos se espera. Como de alguém que, em tese, atua para cuidar das pessoas. John se lembra de uma ida ao médico, quando menino, na vila militar onde morava, numa cidade do interior do Mato Grosso do Sul:

– Teve uma vez com um médico da Marinha, quando fui fazer exame de saúde. Tipo assim, não abusou, mas agora... vai trazendo as memórias, né, há muito tempo que eu nem lembrava disso. Mas ele pegou, uma vez fazia a inspeção e ele ficou de pau duro. Ficou excitado na minha frente, e eu nunca tinha visto um homem, eu devia ter uns nove ou dez anos, nu assim, excitado na minha frente. Ele fez isso com todos os outros garotos. Só tinha eu lá... mas não pedi para eu fazer nada, entendeu? Só mostrou. E eu fiquei tipo assim, em estado de choque, porque eu nunca tinha visto...

– O médico?

– O médico da Marinha, que faz a inspeção.

– E aí ele mostrou o pau?

– Não me lembro qual a situação, ele fez a inspeção, "abre o dedo do pé", bababá. Aí teve uma hora, não sei, "aguarda um pouquinho". Sei lá, ele já devia estar excitado. E aí ele se virou e mostrou, que ele estava excitado. Para mim, aquilo foi um choque, porque eu acho que naquela época...

– Mostrar de tirar o pau pra fora, é isso?

– Sim! Mostrou. Fora da calça. E naquela época nem revista de sacanagem eu tinha visto ainda. Acho que tinha uns oito anos, nove. Ele ficou assim, só mostrou. Não pedi pra fazer nada.

– E outros colegas seus tinham passado por isso?

– Não sei, mas isso foi um episódio que eu me lembro que aconteceu, mas também assim, não abusou. (John, 51, RMRJ)

Outra marca, na fala de John, é a dificuldade não apenas de perceber o abuso quando este ocorreu, mas, mesmo passado o tempo, e com mais entendimento sobre a questão, haver certa confusão do que é abusar.

Relembrar o episódio com o médico é um sinal de que a situação foi incômoda e, de alguma forma, violenta. Contudo, como o profissional de saúde “não pediu pra fazer nada” – tocar, chupar ou atitudes similares – quando mostrou seu pênis ereto, John diz que ele “não abusou”.

Assim, John sinaliza que, em sua visão, o abuso envolve coerção física. Não considera, portanto, que se trata, sobretudo, de um ato baseado em posições desiguais de poder, onde o mais “forte” – com mais experiência, conhecimento, força física, etc. – aproveita-se de algum modo do mais “fraco” – nem que seja apenas agindo como um exibicionista.

Já Bernardo percebe essa assimetria de poder ao olhar para o passado e para sua primeira experiência homossexual. Ele chega a chamar o episódio de “pedofilia”. E o gatilho para tal percepção se deu a partir de sua experiência como pai:

- *Quando foi tua primeira relação com um cara?*
- *13 anos.*
- *Quantos anos o cara tinha?*
- *Uns 20 e poucos. E eu comi ele. Eu não tinha nem pau para isso. Eu tinha 13 anos de idade. Hoje eu tenho essa noção. Naquela época eu não tinha essa noção. Eu era um garoto de 13 anos.*
- *Noção de quê?*
- *Do sexo mesmo. Do que era sexo. Que o cara era muito mais velho que eu, entendeu? Eu não tinha essa noção que eu tenho hoje em dia. Que era pedofilia.*
- *Hoje pra você... Se um hoje um carinha de 13, 14 anos transar com um de 20 seria problemático?*
- *Eu não gosto... eu acho que sim. Eu acho que é porque agora eu tenho um filho, que eu penso. Não me importa o fato de ele ser gay, trans, o que ele for [o filho]. Mas eu acho que é muito ruim você pegar um garoto com 11, 12, 13, 14 anos, ou uma garota, e a primeira experiência dele ou dela ser com uma pessoa completamente irregular no balanço de poder. Entendeu?*
- *Óbvio que um cara de 20 e poucos anos ou uma mulher de 20 anos, com cara um de 13, 14, 15 anos, que não tem experiência nenhuma, tem aí uma desigualdade de poder muito grande. E eu acho que isso não é justo. Entendeu? Na sua primeira relação. Na sua primeira experiência. (Bernardo, 50, RMRJ)*

É preciso destacar ainda que Bernardo entende o abuso mesmo tendo consentido com a situação. E mesmo tendo sido ativo na relação. Como vimos, algumas experiências de violência narradas envolvem a parte “mais fraca” – o menino ou pré-adolescente – fazendo o papel de passivo, sendo “comido”.

7.4 “Afasta de mim esse cálice”, mas “Deus me fez assim”: modulações religiosas

Como dito anteriormente, a família é o primeiro lugar de repressão aos primeiros sinais de homossexualidade ou de alguma “falha” em relação ao padrão heteronormativo. E, muitas vezes, aciona para esse fim dogmas religiosos. Como diz Bourdieu (2012), a Igreja é uma das instâncias de reprodução da dominação masculina, inculcando “explicitamente uma moral familiarista” (BOURDIEU, 2012, p. 103).

Cláudio narrou, anteriormente, que sua mãe o levou a “centros de macumba” – casas de religião de matriz afro-brasileira – para “desfazer o trabalho” que o “transformava” em homossexual. Curiosamente, essas religiões têm como marca a aceitação de homens homossexuais, como mostram Fry (1982) e Birman (1985). Foi numa casa de religião afro-brasileira que Tiago viveu a sua primeira experiência afetivo-sexual com outro homem. E ele continua professando essa fé até hoje.

Entre os sujeitos com os quais conversamos, percebe-se que a maior influência repressiva veio de religiões ditas “cristãs” – catolicismo e protestantismo. Embora haja quem, hoje, ainda se denomine católico, como Gustavo. Alexandre se definiu como evangélico – ele chegou a contar de qual denominação, mas seu medo de ser “reconhecido” fez com que ele me pedisse para não mencioná-la.

Armando também se identifica como católico, mas conta que não frequenta mais a religião como antes. Entretanto, reconhece que o fato de ter sido criado na Igreja Católica pesou, no momento em que começou a perceber seu desejo por homens:

Meus 14, 15, 16 anos e aí parece que essa aceitação inicial é muito complicada, né? É um turbilhão de coisas que passa pela cabeça da gente. Aí é a religião que às vezes entra aí nisso, porque como falei eu era muito católico praticante. Então era a religião que entrava nessas questões. (Armando, 46, ESB)

Rodrigo diz que hoje sua religião é “Deus”. No entanto, conta que era um “católico fervoroso, que assistia a missa todo santo dia, confessava, comungava”, ele explica.

O envolvimento com a religião – e a descoberta de sua homossexualidade – fizeram com que Rodrigo buscasse o seminário, com o apoio de sua família. Contudo,

foi justamente esse espaço, em tese, de repressão à homossexualidade – como a escola militar onde John estudou –, que o fez assumir seu desejo por homens:

- Já fui católico. Eu já estudei no seminário, quase fui padre.
- Mas, no seminário, você tinha homossexualidade assumida?
- Não. Eu... Olha. Uma coisa bem engraçada. Eu tinha a sexualidade... Eu era homossexual, mas eu era indefinido, entendeu? Eu fiquei no seminário de 1991 a 1993. Em 1993, eu descobri que eu era realmente... Eu descobri o arco íris... “Vou pintar um arco íris de energia” [ele cantarola trecho da música “Lua de cristal”, da Xuxa]. E lá que eu descobri...
- Por que você foi pro seminário?
- Na época, eu era um católico fervoroso. Religioso, que assistia a missa todo santo dia. Confessava, comungava.
- Porque em 1991, você estava com uns 20 anos...
- É. Exatamente. Aí eu descobri que eu era gay. E como o regime do seminário era pesado, tinha que estudar filosofia e teologia, eles têm uma visão muito torta, deturpada, da questão da homossexualidade. De ser mais um... De que assim, usar a batina pra dar uma escapulida. Eu não queria ser mais um. Aí eu parei.
- Mas você foi pra... Você foi pra tentar reprimir a tua sexualidade?
- É. Sim. Foi isso também. Também porque eu era religioso, eu achava que eu ia ser [padre]. Mas eu vi que não dava mais. Não dava pra segurar essa tsunami. Essa força da natureza. E também pra ser mais um... Não. Eu prefiro dar pinta fora. Eu prefiro usar meu salto, entendeu? Porque usar o meu arco íris aqui fora [do seminário ou do sacerdócio], dar a cara à tapa, do que ser mais um pra me envolver em algum escândalo. Entendeu? De escândalo... De escândalos e manchar o nome da igreja⁹⁹. (Rodrigo, 50, RMRJ)

Ele ainda conta que era virgem quando entrou no seminário – e saiu de lá assim. Contudo, presenciou práticas que mostravam a “vida dupla” de colegas e também superiores. Ou seja, em vez de uma “cura” da homossexualidade – o que talvez Rodrigo esperasse que acontecesse consigo –, o que presenciou foi a dissimulação de desejos similares aos seus pelos outros:

- Eu era virgem quando eu entrei no seminário.
- A regra que a gente entende é que quem vai [para o seminário] é celibatário, né? Sempre colocando entre aspas.
- Pra você ter uma ideia, tinha padres e seminaristas que tinham caso com padre. Que iam no quarto do padre pra transar, pra foder seminarista. Tinha até seminarista que usava colocação. Usava droga. Usava droga mesmo. Fugia depois das orações. Quando o pessoal terminava as orações da noite, tinha seminaristas que pulavam o muro do seminário pra ir pra baile funk, pra foder padre, pra se drogar. Pra comprar droga. Iam pra boate gay.

⁹⁹ Os “escândalos” a que Rodrigo se refere envolvem, em sua maioria, denúncias de abuso sexual por parte de padres católicos, sobretudo com meninos. Um caso recente (fevereiro de 2023) ocorreu em Portugal: uma comissão independente formada em 2022 a pedido da própria igreja para investigar denúncias mostrou, em seu relatório, que 4.815 crianças foram abusadas sexualmente por membros da Igreja Católica do país nos últimos 70 anos. Disponível em <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2023/02/13/mais-48-mil-criancas-foram-abusadas-por-membros-da-igreja-catolica-de-portugal-diz-estudo.ghtml>>. Acesso em 4 de março de 2023.

Namoravam. Tinha padre que tinha caso também, que de madrugada levava um boy, michê, pra foder.

– Mas aí você sai do seminário, porque você não queria viver essa vida dupla...

– Entendeu? Tipo assim: se é pra enfrentar o mundo, eu prefiro enfrentar do jeito que eu sou.

Quando eu saí, meus pais me detonaram. Arrasaram comigo, né? E eu perdi a minha virgindade. Eu tive o meu primeiro contato sexual com homem mesmo, foi no cinema Íris. No Cine Íris, lá na Carioca [centro do Rio de Janeiro]¹⁰⁰... (Rodrigo, 50, RMRJ)

Os dogmas religiosos costumam ser acionados pela família para incutir a noção de “pecado” na homossexualidade. O desejo de um homem por outro iria contra as “regras divinas”, e quem o efetivasse/praticasse estaria condenado ao “inferno”.

Quando criança, Diego frequentava a Igreja Batista, uma denominação protestante, com sua mãe. E lembra o que escutava sobre homossexualidade – mesmo sem saber o que era “ser homossexual”:

Quando ia para a igreja, escutava falando de Deus, de que os homossexuais não entravam no reino dos céus. E o pastor falava, era uma voz horrorosa, eu sentia no coração uma angústia horrível. (Diego, 41, RMRJ)

Diante dessa fala – e quando passa a entender que gostava de homens –, Diego usava a religião para “se livrar desse mal”. E reconhece todo o sofrimento que o discurso religioso provocou na sua vida, ao ponto de hoje dizer que não tem religião, embora acredite em “Deus e nas energias”:

Eu tinha cuidado de não parecer afeminado, porque eu sabia o que eu era, eu via colegas meus que, quando tinha uma coisa meio afeminado eu falava: “Nossa, eu não queria ser assim”... E como eu ia na igreja, eu suplicava a Deus que tirasse isso, falava “tira essa doença que eu tenho”. Porque fui criado na igreja. Essa é a parte triste, como eu falei, a gente foi muito enganado. E teria evitado esse sofrimento... (Diego, 41, RMRJ)

Nem sempre a busca pela “salvação” da homossexualidade via religião se dá por imposição da família. É o caso de John. Ele mesmo tomou a iniciativa de frequentar uma igreja evangélica para tentar se livrar do desejo por outros homens:

¹⁰⁰ Para Rodrigo, sua “virgindade” foi perdida quando ele fez sexo como ativo pela primeira vez – quando, no Cine Íris, ele penetrou um homem. Portanto, a experiência de ser penetrado pelo irmão mais velho na adolescência – que, à época, era para ele uma “brincadeira”, e depois, com a ampliação de seu conhecimento, foi reconhecido como abuso sexual – não é considerada por Rodrigo como o início de sua vida sexual.

– Dos 13 aos 16 eu fui evangélico, e eu entrei na igreja como uma forma de, digamos assim, “Ah, eu não quero ser gay. Eu acho que é errado, tem culpa disso”. E aí eu procurei a igreja como uma forma de me livrar.

– Teus pais já eram na igreja?

– Eles eram da igreja, mas não frequentavam mais tinha um bom tempo. Hoje a minha mãe frequenta, minhas irmãs, mas, na época, estava todo mundo da minha casa afastado. Eu fui primeiro que voltei, mas eu voltei com o intuito de querer me livrar da minha orientação sexual.

Foi um tempo bom, em certo sentido, porque eu gostava de cantar, então entrava no coral. Mas, ao mesmo tempo, sabe, o peso era uma coisa assim...

Era um fardo muito grande. Eu me lembro que eu ia para uma cruzada evangelística na época, até no Sambódromo [Rio de Janeiro], pastor pregando, e não sei o quê. E eu me lembro na época que, numa dessas cruzadas, o pastor falou assim: “Nós vamos expulsar o demônio do homossexualismo!”. Era o termo da época. E eu falei assim: “Caramba, tá falando comigo!” E eu pensando comigo “Agora que eu vou, vou me libertar disso”. E aí, fazia aquelas sessões “sai demônio, sai demônio!”, e eu lá orando e pedindo.

Aí, a sensação que você sente... passa, tal... Acabou a oração, acabou a expulsão. Não sei o quê. Aí você olha, mas aí, quando você olha pro seu irmãozinho do lado, tipo assim, bonito e gostoso, aí tu cai em si que, porra! Não adiantou de nada. Porque o desejo continua ali. (John, 51, RMRJ)

O pecado, portanto, mora ao lado. E, com o “fracasso” das cruzadas e dos “exorcismos” do “espírito maligno” homossexual que tomavam conta de si, John desiste da religião. Contudo, usa “Deus” para se entender como um homem que deseja outros homens:

Aquilo me incomodava de tal maneira que eu falava “pô, o que adianta eu pedir a Deus, e estar orando ali, daqui a pouco abrir o olho no centro da igreja e olhar para o lado e sentir atração? Porque é uma coisa natural, né? E aquilo que estava me trazendo sofrimento. E aí eu já comecei, com 16 anos, a querer uma fuga. Eu não queria estar na igreja... Até quando eu vou ficar sofrendo? Eu não tenho o direito de ser feliz? Então comecei a reformular e a questionar aquela situação. “Poxa, se Deus me fez assim, por que isso é errado?” Me afastei da igreja e não voltei nunca mais. E nem quero. (John, 51, RMRJ)

Gérson não tinha uma família religiosa. Mas, como já dito anteriormente, buscou a religião para obter uma “base moral” que não sentia ter em casa, com seus pais. Entrou na igreja evangélica com 14 anos, e saiu dela somente aos 30.

Nesses 16 anos, pode-se dizer que Gérson viveu dois momentos distintos. No primeiro deles, até os 21 anos, ele buscava ser um “jovem de valor”. Como já narrado, ele ainda não entendia seu desejo por outros homens, que confundia com admiração. Namorou mulheres, mas, após algumas tentativas fracassadas, a percepção de sua homossexualidade aconteceu, aos 21.

Gérson entra, assim, numa “segunda fase” de sua vivência religiosa: a de “pedir a Deus” para tirar dele todos os desejos que sentia por homens. Até quando tal sublimação se tornou insuportável, e ele decidiu abandonar a igreja:

- Dos 21 aos 30, o que que você fez?
- Eu continuava na igreja ainda. Continuava...
- E sem namorar ninguém?
- Continuava sem namorar ninguém, lutando contra a homossexualidade, porque eu partia do princípio... Partilhava do princípio de que eu poderia ser consertado, né, por Deus (risos).
- Como foi lidar com 9 anos de desejo, numa fase que é justamente aquela em que a gente tá assim, né...
- Foi um inferno. Um verdadeiro inferno. Sofri muito. Chorei muito. Mas eu nunca fui discriminado na religião. Nunca. Um cara muito querido, inclusive. Os líderes da igreja, dentro daquilo que eles consideravam que é o correto, né, me apoiavam. Que era pra eu não me assumir... Mas era um sofrimento infernal, porque você imagina. Você tolhindo algo da sua identidade. Então aos 30 anos a situação ficou insuportável. Eu realmente abandonei a religião. E aí sim, eu tive o meu primeiro namorado. Tive minha primeira relação sexual, né? E aí fui vivendo. E realmente fiquei feliz. Sou feliz.
- Você só foi ter sua primeira relação depois de abandonar a Igreja então?
- Isso aí. Com 30 anos.
- E o que que foi mais positivo e mais dramático nessa descoberta?
- O mais positivo é o autorreconhecimento. É saber o que realmente eu era. E que eu não era um doente e nem era um pecador, que era o que as igrejas, de modo geral, né, pregam. De dramático foi um sofrimento intenso num primeiro momento, de não corresponder aquilo que a minha fé dizia que eu tinha que ser, que era ser um heterossexual. Mas, depois que eu vi que o meu amor próprio era muito mais importante, aí foi até relativamente fácil abandonar, porque eu estava sofrendo muito. Eu sofria demais. Eu era um cara muito triste. Eu não caí em depressão, ainda bem, mas era muito triste. E quando eu percebi que precisava ser quem realmente eu era para ser feliz, e eu fiz isso, deu certo. Não foi um peso mais. Foi, assim, um alívio.
- Eu tenho muito ainda dos princípios, digamos assim, religiosos. Mas não sou religioso hoje em dia. (Gérson, 41, RMRJ)

Para encerrar este capítulo e partir para as considerações finais, preciso narrar um episódio particular envolvendo família e religião.

A assunção e a realização do desejo homossexual ocorreram na minha vida quando tinha 26 anos. À época, foi a internet – particularmente, o chat de bate-papo do site UOL, hoje ainda uma ferramenta de relacionamentos para Armando, do ESB – que me permitiu dar vazão àquilo que eu sentia há tempos, mas não tinha coragem de efetivar.

A noção de que estava fazendo algo “proibido” mudou meus hábitos. Morando com minha mãe, eu entrava no bate-papo durante a madrugada, ficando acordado boa parte desse período, “conhecendo” homens.

Isso, claro, não passou despercebido pela minha mãe. E, certo dia, ela me perguntou o que estava acontecendo. Fugi do assunto, respondendo vagamente “nada”. Ela, porém, não ficou satisfeita. E voltou a me questionar outras duas vezes, posteriormente.

Voltei a “fugir” do assunto nessas ocasiões. Porém, na última delas, logo após ter dissimulado, tomei coragem e resolvi contar, “sair do armário”. Pedi a ela que se sentasse no sofá. E falei tudo o que estava sentindo e fazendo.

Ela escutou tudo com muita calma e uma compreensão que me surpreenderam. Contudo, após eu falar, ela fez várias perguntas e me questionou sobre determinadas situações. Como o fato de eu ser pai – na época, minha primeira filha tinha quatro anos.

Contudo, ficou também na minha memória quando ela usou “Deus” para me questionar. Fui criado na Igreja Católica, levado por meus pais. Fui batizado, fiz catecismo por quase três anos, primeira comunhão, participei de grupos jovens ligados à igreja, fui “coroinha” – meninos e rapazes que auxiliam os padres durante a missa. E cheguei também a estudar em um colégio católico, dos 12 aos 14 anos – período no qual, aliás, eu deixei a igreja, após estudar a história do catolicismo.

Resumidamente, minha mãe me perguntou como eu achava que Deus (o Deus católico, “pai” que pune) estava vendo a minha nova “condição”. Eu respondi a verdade: que a minha noção de “Deus” havia mudado seis anos antes, quando minha cunhada e meu sobrinho recém-nascido morreram. E que, a partir daquele momento, deixei de acreditar que “foi Deus quem quis assim” e que Deus era alguém tão ruim ao ponto de permitir a morte de uma mulher saudável, então com 28 anos, e de um bebê com 50 dias de vida. E de punir quem tentava ser quem era e ser feliz.

Foi a chave que começou a virar minha vida. E foi libertador – como foi, ao que parece, para os sujeitos desta pesquisa.

É fato que algumas denominações protestantes são bastante inclusivas à comunidade LGBTI+. A igreja católica, sob o comando do Papa Francisco, também fez algumas sinalizações positivas nesse sentido. Mas, infelizmente, o discurso religioso que “viraliza” é aquele que combate fervorosamente essa população. Embora haja resistência a ele, vindo das próprias religiões.

Em 2023, no início de junho – mês que marca a celebração do orgulho LGBTI+ –, o pastor André Valadão, da denominação evangélica Lagoinha, atacou diretamente essa comunidade, durante um culto. E viralizou nas redes sociais ao exibir a frase

“Deus odeia o orgulho”, uma referência clara de condenação não apenas às práticas homossexuais, mas à luta por direitos civis da população LGBTI+, que motiva a data.

A fala de Valadão – não coincidentemente, um apoiador do senhor que ocupou a Presidência da República entre 2019 e 2022 e que foi derrotado nas urnas ao tentar a reeleição – causou indignação entre pessoas LGBTI+ e apoiadores/as. Além de um ato criminoso – já que a LGBTfobia foi equiparada ao crime de racismo –, o discurso reforça a violência contra homossexuais, bissexuais e pessoas trans.

Contudo, a resposta à intolerância veio também de outras correntes religiosas. O pastor Hermes Carvalho Fernandes, da igreja Reina, afirmou que André Valadão e Silas Malafaia – outro líder religioso protestante que ataca LGBTI+ - são "mensageiros de Satanás" por propagarem o ódio contra gays, lésbicas, bissexuais, trans e outros grupos sob o guarda-chuva da diversidade sexual e de gênero, mostra matéria publicada em 11 de junho de 2023 pela Folha de S. Paulo¹⁰¹.

"A homossexualidade não é um espinho na carne. A verdadeira chaga para o homossexual não é o desejo, é a homofobia, porque esse mundo está cheio de mensageiros de Satanás", disse Fernandes, na conferência Jesus Hope, que teve como mote "A igreja e as pessoas LGBTQIA+".

No Brasil, a religião exerce grande influência na vida social e também política do país. Mas nada se compara ao que acontece em Uganda, país africano onde o governo já perseguia legalmente a comunidade LGBTI+ e criou leis ainda mais punitivas às práticas homossexuais – e com base em dogmas religiosos.

Em março passado, o parlamento de Uganda aprovou um projeto de lei anti-LGBT+ que torna “atos homossexuais” puníveis com a morte, além de criminalizar a identificação de pessoas com qualquer letra da sigla. Serão punidos com a pena capital e prisão perpétua quem praticar atos considerados homossexuais e ou o “recrutamento, promoção e financiamento” de atividades “do mesmo sexo”, detalha matéria publicada pela Carta Capital em 23 de março¹⁰². Dois meses depois, o presidente do país, Yoweri Museveni, sancionou a lei.

¹⁰¹ “Pastor defende LGBTQIA+ e chama Valadão e Malafaia de 'mensageiros de satanás'”. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2023/06/pastor-defende-lgbtqia-e-chama-valadao-e-malafaia-de-mensageiros-de-satanas.shtml>>. Acesso em 12 de junho de 2023.

¹⁰² “Uganda aprova pena de morte para pessoas LGBT+”. Disponível em <<https://www.cartacapital.com.br/diversidade/uganda-aprova-pena-de-morte-para-pessoas-lgbt/>>. Acesso em 12 de junho de 2023.

O projeto foi apresentado pelo legislador Asuman Basalirwa. Seu intuito era de “proteger a cultura e a religião, os valores legais, religiosos e familiares tradicionais dos ugandeses dos atos que promovem a promiscuidade sexual” no país. Assim, apesar das tentativas políticas de dar à perseguição a LGBTI+ uma roupagem de “resistência aos valores ocidentais” – o que ocorre também em outros países não-ocidentais –, vê-se claramente que é o fundamentalismo religioso que baseia tais atos.

Dessa forma, como uma esperança futura, parece bastante pertinente encerrar esta análise com Rodrigues (2017):

Quando as igrejas e denominações despertarem para o fato do mal que causam ao homossexual ao insistir na Tradição e em versículos da Bíblia que carecem de uma nova hermenêutica, crítica e contextualizada, talvez então tenhamos menos famílias disfuncionais, menos perseguição e menos sofrimento. (RODRIGUES, 2017, p. 315)

CONCLUSÕES INQUIETANTES

ORAÇÃO AO TEMPO

*És um senhor tão bonito / Quanto a cara do meu filho
Tempo, tempo, tempo, tempo / Vou te fazer um pedido
Tempo, tempo, tempo, tempo*

*Compositor de destinos / Tambor de todos os ritmos
Tempo, tempo, tempo, tempo / Entro em um acordo contigo
Tempo, tempo, tempo, tempo*

*Por seres tão inventivo / E pareceres contínuo
Tempo, tempo, tempo, tempo / És um dos deuses mais lindos
Tempo, tempo, tempo, tempo*

*Que sejas ainda mais vivo / No som do meu estribilho
Tempo, tempo, tempo, tempo / Ouve bem o que te digo
Tempo, tempo, tempo, tempo*

*Peço-te o prazer legítimo / E o movimento preciso
Tempo, tempo, tempo, tempo / Quando o tempo for propício
Tempo, tempo, tempo, tempo*

*De modo que o meu espírito / Ganhe um brilho definido
Tempo, tempo, tempo, tempo / E eu espalhe benefícios
Tempo, tempo, tempo, tempo*

*O que usaremos pra isso / Ficar guardado em sigilo
Tempo, tempo, tempo, tempo / Apenas conte comigo
Tempo, tempo, tempo, tempo*

*E quando eu tiver saído / Para fora do teu círculo
Tempo, tempo, tempo, tempo / Não serei nem terás sido
Tempo, tempo, tempo, tempo*

*Ainda assim acredito / Ser possível reunirmo-nos
Tempo, tempo, tempo, tempo / Num outro nível de vínculo
Tempo, tempo, tempo, tempo*

*Portanto, peço-te aquilo / E te ofereço elogios
Tempo, tempo, tempo, tempo / Nas rimas do meu estilo
Tempo, tempo, tempo, tempo
(Caetano Veloso)*

O tempo passou. Passou para o projeto que orientou esta pesquisa, elaborado em 2017. Passou para premissas e hipóteses que guiaram não apenas tal projeto como a primeira versão desta tese até o processo de qualificação, realizado em abril

de 2020 – pouco mais de um mês após a decretação da pandemia de covid-19. Passou para este pesquisador e sua orientadora, que, de forma remota, traçavam novas rotas e ideias a serem desenvolvidas, buscavam alternativas para ir adiante e, enfim, “escrever o capítulo final” deste estudo. E passou para os 13 sujeitos que, entre fevereiro de 2020 e abril de 2022, cada um em um momento diferente, aceitaram participar dessa “aventura” de contar para um desconhecido (em algumas situações, nem tanto), um pouco de suas histórias, seus medos, suas esperanças, suas angústias, seus desejos.

“Costurar” todos esses dramas e “causos” é desafiador. Por mais que se encontrem semelhanças e similaridades, lembrar cada uma das conversas é trazer à mente as particularidades de cada um dos homens de meia idade entrevistados. Expressões faciais, tons de voz, pausas curtas ou longas para falar de temas que consideravam mais “espinhosos”, risos soltos ou contidos, ou ausência de riso. Tudo isso emergia em cada fala reproduzida nas páginas anteriores. E, em vez de evidenciar tendências, “borrava” e embaralhava as ideias.

Mas, organizar os pensamentos neste momento é preciso – no sentido de ser necessário, mas não objetivamente rigoroso. Portanto, numa perspectiva reflexiva, proponho começar por me situar novamente neste momento final da pesquisa. Ou melhor: tentar mostrar os variados lugares que ocupei durante as relações com esses homens e as situações que, mesmo que por apenas uma ou duas horas, vivi com eles.

Seja nas tentativas nas redes sociais, seja nas indicações que recebi, seja nos convites que fiz diretamente, busquei, de imediato, contar brevemente um pouco da minha própria história. Assim, assumia minha homossexualidade, contava que era casado, que tinha filhas e netos.

Também procurava mostrar que “estávamos no mesmo barco”: ou seja, também sou um homem de meia idade. Isso ocorria mesmo quando não anunciava minha idade. Afinal, em algumas conversas, os sujeitos citavam características físicas minhas para mostrar receios – ou orgulhos – em relação à “máscara do envelhecimento”, lembrando Simões (2004).

A partir desses breves momentos em que conversei com esses homens sobre suas histórias, falei também da minha própria história. Mostrei, em alguns momentos, meus desejos. E, assim como eles, demonstrei minhas inquietações com essa

“liminaridade”, esse “estar e não estar” da chamada meia idade, esse “entre lugar” situado entre a juventude/vida adulta e a velhice/terceira idade.

Essa “interação confessional” foi espontânea e não programada. E, acredito, ajudou a “eliminar” essa linha, nem sempre apenas “imaginária”, que, muitas vezes, separa quem pesquisa de quem é pesquisado.

No fundo, também sou um pesquisado. Afinal, “é que Narciso acha feio o que não é espelho”, aproveitando, mais uma vez, a inspiração de Caetano Veloso, como fiz em outros “lugares” desta tese. Nessa troca de experiências com esses homens, pude identificar minhas dúvidas, aflições, meus desejos, minhas vontades e minhas angústias com a passagem do tempo. Em alguns momentos, disse isso a esses sujeitos. Em outros, guardei em minha mente tais inquietações, transformando-as em reflexões constantes sobre o envelhecimento.

Assim como “meus” sujeitos, expus as contradições dessa etapa do curso da vida. “Erotizei” e “deserotizei” minhas vivências. Exaltei e sublimei a necessidade de ter desejos sexuais. Repeli e valorizei o fato de ser chamado de “coroa”, “maduro”, “tio”, “senhor”. Reclamei das rugas, das dores corporais que apareceram com o passar do tempo. Ao mesmo tempo em que percebi certa “magia” do momento atual, enriquecido justamente pelas linhas de expressão e pelas limitações físicas que surgiram por ter chegado até este momento da vida.

Essa autoexposição – também nas redes sociais, em busca de sujeitos que quisessem contar suas histórias – acabou rendendo um convite inusitado: participar de um documentário sobre... homens homossexuais e envelhecimento. Assim, em março de 2022, assim que retornei de Prado para o Rio de Janeiro, conversei com Rian Córdova e Leo Menezes, diretores do projeto, sobre a minha história, os meus prazeres e medos com a passagem do tempo, as minhas percepções sobre envelhecer. Em julho de 2023, “Música+Amor+Dança+Sodomia”, o documentário, estreou na 12ª edição do Festival Internacional de Cinema Rio LGBTQIA+, tendo a boate La Cueva como pano de fundo. Na tela, pesquisador e pesquisado. Mas, antes de tudo, um homem de meia idade gay envelhecendo e falando sobre isso.

Feita essa brevíssima escrevivência, como propõe Conceição Evaristo, é hora de voltar o olhar para as experiências “do outro” etnográfico. Ou seja, dos 13 homens de meia idade, da Região Metropolitana do Rio de Janeiro e do Extremo Sul da Bahia, com os quais conversei para confirmar e refutar hipóteses sobre homossexualidade/homoerotismo e envelhecimento.

A princípio, a geração, sob uma perspectiva de “grupo etário”, une esses sujeitos de algum modo, estejam onde estiverem. Mas, levando-se em conta as análises de Alves (2009) e Motta (2004), feitas a partir do conceito de geração em Mannheim, essa suposta “união” não se mostra tão evidente e ganha novas nuances.

Em suas falas, alguns dos sujeitos inicialmente citam “geração” como uma etapa da vida relacionada ao tempo cronológico. Mas acrescentam valores e conhecimentos agregados nessa passagem do tempo. Esse cabedal caracterizaria, assim, a “nossa” geração – a deles e a minha, na avaliação deles.

Por isso John, 51 anos, disse-me que “a nossa geração”, a “pessoa que nasceu na nossa época” vai chegar a muito mais que os 80 anos – eu tinha 49 anos quando conversamos, e ele desconhecia isso. Cláudio, 57 anos, protestou contra o mercado de trabalho que pega “um cara da nossa geração” e não valoriza os estudos que fez durante o curso da vida – nossa conversa ocorreu também quando eu estava com 49 anos, o que ele soube durante nosso diálogo. Assim, Cláudio também avaliou que “na nossa geração”, quando você ganha dinheiro “é promovido de viado, viadinho, bichinha, para homossexual”.

Se a “nossa geração”, como disse Cláudio, perdeu valor no mercado de trabalho, a geração de Diego, 41 anos (eu tinha 49 quando conversamos) foi valorizada quando ele foi pesquisar sobre mudar de atividade. O seu interlocutor foi bem didático ao dizer que ele tinha boas chances porque “a geração de hoje é horrível, não tem maturidade”, enquanto a dele “é responsável”.

Vale lembrar que Diego, que também não soube de minha idade, não falou “nossa geração” durante nossa conversa. Seria por achar que pertencíamos a grupos etários diferentes? Ou pela falta de uma identificação de símbolos e códigos comuns, reconhecidos a posteriori, como frisa Alves (2009), a partir de processos e relações, que nos colocaria num mesmo grupo geracional? Talvez a resposta seja positiva para as duas questões.

Mas, se a geração pode ser, em tese, um fator de proximidade entre esses sujeitos, ainda que com ressalvas, há outros marcadores sociais que atuam nessas relações e nessas situações afastando-os, como se pode perceber em seus depoimentos. Daí a importância das articulações entre as categorias sociais de diferenciação e as agências desses homens nos variados aspectos de seu cotidiano. Somente assim pode-se evitar uma homogeneização que, além de falsa, simplifica a complexidade envolvida em seus cursos da vida e no exercício de suas sexualidades.

Contudo, há pontos comuns. E talvez a primeira “correção” a ser feita nas ideias que me motivaram a realizar este estudo diz respeito a uma certa expectativa de que o desejo sexual e a posição no que podemos simplificar como “mercado homoerótico masculino” fossem questões centrais em suas inquietações com a passagem do tempo. Afinal, em um contexto de valorização da juventude e do hedonismo sexual, como o de nossa sociedade, o envelhecimento se tornaria, assim, um fator de “quebra” desses prazeres – e por isso precisaria ser evitado com esse fim.

Diante de seus depoimentos, verifica-se que a “erotização” da velhice não é a maior de suas preocupações com o curso da vida – ao menos não confessadamente. Ainda que esses homens valorizem desejos e práticas sexuais e, em maior ou menor grau, disponham-se a buscar cuidados, “ferramentas” e soluções caso percebam a possibilidade de “falhar” nesse sentido.

De modo geral, esses homens de meia idade querem saúde. Saúde corporal/fisiológica, evitando males que os levem a alguma limitação física. Saúde mental, de forma a manter sua capacidade de pensar sem sofrer deteriorações cognitivas. Saúde financeira, com trabalho e/ou dinheiro para que possam “envelhecer em paz”, com algum conforto e recursos para que possam “ser cuidados”, se (ou quando) for necessário. E também para cuidar de alguém, sejam aqueles que têm filhos, sejam os que já têm parceiros, sejam os que esperam ter uma companhia afetiva no decorrer de suas vidas.

Quanto ao envelhecer, foi interessante ver que alguns desses sujeitos, como eles próprios confessaram, não tinham parado para pensar sobre tal processo até serem “provocados” pelo convite que viram em redes sociais, ou quando me ouviram falando deste estudo.

Embora pareça não haver relação, essas situações confirmam a “regra”, apontada em vários momentos desta escrita: é “o outro” quem costuma nos dizer que o tempo passou para nós. Seja por um tratamento muitas vezes feito com intenção respeitosa, como “senhor”, seja por comentários jocosos ou mesmo ofensivos. Não se pretende negar que o envelhecimento é fisiológico. Mas o “ser velho”, o “sentir-se velho”, é dado de acordo com as relações e as situações, confirmou Régis.

As visões sobre o que é o envelhecimento parecem distintas. Mas aproximam-se em relação aos temores e se encontram num olhar – também variável para cada um – ao cuidado de si para “empurrar” os prováveis efeitos naturais da passagem do tempo. Para alguns, é a solidão que surge como uma possível ameaça: não ter

ninguém para cuidar e ser cuidado. Seja alguém da família “de sangue”, seja da família “do coração”, como bem distingue Henning (2013).

O tempo pode passar, mas, para esses homens, há uma diferença entre “envelhecer” e “ter idade”. Nesse sentido, a aparência se torna um tema que também merece atenção. Assim, pode-se tingir cabelos brancos ou raspar barbas com fios grisalhos; fazer exercícios físicos, usar produtos e fazer procedimentos estéticos para disfarçar rugas e marcas de expressão causadas pelo envelhecer.

Se um antigo ditado diz que “à mulher de César não basta ser fiel, tem de parecer fiel”, no “ditado do curso da vida” de alguns desses homens não basta não ser velho – mesmo que todos saibam que “de envelhecer ninguém escapa”, como lembra Peixoto (2004), ou que “só não envelhece quem morre, como lembrou Xuxa Meneghel quando foi chamada de “velha” ao postar uma foto em suas redes sociais. É preciso não parecer velho – ainda que “se tenha idade”.

No terreno dos desejos desses sujeitos não constam homens “afetados” ou “afeminados”. Assim como se consideram masculinos, desejam “iguais” masculinos. E a “interdição” se dá numa perspectiva de gênero, não de sexualidade.

Suas idades cronológicas explicam essa visão, de alguma forma. Afinal, são representantes de gerações nas quais a construção de uma masculinidade “hegemônica”, “viril” era regra. Se, de alguma forma, parecem ter “falhado” em não ser os homens heterossexuais esperados nessa “fabricação”, procuram manter uma representação do masculino no dia a dia e nas relações – ainda que “derrapem nas oxítonas”, como disse Cláudio.

Assim, ser “masculino” não tem, para esses homens, qualquer relação com a posição sexual que assumem na cama, se ativo, passivo ou versátil. O que reforça que a “interdição do cu”, apontada por Saéz e Carrascosa (2016) como marca do “ másculo”, não se sustenta. Na prática dos desejos entre esses homens, ter o ânus penetrado não é algo que “afemine”.

Ao falar do “aprendizado do homem” e, sobretudo, da repressão de seus desejos homoeróticos, esses sujeitos expõem a centralidade da família. A preocupação com a reação familiar em caso de descoberta desses desejos é uma marca comum. Passado esse momento de tensão, as relações com o núcleo familiar foram sendo estabelecidas de diferentes formas. Contudo, a passagem do tempo e a consolidação de uma posição social independente financeiramente por parte desses

homens fizeram com que os familiares passassem a conviver com sua sexualidade. Ou, pelo menos, “aturar”.

Com essa independência financeira, alguns desses homens exerceram papéis de sustento e/ou ajuda monetária às suas famílias. Entretanto, o que poderia ser um exercício de gratidão e reconhecimento pelo cuidado familiar no passado, como explica Peixoto (2004) ao analisar aposentados/as ajudados por filhos e filhas, pode ser sentido como o pagamento pela “dívida” de não ter cumprido o imperativo heterossexual, parafraseando Butler (2013), esperado pelo núcleo familiar. O rompimento desse auxílio financeiro pode mostrar que tal débito não existe, se as relações continuam. Ou reforçar que a aceitação era de fato “comprada”, quando a família rompe os laços ao perder o dinheiro que recebia.

Outro fator repressivo foi a religião, que, para alguns, afetou tanto o exercício do homoerotismo como a assunção para si de seus desejos por outros homens. Em alguns casos, “apostaram” na Igreja – sobretudo as de orientação cristã, como a católica e a protestante – como um meio de se livrar desse desejo, um “pecado” e, portanto, uma “escolha”. Mas, nada como a passagem do tempo... libertando-se de dogmas religiosos, permitiram-se ser o que são, e viver os desejos que queriam viver.

Tratadas as semelhanças, pode-se pensar nas diferenciações. Sobretudo considerando que trata-se de homens que vivem realidades distintas em regiões do país bastante díspares entre si, como os dados mostram. Sendo assim, o que diferencia os sujeitos da “capital”, da “metrópole” carioca, e os do “interior”, das pequenas cidades do extremo sul baiano?

Seria fantástico trazer para esta análise diferenciações sociais mais aprofundadas entre esses territórios. Pensar esses sujeitos de meia idade considerando comparações entre “centro” e “periferia”; “capital” e “interior”; “urbano” e “não tão urbano quanto”.

Entretanto, para isso ocorrer com a profundidade necessária para uma boa reflexão analítica, era preciso não haver uma pandemia e restrições de contato e de ir e vir. Assim, seria possível “observar de forma participativa”, ou “participar com observação”, vivências em uma e outra cidade da RMRJ e do ESB. Contudo, os “imponderáveis da vida real”, *a la* Malinowski, não permitiram tal experiência.

Por outro lado, sem a pandemia, talvez esta pesquisa estivesse restrita à sua proposta original: dialogar com homens de meia idade com práticas homossexuais da cidade do Rio de Janeiro e municípios do entorno. Já que foi o distanciamento

obrigatório que me levou a residir por um ano no Prado, no sul baiano. Sem ele, minhas idas à cidade certamente continuariam restritas a viagens de lazer.

Ainda assim, é possível traçar algumas diferenças entre as duas regiões. E como tais distinções afetaram e ainda afetam as vidas dos sujeitos. Ainda que, como Gontijo e Erick (2015), Lopes (2016) e Passamani (2018) pontuaram, seja necessário “descolonizar” as noções comumente associadas ao que é típico da “capital” e do “interior”. Sobretudo em uma época onde informações, tendências e práticas circulam na velocidade da luz por meio da internet e de redes sociais, “borrando” as diferenças de costumes entre “centro” e “periferia”.

A mais evidente diferenciação, pelos próprios depoimentos dos participantes, é a oferta de locais de sociabilidade destinadas à comunidade LGBTQIA+. No extremo sul baiano, essa ausência parece diminuir a possibilidade de encontrar parceiros – ainda que haja agenciamentos que tentam romper esse lapso, como as salas de bate-papo virtual e as praias – o locus típico da exibição corporal e, com isso, de possíveis aproximações de desejos.

Também no Extremo Sul da Bahia parece haver uma preocupação maior com a vigilância social – talvez pela manutenção de um pensamento ainda preso àquelas convenções que caracterizavam as diferenças entre capital e interior. Afinal, são cidades enormes territorialmente, mas com populações pequenas, e concentradas em determinadas áreas desses territórios. O clima de “cidade de interior”, onde todos se conhecem, de fato prevalece. Mas, ainda que algumas delas sejam turísticas e atraiam visitantes de outras regiões do país, com outros costumes, ações e reações, o medo da crítica e mesmo da violência predomina. Inclusive num município com 150 mil habitantes, como Teixeira de Freitas.

Alguns dos sujeitos participantes do ESB que moraram em grandes cidades ou capitais, ainda que por períodos curtos de tempo, narraram com satisfação essa experiência. Em geral, deram a entender que, nesses locais, viam – e viviam – mais “liberdade” do que no extremo sul baiano. Armando, que estudou em Belo Horizonte, contou que achava muito difícil ver em sua cidade dois homens de mãos dadas, como viu diversas vezes na capital mineira.

Um ponto levantado exclusivamente por William como possível preocupação com o envelhecimento marca outra importante diferença – e talvez seja a mais relevante delas. Ele citou o acesso a serviços de saúde, não apenas a oferta pelo serviço público, mas também para quem tem plano de saúde particular. Quando se

trata de possíveis problemas oriundos da passagem do tempo, é algo a ser considerado.

Para (in)concluir, é preciso falar o que foi dito pelos homens desta pesquisa, mas não discutido neste estudo.

À exceção de Alexandre, que se autodefiniu bissexual, todos os homens se disseram homossexuais. Houve tentativas, via redes sociais e *Grindr*, de encontrar sujeitos que se definissem como heterossexuais, mas que fizessem sexo com outros homens. Mas minha busca gerou, no máximo, ser chamado de “burro” ou “estúpido” por nomear como “heterossexual” um homem que transa com outro homem. Mesmo com toda a explicação de que procurava homens que se consideravam e se definiam como tal.

Entre os 12 que se autodefiniram homossexuais, perguntei se eram “assumidos”, ao que todos responderam positivamente. Entretanto, durante as conversas, pôde-se perceber que há variadas noções do que é ser “assumido”. Isso envolve posições nas relações familiares, profissionais, de amizade, etc.. E em cada situação, a assunção pode se configurar de um jeito. Ou não ocorrer “oficialmente”, mas de forma implícita. Algo do tipo “não precisa contar, porque nós já sabemos”, como Armando deu a entender.

Em suas histórias de vida, alguns sujeitos citaram a escola como um local onde sofreram *bullying* e perseguições, muitas vezes apenas por uma “suspeita” de que eram homossexuais. Infelizmente, não foi possível desdobrar essas vivências. Mas é possível – e necessário – tirar lições delas.

A escola, assim como aponta Bourdieu (2012), é outra instituição que reproduz a dominação masculina e busca moldar seus integrantes nos padrões da heteronormatividade. E por mais que saibamos que as experiências desses homens nesse ambiente ocorreram há 30, 40 anos, parece evidente que é preciso pensar em como evitar tais violências.

Isso passa por políticas públicas que levem para a escola e as salas de aula discussões sobre gêneros e sexualidades. E também sobre masculinidades, já que a “casa dos homens” também passa por esses espaços.

Educar é, portanto, a única alternativa para evitar que as gerações que estão chegando sofram abusos e violências, como ocorreu com os homens de meia idade que participaram desta pesquisa. Diante de tantas dúvidas, indagações e inquietações

sobre homossexualidade e envelhecimento, esta é uma das poucas certezas propostas por este estudo.

Mas também se mostra crucial outra educação, tão inclusiva e necessária quanto àquela proposta para combater discriminações de gênero e sexualidade: uma educação que construa o envelhecimento como parte do curso da vida tão importante quanto às anteriores à sua chegada. E que, por isso, deve ser entendida e respeitada em sua singularidade e também em sua complexidade.

Não se trata de romantizar a velhice ou negar os efeitos que a passagem do tempo traz para o corpo, para a mente, para a libido. Mas sim de explicar que são desdobramentos do que é viver e que devem ser encarados como parte constituinte de um processo pelo qual somente não passarão quem morrer “jovem”.

Nesse sentido, é preciso tirar da velhice essa visão de “não lugar”, de um tempo ao qual não se quer chegar, ou que chegar nele é sinônimo de sofrimento e invisibilidade. Sim, há poucas décadas envelhecer praticamente significava “deixar de existir”. Felizmente, esse cenário vem sendo modificado.

Contudo, ainda há um foco em “escamotear” a passagem do tempo, em “rejuvenescer”, em “não parecer ter a idade cronológica que tem”. E não em assumir a velhice como ela é: um tempo com seu próprio ritmo que pode ser vivido com saúde e, sobretudo, orgulho.

Portanto, para terminar, vale prestar atenção no sapientíssimo conselho da eterna filósofa Rita Lee:

*Se por acaso morrer do coração
É sinal que amei demais
Mas enquanto estou viva e cheia de graça
Talvez ainda faça um monte de gente feliz.*

REFERÊNCIAS

- AGUIÃO, Silvia. “Não somos um conjunto de letrinhas”: disputas internas e (re)arranjos da política “LGBT”. In: **Cadernos Pagu**, n. 46. Campinas, janeiro-abril de 2016, pp. 279-310.
- ALMEIDA, Miguel Vale de. **Senhores de si: uma interpretação antropológica da masculinidade**. Lisboa, Portugal: Fim de Século Edições, 1995.
- ALVES, Andréa Moraes. Fronteiras da relação. Gênero, geração e a construção das relações afetivas e sexuais. In: **Sexualidad, salud y sociedad – Revista Latinoamericana**, n. 3. Rio de Janeiro, dezembro de 2009, pp. 10-32.
- ATTIAS-DONFUT, Claudine. Sexo e envelhecimento. In: PEIXOTO, Clarice Ehlers (org.). **Família e envelhecimento**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, pp. 85-108.
- AUGÉ, Marc. **Não lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Campinas (SP): Papyrus, 2018.ePub
- BARCINSKI, André. **Música de festa de firma uma ova: por que o Village People foi mais punk que o Sex Pistols**. Disponível em <<https://blogdobarcinski.blogosfera.uol.com.br/2017/08/09/musica-de-festa-de-firma-uma-ova-por-que-o-village-people-foi-mais-punk-que-o-sex-pistols/>>. Acesso em 14 de fevereiro de 2023.
- BARRETO, Márcio. A percepção sobre a ciência na vertigem do cinema: considerações acerca de *Um corpo que cai*. In: **Ciência e Cultura**, vol.72, n. 1. São Paulo, janeiro-março de 2020, pp. 51-55.
- BARRETO, Victor Hugo de Souza. **Festas de orgias para homens: territórios de intensidade e socialidade masculina**. 1ª ed.. Salvador (BA): Editora Devires, 2017.
- BARROS, Myriam Moraes Lins de. Velhice na contemporaneidade. In: PEIXOTO, Clarice Ehlers (org.). **Família e envelhecimento**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, pp. 13-23.
- BAUBÉROT, Arnaud. Não se nasce viril, torna-se viril. In: CORBIN, Alain, COURTINE, Jean-Jacques e VIGARELLO, Georges. **História da virilidade 3: a virilidade em crise? Séculos XX-XXI**. Petrópolis (RJ): Vozes, 2013, pp. 189-220.
- BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo**. 3ª ed. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2011.
- BESSIN, Marc. Política da presença: as questões temporais e sexuadas do cuidado. In: ABREU, Alice Rangel de Paiva; HIRATA, Helena e LOMBARDI, Maria Rosa (org.). **Gênero e trabalho no Brasil e na França: perspectivas interseccionais**. São Paulo: Boitempo, 2016, pp. 235-245.

BIRMAN, Patrícia. Identidade social e homossexualismo no candomblé. In: **Religião e sociedade**, n. 12/1. Rio de Janeiro, agosto de 1985, pp. 2-21.

BOLTON, Ralph. *Tricks, friends, and lovers: erotic encounters in the field*. In: KULICK, Don e Willson, Margaret (org.). **Taboo: sex, identity and erotic subjectivity in anthropological fieldwork**. Nova York: Routledge, 1995.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 11^a ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

_____. **Razões práticas sobre a teoria da ação**. 9^a ed. Campinas: Papyrus Editora, 2008.

_____. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaina e FERREIRA, Marieta M. (orgs.). **Usos e abusos da história oral**. 8^a ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006, pp. 183-191.

BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. In: **Cadernos Pagu**, n. 26. Campinas, janeiro-junho de 2006, pp. 329-376.

BRAZ, Camilo Albuquerque de. Silêncio, suor e sexo: subjetividades e diferenças em clubes para homens. In: DÍAZ-BENÍTEZ, Maria Elvira e FÍGARI, Carlos Eduardo (org.). **Prazeres dissidentes**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009. Coleção Sexualidade, gênero e sociedade, pp. 207-236.

_____. **À meia luz: uma etnografia imprópria em clubes de sexo masculinos**. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Campinas: 2010.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade**. 6 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

_____. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013, pp. 151-172.

CECCHETTO, Fátima Regina. **Violência e estilos de masculinidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

CENTRO ESTADUAL DE ESTATÍSTICAS, PESQUISAS E FORMAÇÃO DE SERVIDORES PÚBLICOS DO RIO DE JANEIRO – CEPERJ. *Produto Interno Bruto dos Municípios – Dezembro 2020*. Disponível em <
[http://arquivos.proderj.rj.gov.br/sefaz_ceperj_imagens/Admin/Uploads/PIB-MUICIPIOS-DEZ-2020_\(1\).pdf](http://arquivos.proderj.rj.gov.br/sefaz_ceperj_imagens/Admin/Uploads/PIB-MUICIPIOS-DEZ-2020_(1).pdf)>. Acesso em 13 de dezembro de 2022.

CHO, Sumi; CRENSHAW, Kimberlé Williams; MCCALL, Leslie. *Toward a field of intersectionality studies: theory, applications, and praxis*. In: **Signs: Journal of Women in Culture and Society**, v. 38, n. 4. Chicago, EUA, 2013, pp.785-810.

CONNELL, R. W.. **Masculinities**. 2 ed. Berkeley e Los Angeles: University of California Press, 2005.

CRENITTE, Milton R. Furst; MIGUEL, Diego Felix; JACOB FILHO, Wilson. Abordagem das particularidades da velhice de lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros. In: **Geriatrics, Gerontology and Aging**, v. 13, n. 1. Rio de Janeiro, 2019, pp. 50-56.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. In: **Estudos Feministas**, n. 1/2002. Florianópolis, 1º semestre de 2002, pp. 171-188.

DATA.RIO. **Produto Interno Bruto (PIB) per capita segundo as Grandes Regiões, Unidades da Federação do Sudeste do Brasil e suas capitais entre 2010-2019**. Disponível em <<https://www.data.rio/documents/4af58b15912c43139976a925ce629363/about>>. Acesso em 12 de dezembro de 2022.

DEBERT, Guita Grin. Envelhecimento e curso da vida. In: **Estudos feministas**, n.1/97. Florianópolis, 1º semestre de 1997, pp. 120-128.

_____. Pressupostos da reflexão antropológica sobre a velhice. In: DEBERT, Guita Grin (org.). **Antropologia e Velhice**. Campinas: IFCH/ Unicamp, 1994. p. 7-30.

DEBERT, Guita e BRIGEIRO, Mauro. Fronteiras de gênero e a sexualidade na velhice. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 27, n. 80. São Paulo, outubro de 2012, pp. 37-54

DÍAZ-BENITÉZ, Maria Elvira. Buraco da Lacraia: interação entre raça, classe e gênero. In: VELHO, Gilberto (org.). **Rio de Janeiro: cultura, política e conflito**. Edição digital. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2013, pp. 128-155.

DICIONÁRIO Informal. Disponível em <<http://www.dicionarioinformal.com.br/>>. Acesso em 30 de julho de 2018.

DOUGLAS, Mary. **Pureza e perigo**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2012. Coleção Debates.

ERIKSEN, Thomas Hylland; NIELSEN, Finn Sivert. **História da Antropologia**. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

FACCHINI, Regina. **Sopa de letrinhas? Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005. Coleção Sexualidade, gênero e sociedade.

FARO, Livi; CHAZAN, Lilian Krakowski; ROHDEN, Fabíola; RUSSO, Jane. Homem com "H": ideias de masculinidade (re)construídos no *marketing* farmacêutico. In: **Cadernos Pagu**, n. 40. Campinas, janeiro-junho de 2013, pp. 287-321.

FIGARI, Carlos e DÍAZ-BENÍTEZ, Maria Elvira. Sexualidades que importam: entre a perversão e a dissidência. In: DÍAZ-BENÍTEZ, Maria Elvira e FÍGARI, Carlos Eduardo (org.). **Prazeres dissidentes**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009. Coleção Sexualidade, gênero e sociedade, pp. 21-29.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Lisboa, Portugal: Relógio D'Água Editores, 1994.

_____. **História da sexualidade 2: o uso dos prazeres**. 13ª ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Edições Graal, 2010.

FRANÇA, Isadora Lins. **Consumindo lugares, consumindo nos lugares: homossexualidade, consumo e subjetividades na cidade de São Paulo**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012, Coleção Sexualidade, gênero e sociedade.

FRIEDMAN, David M.. **Uma mente própria: a história cultura do pênis**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

FRY, Peter. **Para inglês ver: identidade e política na cultura brasileira**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

FRY, Peter e MCRAE, Edward. **O que é homossexualidade**. São Paulo: Abril Cultural e Editora Brasiliense, 1985. Coleção Primeiros Passos.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. 18 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

GOLDENBERG, Mirian e RAMOS, Marcelo Silva. A civilização das formas: o corpo como valor. In: GOLDENBERG, Mirian (org.). **Nu & vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca**. Rio de Janeiro: Record, 2002, pp. 19-40.

GONTIJO, Fabiano. **O Rei Momo e o arco-íris: homossexualidade e carnaval no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009. Coleção Sexualidade, gênero e sociedade.

_____. **Corps, apparences et pratiques sexuelles: socio-anthropologie des homosexualités sur une plage de Rio de Janeiro**. Lille, França: ASBL Gai-Kitsch-Camp, Collection Université 8, cahier n. 41, 1998.

GONTIJO, Fabiano e ERICK, Igor. Diversidade sexual e de gênero, ruralidade, interioridade e etnicidade no Brasil: ausências, silenciamentos e... exortações. In: **Aceno – Revista de Antropologia do Centro-Oeste**, v. 2, n. 4. Cuiabá (MT), agosto a dezembro de 2015, pp. 24-40.

GREEN, James N.. **Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX**. São Paulo: Unesp, 2000.

HENNING, Carlos Eduardo. **Paizões, Tiozões, Tias e Cacuras: envelhecimento, meia idade, velhice e homoerotismo masculino na cidade de São Paulo**. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Campinas: 2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Portal Cidades@*. Disponível em < <https://cidades.ibge.gov.br/>>. Acesso em 2020, 2021 e 2022.

KULICK, Don. Introduction – The sexual life of anthropologists: erotic subjectivity and ethnographic work. In: KULICK, Don e Willson, Margaret (org.). **Taboo: sex, identity and erotic subjectivity in anthropological fieldwork**. Nova York: Routledge, 1995.

LE BRETON, David. **Antropologia do corpo e modernidade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

LOPES, Moisés Alessandro de Souza. Algumas observações sobre as homossexualidades em “contextos interioranos”: lançando questões “fora dos centros”. In: **Amazônica Revista de Antropologia**, v. 8, n. 1. Belém (PA), 2016, pp. 24-37.

MACHADO, Paula Sandrine. “Quimeras da ciência”: a perspectiva de profissionais da saúde em casos de intersexo. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 20, n. 59. São Paulo, outubro de 2005, pp. 67-80

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia**. 2 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978. Coleção Os Pensadores.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003. 536 p.

MCCLINTOCK, Anne. Pós-colonialismo e o anjo do progresso. In: **Couro imperial: raça, gênero e sexualidade no embate colonial**. Campinas: Editora Unicamp, 2010, pp. 15-40.

MORENO, Eva. *Rape in the field: reflections from a survivor*. In: KULICK, Don e Willson, Margaret (org.). **Taboo: sex, identity and erotic subjectivity in anthropological fieldwork**. Nova York: Routledge, 1995.

MOTA, Murilo Peixoto da. **Ao sair do armário, entrei na velhice... homossexualidade e o curso da vida**. 1 ed.. Rio de Janeiro: Mobile, 2014.

MOTTA, Alda Britto da. Gênero, idades e gerações: introdução. In: **Caderno CRH**, v. 17, n. 42. Salvador (BA), setembro/dezembro de 2004, pp. 349-355.

MOUTINHO, Laura. Diferenças e desigualdades negociadas: raça, sexualidade e gênero em produções acadêmicas recentes. In: **Cadernos Pagu**, n. 42. Campinas, janeiro-junho de 2014, pp. 201-248.

MUGABE, Nelson André. **Marcadores de diferença e jocosidade entre sujeitos LGBT na cidade de Maputo**. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Rio de Janeiro: 2015.

NOGUEIRA, Cristiano. **Rio for partiers**. Rio de Janeiro: Solcat, 2013.

OLIVEIRA, Leandro de e BARRETO, Thiago Camargo. Silêncios em discurso: família, conflito e micropolítica em narrativas sobre a revelação da

homossexualidade. In: **Sexualidad, salud y sociedad – Revista Latinoamericana**, n. 33. Rio de Janeiro, dezembro de 2019, pp. 318-342.

PARKER, Richard G. *Changing Brazilian Constructions of Homosexuality*. In: MURRAY, Stephen O. **Latin American Male Homosexualities**. Albuquerque, Estados Unidos: University of New Mexico Press, 1995.

PASSAMANI, Guilherme R.. **Batalha de confete: envelhecimento, condutas homossexuais e regimes de visibilidade no Pantanal-MS**. Rio de Janeiro: Editora Papéis Selvagens, 2018. Coleção Stoner.

PEIXOTO, Clarice Ehlers. **Envelhecimento e imagem: as fronteiras entre Paris e Rio de Janeiro**. São Paulo: Anablume, 2000.

_____. Introdução – Processos diferenciais de envelhecimento. In: PEIXOTO, Clarice Ehlers (org.). **Família e envelhecimento**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, pp. 9-12.

_____. Aposentadoria: retorno ao trabalho e solidariedade familiar. In: PEIXOTO, Clarice Ehlers (org.). **Família e envelhecimento**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, pp. 57-84.

PERLONGUER, Néstor. **O negócio do michê: a prostituição viril em São Paulo**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2008.

PISCITELLI, Adriana. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. In: **Sociedade e Cultura**, v. 11, n. 2, julho-dezembro. Goiânia, 2008, pp. 263-274.

_____. **Trânsitos: brasileiras nos mercados transnacionais do sexo**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013. Coleção Sexualidade, gênero e sociedade.

PITT-RIVERS, Julian. Honra e posição social. In: PERISTIANY, J. G.. **Honra e vergonha: valores das sociedades mediterrânicas**. 2ª ed.. Lisboa, Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian, 1971, pp. 13-59.

POLLAK, Michael. A homossexualidade masculina, ou: a felicidade do gueto? In: ARIÈS, Philippe e BÉJIN, André (org.). **Sexualidade ocidentais: contribuições para a história e para a sociologia da sexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

PRECIADO, Beatriz. **Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual**. São Paulo: n-1 edições, 2014.

QUAL É A GÍRIA? Disponível em < <https://www.qualeagiria.com.br/giria/cacura/>>. Acesso em 5 de agosto de 2019.

RODRIGUES, Sílvia Geruza Fernandes. Religião, família e gênero. In: **Anais do 3º Simpósio Sul da ABHR Sul – Educação, Religião e Respeito às Diversidades**. Florianópolis (SC): 2017. v. 1. p. 309-316.

RUBIN, Gayle. Pensando sobre sexo: notas para uma teoria radical da política da sexualidade. In: **Cadernos Pagu**, n. 21. Campinas, 2003, pp. 1-81.

SÁEZ, Javier e CARRASCOSA, Sejo. **Pelo cu: políticas anais**. Belo Horizonte: Letramento, 2016.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. In: **Cadernos Pagu**, n. 28. Campinas, janeiro-junho de 2007, pp.19-54.

SEGATA, Jean. Cibercultura, imagem e ética na pesquisa. Entrevista concedida a Lorena Tamyres Trindade da Costa. In: **Revista Visagem – Antropologia Visual e da Imagem**, v. 3, n. 2. Belém (PA), 2017, pp. 314-331.

SILVA, Suelen de Aguiar. Desvelando a netnografia: um guia teórico e prático. In: **Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 38, n.2, julho-dezembro. São Paulo, 2015, pp. 339-342.

SIMÕES, Júlio Assis. Corpo e sexualidade nas experiências de envelhecimento de homens gays em São Paulo. In: TRENCH, Belkis e ROSA, Tereza Etsuko da Costa. **Nós e o outro: envelhecimento, reflexões, práticas e pesquisa**. São Paulo: Instituto de Saúde, 2011, pp. 119-138.

_____. Homossexualidade masculina e curso de vida: pensando idades e identidades sexuais. In: PISCITELLI, Adriana; GREGORI, Maria Filomena e CARRARA, Sérgio. **Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004, pp.415-447.

SIMÕES, Júlio Assis; FRANÇA, Isadora Lins; MACEDO, Marcio. Jeitos de corpo: cor/raça, gênero, sexualidade e sociabilidade juvenil no centro de São Paulo. In: **Cadernos Pagu**, n. 35, julho-dezembro. Campinas, 2010, pp. 37-78.

SOUZA, Rolf Malungo de. **A confraria da esquina: o que os homens de verdade falam em torno de uma carne queimando**. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2011.

SUPERINTENDÊNCIA DE ESTUDOS ECONÔMICOS E SOCIAIS DA BAHIA – SEI. **Produto Interno Bruto Total e Per Capita – Índices e Taxas de Crescimento, Bahia, 2002-2021**. Disponível em <
https://www.sei.ba.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2096&Itemid=1139>. Acesso em 13 de dezembro de 2022.

TAMAGNE, Florence. Mutações homossexuais. In: CORBIN, Alain, COURTINE, Jean-Jacques e VIGARELLO, Georges. **História da virilidade 3: a virilidade em crise? Séculos XX-XXI**. Petrópolis (RJ): Vozes, 2013, pp. 424-453.

TURNER, Victor. *Betwixt and between*: o período liminar nos “ritos de passagem”. In: Floresta de símbolos: aspectos do ritual Ndembu. Niterói, RJ: EdUFF, 2005, pp. 137-158.

VELHO, Gilberto. **Um antropólogo na cidade: ensaios de antropologia urbana**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

_____. **Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. In: **Temáticas n. 22**. Campinas, ago/dez. 2014, pp. 203-220.

WEEKS, Jeffrey. Os problemas dos homossexuais mais velhos. In: HART, John e RICHARDSON, Diane (org.). **Teoria e prática da homossexualidade**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.

ANEXO – Roteiro de entrevista para a pesquisa

DADOS GERAIS

- 1) Idade
- 2) Formação profissional e/ou acadêmica
- 3) Profissão/ocupação exercida?
- 4) Onde mora (cidade, bairro)?
- 5) De onde é (local de nascimento)
- 6) Perfil econômico, como se identifica? (Classe popular/média/alta)
- 7) Raça/Cor da pele, como se autodefine?
- 8) Religião ou crença, você tem alguma?
- 9) Considera-se “afeminado”? Considera-se “masculino”? Acredita que tem passabilidade?
- 10) “Posição sexual social”: Heterossexual que faz sexo com homem? Bissexual? Homossexual não assumido? Homossexual assumido?

A DESCOBERTA DO(S) DESEJO(S)

- 1) Um pouco de história:
 - Em que momento da vida/idade percebeu que gostava de se envolver afetivamente e/ou fazer sexo com outros homens?
 - Como foi o início das práticas sexuais com outros homens?
 - O que considera mais positivo e mais “dramático” nessa descoberta?
 - Como a descoberta e/ou a realização desse(s) desejo(s) afetou suas relações em geral (familiares, amigos, profissionais etc.)?
 - O seu local de moradia na época dessa descoberta influenciou sua experimentação? Positiva ou negativamente?

SOBRE AS PRÁTICAS SEXUAIS E SOCIALIZAÇÕES

- 1) Práticas sexuais:
 - Qual é o seu “tipo” de homem (idade, posição sexual – ativo, passivo, versátil –, raça/cor da pele, nível social-educacional-profissional-renda, idade)?
 - Teria relações afetivas e sexuais com homens de sua faixa etária, mais velhos ou mais novos que você? Por quê?

2) Socializando

- Que lugares costuma frequentar para se relacionar afetiva ou sexualmente com outros homens?
- Frequenta lugares ditos LGBT? Por quê?
- Redes sociais: usa redes sociais para estabelecer relações afetivas ou sexuais com outros homens? Quais?
- Se usa apps de pegação, como você se apresenta? Mostra foto sua? Mostra o rosto ou não? Por quê?
- O lugar onde você mora influencia as suas práticas sexuais ou de sociabilização para encontros sexuais? Por quê?
- O efeito pandemia: como a Covid e todos os seus problemas (lockdown, proibições, etc.) afetaram a sua socialização (ou seja, deixar de frequentar lugares) e as suas práticas sexuais (transar menos ou mais, etc.)?

O CURSO DA VIDA E O FUTURO

1) A chegada da idade

- Como percebe ou percebeu a passagem do tempo em sua vida física (corpo), afetiva, emocional e sexual?
- Faz alguma coisa para retardar a passagem do tempo (cuidados especiais com a saúde, práticas esportivas, uso de produtos contra marcas do tempo etc.)?
- Já foi ou é chamado de “velho” em situações de relações sexuais com outros homens? Ou já deixou de conquistar alguém pelo fato de essa pessoa o considerar “velho”?
- Já ouviu algum outro nome diferente para se referirem a você (maduro, coroa, daddy, tiozão, tia, etc.)?
- Tem medo de envelhecer? Por quê?
- Percebeu alguma mudança no seu interesse sexual e no interesse sexual de outras pessoas por causa de sua idade?
- O processo de envelhecimento te causa outros medos, como medo da solidão e da violência, por exemplo?
- Como você vê o processo de envelhecer?
- Você acha que envelhecer é um processo igual para todos? O que iguala e o que diferencia, então, o envelhecimento para as pessoas? E como você acha que essas diferenças influenciam (positiva ou negativamente) o seu envelhecimento?

2) Outros marcadores:

- Além da idade, já percebeu discriminação e/ou valorização por parte de homens com quem quis se relacionar emocional ou sexualmente por alguma outra característica sua (classe, cor da pele, “jeito” masculino ou feminino, lugar de origem – MARCADORES SOCIAIS DA DIFERENÇA)?